UNIVERSIDADE DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITECTURA

PROJECTAR COM O LUGAR

Intervenção no Antigo Edifício da Saboaria e Perfumaria Confiança

A Fábrica - Centro de Trabalho e Cultura



Ana Margarida Fernandes de Oliveira

Projecto Final de Mestrado

Projecto para a obtenção do Grau de Mestre em

Arquitectura

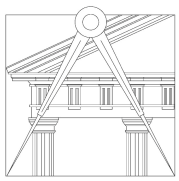
Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar de Gil e Pires

Co-orientadora: Professora Doutora Ana Cristina dos Santos Guerreiro

Júri:
Presidente: Doutor Hugo Farias

Vogais: Doutor Amílcar de Gil e Pires
Doutora Ana Marta Feliciano

Lisboa, FAUL, Novembro 2013



UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITECTURA

Título da Dissertação: Projectar com o Lugar: Intervenção no antigo edifício da Saboaria e Perfumaria Confiança **-** A Fábrica, Centro de Trabalho e Cultura

Nome do Aluno: Ana Margarida Fernandes de Oliveira

Orientador Científico: Professor Doutor Amílcar de Gil e Pires

Co-orientadora: Professora Doutora Ana Cristina dos Santos Guerreiro

Mestrado: Integrado em Arquitectura

Data: Setembro 2013

RESUMO

O presente Relatório de Projecto Final de Mestrado tem subjacente a temática de Projectar com o Lugar, relacionado com a vertente industrial. Aqui insere-se o desenvolvimento de uma proposta de intervenção sobre o antigo edifício da Saboaria e Perfumaria Confiança, em Braga.

Numa primeira parte, são desenvolvidos temas como o *Lugar*, *Património* e *Património Industrial*. Compreender a relação do lugar e do Homem, a passagem deste no tempo e a constituição de património. A importância de ter o passado reflectido no futuro . Desenvolve-se a vertente industrial do património edificado, e procura-se perceber quais as estratégias que a sociedade de hoje dispõe, para manter estes testemunhos presentes e conservados.

Através do estudo de casos de referência, numa segunda fase, estes irão servir como impulsionadores e como linhas de orientação na presente proposta.

Na terceira fase é feito um estudo sobre o lugar onde se situa a antiga fábrica Confiança e uma análise da sua história e do seu edifício.

É abordado o lugar da fábrica, a freguesia de S. Victor, a marca "Confiança" numa perspectiva de património, e o edifício fabril como o testemunho industrial.

Com isto, é então, finalmente, desenvolvida a proposta de intervenção neste testemunho fabril, através de uma proposta programática e arquitectónica, que visa a revitalização de uma pequena área da cidade, proveniente da intervenção no terreno e no próprio edifício desta antiga fábrica.

Numa vertente imagética, apresenta-se o processo de trabalho desenhado, onde se pode perceber a intervenção proposta, e comparar com a situação actual.

ABSTRACT

Title: Designing with the place: Intervention on the old building of 'Saboaria e Perfumaria Confiança' – The Factory, Work and Cultural Center

The following Master's Project dissertation has as the main topic "designing with the place". This topic will be integrated as a part of a development proposal on the Saboaria e Perfumaria Confiança old facilities, in Braga, Portugal.

First, the topics place, Heritage and Industrial Heritage will be discussed. Understanding the relationship between Place and Man, it's footprint throughout time and the creation of Heritage process. The future importance of, nowadays, preserving the past. The development of the Industrial Architecture Heritage, and the understanding of present society strategies to insure its preservation through time.

Furthermore, the study of extraordinary cases, in a secondary phase of this dissertation, was used as guide lines to this dissertation project proposal.

In a third phases, a study of the place and the surroundings environment of the old factory Confiança as well as its history and building is conducted.

Its was also a matter of study, the overall location, S. Victor, a civil parish within the city of Braga, the Confiança Brand in a heritage perspective, and also the building itself as an industrial landmark.

So, with all information collected, I was able to developed an intervention proposal in this landmark, throughout a programmatic and architectural proposal, that aims the revitalization of a small part of the urban tissue, with the intervention not only on the land but also on the old factory as well.

With an image based presentation, I show the development process, where the intervention proposal can be seen and compared with the present situation.

Key-words: place, heritage, industrial architecture, rehabilitation, new uses.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família.

Aos meus pais pela vida. Pelos ensinamentos, apoio e ajuda.

Aos meus irmãos, pela partilha, alegria e admiração.

Agradeço ao professor Amílcar Pires e à professora Ana Guerreiro pela orientação.

Pela atenção e conhecimento partilhado.

À Filipa Reis, pela amizade e pela "cultura inteligente".

Ao Duarte, por tudo.

Pela paciência, insistência, força, companhia e por acreditar, por vezes mais do que eu.

Aos meus amigos e a todos aqueles que, à sua maneira, me são especiais e contribuem todos os dias para que eu seja uma pessoa melhor.

"Más plenamente que el resto de otras formas artísticas, la arquitectura capta la inmediatez de nuestas percepciones sensoriales. El paso del tiempo, la luz, la sombra y la transparência; los fenómenos cromáticos, la textura, el material y los detalles..., todo ello participa en la experiencia total de la arquitectura. La representación bidimensional – en fotografia, en pintura o en las artes gráficas – y la música se encuentran sujetas a limites específicos y, por ello, captan solo parcialmente la multitud de sensaciones que evoca la arquitectura.

Aunque la potencia emocional del cine es irrefutable, solo la arquitectura puede despertar simultaneamente todos los sentidos, todas las complejidades de la percepción"

Steven Holl, Cuestiones de Percepción – Fenomenologia de la Arquitectura, p.9

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO 12

2. OBJECTIVOS 15

2.1. OBJECTIVOS ESPECÍFICOS 15

2.2. METODOLOGIA 16

2.3. ESTADO DOS CONHECIMENTOS 17

2.3.1. ANTECEDENTES 17

2.3.1.1. TEORIA DA ARQUITECTURA 17

2.3.1.2. TEORIA DO LUGAR 17

2.3.1.3. CONSTRUIR, HABITAR, PENSAR 18

2.3.1.4. CONSERVAÇÃO, RESTAURO E REABILITAÇÃO 19

3. TEMAS DE INVESTIGAÇÃO 30

3.1. O LUGAR 30

3.2. QUESTÕES DO PATRIMÓNIO 32

3.2.1. PATRIMÓNIO 32

3.2.1.1. Conservar, Restaurar e Reabilitar 36

3.2.2. PATRIMÓNIO INDUSTRIAL 38

3.2.2.1. O Sítio da Indústria 41

3.2.2.2. O Edifício Industrial 42

3.2.2.3. Estratégia de Salvaguarda e de Reabilitação 44

4. CASOS DE REFERÊNCIA 52

4.1. REFERENCIAS DE ESTUDO 52

4.1.1. SESC POMPEIA – TÃO PAULO, BRASIL 52

4.1.2. LX FACTORY – ASBOA, PORTUGAL 59

5. SABOARIA E PERFUMARIA CONFIANÇA. A FABRICA ONTEM, HOJE E AMANHÃ 65

5.1. ONTEM E HOJE 65

5.1.1. O LUGAR DA FÁBRICA. A FREGUESIA DE S. VICTOR, BRAGA 65

5.1.2. A CONFIANÇA. UM PATRIMÓNIO 68

5.1.3. O EDIFÍCIO. UM TESTEMUNHO INDUSTRIAL 71
5.2. AMANHÃ 75
5.2.1. A INTERVENÇÃO 79
5.2.1.1. O EDIFÍCIO PREEXISTENTE 80
5.2.1.2. AS CAIXAS 84
5.2.1.3. GALERIA COBERTA 88
5.2.1.4. PRAÇA E JARDIM 90
5.2.1.5. A "PELE" UNIFICADORA 93
5.2.1.6. A COR 95
5.2.2. O PROGRAMA 96
5.2.2.1. ADMINISTRAÇÃO 98
5.2.2.2. TRABALHO 99
5.2.2.3. CULTURA E LAZER 102
5.2.2.4. UNIVERSIDADE 106
6. CONCLUSÃO 108
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 109
7.1. BIBLIOGRAFIA 109
7.2. TESES 111
7.3. REFERÊNCIAS WORLD WIDE WEB 112

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Museu do Oriente, Lisboa, Portugal – Foto autor desconhecido 26

Figura 2 Fábrica Asa, Guimarães, Portugal 26

Figura 3 Matadero Madrid, Madrid, Espanha 27

Figura 4 Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil 27

Figura 5 Lx Factory, Lisboa, Portugal 28

Figura 6 Vista aérea geral da Fábrica da Pompéia antes da Reforma - Foto Peter Sheier 53

Figura 7 Vista aérea geral da Fábrica da Pompeia depois da Reforma – Foto Paula Alvarado 53

Figura 8 Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil – Foto Haupt & Binder 54

Figura 9 Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil - Foto Nevinho 54

Figura 10 Torres conectadas por rampas, Sesc Pompeia – foto Anual Design 55

Figura 11 Torres conectadas por rampas, Sesc Pompeia – foto Anual Design 55

Figura 12 Armazéns, Sesc Pompeia, antes da reforma – Foto divulgação mostra Sesc Pompeia 30 Anos 55

Figura 13 Armazéns, Sesc Pompeia, depois da reforma – Foto Haupt & Binder 55

Figura 14 Interior Sesc Pompeia – Foto Anual Design 56

Figura 15 Interior Sesc Pompeia – Foto Alice Vergueiro 56

Figura 16 Vista do deck de madeira colocado sobre o córrego, Sesc Pompeia – Foto Meire Tanaka 56

Figura 17 Vista do deck de madeira colocado sobre o córrego, Sesc Pompeia – Foto Viagem pelo Mundo 56

Figura 18 Desenho - Com aguarela, esferográfica e papel offset, Lina Bo Bardi dá as orientações para o balcão de bebidas do SESC Pompeia 58

Figura 19 Edifício da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense - Vista a partir da entrada (a norte) 60

Figura 20 Edifício da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense - Interior - Piso terréo do corpo central 60

Figura 21 view of mills in Ancoats, Manchester 1976 61

Figura 22 Murray's Mill, Ancoats – Foto Chris Allen 61

Figura 23 Lx Factory – Foto de herr_schaft 64

Figura 24 Lx Factory – Foto TeamBox 64

Figura 25 Exposição Galeria Nómada em lx Factory – Foto autor desconhecido 64

Figura 26 Exposição Peter Zumthor em lx Factory – Foto de moshimoshiii 64

Figura 27 Mapa Concelho de Braga 65

Figura 28 Vista de Google maps do concelho de Braga 65

Figura 29 Mapa da cidade de Braga entre 1914 e 1960 67

Figura 30 Mapa da cidade de Braga actual 67

Figura 31 imagem de referencia da marca Confiança 68

Figura 32 Imagens de referencia dos produtos Confiança 70

Figura 33 Edifício da Saboaria e Perfumaria Confiança, Rua Nova de Santa Cruz 71

Figura 34 Pontos de interesse relacionados com o edifício em intervenção 77

Figura 35 Proposta de demolição 79

Figura 36 Proposta dos novos corpos e relação com o preexistente 79

Figura 37 Planta Piso 0 actual - Edifício preexistente 80

Figura 38 Planta Piso 1 actual - Edifício preexistente 80

Figura 39 Alçado Principal 81

Figura 40 Marcação estrutural, marcação de ritmo – Piso 0, Piso 1 – Edifício Preexistente. 81

Figura 41 Planta da proposta de intervenção após demolição do conteúdo sem valor – Piso 0, Piso 1 – Edifício Preexistente 82

Figura 42 Planta da proposta de intervenção – Piso 0, Piso 1 83

Figura 43 Caixa, imagem tipo referente à intervenção 84

Figura 44 Desmaterialização da caixa, segundo elementos e materialidades 85

Figura 45 Zonas de intervenção através do modelo da “Caixa” – Piso 0, Piso 1 86

Figura 46 Esquema identificador da Galeria Coberta 88

Figura 47 Fotos justificativas da opção de projecto 89

Figura 48 Distinção dos espaços exteriores não cobertos 90

Figura 49 Jardim 91

Figura 50 praça 91

Figura 51 Magnólia Soulangeana 92

Figura 52 Magnólia Stellata 93

Figura 53 Planta cobertura, referencia à “pele” unificadora das fachadas 93

Figura 54 Material escolhido para a “pele” da fachada 94

Figura 55 Munster Sculpture Pavillion 2007 94

Figura 56 Hotel Albert Premier, Luxemburgo 94

Figura 57 Estudo de cor em Alçado Principal 95

Figura 58 Fotos da envolvente à Fábrica Confiança, Rua Nova de Santa Cruz 96

Figura 59 Esquema de distribuição programática 97

Nota: Da Figura 34 à Figura 59 são imagens elaboradas pela autora, com excepção das Figuras 51, 52, 54, 55 e 56

1. INTRODUÇÃO

A consciencialização da importância da conservação de testemunhos da presença do Homem na História, apesar de representar um processo lento e nem sempre muito correcto, chegou, nos dias de hoje, ao que chamamos de *Património*. Conceito vasto que pode ir desde testemunhos materiais a imateriais, testemunhos móveis a testemunhos imóveis. Para o caso, será tratado o *património edificado*: testemunho material e imóvel.

A Revolução Industrial trouxe muita controvérsia neste assunto dos testemunhos do passado, tendo marcado, durante muitos anos, o limite cronológico de interesse à conservação das provas do passado.

No entanto, as alterações que esta provocou nas sociedades, por todo mundo, ganhou uma escala à qual não se poderia passar indiferente. A transformação no território, da paisagem, das estruturas sociais, culturais e económicas; e todas as novas técnicas de produção, marcaram uma época, à qual não é possível ser indiferente.

O *Património Industrial*, uma das mais recentes vertentes do património, finalmente consegue o seu lugar. Através dele, podemos saber sobre a sociedade daquele tempo e daquele lugar, percebemos a evolução técnica e de produção ao longo do tempo. Sabemos sobre o produto e sobre todos os assuntos que se relacionam com a indústria e com o modo de vida fabril, bem como sobre a utilização do território relacionado.

O presente trabalho centra-se na vertente do edificado do património da era industrial.

Uma arquitectura facilmente identificável, com características únicas e que lhes conferiam identidade consubstanciada num edifício construído para dar resposta a um programa específico, onde a produção é o objectivo.

Surgiram edifícios de volumes marcados, preenchidos por amplos espaços, permitindo a adaptação do edifício a possíveis alterações na organização interior.

Ainda assim, as evoluções técnicas e de produção aconteciam a tal velocidade, que estes edifícios, rapidamente deixaram de corresponder às necessidades de produção exigidas.

A antiga fábrica da 'Saboaria e Perfumaria Confiança', em Braga, é exemplo disso. É nesta fábrica que o presente trabalho se desenvolve.

Surgiu para dar resposta à produção de sabão *offenbach*[1], mas rapidamente evoluiu para a produção de outro tipo de artigos, como perfumes e cosméticos. Acompanhando estas alterações de produção, o edifício localizado na rua Nova de Santa Cruz, foi também ele sofrendo alterações. Assiste-se a uma ordem cronológica que varia entre acrescentos, prolongamentos e demolições. E tal como a grande parte das fábricas, também esta chegou ao momento em que a marca que ali nasceu, mudou de instalações.

Agora, naquela rua, que foi em tempos uma rua industrial, existe um aglomerado habitacional que envolve um edifício fabril, devoluto. O único testemunho industrial que restou de tempos em que a cidade se orgulhava da produção das suas indústrias.

Apesar de não existir qualquer tipo de protecção por parte das entidades de protecção e salvaguarda do património, o carinho com que todos os bracarenses encaram este edifício, leva a que a única solução seja mantê-lo no desenho da cidade.

É neste contexto que surge esta proposta de intervenção no edifício. Existe uma memória que os bracarenses não querem perder. Existe um edifício que quer reaproximar-se das pessoas e dos dias actuais.

[1] Conhecido como sabão azul e branco, Sabão "Solavar" azul ou "Sabão Macaco"

Com isto, é proposto um edifício de carácter público, que todos possam e gostem de usar. Dividido entre uma vertente produtiva, de trabalho, e outra de cultura e lazer. Este edifício visa criar a ponte entre quem acaba a universidade e procura o seu lugar no mundo do trabalho.

Esta intervenção visa salvaguardar a memória presente no edifício e tem como objectivo a sua distinção no tempo. O que existia, o que aparece de novo, e o que pode vir a desaparecer no futuro, sem que a memória fabril do edifício desapareça.

2. OBJECTIVOS

2.1. Objectivos Específicos

Revalidar a vida do edifício através de um programa funcional onde experiência, dinamismo, interactividade, participação, cultura, trabalho, produção e sinergia estejam presentes e sejam parte constituinte de uma nova vida para este Lugar.

"Reprojectar" o Lugar com uma nova identidade resultante da implementação/materialização dum programa funcional contemporâneo e pertinente que irá reabilitar o habitar no local em intervenção.

Redefinição/reconversão do universo espacial.

Identificar tipologias dinâmicas de produção de trabalho e de organização espacial.

Definir um programa funcional, dando uma nova vida ao edifício.

Relacionar um ambiente e uma estrutura preexistente e predefenida a um novo uso, adequado a novas funções, tempos e pessoas.

Compreender os limites de adaptação de um edifício já existente a um programa funcional e vice-versa.

Fornecer uma nova vida ao edifício, onde esta seja a ponte entre o passado e o futuro do edifício.

Implementação de um programa dinâmico, adaptado aos novos tempos, tendo sempre presente a conciliação do passado com o futuro.

Manter a ideia do conceito de fábrica enquanto local de trabalho, estabelecimento onde se transformam matérias-primas em produtos destinados ao consumo.

Relacionar estes conceitos entre si, e, relacioná-los com um programa funcional e com as preexistências do edifício.

2.2. Metodologia

Este trabalho desenvolve-se metodologicamente tendo como base a participação no concurso de ideias, promovido pela Câmara Municipal de Braga, para a ocupação do edifício da antiga Fábrica Confiança.

Será desenvolvido um trabalho escrito com incidência na reabilitação dos edifícios da Fábrica e nas questões que estes colocam, quando reconvertidos a outros usos. Será tida, também em atenção, no desenvolvimento deste trabalho, a compreensão do tipo de programas que melhor se relacionam com este tipo de intervenção arquitectónica e até que ponto um programa funcional pode ajudar a dar uma nova vida a um edifício já existente.

Para uma melhor compreensão, esta análise será feita a partir do estudo de alguns casos de referência relacionados com os temas tratados.

Este trabalho teórico está directamente articulado com o exercício de prática de projecto, contextualizado científica e conceptualmente.

O exercício de projecto decorre a partir da:

- Definição de um programa funcional;
- Definição e aplicação de uma estratégia de abordagem ao edifício;
- Ideia conceptual, criação de uma ideia que alimenta todo o projecto.

2.3. Estado dos Conhecimentos

2.3.1. Antecedentes

2.3.1.1. Teoria da Arquitectura

Foi talvez das cadeiras mais interessantes que tive até hoje por todas as questões que me colocou, e que ainda hoje me fazem pensar. Talvez por ter sido a primeira vez que me deparei com elas, por ter sido a primeira vez que me senti "obrigada" a pensar nelas.
"O que é a arte?", "O que é uma obra de arte?", "O que é a arquitectura?" e "O que não é arquitectura?". Perguntas aparentemente fáceis mas que me vi em dificuldade no momento de lhes dar respostas.

Muito provavelmente pela sua aparência simples, ou porque simplesmente o senso-comum aceita sem questionar.

Abordaram-se questões do Tempo, da Memória, do Lugar e do Habitar.

E se até então o senso-comum respondia, hoje essas questões fazem parte de mim. Penso e questiono sobre estes temas e acredito que continuarei a fazê-lo no meu futuro pois percebi que no dia em que escolhi ser arquitecta, me comprometi a pensar neles.

2.3.1.2. Teoria do Lugar

Um ano mais tarde, "Teoria do Lugar "veio aprofundar as ideias adquiridas com "Teoria da Arquitectura". No entanto, "Teoria do Lugar" tornou o campo de reflexão ainda mais específico: o Lugar!
Fiz um estudo de caso: "As pessoas e os lugares", em que escolhi como objecto de estudo o Centro Urbano de Saynatsalo, do arquitecto Alvar Aalto.

Neste trabalho abordei questões como a cultura, herança e percepção, ocupação e transformação, vivência e mudança, público e privado.

Com este trabalho e com esta disciplina, solidifiquei algumas ideias respeitantes à relação do Homem com o espaço e a necessidade do primeiro se identificar com o segundo. A contribuição da memória para conferir identidade cultural a um determinado espaço. O tempo como estruturante do lugar, o tempo enquanto marcador da história e definidor de lugares.

Percebi que o lugar é mais do que um espaço, é uma atmosfera que entra em contacto com todos os sentidos do ser humano. O lugar é identitário de uma cultura. E se o tempo é estruturante no conceito de lugar, este é necessário para a continuidade da evolução humana.

Pessoas e lugares tornam-se então indissociáveis. As pessoas estão para os lugares da mesma forma que os lugares estão para as pessoas. Não existe um sem o outro, mas sim um com o outro.

2.3.1.3. Construir, Habitar, Pensar

Esta foi uma disciplina optativa cujo nome remete para um texto do Heidegger.
Exigiu de mim esforço físico e mental. O principal factor desta optativa foi a experiência. As aulas teóricas colocaram-nos questões às quais, em grupo, tivemos de responder através da construção de um modelo à escala real. O principal objectivo era construir algo que pudesse ser habitado, algo onde nos sentíssemos bem.

Com incidência nas questões da arquitectura e lugar, do habitar, esse modelo foi sendo alterado e adaptado conforme as nossas experiências de vivenciar aquele espaço.

Percebemos que, para nos sentirmos bem num espaço, contribuem questões como a forma, escala, dimensão, luz...conceitos que contribuem para o habitar.

2.3.1.4. Conservação, Restauro e Reabilitação

Esta foi, no tema da reabilitação, a disciplina mais direccionada para a prática de projecto.
Foi proposto a todos os alunos daquele ano, a elaboração de uma proposta para a reabilitação de dois hospitais. Na minha turma foi proposto a intervenção no Hospital Miguel Bombarda, sendo esta uma contraproposta a um projecto para o mesmo local, onde a memória e o património não estavam a ser valorizados.

Familiarizei-me então com a temática do património. A importância da sua manutenção para a memória. O património enquanto matéria viva do passado, no presente.

Percebi que existem diferentes formas de conservá-lo e de o manter presente. Entendi que conservar, restaurar e reabilitar, apesar de terem diferentes significados, contribuem para o mesmo: construção e continuidade na história.

O trabalho desenvolvido nesta disciplina foi muito importante para mim, não só enquanto estudante de arquitectura, mas também como pessoa.

A proposta feita aos alunos foi, sem dúvida, aliciante: uma contraproposta a um projecto já existente, mas tendo em atenção o valor patrimonial que ali se encontra.

Desafiante, aquilo que nos pediram enquanto alunos, e da qual tenho imenso gosto por ter participado.

2.3.2. Revisão Critica da Literatura

Organiza-se agora a revisão critica das obras tidas em consideração para o desenvolvimento deste trabalho.

Esta revisão encontra-se segundo três tópicos de pesquisa:

- Fenomenologia na arquitectura
- Património Industrial
- Estratégias de reabilitação

Para a compreensão da fenomenologia da arquitectura, contribuíram, em muito, tudo o que aprendi nas aulas de Teoria da Arquitectura, Teoria do Lugar, e da optativa Construir, Habitar, Pensar.

Todos os textos e livros que li foram importantes e dos quais enuncio **"Construir, Habitar, Pensar"** de Martin Heidegger; ***"Genius Loci, Towards a phenomenology of architecture"***, ***"Architecture: Presence, Language and Space"*** e ***"Existência, Espacio y arquitectura"*** todos de Christian Norberg-Schulz; ***"A Poética do Lugar"***, um texto de Rui Barreiros Duarte; ***"Elements of architecture: from form to place"*** de Pierre von Meiss e ***"Fenomenologia de la arquitectura: cuestiones de percepción"*** de Steven Holl. Contribuíram para a minha compreensão de todas as questões relacionadas com a fenomenologia da arquitectura, a importância do lugar e a forma como a arquitectura interage com o ser humano. A forma como um espaço interfere em todos os sentidos do Homem, as sensações que lhe provocam e como o levam a sentir e a viver o espaço.

Também a tese de doutoramento do professor Amílcar de Gil e Pires, ***"Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa"*** foi uma importante leitura, no aprofundamento do Lugar e pela análise fenomenológica, morfológica, tipológica e espacial.

A tese de doutoramento da professora Ana Guerreiro, ***"Opaco, translúcido, transparente: arte e arquitectura contemporâneas entre o cristalino e o ambiental"*** foi também uma leitura relevante pelo tema e pela forma como este é tratado.

"Visualmente, a constatação da transparência instala-se pela percepção múltipla de elementos no campo visual e perceptivo."(GUERREIRO: 2009: 17)

Da Organização do Espaço, de Fernando Távora, é tida como relevante para a compreensão do Espaço no que diz respeito a todos os seus constituintes, bem como as influências interdependentes entre o Homem e o Espaço que habita e modifica.

"A expressão "organizar espaço", à escala do homem, tem para nós um sentido diferente daquele que poderia ter, por exemplo, a expressão "ocupar espaço". Vemos na palavra "organizar" um desejo, uma manifestação de vontade, um sentido, que a palavra "ocupar" não possui e daí que usemos a expressão "organização do espaço" pressupondo sempre que por detrás dela está o homem ser inteligente e artista por natureza, donde resultará que o espaço ocupado pelo homem tende sempre para, caminha sempre no sentido de, tem como fim, a criação da harmonia do espaço, considerando que harmonia é a palavra que traduz exactamente equilíbrio, jogo exacto de consciência e de sensibilidade, integração hierarquizada e correcta de factores."(TÁVORA: 1999: 26)

Relativamente à temática do património, focar-me-ei na vertente do património industrial.

O edificado referente ao património industrial é facilmente identificável, pelas suas características tão particulares. A progressiva e cada vez mais rápida evolução das tecnologias, leva a que estes edifícios sejam, em primeiro lugar, versáteis. No entanto, em pouco tempo podem tornar-se insuficientes levando-os ao obsoleto pela incapacidade de continuar a corresponder às necessidades de produção e consumo.

Os últimos tempos são característicos de uma grande evolução tecnológica e os edifícios desactivados e em estado de degradação são cada vez mais.

Desta forma, uma outra parte da bibliografia estudada vai ao encontro dos temas do património industrial e da reconversão de edifícios.

A **Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial**, elaborada pela TICCIH (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage) em 2003, é um dos documentos mais actuais e de referência para este estudo. Introduz os principais conceitos sobre o tema e explora os valores e significado dos testemunhos industriais e o contributo destes na história local, regional e nacional. Esta carta ajuda ainda a fazer uma avaliação deste tipo de edificado, e diversos instrumentos de desenvolvimento e exploração da temática do património industrial, permitindo o seu reconhecimento e salvaguarda. O documento faz ainda referência a directrizes de gestão, tais como protecção, conservação e manutenção, permitindo a inserção deste edificado com os seus vestígios industriais, na vida de hoje.

De Françoise Choay, ***A Alegoria do Património***, foi uma obra importante para a compreensão do significado e dos valores dos vestígios industriais como parte integrante do alargado conceito de património. A autora refere-se a *património histórico edificado.* Trata noções de monumento e de património histórico, relacionando-o com a história, memória e tempo.

"A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. [...] A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar" (CHOAY: 2001: 18)

Choay refere-se ainda a um novo e excessivo "culto", e encontra profundas ligações entre este e a crise da arquitectura e das cidades.

"O valor de ancianidade do monumento histórico não é para ele uma promessa, mas uma realidade. A imediatez com a qual esse valor se apresenta a todos, a facilidade com que se oferece à apropriação das massas (Massen), a sedução fácil que ela exerce sobre estas deixam entrever que ele será o valor preponderante do monumento histórico no século XX"(CHOAY: 2001: 69)

Arquitectura e Indústria em Portugal no século XX, de José Manuel Fernandes, Apresenta um estudo recente sobre os exemplares da arquitectura industrial do século XX. A obra apresenta-se de forma sequencial e cronológica, mostrando os vários períodos pelos quais a indústria e a arquitectura industrial passaram, em Portugal.

Tal como o prefácio nos sugere, esta obra surge como uma iniciativa de colmatar uma lacuna existente relativamente a investigações e reconhecimento da arquitectura industrial no panorama nacional.

"A arquitectura industrial em Portugal não tem, até hoje, merecido a devida atenção por parte da critica. Entendida, muitas vezes, apenas nos seus aspectos técnicos e construtivos, esta produção legou-nos um património cujo valor para a história da arquitectura urge inventariar e divulgar, não só nos meios científicos dos especialistas, mas também a um nível mais alargado, junto de um público interessado pelos fenómenos da cultura e da estética."(FERNANDES: 2003: 5)

Construir en lo Construído: la arquitectura como modificación, de Francisco de Gracia, foi também uma importante leitura. Aborda a questão da intervenção sobre a cidade consolidada e o significado desta, e na forma como esta é modificada através do factor do tempo, nomeadamente no Movimento Moderno. Esquematiza processos para actuar e metodologias de intervenção para as formas de intervir e actuar sobre o edificado.

Destacam-se ainda diversos artigos de Deolinda Folgado e de José Amado Mendes, que contribuem na abordagem desta temática no panorama nacional.

Património e Restauro em Portugal, de Tomé Miguel, foi relevante leitura pela forma como ele relaciona o tema do património com o lugar. O património como possuidor de memória e identidade, e a importância deste nas relações provocadas pelo tempo: passado, presente e futuro.

"O reconhecimento do monumento enquanto objecto arquitectónico significa entendê-lo, na sua condição de contemporaneidade, através da sua funcionalidade, não como espaço ou forma abstracta, mas como lugar, agregando as dimensões de identidade, de história e de permanência, enquanto síntese entre passado, presente e futuro."(TOMÉ: 2002: 231)

Ainda na temática do património e do património industrial, é ainda de mencionar a leitura de ***Urbanidade e Património***, IGAPHE; ***Património Industrial*** de Sherban Cantacuzino foram também obras relevantes na compreensão do tema.

Continuando com algumas referências bibliográficas, passo agora a destacar aquelas que me ajudaram com a problemática da reconversão, das estratégias de reabilitação.

Re/Architecture: old buildings/new uses, de Sherban Cantacuzino (1989), é uma de várias obras do autor onde é explorada a reconversão de edifícios para novos usos. Na obra mencionada, o autor refere-se à reconversão dos edifícios como uma situação recorrente ao longo do tempo. A atribuição de novos usos, adequados aos tempos, permitem uma maior rentabilização dos edifícios. Utiliza o exemplo da história, arquitectura e urbanismo inglês. Faz referência à importância do Estado nos projectos de reconversão, através de políticas de reabilitação urbana e até mesmo de incentivos económicos, dando relevância às mais valias desta em relação a novas construções. São dados vários exemplos de edifícios, com várias funções originais e que receberam projectos de reconversão.

2.3.3. Casos de Referência

Esta pesquisa ao nível de casos de estudo e de referencia, é importante na medida em que são casos concretos, edificados, existentes. Além da sua importância para o desenvolvimento do projecto, ao complementar-se com a leitura feita sobre os temas, fortalece a sua compreensão e ajuda na construção de uma posição perante o projecto em desenvolvimento e as opções a tomar.

Desta forma, proponho um capítulo dedicado a casos de estudo. Estes serão escolhidos segundo a perspectiva de edificado, edifício adequado a novos usos; segundo relação que estes estabelecem com a memória e o património industrial; e ainda segundo o conteúdo programático.

Entre diversos exemplos que encontramos nos nossos dias, os exemplos que poderia abordar são intermináveis. Destaco, enquanto caso português, o Museu do Oriente, em Lisboa; a Fábrica Asa, em Guimarães, o Matadero Madrid, em Madrid, A Lx Factory, em Lisboa e o Sesc Pompeia, em São Paulo.

No entanto, de acordo com as intenções de projecto, e de acordo com os objectivos a que me proponho na presente proposta de Projecto Final de Mestrado, apenas será desenvolvido um estudo mais aprofundado sobre o Sesc Pompeia, e sobre a Lx Factory.

O primeiro, como exemplo internacional. Por se mostrar um motivo de sucesso a todos os níveis a que se propôs, e representar um exemplo de reabilitação, num edifício industrial, e à escala mundial.

A Lx Factory, como um exemplo nacional e, por representar um exemplo que me é próximo, e o qual eu considero ser também um caso de êxito.

Em comum nestes dois casos, considero o sucesso, principalmente ao nível da regeneração urbana, na inserção destes conjuntos fabris na vida urbana, quotidiana.

Museu do Oriente, Lisboa, Portugal



Figura 1 Museu do Oriente, Lisboa, Portugal – Foto autor desconhecido

Destaco este museu, em primeiro lugar por ser mais um dos exemplos de um antigo edifício fabril adaptado à vida contemporânea, depois de ter abandonado as suas funções originais; e em segundo lugar devido ao seu conteúdo programático.

O museu como um dos principais programas escolhidos para a reconversão de edifícios pela proximidade que este traz para com a memória do edifício e do lugar. Compreender as valências de um programa museológico na reabilitação e reconversão de um edifício caracterizado pela sua presença no passado e portador de história.

Fábrica Asa, Guimarães, Portugal



Figura 2 Fábrica Asa, Guimarães, Portugal

Mais uma vez em contexto nacional, destaco uma recente reconversão de um edifício industrial.

A antiga fábrica dos lençóis Asa, construída dos anos 60, renasce agora com uma nova vida, dando lugar a um conceito adaptado aos dias de hoje.

Um condomínio empresarial, dá-se a conhecer como uma "plataforma criativa, um lugar de trocas, fusão e experiências, onde cada um participa na reinvenção do passado."[2]

Matadero Madrid, Madrid, Espanha



Figura 3 Matadero Madrid, Madrid, Espanha

Este é mais um exemplo de um edifício adaptado aos novos tempos. Construído entre 1908 e 1928, funcionou como matadouro e mercado, tendo passado, no decorrer do tempo, por diversas transformações e adaptações, até aos dias de hoje.

A sua missão é promover todas as formas de criação e de expressão, com especial incidência naquelas que correspondem a uma dinâmica de formação, produção e difusão.

SESC Pompeia, São Paulo, Brasil



Figura 4 Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil

[2] apresentação em http://www.fabricaasa.eu/

O projecto de requalificação e de intervenção de Lina Bo Bardi, em São Paulo, é também um importante exemplo nas questões relacionadas com a salvaguarda de património industrial e com a adaptação de edifícios industriais desactivados da sua original função, mas agora adaptados aos novos tempos e às novas necessidades.

LX Factory, Lisboa, Portugal



Figura 5 Lx Factory, Lisboa, Portugal

Este caso de estudo é, para mim, um exemplo essencial, pelos mais variados motivos. A sua importância no contexto nacional, sendo referente a um caso de sucesso ao nível da estratégia de novos usos para edifícios já existentes; pelo seu conteúdo programático que revela uma extrema versatilidade e adaptabilidade a novas ideias, pela criatividade e pelo dinamismo que habita agora aquele antigo complexo industrial; e por ser o exemplo de reconversão de edifícios industriais que melhor conheço e portanto, com o qual me encontro mais familiarizada.

"A obra de arquitectura é uma obra de arte cuja fruição é lenta. Passam sucessivas gerações pelos edifícios e eles permanecem. Mudam de função, são restaurados, transformados, tornam-se ruína e, contudo, subsiste neles uma identidade. O tempo passa, as vontades mudam e, com elas, o significado dos edifícios. Há algo neles que permanece: um estranho carácter. Os arquitectos que pensam os edifícios criam as regras para os materializar mas, no fundo, apenas tacteiam no escuro os reais significados que emergem posteriormente dos usos colectivos e individuais tornado coisa"

Nuno de Matos Duarte em *Arquitectura, Arte e Senso Comum*

3. TEMAS DE INVESTIGAÇÃO

3.1. O Lugar

> *"O espaço nem é um objecto exterior e nem uma vivência interior. Não existe Homens e, além deles, espaço. Ao se dizer "Um Homem" e ao se pensar nessa palavra aquele que é no modo humano, ou seja, que habita, já se pensa imediatamente no nome "Homem" a demora, na quadratura junto às coisas"*
> Martin Heidegger em *Construir, Habitar, Pensar*

O Lugar é o espaço consciente do Homem. Espaço estruturado pelo tempo, dotado de memória e identidade cultural.

Comunica com a percepção emocional e intuitiva que nos permite criar uma opinião de ligação ou de recusa. Ainda assim, antes de gerar qualquer opinião, estabelece o principal objectivo do Lugar: transmitir a sua essência. Zumthor (2009) diz que "Existe algo em nós que comunica imediatamente connosco. Compreensão imediata, ligação emocional imediata, recusa imediata."

O Lugar[3] na arquitectura pressupõe a condição do Homem no tempo, e a sua relação com o espaço que o envolve, na definição do próprio carácter.

É esta presença do Homem num local que, aliado ao tempo, vai construir memória e vai fazer história. Surge o papel da arquitectura então como um dos principais factores de reconhecimento do Lugar. Característico e caracterizador de um determinado grupo social, na história.

Da relação perfeita entre o natural preexistente e a obra do Homem, nasce o Lugar. Pires, (2008: 107) falando na obra do Homem, diz que "A sua pertença ao Lugar é tão natural que quase chega a atingir o anonimato de qualquer obra da Natureza." (GRILLO: 1960: 20) Ganha este conceito quando o objecto artificial criado pelo homem passa a ser parte integrante da paisagem, sem que a agrida mas completando-a. É nesta difícil tarefa que a arquitectura se assume. Amílcar Pires

[3] "Por um lado: como o lugar se relaciona com o espaço? E por outro: qual a relação entre o Homem e o espaço?" (HEIDEGGER:1954)

(2010), em *O Entendimento do Lugar como um Pequeno Cosmos,* compara a relação do sol e do espaço com o Homem e o Lugar; dizendo que "Do mesmo modo que o movimento do Sol interfere com a leitura que temos do espaço, é o movimento do Homem que acaba por definir o carácter específico do Lugar." Refere-se ao modo de apropriação do Homem, proveniente do dos seus hábitos e das suas acções, conferindo identidade ao Lugar.

"Para pertencer a um Lugar, qualquer pessoa tem a necessidade de se situar a partir da afirmação da sua identidade como ser individual e como membro de um grupo. O sentido de identidade é influenciado por elementos fundamentais do Lugar como a vida do quotidiano, a linguagem e a cultura do seu povo.(PIRES: 2010)

(...) Considera-se assim que, para produzir um edifício que reflicta a identidade de um grupo – casa, edifício religioso ou outros – a sua concepção tem que partir duma abordagem interpretativa do Lugar, tem que reconhecer os seus símbolos de identidade e proporcionar a interacção entre os seus utilizadores e os diferentes espaços de pertença individual ou social"(PIRES: 2010)

3.2. Questões do Património

3.2.1. Património

"**Património** s. m. (Do lat. *patrimonium*). 3. Conjunto dos bens materiais e imateriais transmitidos pelos antepassados e que constituem uma herança colectiva. *Compete ao Estado e a cada cidadão a salvaguarda e valorização do património cultural. + nacional, mundial; + artístico, arquitectónico, cultural, natural."*[4]

Património pode ser entendido como um bem herdado. É um testemunho do passado, portador e produtor de identidade e cultura, que estabelece a ponte entre o passado, o presente e o futuro. Permite-nos através do conhecimento do passado, compreender o que fomos, o que hoje somos e, encaminhar-nos na construção do futuro.

Marcelo Martín (MARTIN: 2001:27-28) diz que " El patrimonio cultural es la síntesis simbólica de los valores identitarios de una sociedad que los reconoce como propios. El patrimonio contituye un documento excepcional de nuestra memória histórica y, por ende, clave en la capacidad de construcción de nuestra cultura, en la medida que nos posibilita verificar acumuladamente las actitudes, comportamientos y valores inplícitos o adjudicados de la producción cultural a través del tiempo".

Ainda assim, é importante compreender que "(…)nem todos os vestígios do passado podem ser considerados património. O património não é só o legado que é herdado, mas o legado que, através de uma selecção consciente, um grupo significativo da população deseja legar ao futuro."(SILVA: 2010)

Pode-se então associar o conceito de património a uma consequência de uma selecção por parte de um grupo de indivíduos, de uma determinada sociedade que, através de um juízo de valores, reconheceu e seleccionou aquilo que melhor

[4] Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea - Academia das Ciências de Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001

caracterizava e identificava determinada sociedade. Esta noção de posse e de sentimento de transmissão e sucessão, relaciona-se directamente com o valor intrínseco atribuído a esses objectos, que estão, consequentemente, relacionados com os valores e exigências dos tempos.

No entanto, segundo Choay, é preciso entender que, até ao início da toma de consciência da importância dos edifícios como algo a preservar pela ligação que nos remete ao passado, foi um longo caminho. E, o primeiro conceito a ser utilizado para se referir aos testemunhos da história, foi o de "monumento", evoluindo para "monumento histórico" e chegando aos conceitos de "património".

"Em primeiro lugar, o que entender por monumento? O sentido original do termo é o do latim *munumentum*, ele próprio derivado de *monere* (advertir, recordar), o que interpela a memória (...). A especialidade do monumento prende-se então, precisamente, com o seu modo de acção sobre a memória. Não só ele a trabalha, como também a mobiliza pela mediação da afectividade, de forma a recordar o passado, fazendo-o vibrar à maneira do presente" (CHOAY: 2006:17)

FLORES (FLORES: 1998) distingue monumento de monumento histórico, referindo-se ao primeiro como "aquilo que se destina a transmitir, aprioristicamente, factos, ritos ou crenças que se pretendem legar às gerações futuras por forma a contrariar a acção dissolvente do tempo, perpetuando a identidade e os caracteres distintivos de uma cultura"; e caracteriza o monumento histórico como algo que adquire o seu valor de forma inversa à do monumento, ou seja, à posteriori. "as sociedades escolhem-no e exigem a sua conservação em nome da sobrevivência da memória e delas próprias".

Miguel Tomé (TOMÉ: 2002: 231) refere que "O reconhecimento do monumento enquanto objecto arquitectónico significa entendê-lo na sua condição de contemporaneidade, através da sua funcionalidade, não como espaço ou forma abstracta, mas como lugar, agregando as dimensões de identidade; de história e de permanência, enquanto síntese entre passado, presente e futuro."

A era industrial vem consagrar o Monumento Histórico[5]. Esta era provoca sérios problemas nos monumentos. As mudanças tecnológicas, a introdução da máquina no trabalho do homem, a sobreposição do trabalho fabril, rapidamente se reflectiu numa total alteração tanto a nível económico, como social e cultural. Todas estas mudanças e alterações estavam a encaminhar a destruição das cidades, tal como elas eram até então. Muitos monumentos estavam a ser vistos como entraves para os novos tempos.

A par da Revolução Francesa, onde muitas coisas foram destruídas, os tempos que se seguiram tiveram incidência na necessidade de se restaurar os monumentos e edifícios históricos.

O avanço rápido da vida moderna, e as alterações que esta reflectia nas cidades , levou a que estas tivessem a necessidade de tomar atitudes que, ao mesmo tempo que acompanhavam este ritmo de desenvolvimento descontrolado, tentavam preservar a sua identidade, características, cultura e espírito. Aquilo a que Norberg-Schulz deu o nome de *Genius Loci*, espírito do lugar.

A noção de património, segundo Choay, surge no século XVIII com a Revolução em França, aquando da transferência dos bens do clero para a nação, tornando-se estes monumentos nacionais. Com isto, à ideia de preservação da memória, são acrescentados valores de herança e de sucessão. Esta nacionalização vai incutir o respeito e a responsabilidade nos cidadãos enquanto singulares e enquanto colectividade. As comissões revolucionárias francesas produzem legislação que elege o património como valor maior e que, "Segundo uma distinção ainda hoje na base da legislação francesa sobre monumentos históricos, este património está repartido em duas categorias, móveis e imóveis, pedindo dois tipos de tratamento diferentes." (CHOAY: 2006: 107)

[5] *Segundo a Carta de Veneza de 1964, Carta Internacional sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios, no artigo 1.º, refere que "A noção de monumento histórico engloba a criação arquitectónica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que são o testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Esta noção estende-se não somente às grandes criações mas também às obras modestas que adquiriram com o tempo um significado cultural."*

"Hoje a palavra adquiriu, tal como o conceito, outros valores que o ligam globalmente ao que à cultura diz respeito e em especial ao edificado que, ao configurar-nos o "habitat", se nos impõe de uma forma imediata. Estas estruturas realizam também a dupla viagem passado-presente na medida em que nos trazem o passado e nos transportam de volta a ele. O património desempenha assim um papel importante na formação da nossa memoria colectiva." (FLORES: 1998)

Apesar de se encontrarem valores de reconhecimento histórico[6] e medieval nos povos da Antiguidade e da Idade Média, só no século XV se começa a olhar a arquitectura e a escultura de forma diferente. Nesta altura, nota-se por parte de algumas classes sociais, o interesse em coleccionar objectos e realizar eventos onde possam mostrar essas mesmas peças aos amigos.

Também a conservação de edifícios já é, nesta altura, falada mas, o facto de estes serem imóveis, levanta questões de dificuldade acrescida, uma vez que estes não podem ser transferidos para o cuidado e protecção de um coleccionador. Com a legislação implementada pela comissão de monumentos que surgiu com a Revolução Francesa, o património dito móvel adquire um depósito definitivo e de acesso público. Aquilo que hoje conhecemos como museu. Às igrejas, conventos, castelos e palácios, os ditos bens imóveis, a sua reutilização através de novas funções diferentes das originais, foi a solução encontrada a fim da sua preservação no tempo(CHOAY: 2006).

Surge o restauro como disciplina. Mais do que classificar monumentos, é preciso que estes estejam sempre sob protecção. É necessário preservá-los e conservá-los. Mas isso já implica outros conhecimentos, que até então não eram falados.

Por um lado, os arquitectos não possuem conhecimento suficiente para lidar com tal situação. A sua ignorância, o facto de não saberem as formas como se construía no passado, leva a que estes não sejam capazes de restaurar um edifício de forma correcta e eficaz. Por outro lado, este trabalho de restauro não é visto como um trabalho gratificante para quem o executa, na medida em que, por não

[6] "Y el sentido histórico implica percepción, no solamente del pasado como pasado, sino del pasado como presente" citando Thomas Stearns Eliot, (VENTURI: 1974:20)

introduzirem o seu cunho pessoal, não lhes confere qualquer prestígio. O passo seguinte é, então, a instrução e formação de profissionais na conservação da memória do passado.

Surgem disciplinas como a História da Arte e a História da Construção.

3.2.1.1. Conservar, Restaurar e Reabilitar

As conclusões relativas a este conflito ideológico resultam num documento chamado "Prima Carta del Restauro", de 1883. Dessa carta constam os votos conclusivos do 3º Congresso de Engenheiros e Arquitectos em Roma, Itália.

Outros encontros e cartas sobre conservação e restauro surgiram, sendo que ainda hoje acontecem, e sendo que esta continua a ser um tema da actualidade.

Françoise Choay, em *Alegoria do Património*, destaca Eugene Viollet-le-Duc, arquitecto francês; John Ruskin, crítico de arte inglês; e Camilo Boito, arquitecto italiano.

Elaboraram os primeiros conceitos e importantes teorias, embora nem sempre coincidentes e até bastante distintas e opostas, sobre a preservação e o restauro.

Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879), defendia um conceito altamente interventivo. Vai além do conceito de restauro. Para este, restaurar tem um significado de restabelecimento, de modo a que o edifício fique num estado completo de uma forma que nunca antes tenha existido[7]. Esta ideia ultrapassa a vontade simples de manter, ele propõe reparar ou até mesmo refazer o edifício. Em Almeida, Lourenço e Luso (2004:35), refere-se que Viollet-de-Luc defende que o monumento deve ser reduzido ao ser estado mais puro. Todos os acréscimos referentes a épocas anteriores, devem ser destruídos, e que tal como refere Françoise Choay (2006),

[7] *"Um edifício não se torna "histórico" Senão na condição de ser entendido como pertencendo simultaneamente a dois mundos, um presente e imediatamente dado, o outro passado e inapropriável."(CHOAY: 2006:162)*

nunca tenha existido dessa forma noutra época. Esta ideia relaciona-se com a relação de nostalgia que este vê no futuro, e não no passado.

John Ruskin (1819-1900), cujos pensamentos sobre as artes e a arquitectura se baseiam nos sentimentos, considera que os edifícios são o que mais pode "falar" acerca de um povo e de uma cultura mas, no entanto, considera que estes edifícios devem ser conservados ou, caso não seja possível a sua conservação, devem ser deixados como estão, em ruína. Justifica que só dessa forma é que eles são verdadeiros. Fundamenta esse pensamento comparando o restauro a uma tentativa de ressuscitar um morto.[8]

Camilo Boito (1835-1914), por seu lado, tentou com os seus estudos, resolver o conflito que existia entre as teorias de restauro de John Ruskin e Viollet-le-Duc. Sugere que a intervenção nos monumentos seja feita segundo três tipos, de acordo com cada estilo, pois estes, por pertencerem a épocas diferentes, exigem técnicas e conhecimentos diferentes. Assim, ele propõe para os monumentos da Antiguidade um restauro arqueológico; para os monumentos do Gótico, um restauro pitoresco e, para os monumentos Clássicos e Barrocos, um restauro arquitectónico.(CHOAY: 2006)

A obra deste arquitecto, tal como a obra de Alois Riegl, mostram o estatuto disciplinar que a conservação dos monumentos históricos[9] conquistou na passagem do século XIX para o século XX. A chamada arquitectura menor e o tecido urbano implementavam já uma área tipológica mas, ainda não pertenciam à área cronológica, que se encontrava ainda delimitada, por baixo, pela barreira que a industrialização provocou.

---

[8] *"A restauração é a destruição do edifício, é como tentar ressuscitar os mortos. É melhor manter uma ruína do que restaurá-la" John Ruskin*

[9] *Riegl considera histórico "tudo aquilo que foi, e não é mais hoje em dia. No momento atual, nós acrescentamos ainda a esse termo a idéia de que aquilo que foi não poderá jamais se reproduzir, e que tudo aquilo que foi constitui um elo insubstituível e intransferível de uma cadeia de desenvolvimento" (RIEGL: 1992: 37)*

No início do século XX, realizou-se em Atenas, 1931, a primeira conferencia internacional relativa aos monumentos históricos, onde ser elaborou a "Carta de Atenas" e em que várias questões foram discutidas, chegando mesmo a falar-se em ideias e propostas ainda mais avançadas do que as que acabaram por ficar na Carta.

Em 1991, a Convenção adoptada em 1972, conta já com 112 países signatários.

> *"As descobertas da arqueologia e o afinar do projecto memorial das ciências humanas determinam a expansão do campo cronológico no qual se inscrevem os monumentos históricos. As fronteiras do seu domínio ultrapassam, em particular nos seus limites inferiores, as fronteiras consideradas intransponíveis da era industrial e deslocaram-se em direcção a um passado cada vez mais próximo do presente. Assim, os produtos técnicos da indústria adquiriram os mesmos privilégios e os mesmos direitos de conservação que as obras-primas da arquitectura e as realizações pacientes dos artesãos."(CHOAY:2006:224)*

3.2.2. Património Industrial

Do ponto de vista cronológico, se repararmos em alguns momentos da história, encontramos algum cuidado com actividades relacionadas com a temática industrial, ao nível de tecnologias ou estruturas produtivas. Apesar disso, a associação destes testemunhos industriais às questões do património, acontece desde há muito pouco tempo.

É na passagem entre os séculos XIX e XX que a barreira da industrialização desaparece da área cronológica da conservação dos monumentos históricos.
Jean Pierre Oudot refere que "(*...) a noção de património implica dois outros conceitos:*

- *O de transmissão, do passado ao presente e deste ao futuro. E, como é sabido um património que não frutifica – ou, no caso, se não*

for conservado e reutilizado – está condenado ao desaparecimento, a curto ou a médio prazo;

- *O de familiaridade. Trata-se de uma herança que se torna nossa, mas que é preciso conhecer para, conscientemente, dela nos apropriarmos, para a podermos valorizar culturalmente."(AA.VV: 1989)*

Devido à amplitude, complexidade e, ao mesmo tempo, especificidade desta temática, o estudo do património industrial revela-se de uma extrema riqueza quanto à história do passado. Este património engloba não só o património material, mas também nos conta muito sobre o património imaterial. Um edifício industrial fala-nos sobre um produto, sobre uma produção, evoluções técnicas, documentos, como também nos conta também a história dos trabalhadores, e da vida que se organizava em torno destas estruturas. O património industrial revela-se então uma área pluridisciplinar, exigindo a atenção de vários especialistas e de diversas áreas. deve ter a participação de diversas áreas de estudo.

Segundo a Carta de Nizhny Tagil (TICCIH:2003:3), "O património industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico".

> *"O objecto de estudo do património industrial é múltiplo, considerando-se as várias áreas produtivas e as diversas soluções construtivas. Assim, quando se fala de património industrial, referimo-nos frequentemente aos vestígios deixados pela indústria: têxtil, vidreira, cerâmica, metalúrgica ou de fundição, química, papeleira, alimentar, extractiva - as minas, para além da obra pública, dos transportes, das infra-estruturas comerciais e portuárias, das habitações operárias, etc. Cada universo industrial tem a sua especificidade. Os processos de produção, a maquinaria utilizada (máquinas-ferramentas e máquinas-operadoras)*

divergem de acordo com a respectiva área de laboração, havendo similitudes nas diversas forças motrizes empregues ao longo do tempo."[10]

E ao falar em *património industrial*, fala-se também na disciplina que o tem como objecto de estudo, a *arqueologia industrial*. Apesar de esta ter sido falada em Portugal, através de Sousa Viterbo, em 1896, reportando-se ao estudo dos antigos moinhos (VITERBO: 1896); o seu aparecimento remonta para há pouco mais de 50 anos atrás, na Grã-Bretanha, aquando da destruição de diversas fábricas, durante a Segunda Guerra Mundial.

Mendes (1990) utiliza as palavras de Xavier Barral definindo que "por arqueologia industrial pode entender-se o estudo das transformações técnicas e dos materiais [e equipamentos] relativos à industrialização". Mendes, refere ainda a necessidade de "inventariar, registar, preservar, eventualmente reutilizar os "*monumentos industriais*"" de forma a que o estudo deste património se torne viável.

O desenvolvimento desta disciplina que estuda o património industrial, e a sua valorização, protecção e recuperação, acontecem então de forma cronológica desfasada nos diversos países industrializados. Ainda assim, pode-se referir, de forma generalizada, os meados do século XX.

A arqueologia industrial além de contribuir na história económica e cultural de uma determinada sociedade, vai também contribuir para a história da indústria, da tecnologia e dos técnicos e operariado. Estas grandes estruturas, pertencentes ao chamado património industrial, desempenham um papel muito importante nos sítios onde se encontram. São portadores da herança de determinados lugares. Caracterizam lugares. Não só pela volume dos mesmos e pela área que ocupam, mas também porque são locais geradores de postos de trabalho e onde existe produção. Estes factos, levam a que exista uma grande proximidade e relação entre as pessoas dos locais e as próprias estruturas. Elas representam a dedicação e o trabalho dessas pessoas, e que se reflecte no que é produzido nestes espaços. Desta forma, este edificado industrial, é um importante testemunho da história e da

[10] consultado em http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/itinerarios/industrial1/

memória não só do ponto de vista tecnológico e industrial, mas também daqueles que dedicaram anos da sua vida a essa produção. Percebemos então a importância de cuidar e preservar este património.

No caso de Inglaterra são associações e amadores que, através do interesse comum pela arqueologia industrial. São motivados pelo orgulho colectivo na revolução a que deram início e pelas destruições dos edifícios industriais, que começam a ocorrer em meados do século XX. Já no caso francês, uma vez que a industrialização não surge por meio de uma revolução, a preservação do património surge apenas mais tarde.

Em Portugal, as preocupações relativas a este tema surgiram com a adesão de Portugal à União Europeia, que originou um grande declínio da indústria nacional. A arqueologia industrial começa a divulgar-se, através de exposições e estudos de carácter científico. Em 1986 é fundada a Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial e, em 1997, a Associação Portuguesa para o Património Industrial.

3.2.2.1. O sítio da Indústria

Folgado (2001) distingue a transformação da paisagem em três períodos históricos. Procede a essa distinção através de características como as materialidades e os sistemas de construção, fontes energéticas, organização funcional interior, dimensões e volumetrias. Reconhece então a fase da pré-industrialização, que durou até ao século XVII e que incidiu na exploração de novas fontes de energia tal como a hidráulica e a eólica (FOLGADO: 2001); a da manufactura, associada ao século XVII e XVIII e que, segundo Folgado (2008) a reorganização e mecanização da produção foram os principais factores de desenvolvimento industrial, assim como a integração da indústria em políticas de desenvolvimento económico e a criação de habitação direccionada para os trabalhadores das fábricas; e da industrialização, correspondente ao último quartel do século XVIII, relacionado directamente com as inovações tecnológicas, principalmente ligadas à energia a vapor.

E, se na primeira fase, a da pré-industrialização, exigia que a localização destes complexos de produção fosse a mais favorável para a obtenção da energia (hidráulica e eólica); a energia a vapor vem caracterizar a era industrial na medida em que, além de ter aumentado visivelmente a produção, permitiram a independência das suas instalações relativamente às fontes de energia, e permitindo outro tipo de preocupações. Apesar de ainda se necessitar de água em abundância, a proximidade a matérias primas e as redes de transportes eram agora novas questões[11] a precisar de resposta. A nova mentalidade que surge com a indústria, contribui para novas situações na sociedade. As necessidades mudam e, com isso, os hábitos. Novos espaços e imaginários e, consequentemente, novas arquitecturas. (GUIMARÃES: 2005:5)

3.2.2.2. O Edifício Industrial

Surgem, desta maneira, as fábricas. Esta nova tipologia, em primeiro lugar, tem a intenção de corresponder a um programa funcional objectivo. São construídos para responder a uma necessidade e um tipo específico de produção. Quanto mais versátil e adaptável for esta construção, melhor corresponderá às evoluções tecnológicas e às alterações dos métodos de produção que daí derivam. A tecnologia e os meios de produção estão em constante evolução e, portanto, quanto maior a capacidade destes edifícios se adaptarem às novas exigências, melhor. Na elaboração de um edifício destinado à produção, os parâmetro a ter em atenção são as dimensões, circulação, iluminação, ventilação e segurança.

Estes edifícios são produto de novas técnicas construtivas, resultantes principalmente da invasão da era industrial e que, por motivos económicos ou

[11] "Ainda que as indústrias necessitem de se localizar nas proximidades das vias de circulação ou ainda nas imediações das matérias-primas, a edificação industrial pode não só disseminar-se no território nacional, mas até alterar a sua tradicional concentração distribuindo-se doravante numa escala planetária." (DOCOMOMO: 2005:81)

mesmo pela evolução das técnicas, deixaram de ser úteis para o fim que tinham sido construídos. (CHOAY:2006:225) Esta inutilidade levou ao abandono desses espaços, independentemente de se localizarem nos centros das cidades ou não.

Como já foi visto anteriormente, a construção ligada à produção industrial, reflectiu-se desde sempre numa correspondência formal e funcional de cada produção específica. Mas as evoluções tecnológicas e económicas que aconteceram num espaço de tempo tão curto levou a que, apesar da versatilidade espacial destes edifícios, rapidamente eles deixassem de corresponder às expectativas de produção e, consequentemente, caíssem em desuso.

Quando vistos do ponto de vista da cronologia da construção, percebemos que o edifício aumenta o seu volume, partes demolidas e outros corpos são acrescentados, devido a esta necessidade de adaptação às constantes alterações de necessidade de consumo. No entanto, estes acabam quase sempre por deixar de corresponder a essas expectativas de produção, acabando por ser abandonados. O desenvolvimento industrial e económico "muito rapidamente se encarregou, ele próprio, na sua génese e mudança, de depositar no território formas de organização que se sedimentaram na sua obsolescência". (FOLGADO:2002:2)

3.2.2.3. Estratégia de Salvaguarda e de Reabilitação

> *"Romper com o passado não significa nem abolir a sua memória, nem destruir os seus monumentos, mas conservar uns e outros num movimento dialéctico que, simultaneamente, assume e ultrapassa o seu significado histórico original, ao integrá-lo num novo estrato semântico" (CHOAY: 2006: 117)*

Da mesma forma que, com a extinção das ordens religiosas, no século XIX, conventos e mosteiros desactivados abrigaram unidades fabris; também a desindustrialização e a modernização das tecnologias e estruturas que aconteceu no século seguinte, levou a que muitos edifícios ficassem obsoletos.(CHOAY: 2006)

A reconversão urbana tem desempenhado um papel muito importante na revitalização das cidades e no ambiente urbano. Este processo de intervenção acontece por meio de uma requalificação de edifícios e espaços públicos, e tem resultado a maior parte das vezes numa substancial melhoria da qualidade de vida da população.

Viu-se, anteriormente, sobre o património cultural que, este desempenha uma tarefa importantíssima no papel da sociedade. São estes testemunhos do passado que permitem a identificação da sociedade com o lugar, mostrando-lhes o seu passando, e permitindo-lhes melhores decisões sobre o futuro. A memória permite-nos seguir um caminho, ajuda-nos a não cometer erros cometidos no passado, e ajuda-nos a evoluir no futuro. "Como arquitecto, trato de guiarme no por la costumbre sino por una toma de conciencia del pasado racionalmente considerado como precedente"(VENTURI: 1974: 20)

Desta maneira, nota-se que a preservação dos testemunhos da história é mais do que importante, é imprescindível. Acontece que os tempos mudam, as sociedades evoluem, os seus costumes e necessidades alteram-se e, aquilo que foi necessário e indispensável numa altura, agora pode já não poder corresponder da mesma maneira.

Mas as cidades não podem crescer infinitamente, nem conseguem sequer existir se se construírem a partir de uma expansão de construção desmesurada, deixando para trás e aceitando o abandono e a degradação dos edifícios que nos contam histórias de um passado que nos caracteriza e identifica. É uma obrigação, um dever, da sociedade cuidar dessa memória. Testemunhos imóveis que, caso não sejam devidamente tratados, deixarão de fazer parte de nós, deixarão de nos identificar. A sociedade não deve compactuar com a obsolescência destes edifícios.

É desta maneira que surge o processo de intervenção no tecido urbano. Um processo minucioso que exige muita atenção e cuidado. Segundo Gracia (1992: 179), "*Intervenir equivale a actuar conscientemente en el proceso dinámico de la ciudad; debiendo añadirse que, en todo caso, habría de garantizarse la mínima estabilidad necesaria para que la forma urbana, en sus partes y en el todo, prolongue una identidad que ha sido conseguida lenta y trabajosamente. Como se ha dicho en otro pasaje, la ciudad es un patrimonio del pasado a transferir hacia el futuro y, si es posible, mejorando por el presente.*"

Especificando agora no contexto do património industrial, os edifícios industriais que foram construídos aquando a sua necessidade surgiu, alteraram por completo a imagem da cidade, que era completamente diferente até então. As necessidades das pessoas mudaram e com isso, todos os costumes.

Agora, na época chamada de pós-industrial, numa época em que se fala em revolução tecnológica, uma grande parte desses edifícios deixaram de corresponder à sua função inicial.

"Muitas das realizações que se ergueram até finais dos anos sessenta encontram-se hoje desactivadas e surgem aos olhos dos cidadãos como um novo tipo de ruína, suscitando perplexidades várias." (GUIMARÃES: 2005: 5)

Segundo Domingos (2003), estas áreas devem agora ser vistas como uma oportunidade para a ocupação. Localizadas dentro ou próximas do centro das cidades, podem ser introduzidos nestes espaços equipamentos culturais, de restauração, relacionados com a hotelaria, trabalho ou até mesmo habitação.

O que normalmente acaba por acontecer, é a sua reconversão em espaços museológicos dedicados às áreas que inicialmente produziam. Isto leva a que, apesar das suas funções iniciais serem alteradas por completo, a memória dele se mantenha e a história do tempo passado, exista no presente e continue dentro da mesma temática. Ainda assim, acontece também de estes edifícios virem a ser ocupados com funções que em nada se relacionam com as actividades do passado, ficando apenas o edifício como testemunho dos tempos de outrora. Em qualquer uma das situações, estes são importantes testemunhos para a memória e a identidade própria das comunidades de determinados territórios. Remete para o valor do trabalho, a sua história e a vivência das pessoas que lá trabalharam no passado. São ainda contributos muito importantes para o turismo cultural, fomentando assim o desenvolvimento económico, social e cultural dessas regiões. É, também de lembrar, que este novo tipo de arquitectura que apareceu com o desenvolvimento industrial, transformou radicalmente os territórios urbanos e rurais. Também a paisagem foi afectada, existindo agora uma paisagem criada pela produção e pela economia.

Numa conversa informal, promovida por uma associação[12], em Braga, com uma professora da Universidade de León, especialista em património industrial, a professora Paz Benito del Pozo, ela lançou várias questões relacionadas com o tema. Uma das principais questões, a meu ver, refere-se aos limites da herança industrial. Quais são esses limites? Em que medida é que um edifício industrial perde a sua verdadeira função de testemunho da história? Sem grande dificuldade, se conclui que, para se manter a memória de um edifício deste tipo, não é necessário que tudo nele seja preservado. Nem todos os elementos têm valor patrimonial, nem tudo deve ser conservado. Caso isso aconteceça, estaríamos a encaminhar-nos, tal como a professora Paz del Pozo disse, para um processo de fossilização. A investigação, o inventário e o ensino, revelam-se então ferramentas das quais não se pode abdicar, de forma a prevenir que estes edifícios fiquem

[12] consultado em http://bragamais.blogspot.pt/2013/04/patrimonio-assim-falamos-de-patrimonio.html

descaracterizados, ou percam por meio de demolições elementos significativos. É necessária uma selecção consciente dos elementos mais significativos. Só assim se processará uma correcta salvaguarda destes testemunhos do património.

> *"À contemporaneidade foram legadas estruturas "híbridas" e adulteradas nos seus conteúdos primitivos. Com poucas excepções, as alterações realizadas aos projectos originais sucederam-se em tempos muito próximos das datas de construção. Para além de se terem rapidamente transformado em sistemas obsoletos de grande dimensão, com forte presença no território, as fábricas só "artificialmente" viram as suas configurações formais primitivas resistir. São condições que se intrometem como dificuldades adicionais às opções de preservação."(FIGUEIRA&MILHEIRO: 2000)*

Mas então, serão quatro paredes suficientes para manter a memória da existência daquela indústria naquele local? A meu ver, e na medida em que falamos de património industrial, a minha resposta é não. Podem haver excepções, mas numa resposta imediata, direi que não. Talvez se estivéssemos a falar de um outro tema, como uma série de edifícios com fachadas ornamentadas e ricas do estilo, barroco por exemplo, a minha resposta fosse outra. Nessa situação, era o valor das fachadas que estava em causa, era a memória de um estilo de uma determinada zona, que não se pode perder. Mas quando se fala em memória industrial, memória do trabalho, as quatro paredes não me parecem, certamente, suficientes.

Apesar de, já ter sido visto, anteriormente, que este tipo de arquitectura tem sido aproveitada em grande escala para a sua conversão em museus, relacionados com a actividade económica que se realizava inicialmente no edifício, estes estão a atingir um nível de saturação.

Reconhece-se, nos dias de hoje, a existência de uma grande variedade e diversidade de antigos edifícios fabris convertidos em museus. Mas este método de conversão, não só pela quantidade de programas de museu que Portugal apresenta neste momento, mas, também devido à conjuntura económica que passamos, este tipo de iniciativa começa a perder viabilidade.

É então necessário encontrar novas formas de reapropriar e reutilizar estes espaços. Esta é uma das importantes áreas de que se ocupa a arqueologia industrial. É importante que esta vertente do património ganhe aceitação, dedicação e consistência rapidamente, pois na era que nos encontramos, pós-industrial, e na forma como temos caminhado, caso estas estruturas não sejam cuidadas, não teremos herança para deixar no futuro, que testemunhe a era industrial que marcou o nosso mundo. Reconhece-se aqui a urgência de acelerar a inventariação deste património, que ainda tem dificuldade em ver reconhecida a sua importância.

> *"O programa industrial revela-se como uma fonte preciosa para a compreensão dos caminhos da arquitectura moderna entre nós. A sua resposta às questões da funcionalidade, da utilidade e da objectividade constituíram estímulo para o desenvolvimento de arrojadas formas e estruturas. E condição para a experimentação pioneira de novos materiais e tecnologias no quadro de construções eminentemente utilitárias."*[13]

Estas estruturas, sofreram alterações no tipo de construção ao longo dos séculos, sendo essa característica a que mais facilmente ordena cronologicamente o património industrial. Enquanto no século XVIII e princípio do século XIX, estes edifícios consistiam em numa estrutura pilar viga de ferro fundido que transportam abóbadas de tijolo; no século XX, esta estrutura é substituída pelo ferro e reforçada, mais tarde, com betão. Apesar destas alterações estruturais, todas elas revelam uma característica comum, que confere a esta arquitectura uma enorme versatilidade: a grande dimensão dos espaços, em que muitas vezes, é apenas a estrutura formada pelo pilar e viga, que separam e ritmam estes espaços. Esta versatilidade e viabilidade espacial, os amplos vãos proporcionados pela estrutura, criam espaços desobstruídos e pés-direitos generosos que surgem da versatilidade e flexibilidade que desde sempre foram exigidos a esta vertente da arquitectura.

Actualmente, este tipo de versatilidade dos espaços, já não é uma característica apenas dos espaços industriais, existindo mesmo outro tipo de construções que

[13] consultado em http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/itinerarios/industrial/

provêm dessa necessidade. Existem outras funções que carecem dessa versatilidade e adaptabilidade, que desenvolvem esse carácter urgente de correspondência rápida e eficaz aos costumes dos novos tempos que se encontram em constante e veloz adaptação. Abre-se então um leque de opções e possibilidades para uma nova apropriação destes lugares que a indústria criou, mas que deixaram de lhe corresponder. Os museus já não são a opção de destaque para a revitalização destes espaços. Os programas de hoje são diferentes e os espaços que antes se impunham para a realização das tarefas, já não o fazem.

Segundo Appleton (2003) existem três critérios primários que a reabilitação de um edifício deve procurar satisfazer: reversibilidade, compatibilidade e durabilidade.

No que diz respeito à reversibilidade, esta significa que qualquer intervenção que aconteça no edifício deve permitir a sua reversão, voltar às características que o edifício tinha antes da intervenção. Desta forma, fica assegurada a salvaguarda do pré-existente. Ainda assim, esta característica não pode ser totalmente satisfeita.

Appleton (2003) a respeito da compatibilidade, refere ainda que o projecto de intervenção num edifício, deve integrar o pré-existente. O novo não deve existir por si só,nem deve impor-se , mas sim completar o que existia antes.

Com isto, os espaços industriais apresentam-se como óptimas soluções para novas apropriações programáticas, dando uma nova vida, criando uma nova espacialidade e uma nova identidade. E criativos, habitações, escolas e escritórios, aparecem como novas propostas programáticas, capazes de se adaptar e revalidar edifícios que se encontravam abandonados, obsoletos e no caminho da ruína.

> *"Este fenómeno de descoberta e reutilização de antigos espaços indústriais abandonados surgiu por volta da década de 1960, sendo que na altura era visto como uma actividade à margem da sociedade, associado a ocupações marginais como os movimentos radicais de squatting. Só após a década de 1990 é que começaram a ser aceites, tendo vindo a afirmar-se na sociedade e representam hoje uma imagem completamente oposta à inicial, isto é, começam a entrar na "moda" este tipo de reabilitações e quem lá trabalha é visto com "bons olhos"."(CARVALHO: 2009)*

Realizou-se, em Portugal, um levantamento das unidades industriais identificadas em território nacional, onde se concluiu que cerca de metade dessas unidades identificadas, não têm qualquer tipo de classificação ou protecção. Este é ainda um tema pouco reconhecido tanto pelo Estado, como pela própria sociedade.

Ainda assim, verifica-se que as regiões de Lisboa e Porto são as que possuem mais unidades identificadas, e também nos Açores se verifica o esforço por parte do governo para a protecção dos moinhos da região. Datadas essencialmente do século XX, as unidades industriais identificadas, apresentam-se ainda em boas condições de preservação, facilitando, desta maneira, uma possível apropriação. Lamenta-se apenas que, durante este processo, os testemunhos mais antigos continuem a degradar-se.

De qualquer forma, tal como a professora Paz del Pozo disse, na conversa informal, cabe ao povo proteger e defender aquilo que, na opinião deles, contribui para a identidade e história da sua comunidade. Aguardando que este possa vir a ser também reconhecido, tal como acontece com outros exemplos, já classificados pelo IGESPAR[14].

[14] Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico

"Hace un tiempo, naturalmente, casi toda la investigación sobre la arquitectura del pasado estaba destinada a su reconstrución exacta; era un instrumento del "revivalismo". Eso ya no se da, y hay razones para suponer que no se volverá a dar.

(...) Cuando hoy re-examinamos o descubrimos este u otro aspecto en los edifícios antíguos, no es con la idea de copiar sus formas, sino más bien es con la esperanza de enriquecer ampliamente nuevas sensibilidades que son totalmente el producto de nuestros dias."

R.Venturi citando Henry Russel Hitchcock em *Complejidad y Contradición en la Arquitectura*, Ed. Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1974, 1978, p21-22

4. CASOS DE REFERÊNCIA

4.1. Referencias de Estudo

LX FACTORY

MUSEU DO ORIENTE

FÁBRICA ASA

SESC POMPEIA

MATADERO

4.1.1. SESC POMPEIA – São Paulo, Brasil



"*Pensei: isso tudo deve continuar assim, com toda esta alegria.*"

Lina Bo Bardi – Projeto Sesc Pompéia

FICHA TÉCNICA

Localização: São Paulo, Brasil

Ano: 1977/1982

Área: 16.573, 00 m2 terreno – 22.026,02 m2

Projecto de Arquitectura: Lina Bo Bardi

Antes: Fábrica de Tambores (posteriormente, sede da Ibesa-Gelomatic)

Agora: SESC Pompeia

Num bairro de origem industrial, surge em 1938 o edifício principal, com base num projecto inglês do século XX, e destinado à empresa alemã Mauser e Cia.. É vendido, pouco depois, à Fábrica de Tambores Ltda., propriedade da Indústria Brasileira de Embalagens IBESA que, posteriormente instalou em seu espaço a Gelomatic, que produzia geleiras a querosene.

Entre 1962 e 1963, dão-se transformações no edifício principal e são construídos outros dois armazéns menores.

Em 1967, a indústria ali instalada encerra as actividades, e, em 1971, o terreno é adquirido pelo SESC. 1973 é o ano que dá início às suas actividades, ainda que de carácter provisório.

No ano de 1976, Lina Bo Bardi é convidada a apresentar a sua proposta.



Figura 6 Vista aérea geral da Fábrica da Pompéia antes da Reforma - Foto Peter Sheier

Figura 7 Vista aérea geral da Fábrica da Pompeia depois da Reforma – Foto Paula Alvarado

A arquitecta, com o seu projecto, enquanto preserva a memória da cidade industrial, estabelece a relação com o presente, ao adequar o edifício às necessidades dos novos tempos.

Lina Bo Bardi, rapidamente se familiariza com aquela atmosfera. Facilmente percebe a versatilidade, e a empatia das pessoas com aquele lugar. A proposta surge, segundo os moldes da evocação da memória do que lá existe, das histórias do passado. Bo Bardi diz que "(...) é quase somente nas recordações involuntárias que o artista deveria buscar a matéria-prima de sua obra." (BARDI: 1993)

Uma vez que não havia qualquer restrição à demolição dos armazéns, a permanência deles remete-se, unicamente, a uma decisão por parte da arquitecta, que reconhece neles valor documental. Autenticidade e dignidade que testemunham a história da época industrial na cidade de São Paulo.

> *"Entrando pela primeira vez na então abandonada Fábrica de Tambores da Pompéia, em 1976, o que me despertou curiosidade, em vista de uma eventual recuperação para transformar o local num centro de lazer, foram aqueles galpões distribuídos racionalmente conforme os projetos ingleses do começo da industrialização européia (...). Todavia, o que me encantou foi a elegante e precursora estrutura de concreto. Lembrando cordialmente o pioneiro Hennebique, pensei logo no dever de conservar a obra."*(BARDI: 1993)



Figura 8 Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil – Foto Haupt & Binder

Figura 9 Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil - Foto Nevinho

Tirando partido da materialidade do betão, Lina Bo Bardi estabelece uma relação poética entre o passado daquele edifício e o futuro, agora presente.

Cria duas torres, conectadas por rampas que vencem até 25metros, caracterizando a primeira com buracos no lugar das janelas, e a segunda com janelas quadradas,

colocadas aleatoriamente pela fachada. Localizam-se nelas os vestiários e os espaços desportivos, a que os brasileiros dão o nome de “quadras”.





Figura 10 Torres conectadas por rampas, Sesc Pompeia – foto Anual Design

Figura 11 Torres conectadas por rampas, Sesc Pompeia – foto Anual Design

Os armazéns são restaurados entre 1977 e 1982, tendo a Carta de Veneza[15] como fundamentação desses princípios: uma concepção dinâmica, onde a história do edifício ainda existe, e onde as diversas técnicas utilizadas ao longo do tempo, continuam visíveis.





Figura 12 Armazéns, Sesc Pompeia, antes da reforma – Foto divulgação mostra Sesc Pompeia 30 Anos

Figura 13 Armazéns, Sesc Pompeia, depois da reforma – Foto Haupt & Binder

São utilizados, na reforma da fábrica, alguns processos construtivos artesanais. Os colectores de águas pluviais da rua interna usam material de técnica simples,

[15] Realizada em Veneza, em 1964, “Carta de Veneza - Sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios”, consultado em http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf

método não muito recorrente por parte da estética moderna, e os mosaicos das instalações sanitárias têm como objectivo lembrar as construções e artes populares.

Em contrapartida, a abundância do betão à vista, junto do seu esquema de circulação claramente simples, voltam a aproximar-nos da ideia modernista.

Há ainda um espelho de água com seixos rolados que se faz notas no espaço livre do armazém da fábrica.



Figura 14 Interior Sesc Pompeia – Foto Anual Design

Figura 15 Interior Sesc Pompeia – Foto Alice Vergueiro

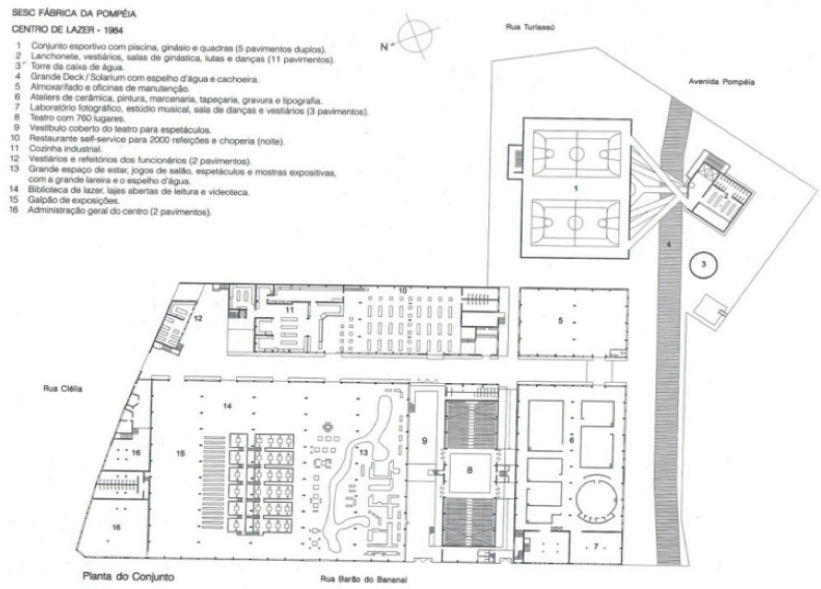
No córrego canalizado das Águas Pretas, é colocado um deck de madeira, alargando a área de passeio. Esta nova via pedestre, no cruzamento da rua interna do Sesc, cria uma dinâmica urbana, dentro do recinto do SESC. Esta dinâmica resulta numa maior proximidade com o espaço da cidade.



Figura 16 Vista do deck de madeira colocado sobre o córrego, Sesc Pompeia – Foto Meire Tanaka

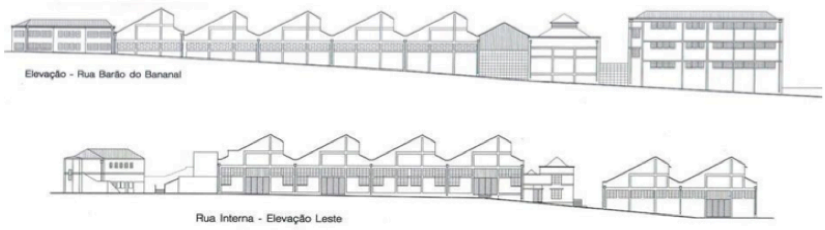
Figura 17 Vista do deck de madeira colocado sobre o córrego, Sesc Pompeia – Foto Viagem pelo Mundo

- o programa[16]





[16] Corte longitudinal do galpão das oficinas. Fonte: VAINER e FERRAZ, 1996, p. 60.



[17] Elevações. Fonte: VAINER e FERRAZ, 1996, p. 61.

Relativamente ao programa, este faz a correspondência a todas as vontades de dinâmica e de convite a todos, desejada desde sempre pela arquitecta. Entre

[16] imagens retiradas de "Lina Bo Bardi: Um olhar sobre o patrimônio" – consultado em http://freepdfdb.com/pdf/lina-bo-bardi-um-olhar-voltado-ao-patrimnio-71374598.html

espaços artísticos, culturais e desportivos. Espaços de lazer e cultura, desperta em todos a curiosidade de conhecer e de saber mais.

Um teatro com 800 lugares, bares e restaurantes, biblioteca e áreas de vídeo, oficinas de arte e laboratório fotográfico. Piscina, solário, ginásio e campos desportivos, salas de dança e ginástica.

Com uma capacidade de atendimento de 5mil pessoas por dia, o principal objectivo da arquitecta foi sempre chegar às pessoas e promover a sua interacção. Daí que os espaços não sejam divididos por barreiras fechadas e mobiliário limitador, mas sempre tudo pensado de forma a permitir que se veja um pouco mais, que se avance sem medo, ao longo de todo o edifício.

Este componente de proximidade às pessoas, a relação do programa com as soluções espaciais adoptadas, como as acessibilidades e relação com a rua, criam a ponte perfeita para que todos se sintam convidados a entrar e a usar, sem restrições de discriminações de faixas etárias ou classes sociais.
Reconhece-se aqui, no Sesc Pompeia, um caso de sucesso.



Figura 18 Desenho - Com aguarela, esferográfica e papel offset, Lina Bo Bardi dá as orientações para o balcão de bebidas do SESC Pompeia

4.1.2. LX FACTORY – Lisboa, Portugal



[17]

"Uma fábrica de experiências onde se torna possível intervir, pensar, produzir, apresentar ideias e produtos num lugar que é de todos, para todos."[18]

FICHA TÉCNICA

Localização: Lisboa, Portugal

Ano: 1849

Área terreno – 36 000 m2

Projecto de Arquitectura: João Pires da Fonte (1796 – 1873)

Antes: Fábrica de Tecidos Lisbonense

Agora: LX Factory

Apesar da origem da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense datar de 1838, só em 1849, surge o edifício principal, localizado em Santo Amaro. Um edifício inovador, e um dos primeiros exemplares da arquitectura do ferro em Portugal.

[17] consultado em de terraimunda.blogspot.pt

[18] consultado em http://www.lxfactory.com/PT/lxfactory/





Figura 19 Edifício da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense - Vista a partir da entrada (a norte)[19]

Figura 20 Edifício da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense - Interior - Piso terréo do corpo central[20]

Segundo Custódio (1994, p 377)[21] o arquitecto introduziu com esta construção o "modelo inglês das fábricas incombustíveis, de espaços racionalizados e organizados segundo uma lógica produtiva, adaptada à engenharia têxtil e com utilização de pedra nas fachadas, e de ferro, na estrutura interna, como material de construção e suporte de pisos."

O edifício é constituído por uma planta rectangular, de quatro pisos, e com uma grande máquina a vapor e uma grande chaminé, que servia os dois sectores que se interligavam no edifício: fiação e tecelagem.

Orientado na perpendicular ao rio, por forma a garantir uma maior solarização, garante ainda, com esta orientação, espaço suficiente para uma possível expansão desta unidade fabril.

Entre 1851 e 1855 surgem então mais cinco edifícios, junto a este, onde são instaladas as máquinas de fiação e os teares mecânicos em ferro. Esta Fábrica Pequena, como lhe chamaram, sofreu em 1900 algumas alterações de expansão, onde surgiu a chamada Oficina Nova, que albergava 240 novos teares.

[19] Foto em http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/71938/
[20] Foto em http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/71938/
[21] Consultado em http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/71938/

Na passagem entre o século XIX e o século XX, a luz eléctrica torna-se parte da realidade da fábrica.

Do ponto de vista arquitectónico, a imagem desta fábrica associa-se ao modelo arquitectonico manchesteriano[22]:

- Fábrica em altura;
- Construção em planta quase totalmente livre
- Funcionalmente organizada a partir do sistema de transmissão de energia a vapor;
- Maior segurança graças à estrutura de colunas e vigas metálicas e à cobertura de abobadilhas de tijolo e cimento."(CARVALHO: 2009)



Figura 21 view of mills in Ancoats, Manchester 1976[23]

Figura 22 Murray's Mill, Ancoats – Foto Chris Allen[24]

Carvalho (2009), justifica esta construção relacionando o processo de fabrico com último piso e, ao longo das etapas de produção, descia-se ao longo do edifício. No caso da Lx Factory, o último piso era o da oficina de fiação de tramas, no piso abaixo era a oficina de fiação de urdiduras, o segundo piso a oficina de cardação e, finalmente, no primeiro piso, a oficina de tecelagem.

[22] Este nome é dado de forma a referir o modelo utilizado na indústria de Manchester, na altura o centro da indústria têxtil. Referida em CARVALHO:2009:97

[23] Foto em http://www.conservationtech.com/x-MILLTOWNS/RL-Photographs-4x5/England-LANCS-4x5s.htm

[24] Foto em http://en.wikipedia.org/wiki/File:Murrays_Mills_2008.jpg

Aquando da implantação da República, em 1910, a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, que teve um grande prestígio e encontrava-se numa óptima situação financeira, começou a sofrer de alguns problemas. Estes, com a crise de 1917, levaram a que esta se dissolvesse. Os edifícios localizados em Santo Amaro foram vendidos inicialmente à companhia Portugal e Colónias e, posteriormente, à tipografia Anuário Comercial.

A zona envolvente do vale de Alcântara, onde se encontra o edificado da antiga Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, há anos que existe num clima de decisão e indecisão. Surgem ideias e projectos que configuram aquela área, mas estes estão constantemente a ser alterados.

E no entretanto, criado pelo grupo de investimento imobiliário *Mainside,* surge aquilo que hoje conhecemos como LX Factory.

Num local onde se produziam fios e tecidos, assistimos hoje à continuação do valor de produção, mas agora mais adequado aos novos tempos. Hoje, quando lá entramos, assistimos a uma mescla entre os edifícios originários da fábrica e outros que foram surgindo, por forma a corresponder a novas necessidades e funções.

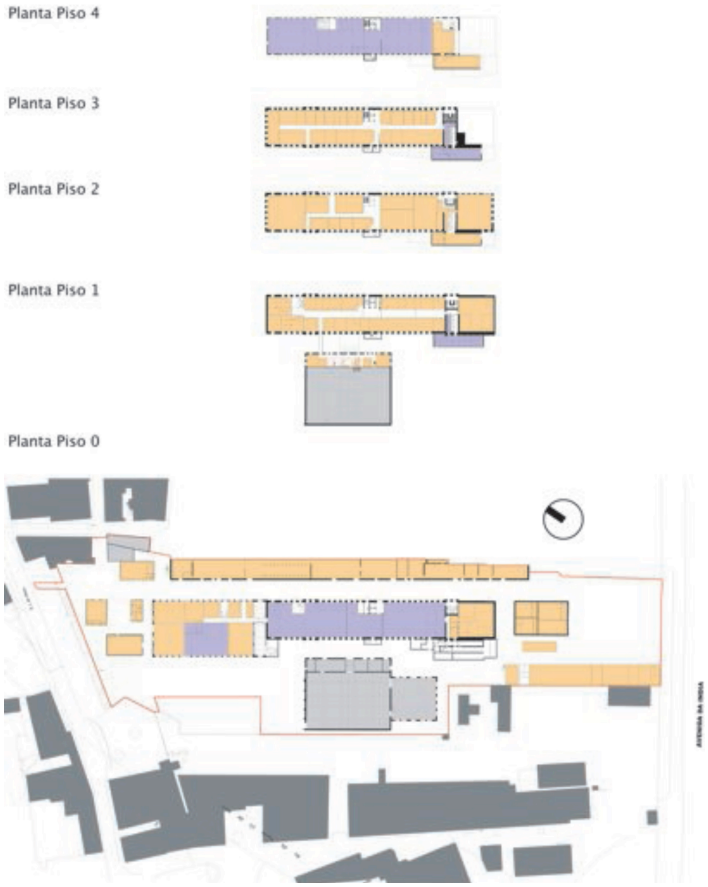
Ainda assim, não é só a questão de revitalizar uma antiga fábrica, que caracteriza este espaço. Também o seu modelo de gestão é característico. A apropriação da indústria a uma indústria criativa, com um produto cultural.

A forma simples e descontraída como o passado se revela e coexiste com o presente, e a forma como estes se conciliam na produção da evolução e do futuro, é talvez a principal característica, a que mais se assume e marca aquele espaço.

São diversas as empresas que ali se enraizaram. Umas de carácter mais criativo que outras, são hoje, perto de uma centena, as empresas que ali residem. Desde as artes plásticas, design, dança, moda, arquitectura, publicidade, musica, fotografia, mas também contabilidade, novas tecnologias, marketing. Estes espaços são ainda complementados com espaços de comércio e lazer e restauração. Existe ainda uma agenda de eventos, exposições, concertos, festas, performances, workshops, teatro,

que dinamizam ainda mais o espaço e maximizam, desta forma, o poder de interacção do público com esta *ilha criativa*[25]

O espaço que conhecemos hoje, percebemos então que não é fruto de um projecto de arquitectura organizado e elaborado de forma preliminar, mas uma consequência de uma apropriação de um espaço já existente. Esse sim, com um projecto arquitectónico inicial, mas pensado para corresponder a funções que, com o tempo, deixaram de existir naquele local.



Laranja: Espaços Ocupados; Roxo: Espaços Livres; Cinzento: Espaços Reservados (CARVALHO: 2009: 112)

[25] É desta forma que a LX Factory se caracteriza. Consultado em http://www.lxfactory.com/PT/lxfactory/

A Lx Factory nasce sim de uma ideia e de um projecto de gestão e vai crescendo e adaptando-se, ao longo do tempo, consoante as necessidades e a vontade.

Hoje, revela-se uma mais valia para Lisboa. Um caso de sucesso nos caminhos da memória; nesta viagem entre o passado, o presente e o futuro.



Figura 23 Lx Factory – Foto de herr_schaft[26]

Figura 24 Lx Factory – Foto TeamBox[27]

Figura 25 Exposição Galeria Nómada em lx Factory – Foto autor desconhecido[28]

Figura 26 Exposição Peter Zumthor em lx Factory – Foto de moshimoshiii[29]

[26] Foto em http://www.flickr.com/photos/herr_schaft/3591442195/
[27] Foto em http://www.teambox.pt/fotografia.html
[28] Foto em http://galerianomada.blogspot.pt/2010_06_01_archive.html
[29] Foto em http://moshimoshiii.blogspot.pt/2008/11/peter-zumthor.html

5. SABOARIA E PERFUMARIA CONFIANÇA.
A FABRICA ONTEM, HOJE E AMANHÃ

5.1. Ontem e Hoje

5.1.1. O Lugar da Fábrica. A Freguesia de S. Victor, Braga

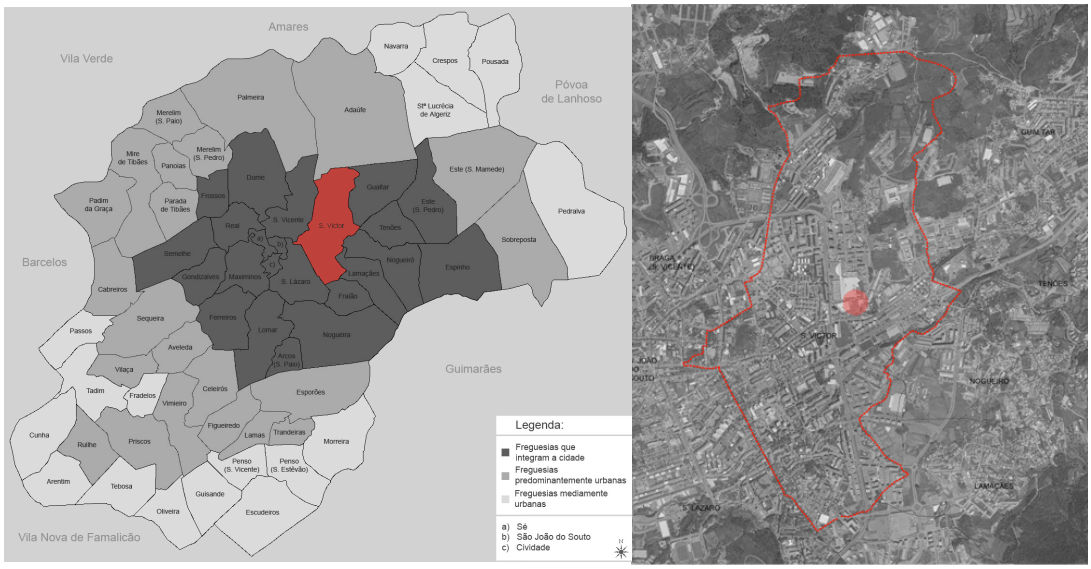


Figura 27 Mapa Concelho de Braga[30]

Figura 28 Vista de Google maps do concelho de Braga[31]

Remontando à época romana na cidade de Braga, rapidamente se percebe que esta freguesia nunca pertenceu ao núcleo interno das muralhas. Assim, a sua génese remonta para a Idade Média. Quer esta freguesia, quer a freguesia de Maximínos, uma outra freguesia da cidade de Braga, encontravam-se localizadas em zonas totalmente desprotegidas, o que fez com que estas se desenvolvessem com características diferentes das restantes freguesias da época. Ainda assim, estas duas zonas da cidade, também não revelaram semelhanças.

Existem lendas que remontam para o início desta freguesia, mas sendo estas apenas lendas das quais não se percebe a sua veracidade, um outro facto de níveis

[30] imagem elaborada digitalmente pela autora
[31] imagem elaborada digitalmente pela autora

de credibilidade superiores existe. Na verdade, apesar de esta freguesia não se relacionar com a antiga cidade romana, era exactamente por S. Victor que passava a velha via XVII. Uma via romana que fazia a ligação entre *Bracara Augusta,* actualmente Braga, e *Aquae Flaviae*, a actual cidade de Chaves. Apesar de não se conhecer, ao certo, o caminho que seguia, através daquilo que conhecemos da organização de cidade dos romanos, chega-se a um ponto de quase certeza dos locais por onde ela passava.

Mais tarde, com a construção e o desenvolvimento do Santuário do Bom Jesus do Monte, esta mesma via ganha uma nova dimensão. O Bom Jesus do Monte atrai uma série de peregrinos Cristãos, e a passagem pela freguesia de S. Victor fica obrigatória.

Não se compreendendo muito bem as razões que levam a este facto, o século XVIII marca esta freguesia com o aparecimento e o desenvolvimento de uma indústria, que viria a ter um papel fundamental na economia da cidade. Uma indústria voltada para os fabricantes de chapéus, e que no século XIX, junto com entalhadores e escultores-santeiros, enviavam a sua produção para as mais diversas zonas do país e do Brasil.

Porém, a importância destas indústrias não foi tão relevante quanto se espera para o urbanismo do século XVIII. Teve a construção de uma nova igreja paroquial, um papel bem mais importante. Foi já próximo do final do século que a freguesia ganhou uma verdadeira escala urbana, com a agora conhecida Rua D. Pedro V.

A sua articulação com o centro da cidade, começa a ser feita já no século XIX. As ligações com os concelhos vizinhos da Póvoa de Lanhoso e Vieira do Minho, provocadas pelo desenvolvimento do comércio, fizeram desta freguesia, mais uma vez, o local de passagem.

Este período fica ainda marcado pela construção de diversas fábricas de grandes dimensões, das quais se destaca a Fábrica de Chapéus, a qual hoje, não tem qualquer testemunho.

Quando em 1954 é construída a Rodovia, S. Victor, ganha proximidade à cidade, uma vez que com os terrenos que daí resultaram, foram aproveitados para a construção de habitações e escolas.

Com o passar do tempo a cidade cresceu e a zona que foi em tempos pertencente aos arredores da cidade é, agora, uma zona urbana cheia de vida e movimento.

Toda a habitação existente, a proximidade com duas das principais vias da cidade, campos de futebol e piscinas municipais, grandes estabelecimentos comerciais e, principalmente o campus principal da Universidade do Minho, promovem, nesta zona, o movimento, especialmente por parte dos mais jovens.



Figura 29 Mapa da cidade de Braga entre 1914 e 1960

Figura 30 Mapa da cidade de Braga actual

Quando comparada com outras indústrias da cidade, hoje em dia, a Confiança não se destaca no tecido empresarial da cidade. Resultado de uma produção inferior, tal como o número de funcionários e o volume de negócios.

No entanto, o seu sucesso na primeira metade do século XX é destacável. E, quando contextualizada a nível histórico, compreendendo a forma como surgiu, e as condições da cidade e do lugar daquela época, aliada ao facto de ter nascido em Braga, pela mão de bracarenses, facilmente se percebe o valor desta, para a cidade.

5.1.2. A Confiança. Um Património



Figura 31 imagem de referencia da marca Confiança[32]

Fundada em 1894 por Rosalvo da Silva Almeida e Manuel dos Santos Pereira, denominou-se "Silva Almeida & C.ª" e, passado alguns anos, a qual se juntou Domingos José Afonso. Apesar de não ser a primeira fábrica a trabalhar no ramo das saboarias, na cidade de Braga, este não foi impedimento para avançar com a Confiança.

O facto de, inicialmente, não contar com mão-de-obra especializada, veio a dificultar a evolução da produção. No entanto, aquando da entrada do capitalista Domingos Afonso, elevou-se o capital da empresa, o que permitiu a compra de novas máquinas para o fabrico do sabão.

O seu desenvolvimento e evolução aconteceu rapidamente nos anos que se seguiram. As 1000 caixas de sabão que eram produzidas no espaço de um mês, em meio século passaram para as 8000 caixas. Enquanto isso, também a diversidade de produtos aumentou, além de sabão e sabonete, produzia já, entre outros, perfume, água de colónia, creme dentífrico, pó de arroz, creme de barbear. Eram

[32] Imagem em http://confiancasoaps.com

aproximadamente 150 marcas e produtos diferentes, produzidas por cerca de 80 funcionários.

" Mais alguns dados interessantes sobre a fábrica:

- *As primeiras marcas de sabonete foram só apresentadas em 1898; e os seus rótulos, por conveniência de venda e colocação, estavam escritos em francês.*
- *A 18 de Fevereiro de 1910 foi alterada a sociedade por escritura feita no mesmo tabelião, passando a denominar-se Afonso, Almeida & C.ª.*
- *A primeira medalha – de ouro – foi ganha no ano de 1913, na exposição industrial de Braga realizada durante as festas do São João. Seguiram-se-lhe muitas outras certames nas cidades do Porto, Lisboa, Caldas da Rainha, etc.*
- *A denominação "Saboaria e Perfumaria Confiança" data de 15 de Abril de 1920, através de uma escritura lavrada no notário João Augusto Simões Veloso de Almeida."(OLIVEIRA: 2001: 17)*

A Confiança, ganhou lugar no meio devido a diversos motivos, tal como as técnicas de produção, a variedade e qualidade dos produtos, tendo sempre em atenção a adaptação dos produtos às necessidades e aos novos estilos de vida dos clientes da época. Em 1923, o objectivo da marca já passava por aperfeiçoar os produtos, por forma a responder ao nível de qualidade a que se assistia nos produtos da indústria estrageira.

Por outro lado, junto com a forma de fabrico dos produtos, as embalagens e a apresentação dos produtos, criam uma imagem inconfundível e caracterizadora da marca com as quais ainda hoje nos deparamos nas lojas.

As influências artísticas da *Art Nouveau* e da *Art Déco* que se fizeram sentir nos anos 20, estão ainda hoje bem patentes nos produtos da Confiança, tanto nas suas

características intrínsecas, como nas suas embalagens. É uma arte de gerações que só assim conserva a sua essência.



Figura 32 Imagens de referencia dos produtos Confiança[33]

É por volta da altura da Primeira Guerra Mundial que, aproveitando a paralisação daí consequente, das indústrias, a Confiança aproveita e desenvolve o seu processo de exportação. Esta situação vai reflectir-se no aumento da produção e no reconhecimento nacional, recebe alguns prémios e o nome ganha espaço no mercado.

Nas décadas de 50 e 60, a Confiança dominava o comércio de sabonetes a nível nacional. Nesta altura, são produzidos, por mês, 3 milhões de dúzias de sabonetes. A procura destes produtos não é apenas por parte de particulares e o comércio a retalho mas, começa já a ser procurado por parte de cadeias hoteleiras e outras empresas que requeriam fabrico próprio.

A Confiança, dedica-se, também, nesta altura, a outros produtos, tentando abranger outros nichos do mercado. São eles perfumes, cremes, pastas dentífricas, pó de arroz, stiques de barbear, loções, essências e águas de colónia.

[33] imagem em http://confiancasoaps.com

Nos anos 80, a Confiança continua a alargar o leque de oferta de produtos, tirando partido da inovação e tentando corresponder aos novos tempos e às novas necessidades e procuras. Gel de banho líquido, champôs perfumados.

Hoje, ainda são conhecidos, comercializados e produzidos os produtos desta marca, tendo como público alvo o chamado mercado de charme. Detentores da qualidade que lhes deu nome, e associados a um espólio tipográfico de valor, que a marca nos habituou desde sempre a ver nas suas embalagens.

5.1.3. O Edifício. Um Testemunho Industrial

"Desçamos agora pela Rua da Quinta da Armada,(...) até à velha Rua Nova de Santa Cruz. É curioso como ainda hoje se mantém a designação de "Nova" nesta rua já tão velha!"(OLIVEIRA: 2001)



Figura 33 Edifício da Saboaria e Perfumaria Confiança, Rua Nova de Santa Cruz

E é aqui, na velha Rua Nova de Santa Cruz que se encontra o edifício industrial da que foi, em tempos, a Saboaria e Perfumaria Confiança, apelidada por todos na cidade como Fábrica Confiança.

Em finais do século XX, com a crescente liberalização do mercado no contexto europeu, associado a um abandono no investimento tecnológico por parte das novas administrações da enpresa, a Confiança é vendida à empresa Ach Brito e deixa de fabricar nas instalações da Rua Nova de Santa Cruz.

Esta transferência deixa as primeiras instalações descuidadas, permitindo que o desuso, o tempo, a natureza e o vandalismo se apoderem de todo o edifício.

Com o passar do tempo a cidade cresceu e a zona que foi em tempos pertencente aos arredores da cidade é, agora, uma zona urbana cheia de vida e movimento.

Toda a habitação existente, a proximidade com duas das principais vias da cidade, campos de futebol e piscinas municipais, grandes estabelecimentos comerciais e, principalmente o *campus* principal da Universidade do Minho, promovem, nesta zona, o movimento, especialmente por parte dos mais jovens.

Com este cenário como envolvente, a fábrica evidencia-se ainda mais pelo abandono. Edifício ao qual se associa uma marca e uma memória que não quer ser abandonada, cheio de potencialidade e vontade de resistir ao tempo, tal como a Confiança fez com os seus produtos e embalagens.

Existe ainda uma memória industrial na cidade que quer ser mantida, onde a o edifício que abrigou a Confiança, além de um exemplo, é um símbolo desse tempo.

A fábrica quer viver de novo, quer adaptar-se aos novos tempos e aos novos estilos de vida, mantendo-se na história, na sua identidade.

Choay, (2006) relembra que no século XIX, com a extinção das ordens religiosas, diversos mosteiros e conventos, por consequência, deixaram de funcionar. Com esta situação, verificou-se o aproveitamento destes edifícios para a instalação de fábricas.

À semelhança desse acontecimento, com a desindustrialização e/ou modernização de tecnologias e estruturas, desde meados do século XX que se observa o abandono de numerosos edifícios industriais. Por estes perderem a capacidade de se

adaptarem e já não serem capazes de suportar e corresponder às necessidades de produção e consumo dos dias em que vivemos.

Este fenómeno tem vindo a acontecer em espaços de tempo cada vez mais curtos. Os edifícios industriais, têm determinadas características originais, que não podem ser dissociadas da funcionalidade, racionalidade, adaptabilidade e desempenho. Princípios que se relacionam com a produção industrial e que lhe conferem esta efemeridade.

Esta constante necessidade de adaptar os edifícios industriais às novas necessidades e aos novos métodos de produção, levam o edifício a constantes alterações e adaptações durante a sua "vida", até que estas deixem de ser possíveis. Ricardo Jorge de Brito Ramos, na sua dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Reabilitação de Arquitectura e dos Núcleos Urbanos, fala em quatro situações:

> *"a) adições e demolições no edifício ou complexo industrial que corresponderam a fases de expansão da produção; b) mudança de uso, em estruturas flexíveis; c) transformações profundas com a substituição da fonte de energia; e d) reconstrução"(RAMOS: 2011: 12)*

A antiga fábrica Confiança é um exemplo destes acontecimentos.

A antiga Saboaria e Perfumaria Confiança, inicialmente construída em 1894, foi sofrendo diversas alterações ao longo do tempo.

Em 1921, entra na Câmara Municipal de Braga um pedido de deferimento para concluir a construção do edifício já que este, apesar de estar concluído no projecto, apenas tinha uma parte construída.

Em 1942, recorre mais uma vez à câmara, mas agora para obter autorização para a construção de uma chaminé em "luzalite".

1950, surge o projecto para a construção de um pavilhão nos terrenos da fábrica e em finais de Julho de 1954, tem necessidade de construir um edifício para a instalação da destilação de bagaço de azeitona.

Em 1965 chega mais um pedido de ampliação, desta vez de um dos armazéns que constituem a unidade industrial. Ainda neste ano, é ainda pedido o deferimento para que se realizem alterações no projecto inicial da fábrica, tais como a ampliação e transformação do tipo de cobertura de um dos armazéns, destruição e construção de paredes e pilares. Surgem aqui novos materiais e sistemas de construção.

Após o encerramento do edifício, para a produção dos produtos da Confiança, surgiram ainda algumas intervenções esporádicas, de ocupação das instalações. Apresentaram-se exposições de fotografia no âmbito dos Encontros da Imagem de Braga, e ainda a utilização de algumas dependências para peças de teatro promovidas pelo Teatro Universitário de Braga, e pelo PIF (Produções Independentes Fora de Horas).

Hoje em dia, o edifício é apenas um corpo obsoleto no meio da malha urbana da cidade de Braga. Um vazio cheio de história e de memórias.

Em Portugal, existem já vários exemplos de antigas instalações industriais adaptados a diferentes universos e com diversas finalidades. Existe uma tendência para a adaptação ao programa museológico. Esta é uma forma de reforçar questões de património e de memória.

No entanto, seja qual for a nova vida do edifício, é importante que se compreenda que este pode contribuir muito positivamente na valorização das respectivas zonas em que se encontram através de variados factores: económicos, sociais, culturais, por exemplo.

Esta reutilização, além de revitalizar o edifício e todo o envolvente, e de promover a relação dos tempos e a memória daquele lugar através de factores identitários por parte da comunidade, vai também dar continuidade à história, vai continuar a construir memória e alargar a duração da presença desta no tempo.

5.2. Amanhã

"Como artista escribo francamente acerca de lo que a mi me gusta en la arquitectura: la complejidad y la contradición. Al descubrir lo que nos gusta, lo que nos atrae facilmente, podemos aprender mucho sobre lo que realmente somos.

Louis Khan se ha referido a "lo que una cosa quiere ser" pero en esta afirmación está implícito lo contrario: lo que el arquitecto quiere que la cosa sea. En la tensión y equilíbrio entre estas dos cosas, se encuentran muchas de las decisiones de los arquitectos."

R. Venturi – *Complejidad y Contradición en la Arquitectura*, Ed. Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1974, p21

Esta intervenção é feita num local com preexistências e memória. Existe agora a necessidade de voltar a apropriar este espaço, devolver-lhe uma vida. Revela-se essencial analisar, compreender e respeitar cada preexistência, cada memória. Compreender o significado e o valor destas, de forma a melhor respeitar o testemunho da era industrial que o passado nos deixou. Apenas numa segunda fase se poderá então pensar no que o local se pode transformar, quais as actividades que melhor se adaptam a um edifício com as características que este apresenta. É então necessário, por um lado, perceber o tipo de programa que melhor se ajusta e, por outro, quais as opções de projecto mais viáveis, que mais valorizam e melhor combinam com o que o passado nos deixou.

Através de uma pequena análise ao lugar, mas principalmente porque sou natural da cidade de Braga, a proposta surge de um modo muito intuitivo. Desenvolveu-se segundo a ideia e o próprio significado de *fábrica* – A Fábrica enquanto local de trabalho e produção. É desta forma que surge a proposta apresentada em concurso.[34]

Para esta ideia contribuiu, também, alguma pesquisa feita sobre reabilitações e reconversões de lugares semelhantes ou com conceitos de interesse arquitectónico relevante como casos de referência:

-A Lx Factory, em Lisboa, por ser um antigo espaço fabril, e pelo programa funcional e dinâmico que ocupa aquele espaço;

-O SESC Pompéia, em São Paulo, da arquitecta Lina Bo Bardi. Tanto pelo programa e dinâmica criada no espaço, a forma como o novo lida com o existente, como também pelo seu importante valor na reciclagem urbana que envolve o edifício.

-As Galerias Miguel Bombarda, no Porto, essencialmente pela dinâmica criada e pelo incentivo à vivência da rua.

[34] ver em anexo a proposta entregue no concurso de ideias, promovido pela Câmara Municipal de Braga, em Janeiro de 2012: A Fábrica. Cultura Inteligente.

-Pelos mesmos motivos, também o Matadero Madrid e o Palais de Tokyo foram fontes de inspiração e de referência importantes para a organização do programa proposto em concurso.

Por se tratar de uma fábrica, existiu a vontade de manter esse espírito presente no edifício. Em segundo lugar, porque Braga é uma cidade jovem, e dá lugar à Universidade do Minho, cheia de pessoas em início de carreira e, portanto, novos locais de trabalho são uma forma de dinamizar um espaço e, ao mesmo tempo, fixar as pessoas à cidade, quando a carreira académica termina.

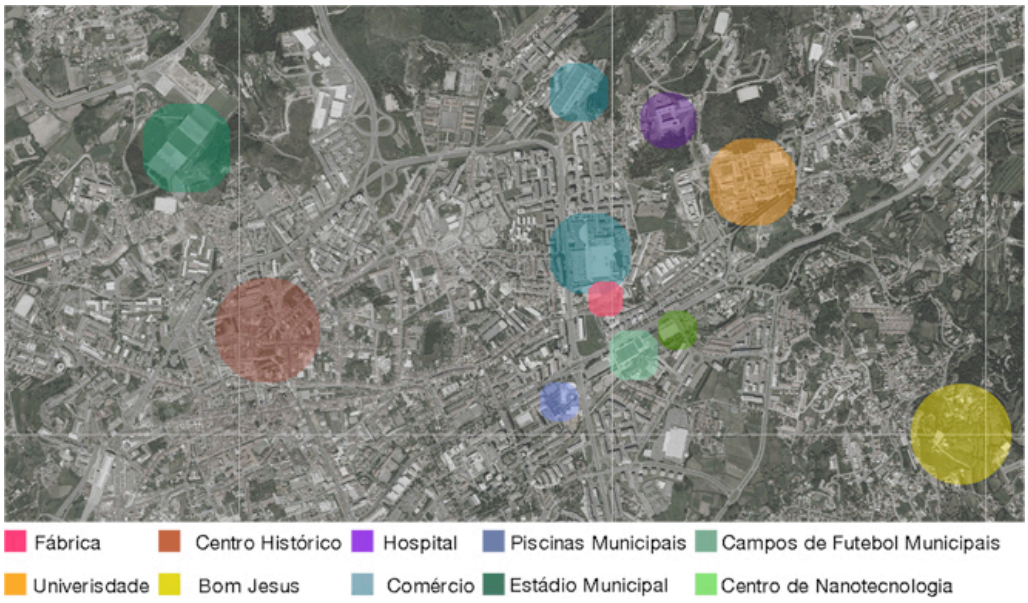


Figura 34 Pontos de interesse relacionados com o edifício em intervenção[35]

A presença do *campus* principal da Universidade do Minho, *campus* de Gualtar, na cidade e a sua proximidade ao edifício da antiga fábrica revela-se, também, um factor de extrema relevância para o sucesso desta proposta. Existe ainda um edifício para a instalação da Rádio Universitária do Minho. Esta nova proposta, tem ainda como objectivo, através dos espaços de co-work, estabelecer a ponte entre os estudantes que terminam essa fase da vida deles, e podem aqui encontrar uma forma de iniciar a sua vida de trabalho.

[35] Imagem em Google maps modificada digitalmente pela autora

No entanto, para uma maior dinâmica de todo o conjunto, estes espaços de trabalho são complementados com espaços de comércio, lazer e culturais. Com isto, espera-se um alargamento do público alvo.

Dinamismo, intervenção, partilha, experiência, criação, participação activa, produção e interactividade são algumas das palavras chave que caracterizam este espaço.

Também ao nível da intervenção arquitectónica, esta esforça-se por corresponder às mesmas palavras chave.

Toda a intervenção se caracteriza por se querer distinguir do preexistente. É importante que os utilizadores e visitantes deste espaço consigam distinguir com facilidade aquilo que era e diz respeito à fábrica de sabão, daquilo que é agora, ou que será no futuro. Focando agora no preexistente, o edifício da fábrica, as leituras feitas tanto sobre o lugar, como sobre o património, património industrial e todas as questões que estes levantam, a minha intervenção é proposta por forma a simplificar a percepção entre o que existia e o novo. A intenção é que, quando visitado o edifício, não existam dúvidas entre o que já existia, aquilo que pertencia à fábrica de sabão, e aquilo que surge agora, e que pertence aos tempos de hoje e à nova identidade daquele lugar.

Assim, toda a intervenção surge numa perspectiva quase de efemeridade. A proposta responde a uma necessidade dos dias de hoje, e de amanhã, mas quando visto a longo prazo, poderá existir a necessidade de este edifício ser outra coisa. E, uma vez que se trata de um local portador de memória, torna-se indiscutível, no meu ponto de vista, que esta intervenção tenha um carácter reversível.

5.2.1. A Intervenção

Para o desenvolvimento de uma proposta arquitectónica, a partir de uma visita ao local, avaliou-se o estado do preexistente e qual o valor deles no futuro do conjunto edificado.
Desta forma, foi proposto ainda em fase de participação no concurso, a demolição de dois corpos, considerados sem qualquer valor arquitectónico.

Além do mau estado dos edifícios e da pouca relevância destes corpos na preservação da memória da época industrial em Braga (e do testemunho que este edificado representa para todos os bracarenses), o desaparecimento destes corpos irá valorizar ainda mais o edifício principal e a sua relação com o restante terreno de intervenção.

Em contraposição, nascem dois novos corpos que vão, por um lado, rematar o terreno e, por outro, criar uma ideia de limite e de envolvência do espaço.

Com estes dois novos corpos, existe uma área exterior com maior capacidade de valorização de um espaço que, apesar de não ser fechado, limitado por muros e portões, vive sempre sob a referência de um conjunto de edifícios que constituem *A Fábrica*.





Figura 35 Proposta de demolição[36]

Figura 36 Proposta dos novos corpos e relação com o preexistente[37]

[36] Imagem em Google maps modificada digitalmente pela autora

5.2.1.1. O Edifício Preexistente

Ao analisar o edifício preexistente da antiga fábrica, existem alguns elementos que rapidamente se salientam.

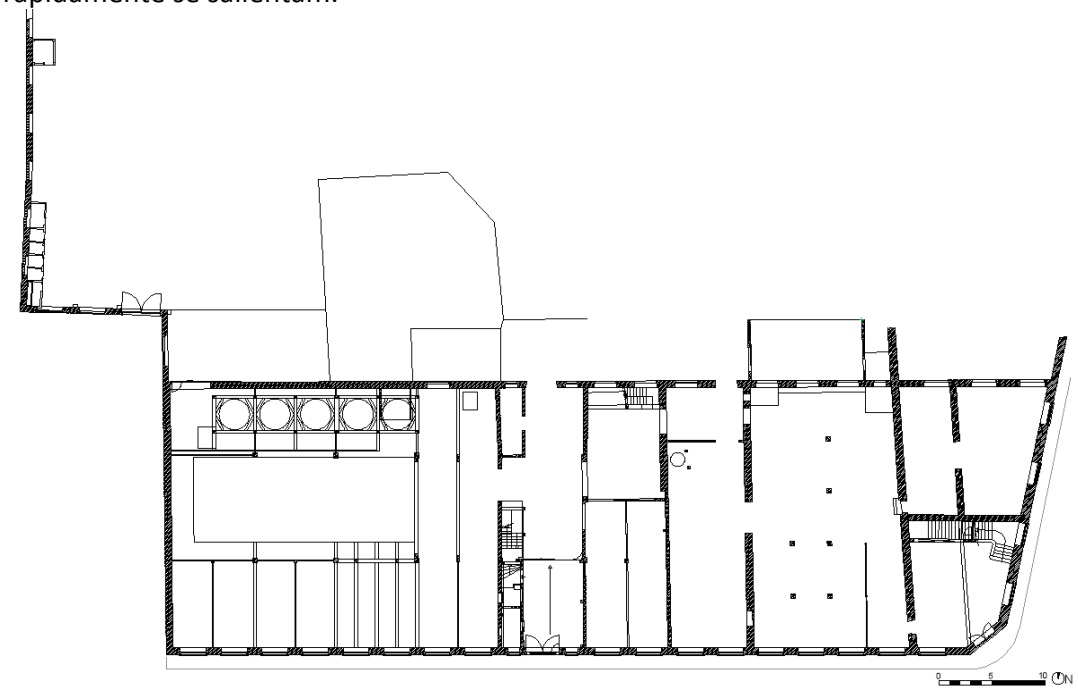


Figura 37 Planta Piso 0 actual - Edifício preexistente

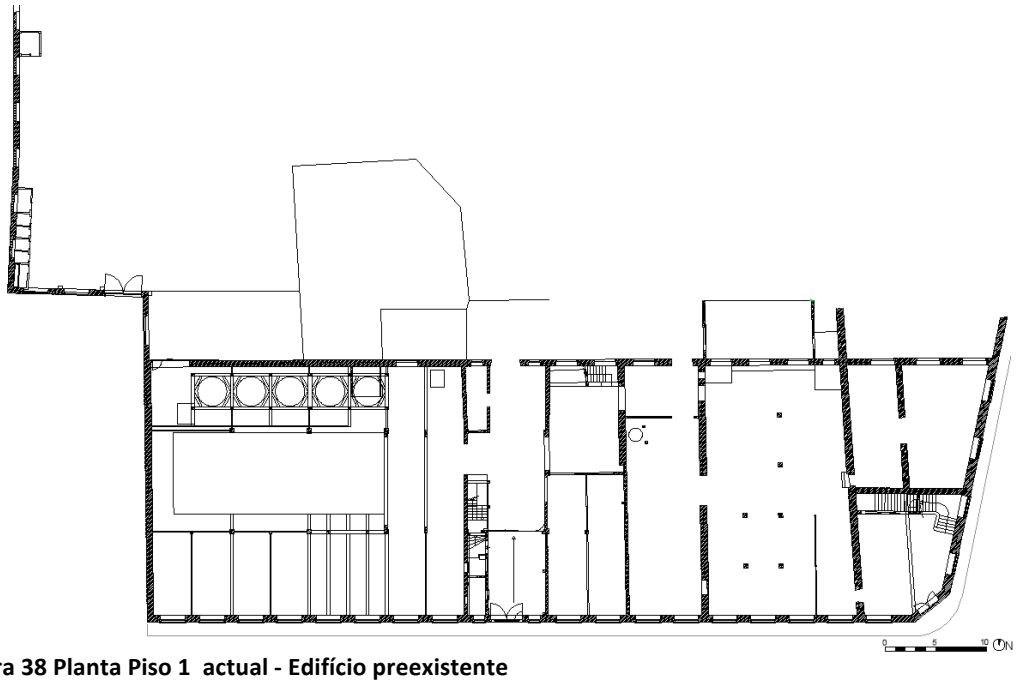


Figura 38 Planta Piso 1 actual - Edifício preexistente

[37] Imagem em Google maps modificada digitalmente pela autora

Apesar de não ser o primeiro elemento a constatar, seria injusto não começar por referir o cheiro a sabão que, apesar de já não ser feito naquele local há tanto tempo, ainda existe dentro daquelas paredes. O poder do olfacto que não permite que a nova vida que ali se instale, esqueça as suas origens, e que tenha sempre a referência da Confiança que ali nasceu.

Falando agora numa composição material, em primeiro lugar, a simetria evidenciada na fachada, composta pelo ritmo acertado dos vãos das janelas. Ritmo esse que se reflecte no interior, em sintonia com a composição estrutural que se evidencia quando conjugada com o volume dos espaços, a dimensão do pé direito e a cobertura.



Figura 39 Alçado Principal

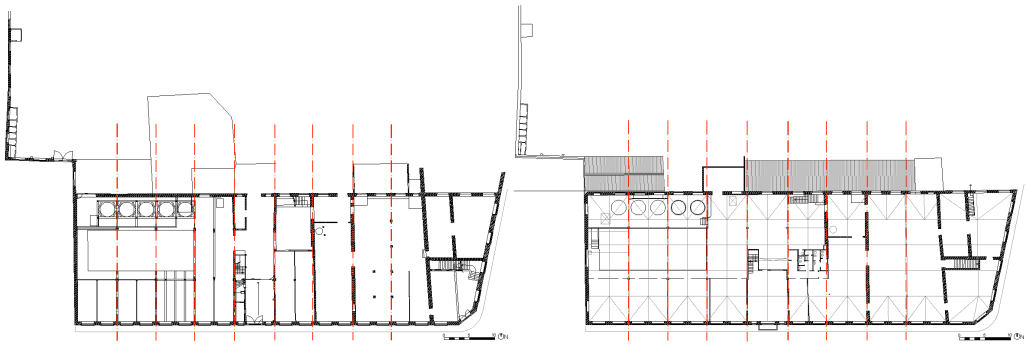


Figura 40 Marcação estrutural, marcação de ritmo – Piso 0, Piso 1 – Edifício Preexistente

Como ponto de partida, depois da ideia, do programa, o objectivo principal foi tirar partido e relevar, sempre que possível, esse ritmo já existente. Desta forma, e com este objectivo, é feita uma avaliação e selecção de todos os elementos, com o intuito de retirar todos aqueles elementos que, tal como já foi referido antes, não são considerados elementos essenciais.

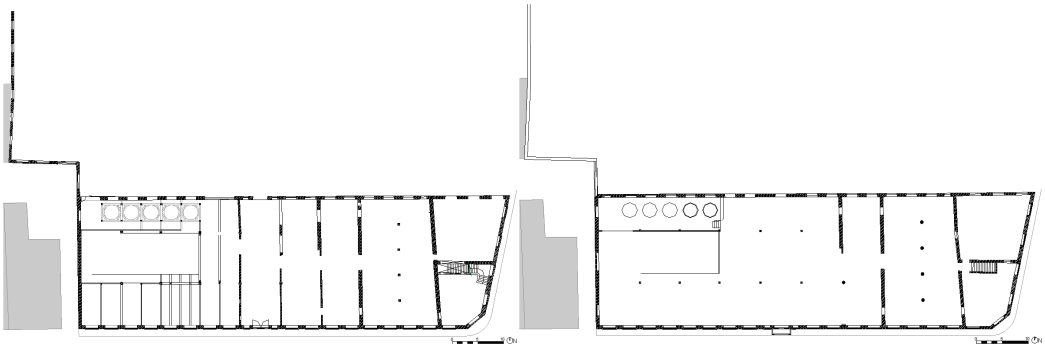
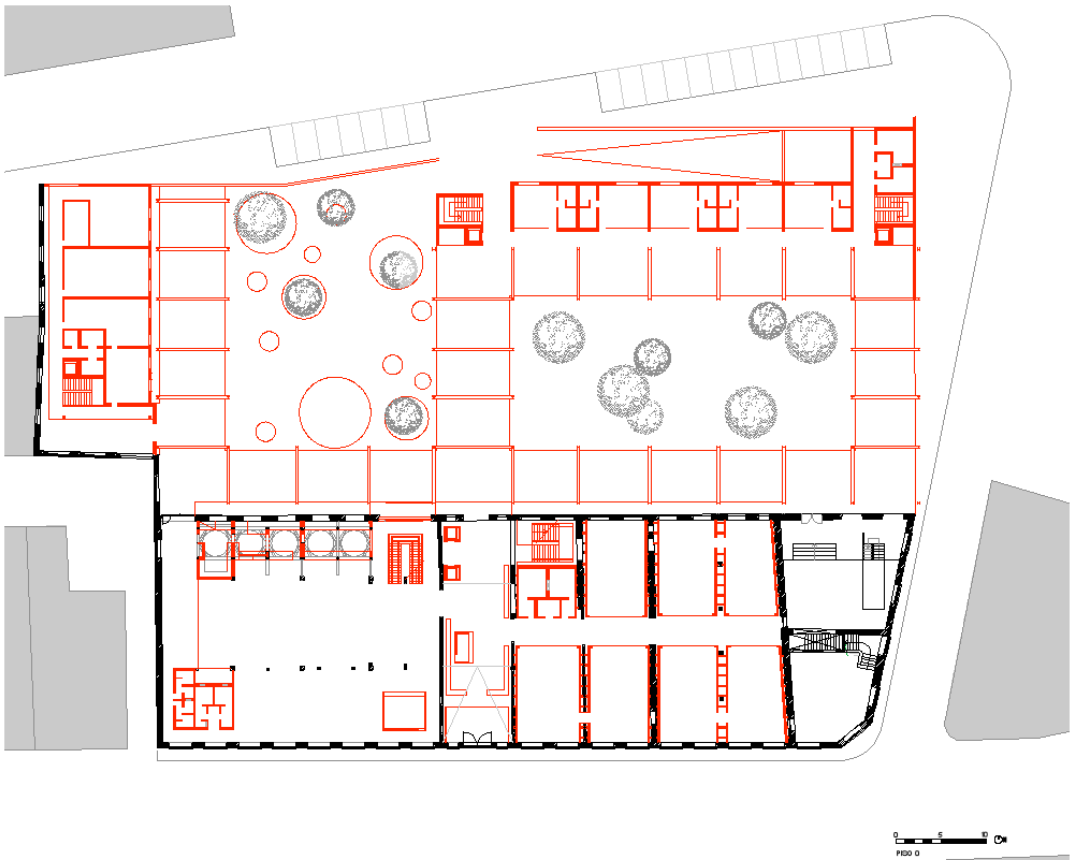


Figura 41 Planta da proposta de intervenção após demolição do conteúdo sem valor – Piso 0, Piso 1 – Edifício Preexistente

A simetria da fachada e a marcação estrutural evidenciam-se, ainda, no interior, através da distribuição das funções.

Numa perspectiva de consolidação, esse mesmo ritmo volta a ser transferido para a zona exterior de intervenção, ritmando assim, através do elemento estrutural que segura a galeria coberta.



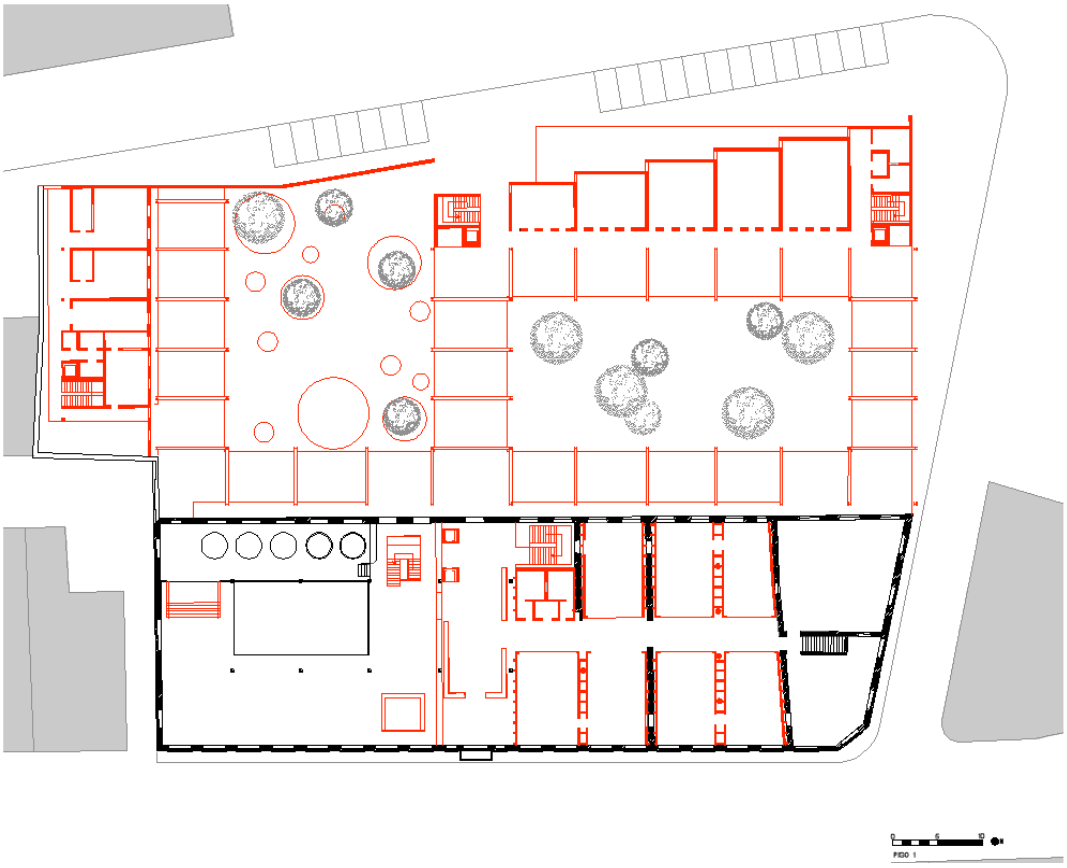


Figura 42 Planta da proposta de intervenção – Piso 0, Piso 1

- Versatilidade, reversibilidade e adaptabilidade

Na medida em que esta proposta se sustenta na intervenção num edifício preexistente, e depois das leituras feitas, percebi que, para manter a memória deste edifício, não é necessário manter todos os elementos que o constituem. Isto encaminhou o trabalho para uma selecção de elementos, eliminando outros não considerados importantes e clarificando na organização do espaço, o ritmo anteriormente falado.

Por outro lado, e mais uma vez tendo como motivo o facto de esta ser uma intervenção em preexistências, foi necessário perceber de que forma se quer desenvolver a intervenção.

A realidade dos dias de hoje, revela-se, toda ela, um pouco como os edifícios industriais quando surgiram. É importante que o que se faz hoje tenha patente a

versatilidade e a capacidade de evolução e adaptação, tal como os edifícios industriais se revelaram aquando o seu aparecimento. Porque é essa a mais valia que nós, hoje, encontramos nesses edifícios. E de quanta mais versatilidade eles forem dotados, melhor capacidade terão, no futuro, para se adaptar às necessidades que forem surgindo.

Desta forma, a minha intervenção é feita com intenção de resolver uma situação de hoje, num lugar que é do passado.

Considero ser esta uma proposta de carácter reversível, onde todos os elementos foram introduzidos sem se retirar a essência da sua história, e com o intuito de no dia em que aquele lugar "quiser" ser outra coisa, toda a intervenção seja facilmente identificada e removida, voltando ao carácter original da fábrica de sabão.

5.2.1.2. As Caixas

Nesta sequência de pensamento, introduzo como elemento de divisão e separação, "caixas", destinadas a cada função. Na área de trabalho co-work, por exemplo, cada caixa destina-se a abrigar entre 10 e 12 postos de trabalho.

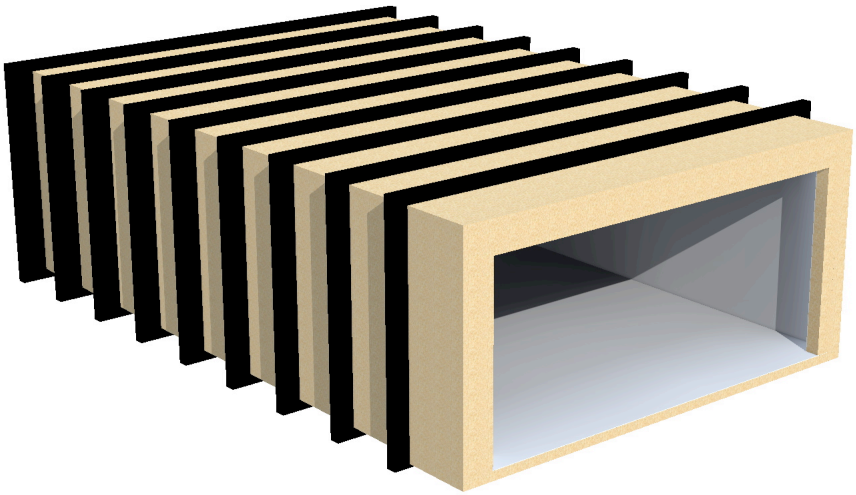


Figura 43 Caixa, imagem tipo referente à intervenção

Estas caixas, alem de contribuírem na marcação rítmica, são estruturas baseadas no conceito de portabilidade e mobilidade. “Estruturas fáceis de transportar, flexíveis, de um só espaço, de materiais leves e resistentes: a tecnologia da construção coincide assim com a do transporte. Os seus materiais são tão ligeiros como os têxteis, os ramos e as peles.”(ECHAVARRIA: 2008: 17)

Uma estrutura metálica que segura uma caixa composta por aglomerado de madeira.

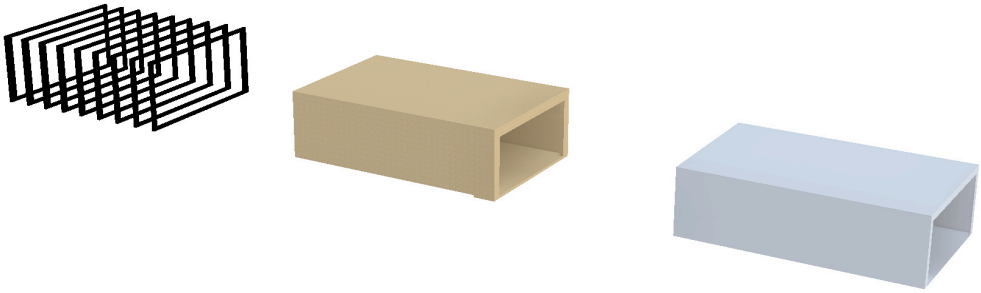


Figura 44 Desmaterialização da caixa, segundo elementos e materialidades

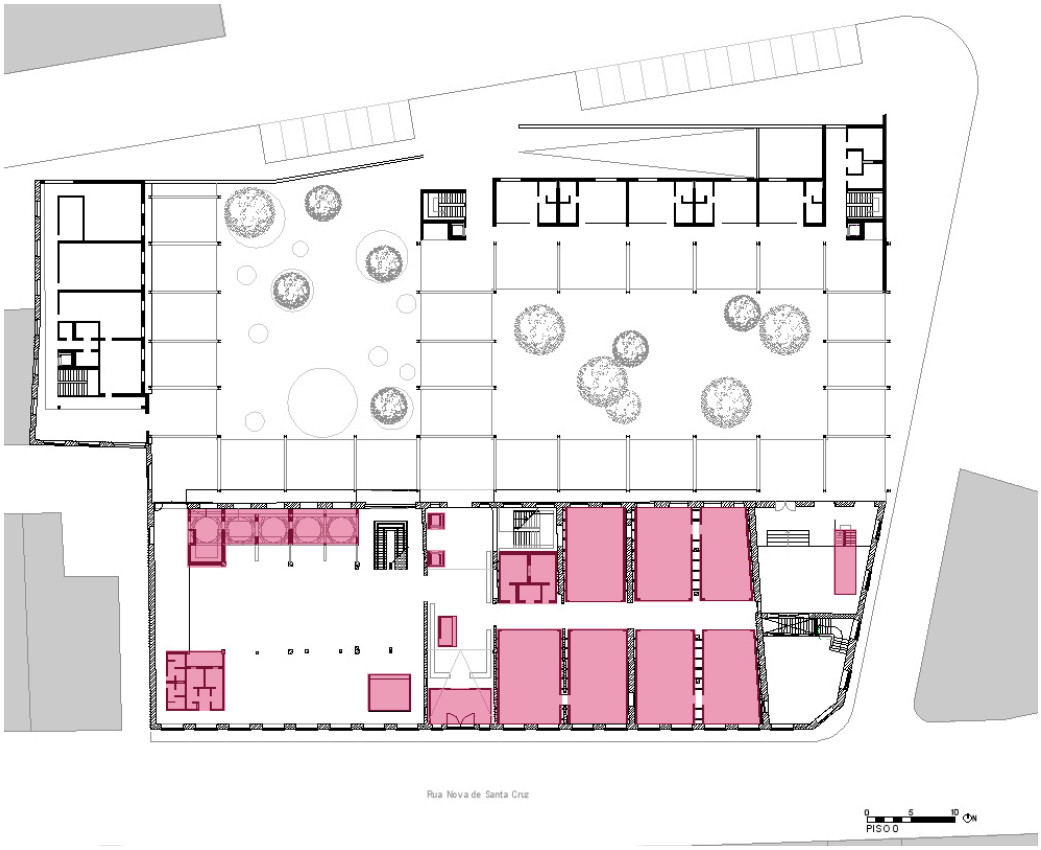
Aberta em dois lados opostos, um deles faz a ligação com a parede do edifício da fábrica onde se encontram as janelas. Do outro lado, uma parede de portas rebatíveis que permite que esta caixa tenha a opção de se fechar ou, ficar completamente aberta.

Essa mesma caixa, no interior, é forrada por uma camada branca, permitindo espaços de trabalho luminosos e com um aspecto visual limpo.

O tecto das caixas é coberto com um painel de vidro fosco branco que esconde os pontos de luz. Isto faz com que toda essa superfície funcione como um tecto de iluminação.

Também no corpo dedicado ao espaço de bar e restauração, se recorreu ao conceito das caixas, como elementos que “arrumam” o programa.

Os espaços vazios provocados por esta estrutura entre as paredes das caixas e as paredes preexistentes do edifício, são aproveitados como espaços de arrumação.



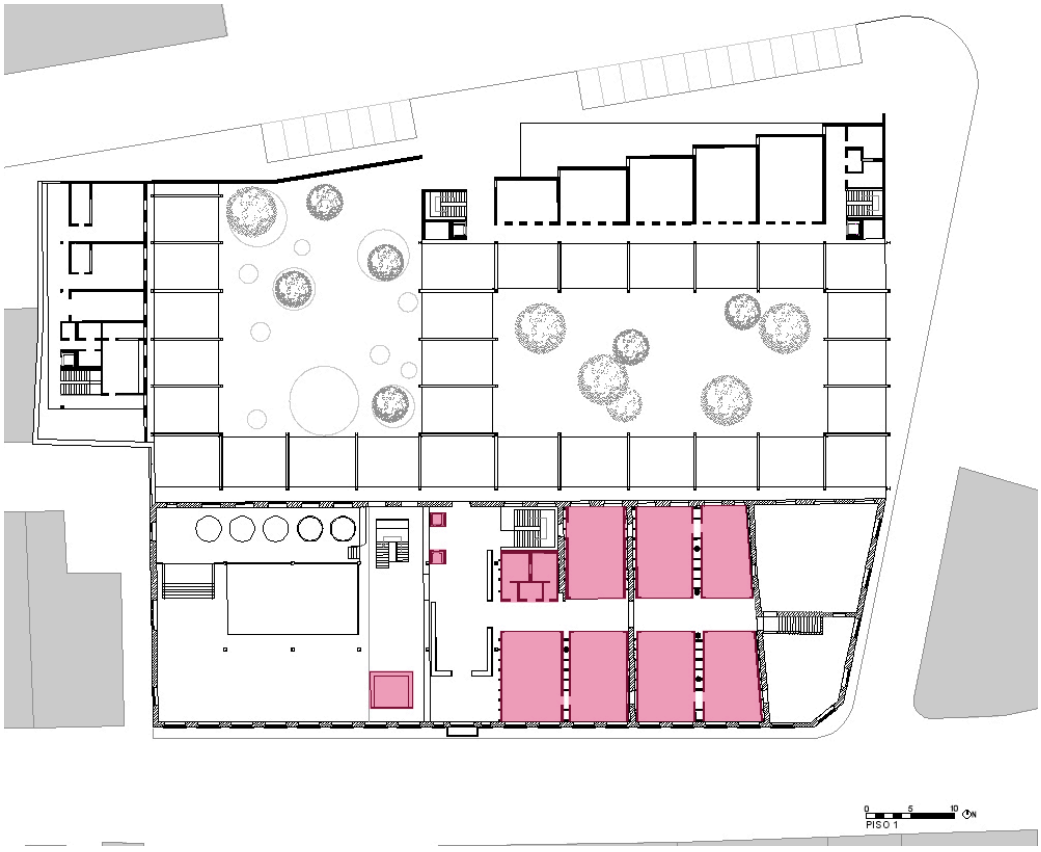


Figura 45 Zonas de intervenção através do modelo da "Caixa" – Piso 0, Piso 1

- Acessos, Distribuição e circulação

O corpo central do edifício, onde se situa a entrada, continua a ser o elemento de recepção e de distribuição do edifício. No contexto de toda a intervenção, este elemento distribuidor prolonga-se, atravessando todo o terreno. Ao nível do edifício preexistente verifica-se uma transferência do acesso principal ao edifício, para a fachada Norte. Uma vez que esta se relaciona, agora, com todo um espaço público mais apelativo e amplo do que a Rua Nova de Santa Cruz.

As áreas de distribuição, por terem o carácter de "espinha dorsal" do edifício, foram reorganizadas e pensadas de forma a se revelarem o mais simples e perceptívelmente possível.

O arquitecto Álvaro Siza Vieira, numa entrevista a Hugo Oliveira[38], diz que *"A organização de um edifício deve ser muito clara. Não gosto de edifícios onde nos sentimos perdidos, onde não conseguimos perceber o caminho a seguir."* Eu, depois de alguns anos no curso de arquitectura, e mais alguns neste mundo, não poderia estar mais de acordo.

Através desta distribuição, é possível atravessar todo o edifício, no entanto; existem dois espaços que podem funcionar independentemente. São eles o espaço de bar (e restaurante) e o espaço de loja, referidos à frente, num ponto dedicado ao programa.

[38] consultado em http://hugopeepbox.wordpress.com/

5.2.1.3. Galeria Coberta

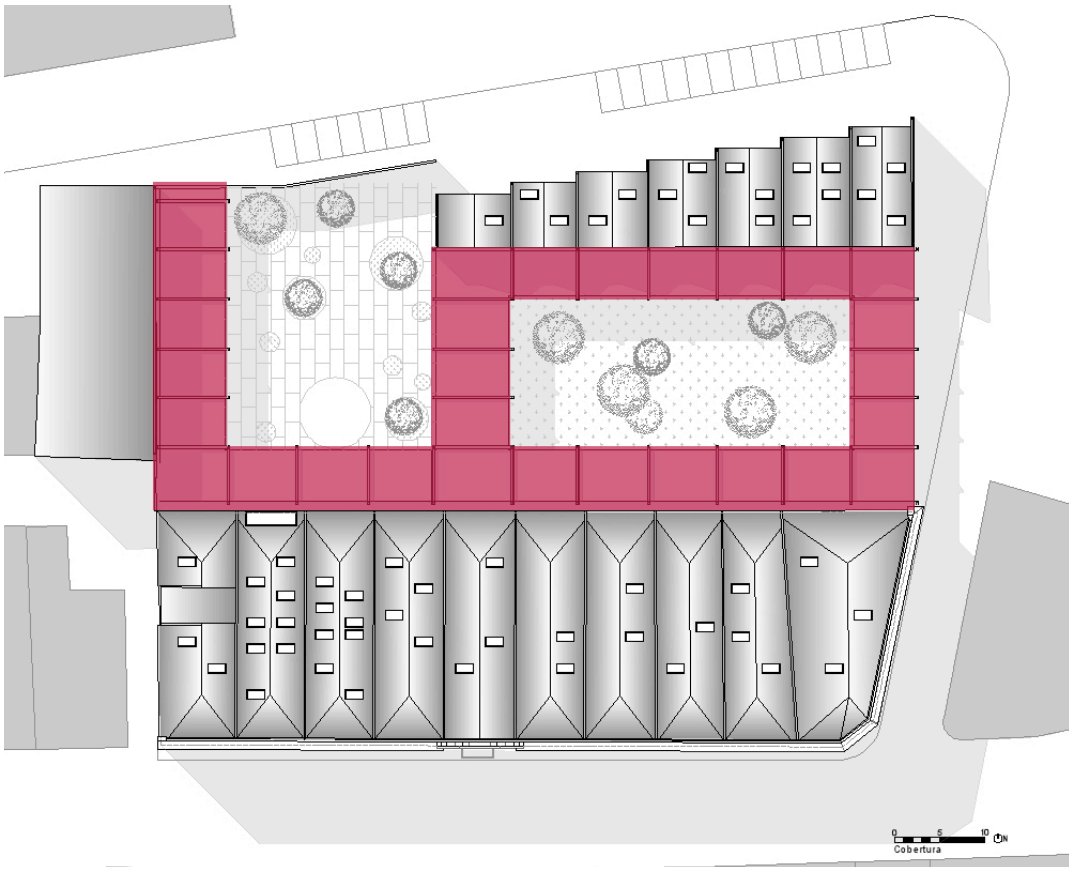


Figura 46 Esquema identificador da Galeria Coberta

Os três corpos que passam então a constituir o terreno da antiga Confiança, conectam-se todos através de uma galeria exterior coberta, facilitando a leitura de união entre o edifício que abrigava a fábrica e os dois novos volumes. Esta ideia surge da própria disposição volumétrica que se encontra neste momento, que sugere um espaço coberto agregado ao edifício principal, tal como podemos ver nas seguintes fotos.





Figura 47 Fotos justificativas da opção de projecto[39]

Esta galeria, pelas suas dimensões, caracteriza-se não só como uma passagem mas também como um lugar para parar e para estar, onde podem acontecer exposições, ou até mesmo ser um dos espaços de eleição para a mostra de algumas das peças do museu.

Além de, no seu perímetro exterior,esta galeria facilitar a leitura do conjunto e a percepção dentro/fora[40], através do corpo central, ao atravessar o terreno, divide o espaço público exterior e descoberto, em dois. Com isto, permite que possam acontecer situações diferentes e distintas em cada um deles.

Os espaços de praça e de jardim envolvidos por esta galeria exterior, que serão abordados num próximo ponto.

[39] A primeira fotografia é retirada de Google maps, e as seguintes são da autora

[40] Sendo o espaço d' A Fábrica, dentro e, as ruas envolventes, fora.

5.2.1.4. Praça e Jardim

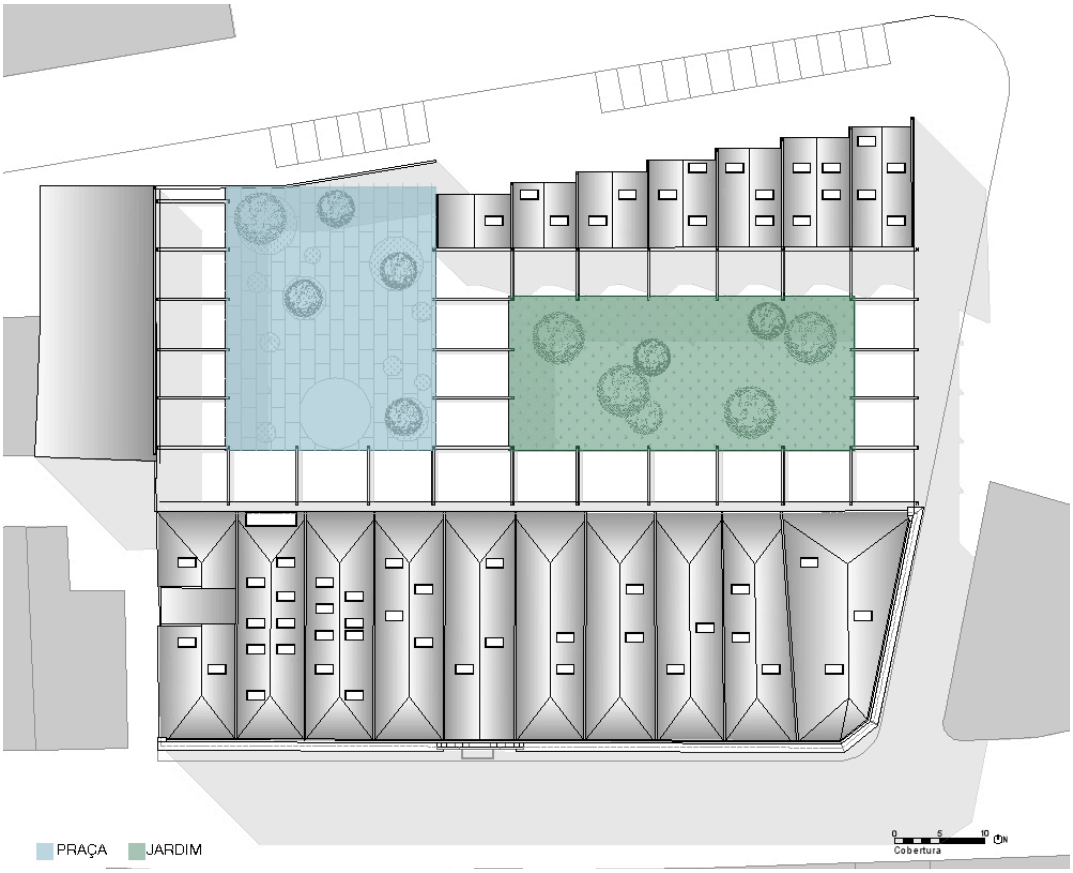


Figura 48 Distinção dos espaços exteriores não cobertos

O edifício da antiga Saboaria e Perfumaria Confiança, apesar de tal como disse antes, ter pertencido a uma zona de arredores do centro da cidade, hoje faz parte da ligação entre o centro da cidade e a universidade. Está, cada vez mais, mais próxima do centro da cidade, mais próxima das pessoas.

No entanto, esta ligação é escassa em espaços de paragem. Uma das características da envolvente do local de intervenção, é a densidade de construção existente. O espaço público é traduzido apenas por ruas, estradas e passeios, rodeados por construções em altura. Os espaços para estar são escassos, quase inexistentes.

Com esta intervenção, um espaço exterior revela-se essencial. Um local de encontro, de paragem, de reunião e convivência.

Limitados pela galeria coberta, surgem então dois espaços exteriores distintos. Um com uma característica mais próxima de um jardim, onde o verde cobre toda a área e árvores pontuam o espaço.

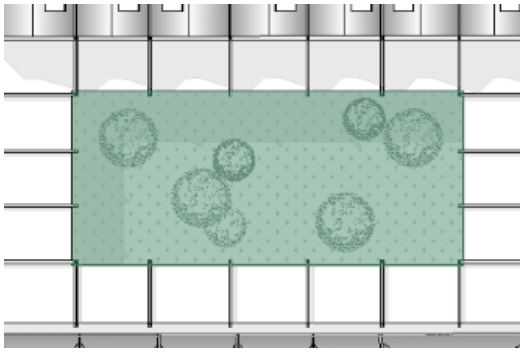


Figura 49 Jardim

Do outro lado, uma grande área pavimentada. O ponto central, de chegada e encontro. Onde se pode beber um café, assistir a um concerto ao ar livre, feiras e exposições, onde os trabalhadores d'A Fábrica podem também desenvolver trabalhos e expandir a interacção com o público visitante. Podem acontecer workshops de dança, ou outras tarefas que queiram ou precisem tirar partido deste sentido exterior. Enquanto isso, no outro espaço, podem estar pessoas sentadas na relva a conversar, ou a ler um livro.

Um prolongamento do interior dos edifícios, uma praça.

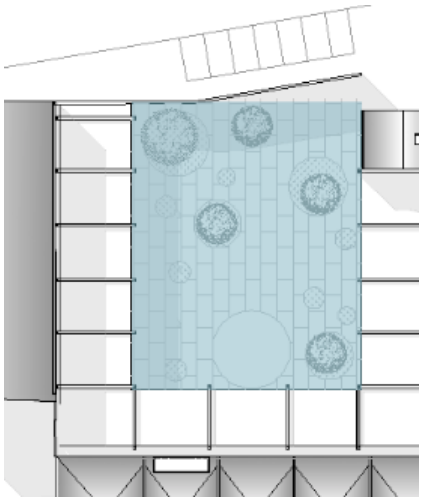


Figura 50 praça

O pavimento desta praça, é uma continuação do pavimento da galeria coberta, marcada por circunferências ajardinadas, de diferentes cores ou até por uma inversão no sentido da colocação das pedras do pavimento. Circunferências essas que remetem para as bolas de sabão, do sabão que ali foi feito, noutros tempos.

No que diz respeito à vegetação escolhida, foram tidos em conta alguns parâmetros:

Espécies arbóreas com raiz de crescimento horizontal e superficial, devido ao jardim que fica por cima do parque de estacionamento; árvores com cor e flor e ainda que, no caso de não serem típicas desta zona do país, se adaptem. Foi também tida em conta a altura e densidade das árvores, uma vez que estas desempenham um papel acima de tudo ornamental.

Magnólia *Soulangeana*



Figura 51 Magnólia Soulangeana[41]

A magnólia é uma planta híbrida é da família da *Magnoliceae*.

É uma árvore de folha caduca. Tem as particularidade de a sua flor se dar antes das folhas, no início da primavera, e durar até ao Outono, aparecendo entretanto as suas folhas.

[41] imagem em http://en.wikipedia.org/wiki/Magnolia_%C3%97_soulangeana http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/06/Arboretum_Z%C3%BCrich_-_Magnolia_%C3%97_soulangeana_2012-04-26_15-38-58_(P7000).JPG

Magnólia *Stellata*



Figura 52 Magnólia Stellata[42]

Também da família das *magnoliceae*, a Magnólia *Stellata* apresenta uma imagem de árvore pequena, próxima do arbusto. O seu crescimento é lento e atinge entre 4,5m e 6 metros de altura. É uma planta nativa do Japão mas muito usada na Europa.

5.2.1.5. A "Pele" Unificadora

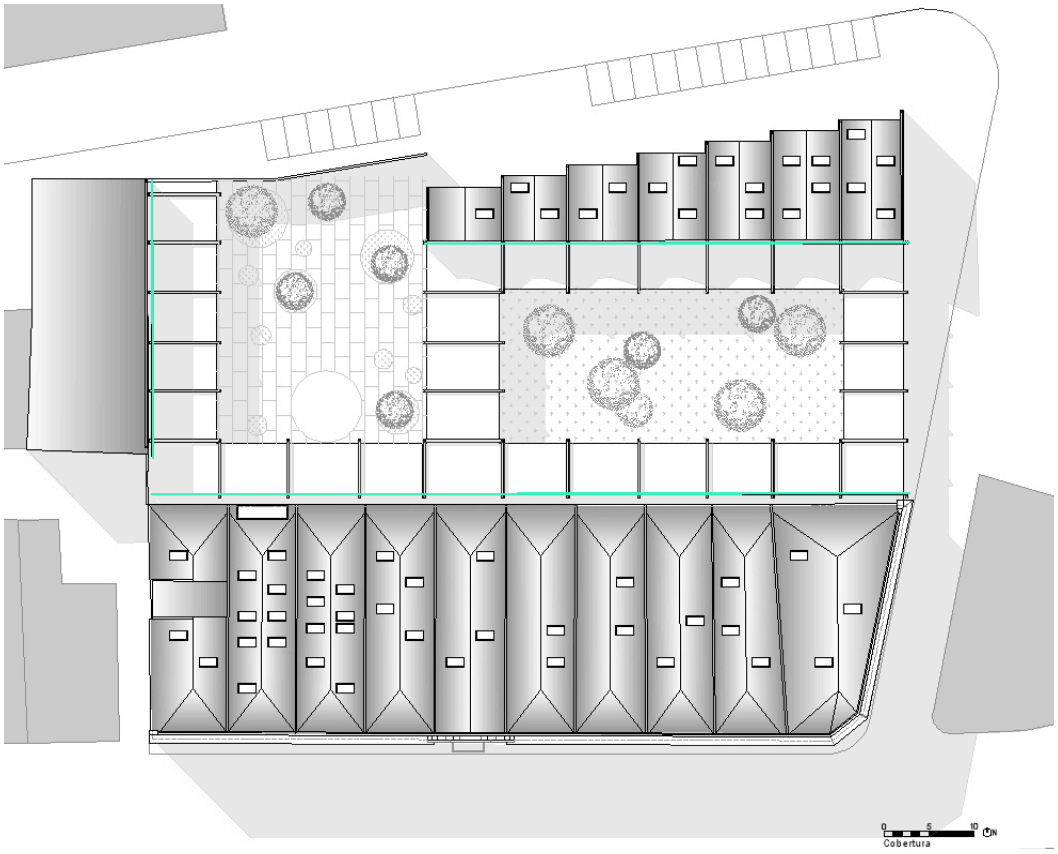


Figura 53 Planta cobertura, referencia à "pele" unificadora das fachadas

[42] imagem em http://pt.wikipedia.org/wiki/Magnolia_stellata
http://www.boga.ruhr-uni-bochum.de/html/Magnolia.stellata.bg61.ja.jpg

Esta “pele” surge como forma de salientar a função unificadora da galeria coberta apresentada anteriormente.

Existe um corpo de um edifício preexistente e existem dois novos volumes que surgem. Este revestimento de fachada, ao funcionar como uma segunda fachada sobreposta, unifica os três corpos, facilitando uma leitura de conjunto.

É um revestimento poroso, o que permite que as entradas de luz continuem a acontecer.

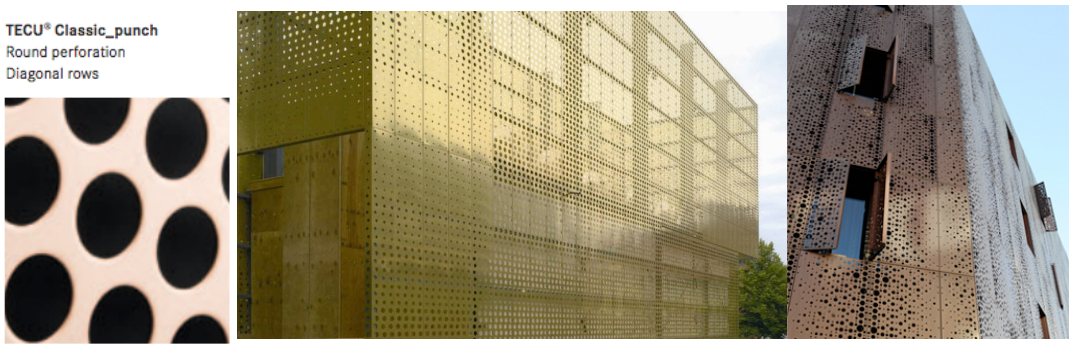


Figura 54 Material escolhido para a “pele” da fachada[43]

Figura 55 Munster Sculpture Pavillion 2007[44]

Figura 56 Hotel Albert Premier, Luxemburgo[45]

A estrutura criada para apoiar a galeria, ao mesmo tempo que marca o ritmo estrutural, também terá a função de “segurar” este elemento de união.

A escolha do material encontra-se também muito relacionada com a componente da memória suscitada pelo edifício principal. As circunferências que perfuram esta fachada, junto com a cor verde água escolhida, estão, tal como o desenho do pavimento da praça, associadas às bolas de sabão de outras gerações.

Ao nível do piso térreo, este elemento apresenta algumas interrupções. Estas encontram-se associadas a áreas de acesso dos edifícios e à zona de comércio.

[43] consultado em http://www.kme.com/en/tecugold
[44] Foto retirada de http://www.metalsight.com/projects/munster-sculpture-pavillion/
[45] Foto retirada de http://www.booking.com/hotel/lu/hotelalbert1er.pt.html

5.2.1.6. A cor

A partir da manipulação de uma fotografia do alçado principal da fábrica Confiança, fez-se um estudo de cor, com a intenção de perceber qual será a cor que mais beneficiará a nova vida deste edifício.



Figura 57 Estudo de cor em Alçado Principal

Ao analisar a envolvente imediata do edifício, percebe-se que quase todos edifícios são mais altos que o edifício da fábrica, criando sombra neste alçado. Além disso, é uma envolvente repleta de cor nos edifícios e informação, tal como placas publicitárias, janelas, recantos e carros estacionados.



Figura 58 Fotos da envolvente a

Fábrica Confiança, Rua Nova de Santa Cruz[46]

Com o teste de cores percebeu-se que as cores mais claras são uma melhor opção por criarem um maior contraste com a pedra que reveste esta fachada.

Tudo isto leva a que os tons claros sejam os preferidos.

Assim, optou-se por manter a cor branca do alçado principal, e introduzir a cor no alçado oposto, através da "pele" de carácter unificador enunciada anteriormente.

5.2.2. O Programa

A distribuição do programa visa quatro grandes núcleos de intervenção. Estes relacionam-se e convivem numa dinâmica que confere vida, movimento e atracção para este conjunto.

ADMINISTRAÇÃO	TRABALHO	CULTURA E LAZER	UNIVERSIDADE
	CO WORK	MUSEU/EXPOSITOR	RUM Rádio Universitária do Minho
	NINHOS DE EMPRESAS	RESTAURANTE/CAFÉ/BAR	
	WORKSHOPS	COMÉRCIO	

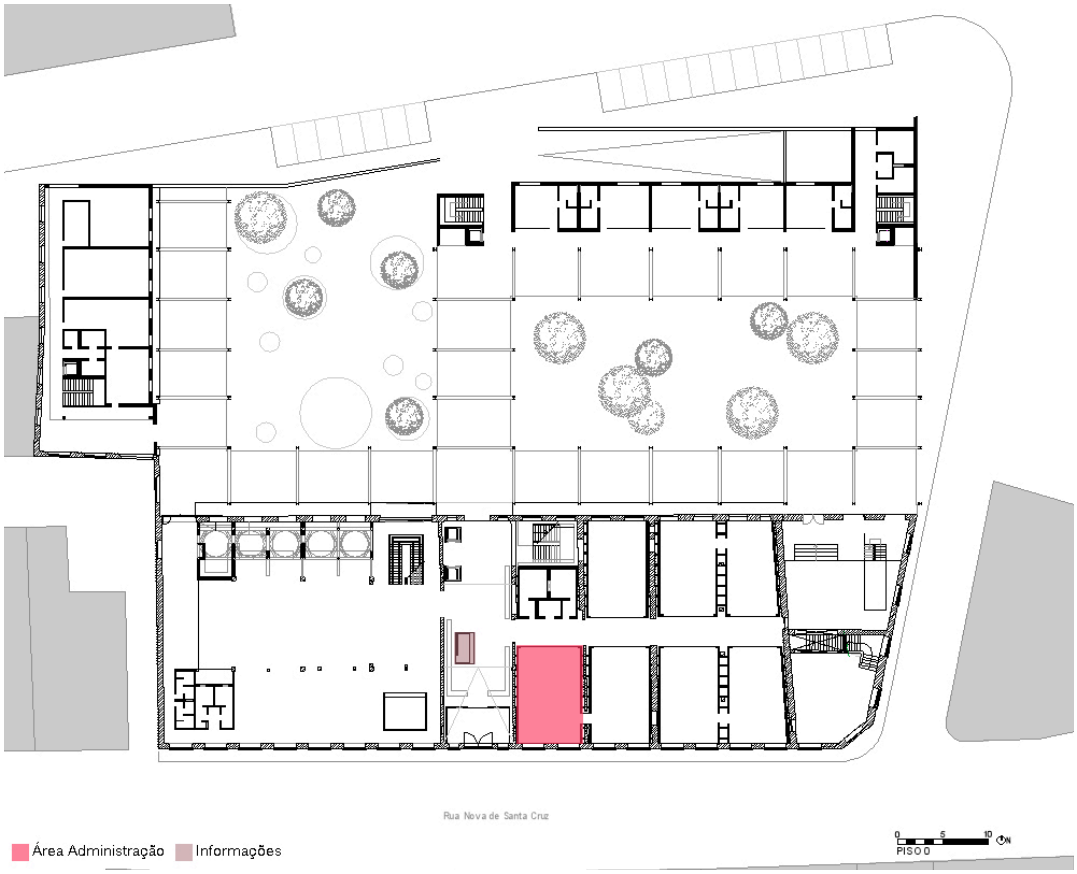
[46] Fotos de autoria própria



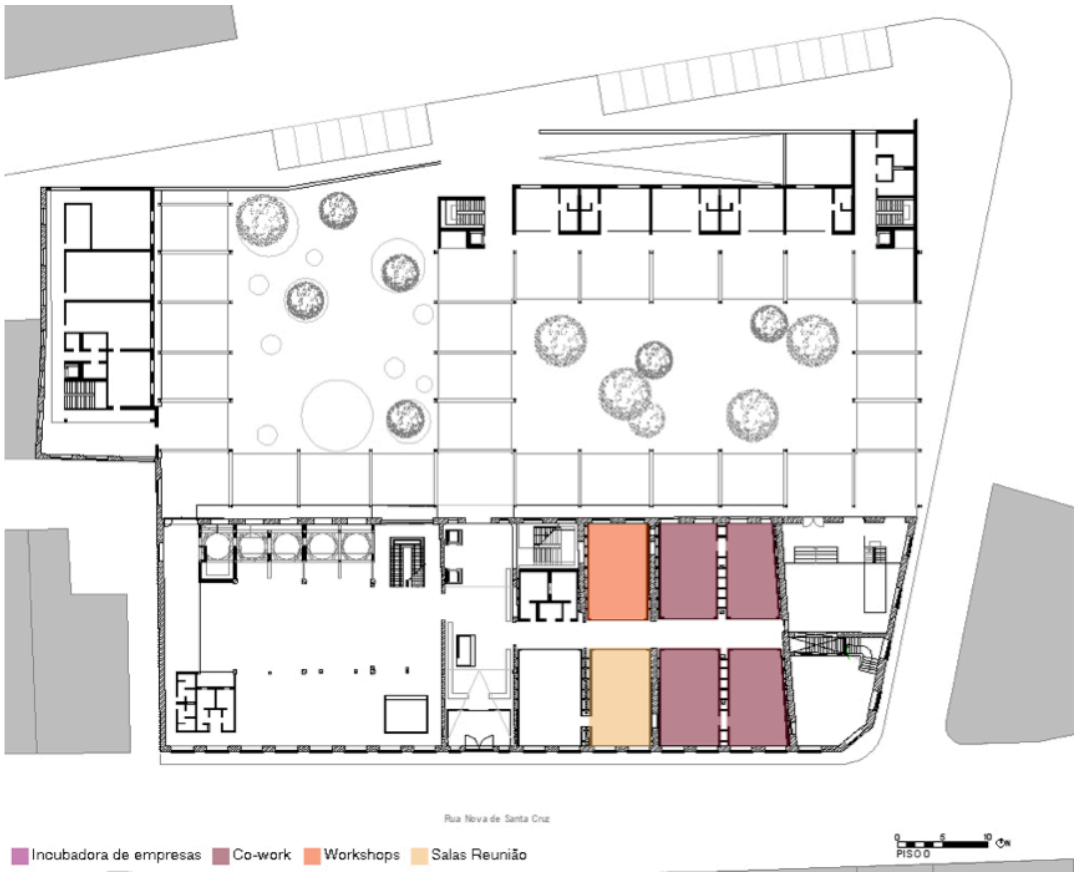
Figura 59 Esquema de distribuição programática

5.2.2.1. Administração

Para a manutenção e desenvolvimento das actividades deste centro, é necessária uma área de administração e coordenação. Esta é ainda complementada com uma área de informação, que fará a ponte entre os residentes do centro e o público visitante.



5.2.2.2. Trabalho





Este é subdividido entre o *co-work*, ninhos de empresas e salas de *workshops*. No presente projecto, são propostos 98 lugares de co-work e cinco salas para os ninhos de empresas. Pode ainda ser aceite a possibilidade de conversão dos espaços de ninhos de empresas se transformarem também em espaços de co-work, dependendo da procura. Desta forma, os espaços de *co-work* podem chegar até aos 134. Cada posto de trabalho tem aproximadamente $3m^2$.

Estes espaços são ainda complementados com quatro salas de reunião, sendo que cada "caixa" é dividida em duas salas de reunião, e duas salas de workshops.

A intenção é que, a um baixo custo individual, o espaço possa oferecer as melhores condições para a prática individual de cada trabalhador e, para a dinâmica e interacção entre todos e com o espaço.

- Co-work

Esta vertente de trabalho tem surgido ultimamente com alguma frequência. A facilidade de se poder alugar um espaço de trabalho partilhado é, em muitas situações, a opção mais em conta e até a mais vantajosa. Cada vez mais as pessoas trabalham por sua conta, o trabalho não aparece, mas tem sim de ser procurado. A possibilidade de partilha de conhecimentos, a criação de novas redes de contacto e até a eventual e inesperada parceria, são a grande vantagem deste tipo de arrendamento de espaço.

Um programa deste tipo, no antigo edifício fabril, revela um grande potencial de sucesso. A proximidade do edifício ao campus da universidade torna aquela zona atractiva para uma faixa etária jovem e em início de carreira.

- Ninhos de empresas

Os ninhos de empresas, surgem de forma semelhante à do *co-work*. É no entanto, destinado não ao profissional independente, mas sim à fase embrionária de uma pequena empresa.

Estes espaços destinam-se a abrigar a fase inicial de empresas, permitindo que elas tenham o espaço necessário para se desenvolverem e impulsionarem os negócios.

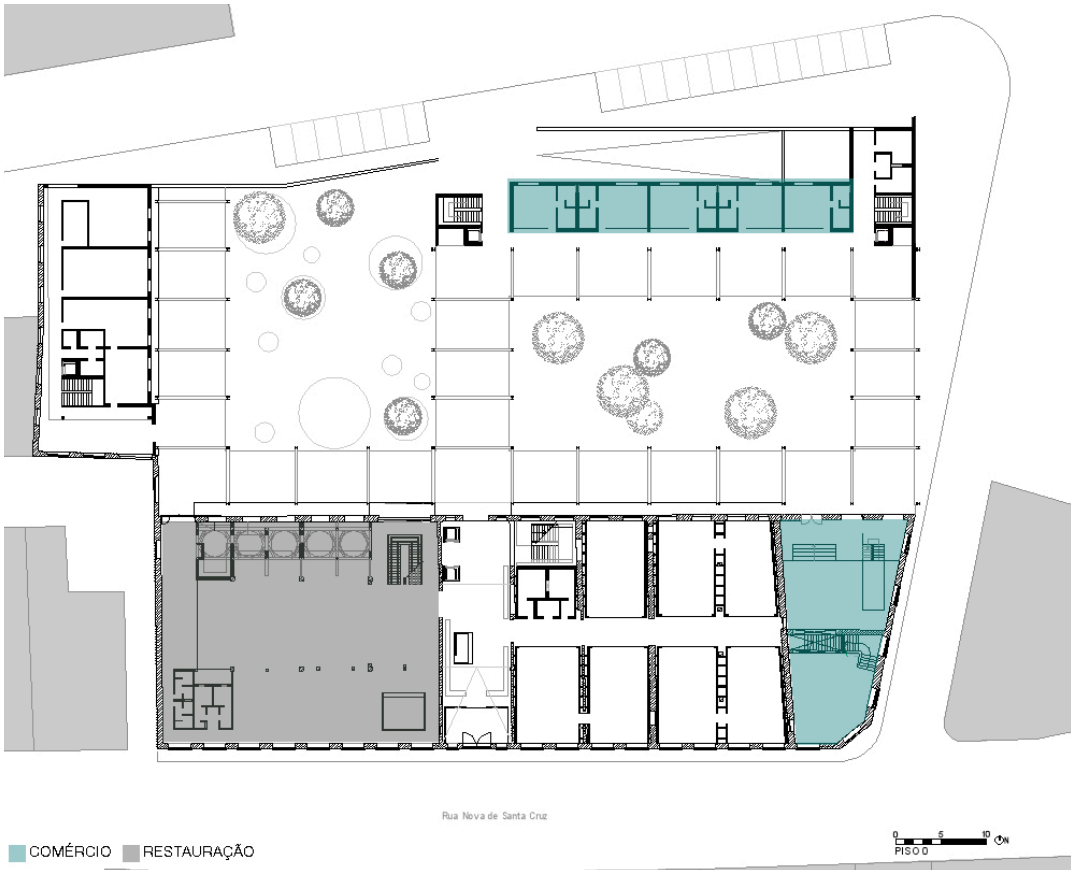
- Workshops

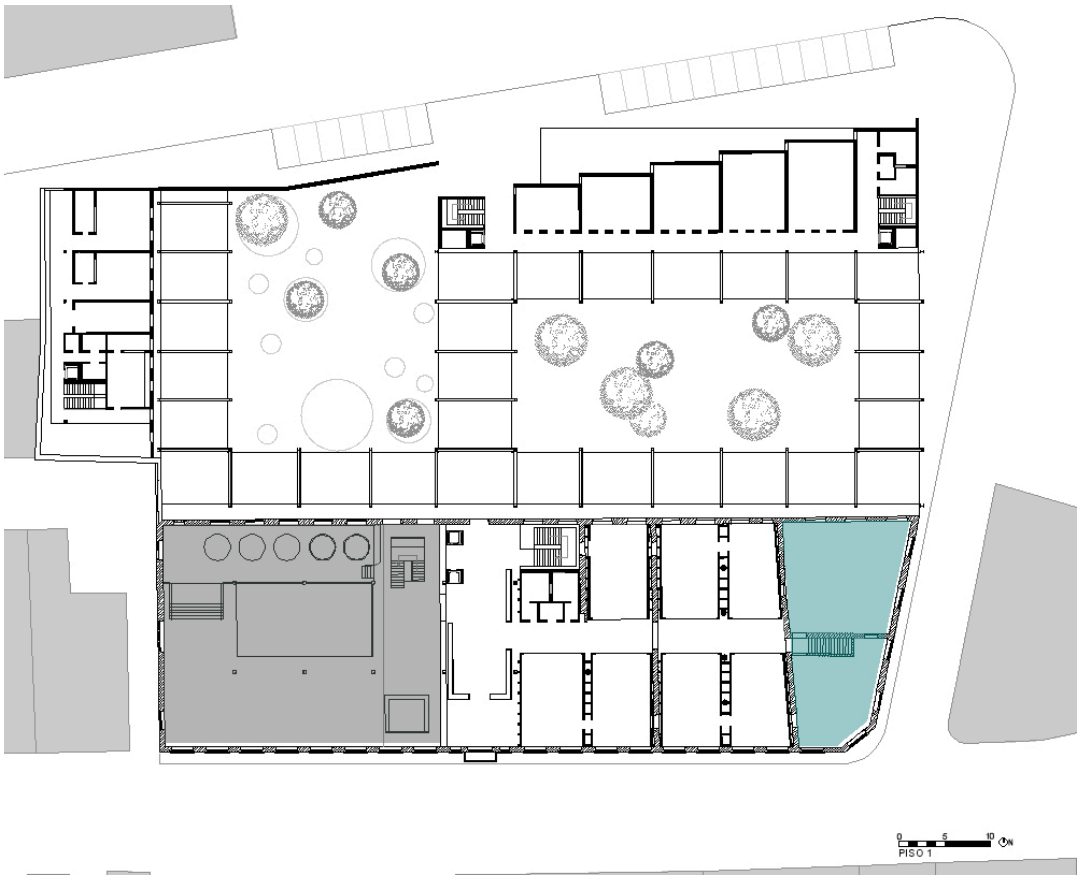
As salas de workshops, apesar de funcionarem com espaços de apoio aos postos de trabalho do edifício, poderão ser, a qualquer altura, disponibilizadas para receber outras pessoas. O importante é que estas sejam aproveitadas ao máximo, permitindo constantemente novas experiências aos visitantes. Poderão realizar-se desde workshops práticos, relacionados com o trabalho manual, ou mesmo aulas, sendo, portanto, polivalente. As salas podem ser alugadas, por exemplo, por horas, em que a uma determinada hora se pode aprender a trabalhar com um programa, como a seguir pode existir uma aula de uma língua estrangeira, ou até uma formação em fotografia.

- Salas de reunião

Estas salas revelam-se um importante ponto de apoio a estes espaços de trabalho. A qualquer altura é necessário um espaço mais reservado para se falar com um cliente, ou até reunir com os colegas para o desenvolvimento de alguma parceria de trabalho.

5.2.2.3. Cultura e Lazer



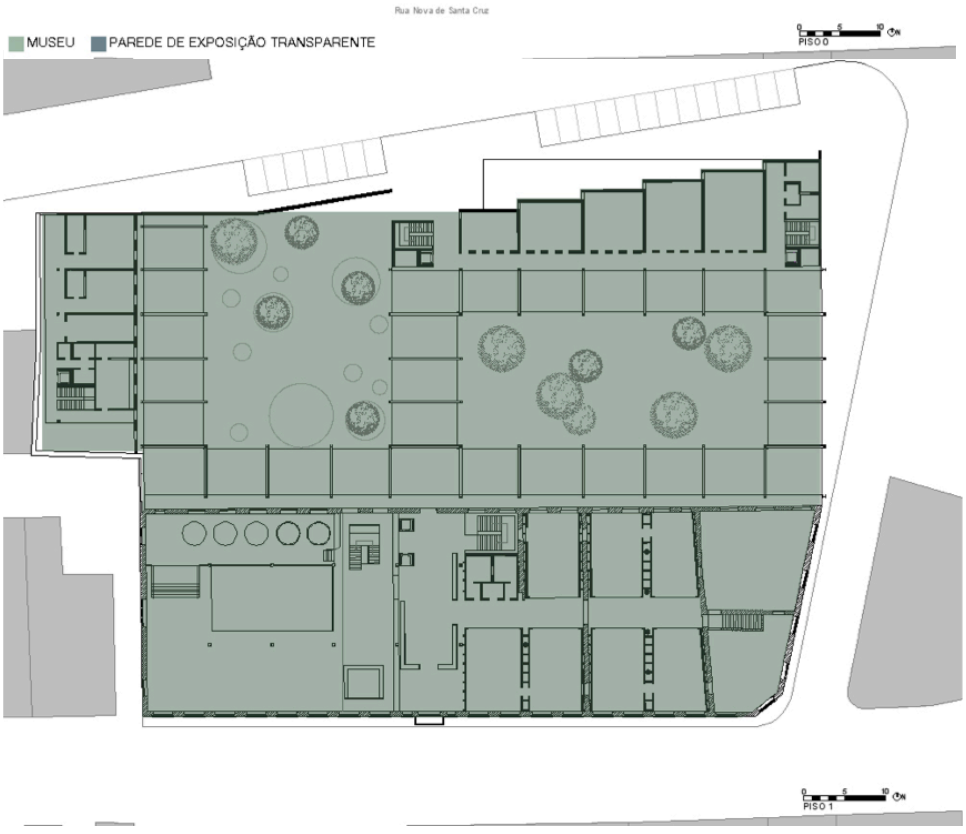


Com este núcleo, espera-se atingir não só o público usufruidor e utilizador dos espaços de trabalho, mas também todos aqueles que tenham curiosidade e vontade em conhecer este espaço e usufrui-lo.

Distinguem-se então neste núcleo:

- Museu/ Expositor





Uma vez que esta proposta de intervenção surge num dos últimos, senão mesmo o último exemplar da época industrial da cidade de Braga, revela-se imprescindível que este abrigue um espaço museológico desta época.

No entanto, na minha opinião, o conceito de museu tem sofrido algumas alterações nos últimos tempos. A situação económica actual também revela alguma insustentabilidade para a existência de um espaço físico unicamente destinado à exposição museológica. Mas este não pode deixar de existir, pois os testemunhos do passado são muito importantes numa sociedade, por vezes até mais do que se espera.

Esta antiga fábrica de sabão abrigará, também, peças referentes à memória da época industrial na cidade de Braga, e ainda da marca que neste edifício nasceu: a Confiança.

Desta forma, o espaço museológico proposto neste projecto, apesar de não ter um espaço físico exclusivo limitado, tem a possibilidade de todo o edifício ter a componente de museu. As peças serão distribuídas, de forma lógica e organizada, por todo o edifício, com a intenção de que estas peças possam ainda permitir uma ajuda na identificação dos espaços. (“A minha sala é ao lado da máquina X”).

Esta leitura de museu surge como uma forma de melhor aproveitamento do espaço e contribuirá de forma positiva para o dinamismo e interactividade que o programa deste edifício procura.

- Restaurante / Café / Bar

No seguimento do ponto anterior, acerca do museu, este espaço surge como um dos espaços com maior propensão à recepção de peças do museu. Além disso, de todo o edifício, este é o espaço que mais suscita a memória da fábrica de sabão que ali existiu. Era neste espaço que era feito o sabão. São testemunha disso os bidões que lá se encontram, e que continuarão a existir na reconversão deste espaço.

No entanto, onde em tempos cheirou a sabão, terá agora o aroma de comida.

A ocupar cerca de metade do edifício da antiga fábrica, surge um espaço dedicado à restauração, a café e bar.

A intenção é que este espaço tenha a possibilidade de se adaptar e funcionar 24horas. Desde a pizzaria onde se vai para um almoço ou um jantar saboroso, a um café para os intervalos do trabalho, o local que os estudantes da universidade escolhem para estudar, ler um livro, fazer um trabalho de grupo. Este espaço revela-se ainda como o local perfeito para apresentar um livro, um desfile de moda, um concerto, uma noite de poesia, e até mesmo ser o palco de exposições temporárias, ou qualquer outro evento social.

Pode ser o local ideal para realizar uma festa, ou até transformar-se, por vezes, em discoteca.

O dinamismo e a interacção revelam-se uma vez mais como os principais factores caracterizadores.

- Comércio

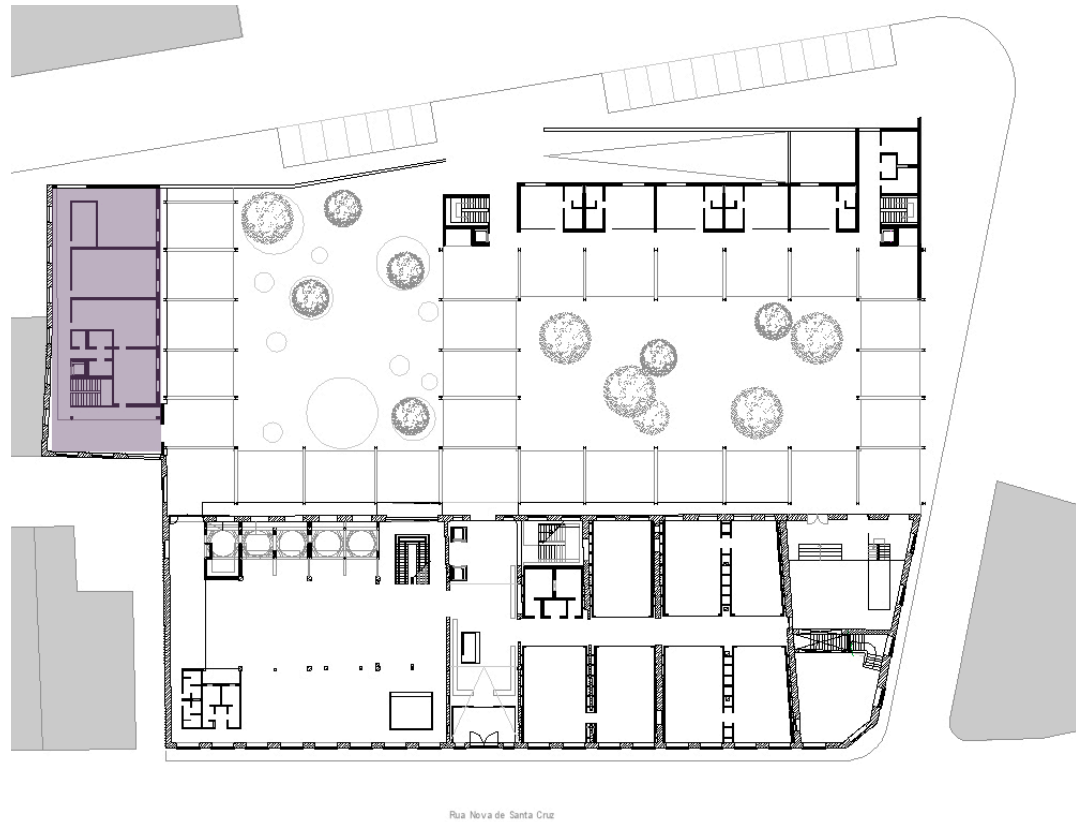
A dinâmica que os locais comerciais fornecem à envolvente em que se inserem, torna inevitável a existência destes espaços nesta proposta. Por um lado, relacionado com os conceito que envolvem o trabalho: criatividade, partilha, produção, interacção. O comércio surge aqui como uma forma de atrair o público a visitar, a sentir curiosidade e, ao mesmo tempo, ter oportunidade de levar uma parte “d’A Fábrica” consigo.

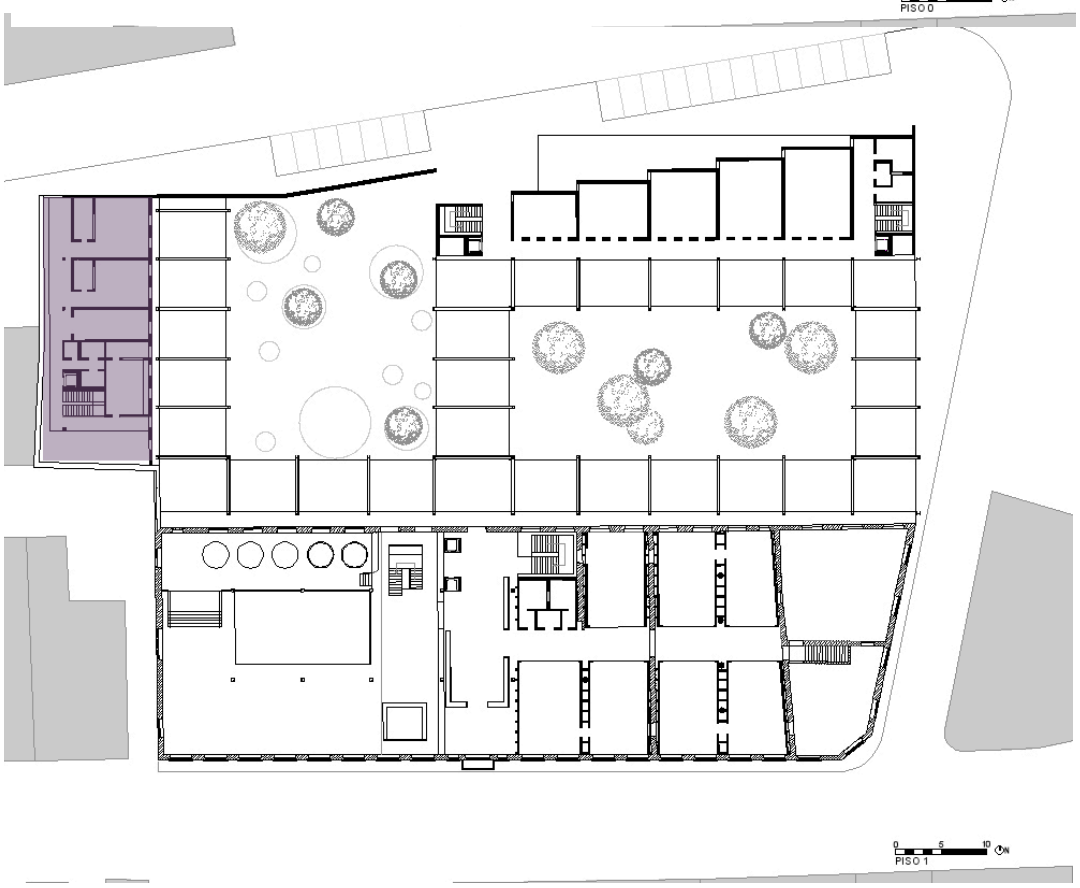
Num dos novos corpos que surgem, é proposto ao nível térreo uma área comercial, dividida em cinco lojas. Aqui, espera-se que tenham um carácter mais versátil de comércio, onde este possa coexistir com galerias de exposições temporárias ou que estejam, de alguma forma, relacionadas com a temática que a fábrica abrigará.

É proposta, ainda, uma loja no corpo do edifício preexistente, sendo esta associada aos artigos da Confiança, tanto como forma expositiva, como de venda.

Associada a esta loja surge, num segundo piso, uma pequena sala de chá.

5.2.2.4. Universidade





Relativamente a este ponto, apesar de apenas ser enumerada a referência a um local para receber a Rádio Universitária do Minho, é importante perceber que toda a proposta surge, sempre com o público universitário como o principal interessado. Os diversos espaços que surgem nesta proposta, coexistem sempre com a proximidade ao edifício da Universidade do Minho. Serão, portanto, os alunos da universidade a quem mais interessará ter um espaço como este tão próximo.

Apesar de, ao nível programático, a proposta entregue em concurso ser bastante ambiciosa, aquando do desenvolvimento deste projecto, revelou-se incompatível a mesma introdução programática. Apesar de ser aliciante fazer um espaço para a associação de estudantes, a rádio, biblioteca e infantário, para responder ao equilíbrio programático e arquitectónico que quis conferir ao espaço, foi necessário optar por responder a menos programa. Assim, o terceiro corpo proposto em projecto, dedicado à Universidade, é o edifício da Rádio Universitária do Minho.

6. CONCLUSÃO

No presente Projecto Final de Mestrado, propus-me desenvolver um projecto de reabilitação de um antigo edifício industrial. Construído em 1894, o antigo edifício da Saboaria e Perfumaria Confiança, na Rua Nova de Santa Cruz, em Braga, encontra-se desde 2005, devoluto. A participação num Concurso de Ideias para revitalizar essa mesma fábrica, e com o qual acabei por ver o trabalho premiado, despertou em mim o interesse neste exemplar da época industrial da minha cidade.

Apesar de não ter sido o único edifício industrial nesta cidade, aquando da época industrial, foi dos poucos que sobreviveu até aos nossos dias, e que a população bracarense se tem esforçado por preservar, por reconhecer o seu valor na história da cidade e da marca.

Agora que se pretende dotar o edifício de uma nova vida, decidi, através deste Projecto Final de Mestrado, contribuir com o meu estudo para a sua reabilitação.

É sugerido um programa dinâmico, que seja de todos e para todos. Um espaço onde todos os bracarenses queiram ir, queiram fazer parte, e do qual se orgulhem de ter. Um programa dinâmico capaz de suscitar o interesse na mais ampla variação de idades.
Principalmente, um espaço dedicado à produção, capaz de gerar postos de trabalho e, com isto, fixar população jovem à cidade.

A intervenção no edifício preexistente tem como objectivo principal dotá-lo de uma nova vida, sem que este perca a memória do seu passado. Uma intervenção que corresponde às necessidades dos dias de hoje, com a versatilidade capaz de este se poder transformar e adaptar no futuro. Uma intervenção que corresponda à dinâmica do tempo, onde o passado, o presente e o futuro coexistam.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7.1. Bibliografia

AA.VV., Actas e Comunicações do I Encontro Nacional Sobre o Património Industrial – vol. I e II. Coimbra: Coimbra Editora, Limitada, 1989

APPLETTON, João, Reabilitação de Edifícios Antigos Patologias e Tecnologias de Intervenção, Edições Orion, 2003

BARDI, Lina Bo. Lina Bo Bardi. Instituto Lina Bo e P.M.Bardi. Organizador: Marcelo Carvalho Ferraz. 1993. São Paulo.

BOLLNOW, O. Friedrich, Hombre y Espacio, Editorial Labor, S. A., Barcelona, 1969

CANTACUZINO, Sherban, Re/Architecture: Old Buildings, New Uses, Abbeville Press Publishers, Nova Iorque, 1989

CARTIER, Claudine – L'héritage industriel, un patrimoine. Besançon: CRDP de Franche-Comté, 2002

CHOAY, Françoise, Alegoria do Património, Edições 70, Lisboa, 2006

CUSTÓDIO, Jorge, Fábrica de Fiação e Tecidos de Algodão de Santo Amaro", Dicionário da História de Lisboa, Lisboa, 1994

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea - Academia das Ciências de Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001

DUARTE, Rui Barreiros, A Poética do Lugar, in Arquitectura e Vida, n.23, Janeiro 2002, p.44-49.

ECHAVARRIA, Pilar, Arquitectura Portátil – Envolventes Imprevisíveis, Linksbooks, Barcelona, 2008

FERNANDES, José Manuel, Arquitectura e Indústria em Portugal no Século XX, Ed. Secil, 2003

FIGUEIRA, Jorge; VAZ MILHEIRO, Ana "O fim da fábrica, o início da ruína" in VVAA, A Arquitectura da Indústria 1925-1965, Registo Docomomo Ibérico, Ordem dos Arquitectos, Ingoprint, S.A., 2000.

FLORES, Joaquim de Moura, Património – do Monumento ao Território", in Urbanidade e Património, Lisboa, URBE/IGAPHE, pp.10-17, 1998

FOLGADO, Deolinda

2001. "Paisagem Industrial. Utopia na salvaguarda patrimonial?", Margens e Confluências, no3 Dezembro, Escola Superior Artística do Porto, Guimarães, pp. 65-89

2002. “Inventário do Património Industrial da Covilhã. Um caso de estudo no âmbito da salvaguarda patrimonial”, Estudos, Património, no 3, IPPAR, Lisboa, pp. 115-123

2005. “O lugar da indústria no território”, A arquitectura da indústria, 1925-1965 Registo Docomomo Ibérico, Fundação DOCOMOMO Ibérico, Barcelona.

2008. “A caixa do frio artificial. A conformação de um lugar na Lisboa dos anos 40”, Museu do Oriente: de armazém frigorífico a espaço museológico, Fundação Oriente, Lisboa, 48-61

Fundação DOCOMOMO Ibérico, O lugar da indústria no território, A arquitectura da indústria, 1925-1965 Registo Docomomo Ibérico, Barcelona, 2005

GUIMARÃES, Carlos, A Arquitectura e Indústrias Modernas (1925-1965), em AA.VV., A Arquitectura da Indústria, 1925-1965, Registo Docomomo Ibérico, Edição Fundaçãi DOCOMOMO IBÉRICO, Lisboa, 2005

GRACIA, Francisco de, Construir en lo Construído, Madrid, Nerea, 1992

GRILLO, Paul Jacques, Form, Function and Design, Dove Publications, Inc., New York, 1960

HEIDEGGER, Martin, Construir, Habitar, Pensar [Bauen, Wohnen, Denken], In Martin Heidegger, Vortrage und Aufsatze. Pfullingen: Gunther Neske, 1954. (Tradução do original alemão por Carlos Botelho)

HOLL, Steven, Cuestiones de Percepción - Fenomenologia de la Arquitectura, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 2011

MARTIN, Marcelo (2001) Sobre el necesario vínculo entre el patrimonio y la sociedad: reflexiones críticas sobre la interpretación del patrimonio em Estudos património, no1. Lisboa: IPPAR

MEISS, Pierre Von, Elements of Architecture – From Form to Place, E & FN Spon Ed., London, 1990.

MENDES, José M. Amado, *A Arqueologia Industrial: Uma Nova Vertente de Conservação do Património Cultural*. in Seminário sobre Património e Desenvolvimento Regional, Coimbra,1990

MUNTAÑOLA, Josep, La Arquitectura como Lugar, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1974.

NORBERG-SCHULZ, Christian, Architecture: Presence, Language, Place, Ed. Skira, Milan, 2000. NORBERG-SCHULZ, Christian, Existencia, Espacio y Arquitectura, Ed. Blume, Barcelona, 1975. NORBERG-SCHULZ, Christian, Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture, Ed. Rizzoli, New York, 1984.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de, A Freguesia de S. Victor – Braga, Junta de Freguesia de São Victor, Braga, 2001

PALLASMAA, Juhani, Os Olhos da Pele – A Arquitectura dos Sentidos, bookman, Brasil, 2011

PIRES, Amílcar Gil, “O Entendimento Poético do Lugar como um Pequeno Cosmos, Inter-relação Cultura-Paisagem-Arquitectura”, in AR-Cadernos de Arquitectura, nº 7, Arquitectura e Cosmologia, Julho de 2010, pp. 8-11
PIRES, Amílcar Gil, “Carácter da Arquitectura e do Lugar”, in ARTiTEXTOS, nº 6, Julho de 2008, pp. 107-120

RIEGL, Alois, O Culto Moderno dos Monumentos, Paris, Ed. Du Seuil, 1992

ROTH, Leland M., Entender la Arquitectura, Sus Elementos, Historia e Significado, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1993.

SILVA, Elsa Peralta da. (2010). Património e identidade. Os desafios do turismo cultural

TÁVORA, Fernando, Da Organização do Espaço, edições do curso de arquitectura da e.s.b.a.p., 1982

TOMÉ, Miguel, Património e Restauro em Portugal (1920-1995), FAUP publicações, 2002

VENTURI, Robert. Complejidad y Contradición en la Arquitectura, Ed. Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1974,

VITERBO, Francisco de Sousa, Archeologia Industrial Portuguesa. Os moinhos in Arqueólogo Português vol II nº 8 e 9, 1896, Imprensa Nacional, Lisboa, 1896, pp. 193-204

ZUMTHOR, Peter, *Atmosferas*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 2009

7.2. Teses

CARVALHO, Gonçalo José Veloso Queirós de, A Reciclagem dos Usos Industriais e as Novas Tipologias de Actividades e Espaços de Cultura Caso de estudo: LX Factory, Tese de Mestrado em Arquitectura, Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009.

GUERREIRO, Ana Cristina dos Santos, Opaco, translúcido, transparente : arte e arquitectura contemporâneas entre o cristalino e o ambienta, Tese de Doutoramento em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2009. (Policopiado)

PIRES, Amílcar de Gil e, Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa, Tese de Doutoramento
em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2008. (Policopiado)

7.3. Referências World Wide Web

http://www.ticcih.org/

http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/itinerarios/industrial/

http://www.prorestauro.com/index.php?option=content&task=view&id=30&Itemid=54

http://www.lxfactory.com/PT/welcome/

http://www.fabricaasa.eu/

http://www.museudooriente.pt/

http://www.mataderomadrid.org/

http://www.sescsp.org.br/sesc/

http://europaconcorsi.com/albums/61126-Riuso-restauro-e-ristrutturazione

http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/08.030/3295?page=4http://upcultural.blogspot.pt/2011/10/sesc-pompeia.html

http://www.wikiarq.com/projetos/1228/sesc-pompeia/

http://www.lanferarquitetura.com/2011/04/sesc-pompeia-arq-lina-bo-bardi.html

http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897

http://www.revistabrasileiros.com.br/2013/05/16/a-poetica-de-de-um-espaco-coletivo/

http://vitruvius.com.br/jornal/news/read/1560

http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/subindex.cfm?Paramend=1&IDCategoria=7921

http://g1.globo.com/videos/sao-paulo/t/todos-os-videos/v/sesc-pompeia-ainda-preserva-estrutura-de-fabrica-antiga/2425159/

http://freepdfdb.com/pdf/lina-bo-bardi

http://freepdfdb.com/pdf/lina-bo-bardi-um-olhar-voltado-ao-patrimnio-71374598.html

http://www.mercadoarte.com.br/artigos/artistas/lina-bo-bardi/lina-bo-bardi/

http://guia.folha.uol.com.br/passeios/1238701-mostra-aberta-nesta-semana-recorda-os-30-anos-do-sesc-pompeia.shtml

8. ANEXOS

8.1. MEMÓRIA DESCRITIVA

O presente projecto refere-se a uma proposta de intervenção no edifício e respectivos terrenos da antiga fábrica da Saboaria e Perfumaria Confiança, localizado na Rua Nova de Santa Cruz, em Braga.

Aquilo que, em tempos, correspondeu a uma zona industrial, hoje apresenta-se como uma zona de grande proximidade ao centro, pertencendo a um ponto central na ligação entre o centro da cidade e a Universidade do Minho.

Construído aquando o nascimento da marca Confiança, em 1894, este edifício revela-se, hoje, uma das principais memórias de época industrial na cidade, e é motivo de orgulho de todos os bracarenses.

Tal como todos os edifícios de carácter fabril, também este sofreu alterações na sua forma e composição, provocada, principalmente, pela necessidade de responder a novas situações de produção.

Apesar de muitas das alterações já não estarem presentes e algumas partes do edifício já se apresentarem em muito mau estado, reconhece-se valor e grande capacidade de aproveitamento naquele que chamamos de edifício principal.

Apesar do seu carácter fabril, este edifício, de apenas dois pisos, apresenta uma imagem arquitectónica que o destaca e diferencia da restante envolvente, com um alçado principal caracterizado por uma grande sobriedade, simetria, ritmo e rigor de detalhe. Com cerca de 72m de comprimento, o seu alçado ocupa uma parte significativa da Rua Nova de Santa Cruz.

Em contrapartida, do lado oposto, apresenta um extenso terreno onde, de momento, se encontram dois edifícios em estado ruinoso e sem qualquer valor. Envolve estes corpos um terreno onde o abandono é visível.

Também este alçado, voltado a Norte, não apresenta qualquer valor arquitectónico, transparecendo um mero acaso proveniente de ordens funcionais da época fabril.

No interior ocorrem situações diversas. Por um lado portas em arco, e portões trabalhados que remetem a nossa memória, tal como as embalagens da Confiança, à *art nouveau* e *art déco*. Por outro lado, divisões, e adaptações de fraca qualidade espacial e material, tal como tectos falsos em esferovite, paredes acrescentadas e escadas improvisadas.

Com a reabilitação desta antiga fábrica, o novo programa proposto tira partido do conceito de fábrica, quando visto numa perspectiva de local de trabalho, produção.

Quer-se um edifício de carácter público, que todos possam usar. A sua proximidade ao campus de Gualtar da Universidade do Minho, tal como a juventude que caracteriza a cidade, foram os principais motivos para o desenvolvimento da proposta programática. Esta divide-se entre três eixos principais: trabalho, cultura e universidade.

Vocacionado para o público jovem, principalmente para aqueles que se encontram na passagem entre a vida académica e os primeiros passos enquanto profissionais.

A criação de espaços de trabalho num regime de espaço partilhado, o co-work, na conciliação com espaços de cultura e lazer, reúnem características atractivas e capazes de dinamizar o espaço. Esta conciliação com a cultura e com o lazer, permitem ainda um alargamento do público alvo. A intenção da relação com a Universidade é óbvia, no entanto aposta-se em sediar a Rádio Universitária do Minho, numa perspectiva de esta também se envolver, fazer parte e ser interveniente no carácter dinâmico de toda a proposta.

É mantido o edifício principal e ainda as paredes que mantêm o seguimento das fachadas deste edifício e delimitam o terreno a oeste.

Surge então, para complementar o edifício principal da antiga fábrica, mais dois blocos edificados. Um a norte e outro a oeste, sendo que este tira partido das paredes aí preexistentes.

A introdução de uma galeria coberta entre os três edifícios, junto com uma pele que cobre as três fachadas que envolvem o espaço exterior, além de permitir a ligação e

conexão entre eles, vai ainda permitir uma melhor leitura de continuidade e de relação interior/exterior, sendo o interior o terreno correspondente à nova intervenção. Esta galeria, ao atravessar o terreno e dividi-lo em dois, vai ainda permitir que sejam diferenciados dois espaços públicos exteriores, permitindo uma maior valência na apropriação dos espaços. A cobertura dessa mesma galeria, proveniente do nível da cota do piso superior do edifício preexistente, revela-se como cota fixa para toda a intervenção.

O ritmo imposto pela estrutura do edifício, que se revela na sua cobertura, junto com o ritmo das fachadas, criaram eixos que se prolongam e marcam toda a intervenção.

Também a cércea do edifício preexistente é respeitada, permitindo dois pisos, no entanto de pés direito generosos, acima da cota de soleira em todos os edifícios.

Pretende-se que toda a intervenção se distinga das preexistências, de forma a tornar perceptível para todos, o que pertence ao passado e o que pertence ao presente. Esta percepção, permite ainda que o edifício continue a ter a versatilidade que tanto caracteriza os edifícios industriais. Numa época com tantas transformações e evoluções, é importante que a arquitectura não limite as opções. Dessa forma, esta intervenção é feita com vista num futuro próximo e permitindo que este continue a ser usado, adaptado e readaptado, conforme cada tempo e, mantendo a identidade industrial do edifício.

É introduzido o conceito de caixa, em que além de ter a função de "arrumar" o programa e fortalecer o ritmo criado pela cobertura, contribui ainda para a ideia de reversibilidade. Estas caixas são a resposta a um programa para o presente e para um futuro próximo, mas permite que a longo prazo, o edifício industrial continue a prevalecer e a sobrepor-se.

A alvenaria e o betão que caracterizam o preexistente, contrastam com materiais mais leves, acentuando também a ideia reversibilidade que a intervenção neste edifício traduz.

O corpo central, onde se localiza a principal entrada, pela Rua Nova de Santa Cruz, continua a ser o principal corpo distribuidor, onde se localizam as principais entradas e os acessos verticais. No entanto, com esta intervenção, espera-se que o momento marcado pela entrada principal seja transferido para o alçado Norte, uma vez que, passa a ser este acesso o que tem melhor relação com o exterior, o jardim e a praça, com o estacionamento e com os outros edifícios propostos.

O edifício preexistente, é composto por 14 espaços de trabalho, entre os quais a área administrativa do edifício, salas de reunião, salas de workshops e salas de trabalho partilhado, o chamado cowork.

Numa área equivalente, apresenta um grande espaço de bar e restauração. É esperado que este seja um dos grandes elementos agregadores e atractivos do conjunto. Caracteriza-se também pela grande versatilidade que a sua volumetria permite.

Existe ainda, no corpo preexistente, um espaço destinado ao comércio, sendo este mais orientado para a venda e exposição de produtos da marca Confiança. Associada a esta loja, surge uma pequena sala de chá, num ambiente mais controlado e intimista.

Estes três espaços distintos de trabalho, restauração e comércio, apesar de se concentrarem no interior do mesmo edifício, estão todos capacitados de funcionar individualmente. Os acessos ao exterior são distintos, e todos se relacionam directamente com a galeria exterior coberta.

O edifício proposto a Norte é uma continuação do programa do edifício fabril. No piso que se relaciona com a galeria coberta e com o jardim são propostas lojas de carácter start up. Este tipo de loja permite uma maior criatividade, dinamismo e rotatividade, mantendo o utilizador do espaço sempre atento. No piso superior, encontram-se espaços de trabalho, mas agora voltados não para a evolução profissional individual, mas para o crescimento de empresas. Esperam-se empresas em fase embrionária, com capacidade para crescer.

O edifício a Oeste, destina-se à Rádio Universitária do Minho. Espera-se, com isto, que a rádio possa, também ela, cooperar com todo o conceito proposto. Uma forma de criar a ponte entre o que acontece n'A Fábrica com a cidade. Uma forma de dar projecção a todos os utilizadores e a tudo o que acontece, criando a curiosidade em quem ouve a rádio.

É importante referir que, todo a área de intervenção é vista como espaço de museu e exposição, que albergará peças referentes à época industrial em Braga, bem como ao espólio da Confiança e diversas exposições de carácter temporário que se esperam num edifício onde dinamismo e trabalho são palavras-chave.

Quadro Sinóptico

Área do terreno de intervenção: 7.126,28 m^2

Área de implantação:

- Do edifício preexistente: 2.100,21 m^2
- Do corpo a Oeste: 396,28 m^2
- Do corpo a Norte: 565,66 m^2

Área impermeabilizada:

- Galeria coberta: 1.342,94 m^2
- Praça: 659,02 m^2

Área bruta de construção total: 8.420,56 m^2

Área de Construção por pisos:

- Piso -1: 2.296,28 m^2
- Piso 0: 3.062,14 m^2
- Piso 1: 2.951,43 m^2

Volumetria Brutal total: 40.633,73 m^3

Cércea máxima: 11,02 m (2 pisos)

Nº de pisos acima da cota de soleira: 2

Nº de pisos abaixo da cota de soleira: 1

Estimativa de custos:

	Área (m^2)	**Preço Estimado (€/m^2)**	**Valor total (€)**
Piso -1	2.296,28	500	1.148,140
Edifício Preexistente			
Piso 0	2.100,21	700	1.470,147
Piso 1	2.049,21	700	1.434,447
Edifício a Oeste			
Piso 0	396,27	600	237,762
Piso 1	336,56	600	201,936
Edifício a Norte			
Piso 0	565,66	600	339,396
Piso 1	565,66	600	339,396
Exterior	2.001,96	70	140.137,2
Pavimentado			
Jardim	653,67	30	196.101,0
			5.171,224

Materiais

O sistema estrutural adoptado em toda a construção é de alvenaria com estrutura de betão armada composta por pilares, vigas e lages aligeiradas.
Ao nível das materialidades, estas são escolhidas de forma a enfatizar a diferença entre as preexistências e a nova intervenção.

Edifício Preexistente

Ao nível do edifício preexistente, devem ser mantidas apenas as paredes estabelecidas em projecto. Essas, devem ser reparadas e a estrutura deve ser reforçada.
Ao nível dos acabamentos, os elementos estruturais à vista devem manter a aparência do betão. Quanto às paredes, devem ser pintadas com reboco branco.
As caixas respectivas ao Trabalho, são envoltas por uma estrutura em ferro, de cor preta. O seu exterior é revestido com o material OSB (*"Oriented Strand Board"*). No interior, é utilizado linólio branco no seu pavimento e as paredes, são portas de armários em painel MDF pintado de branco. Ainda relativamente às caixas, o tecto é composto por um vidro fosco, que esconde os pontos de luz, tornando esta difusa.
As caixas referentes às instalações sanitárias e à área de restauração, são revestidas com chapa de alumínio compósito, sendo que diferem nas cores. Ainda assim, devem adoptar cores claras, a definir.
A chamada loja d'A Fábrica, é revestida também com OSB, deixando os textos e as paredes da sala de chá revestidas com reboco pintado a branco. O corpo referente à zona de arrumos e instalação sanitária da loja é revestida com chapa de alumínio compósito preto.

Edifício a Norte (incubadoras)

Também neste edifício o acabamento exterior é feito através do reboco pintado a branco.
Ao nível dos interiores, estes, para uma leitura de continuidade, são pavimentados com linólio branco e as paredes são revestidas a OSB.

Edifício a Oeste (rádio)

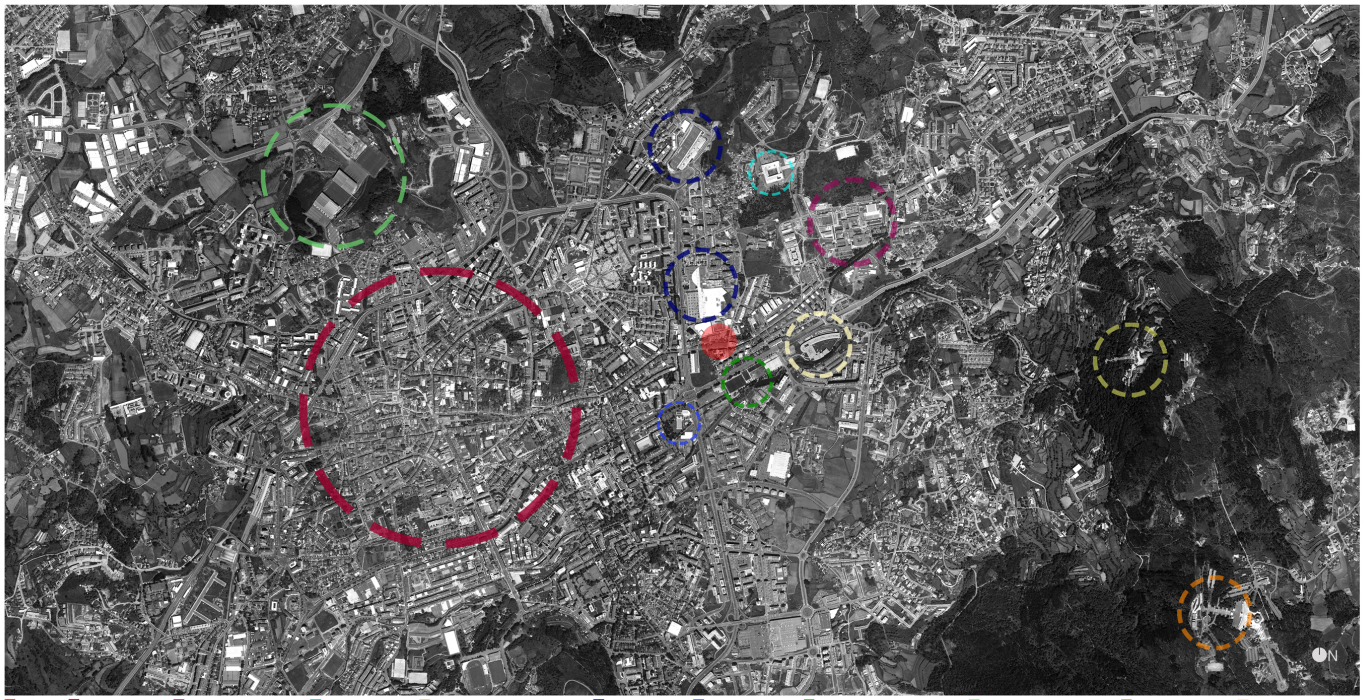
O acabamento exterior, tal como nos outros dois edifícios, segue a mesma intenção do reboco pintado a branco.

Devido à função do edifício, como rádio, exige acabamentos interiores de alta qualidade no que diz respeito ao isolamento acústico. Isto, acontece no caso das salas dedicadas a estúdios de produção, gravação e emissão. Todos os outros, o seu acabamento é feito através do reboco pintado a branco.

Os pavimentos são, nas zonas comuns em betão afagado. Os restantes espaços, numa leitura de oposição ao corpo das incubadores, são revestidos, ao nível do pavimento em soalho e as paredes em reboco pintado a branco.

Relativamente às coberturas, estas são, no caso dos três edifícios, em zinco.

ONDE

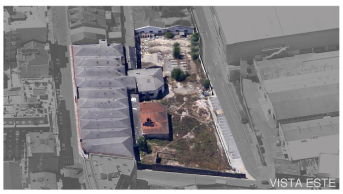


A FÁBRICA | CENTRO HISTÓRICO | UNIVVERSIDADE DO MINHO CAMPUS DE GUALTAR | HOSPITAL DE BRAGA | CENTRO IBÉRICO NANOTECNOLOGIA | ÁREA COMERCIAL | PISCINAS MUNICIPAIS | CAMPOS DE FUTEBOL MUNICIPAIS | ESTÁDIO MUNICIPAL DE BRAGA | BOM JESUS DO MONTE | SANTUÁRIO DO SAMEIRO











ONTEM E HOJE

Confiança

SABOARIA E PERFUMARIA CONFIANÇA, SA

EST. 1894

Braga







Antigas instalações da Fábrica Confiança em Braga
Nome: Confiança, Saboaria e Perfumaria
Período de funcionamento: entre 1894 e 2005
Fundadores: Silva Almeida e Santos Pereira

1910. São lançadas as primeiras marcas próprias com designs e fórmulas originais adaptadas.

1919. Extensão dos produtos comercializados: sabonetes perfumados, finos e transparentes, pó de arroz, águas de colónia, sabonetes medicinais e extractos extrafinos e óleos provenientes das então colónias Portuguesas.

1928. Fabricavam-se cerca de 150 marcas diferentes de produtos.

2005. A empresa é adquirida por uma capital de risco Portuguesa, devido à sua situação financeira debilitada. Torna-se a única empresa do sector que vê reconhecidos os seus métodos de produção e produtos.

1920. Atingia já todo o território nacional, incluindo Ilhas. A investigação e desenvolvimento culminaram no registo de patentes e processos de fabrico e formulações químicas.

1980. Começa o desenvolvimento de novos cosméticos, adaptando e criando fórmulas, que respondiam aos novos estilos de vida que os clientes da época (formas líquidas de gel de banho e champôs perfumados.

1910 - 1914. Forte período de expansão da Confiança, devido ao final da primeira Grande Guerra. Aperfeiçoamento técnico dos aspectos produtivos. Conquista de novos mercados. Ampliação das instalações fabris: tipografia e cartonagem.

As influências artísticas da Art Nouveau e da Art Déco que se fizeram sentir nos anos 20, estão ainda bem patentes nos produtos da Confiança, tanto nas suas características intrínsecas, como na embalagem. É uma arte de gerações, que só assim conserva a sua essência.

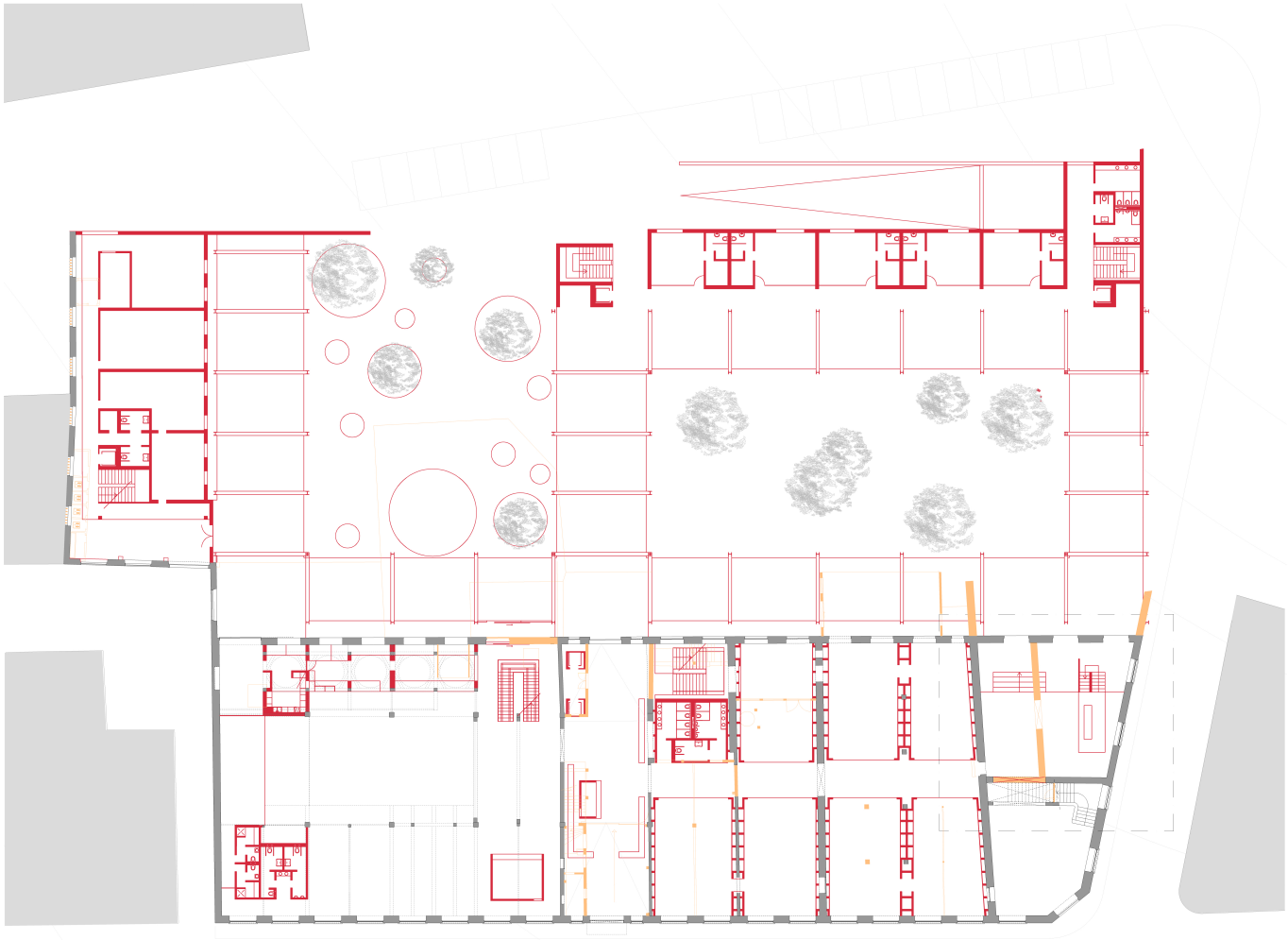


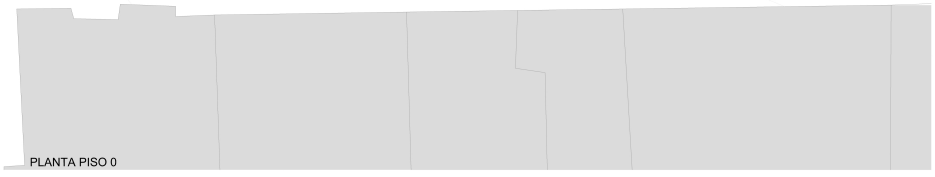




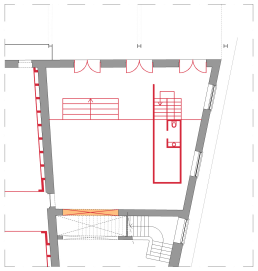


AMANHÃ A PROPOSTA





PLANTA PISO 0



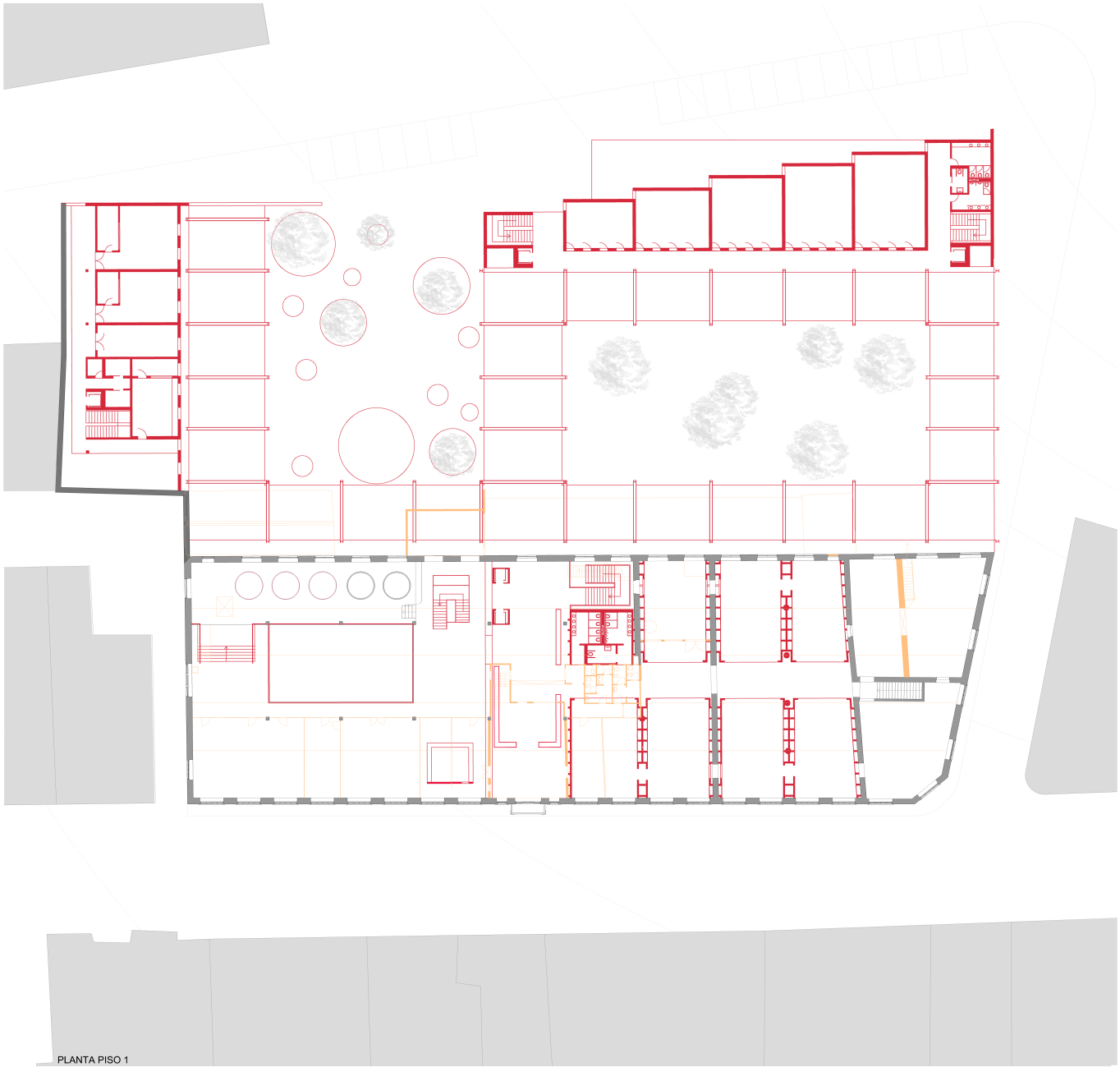
Construção a manter Construção a demolir Construção proposta

Escala 1/200 N

0 5 10

ANA MARGARIDA OLIVEIRA
PROJECTO FINAL DE MESTRADO
FACULDADE DE ARQUITECTURA - UL

AMANHÃ A PROPOSTA



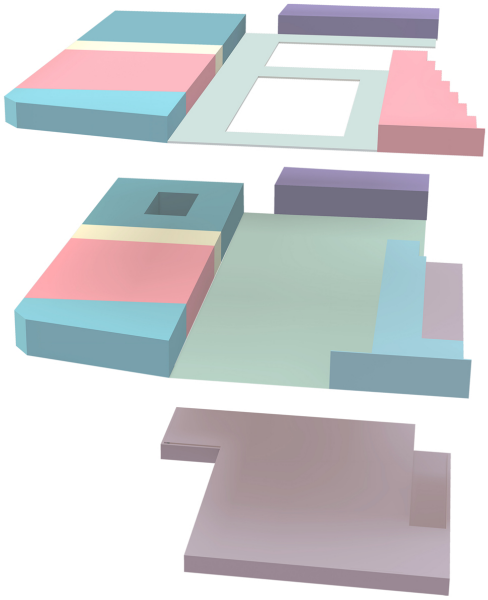
PLANTA PISO 1

Construção a manter Construção a demolir Construção proposta

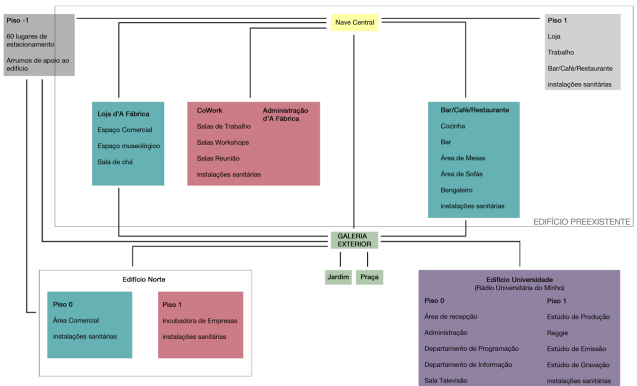
Escala 1/200 N

0 5 10

AMANHÃ O PROGRAMA

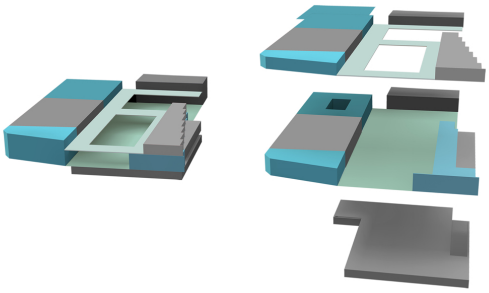


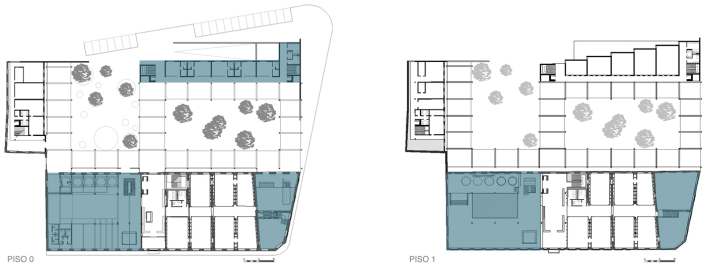




CORPO DE ENTRADA E DISTRIBUIÇÃO | COMÉRCIO / LAZER | TRABALHO | UNIVERSIDADE | ESTACIONAMENTO | GALERIA EXTERIOR COBERTA

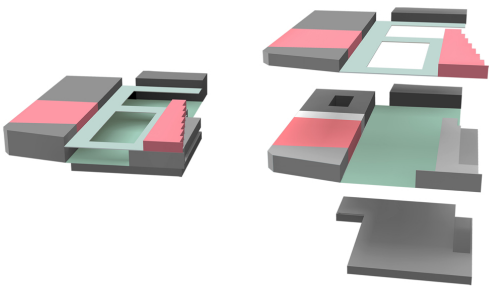
CULTURA E LAZER

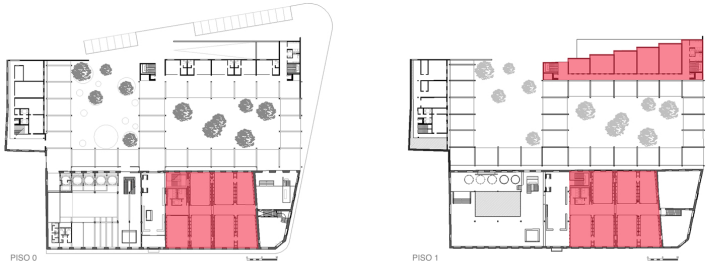




MUSEU . BAR/CAFÉ/RESTAURANTE . LOJAS START-UP . LOJA D'A FÁBRICA . SALA DE CHÁ

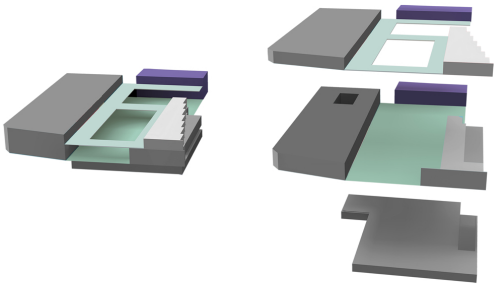
TRABALHO





COWORK . WORKSHOPS . REUNIÃO . INCUBADORA DE EMPRESAS

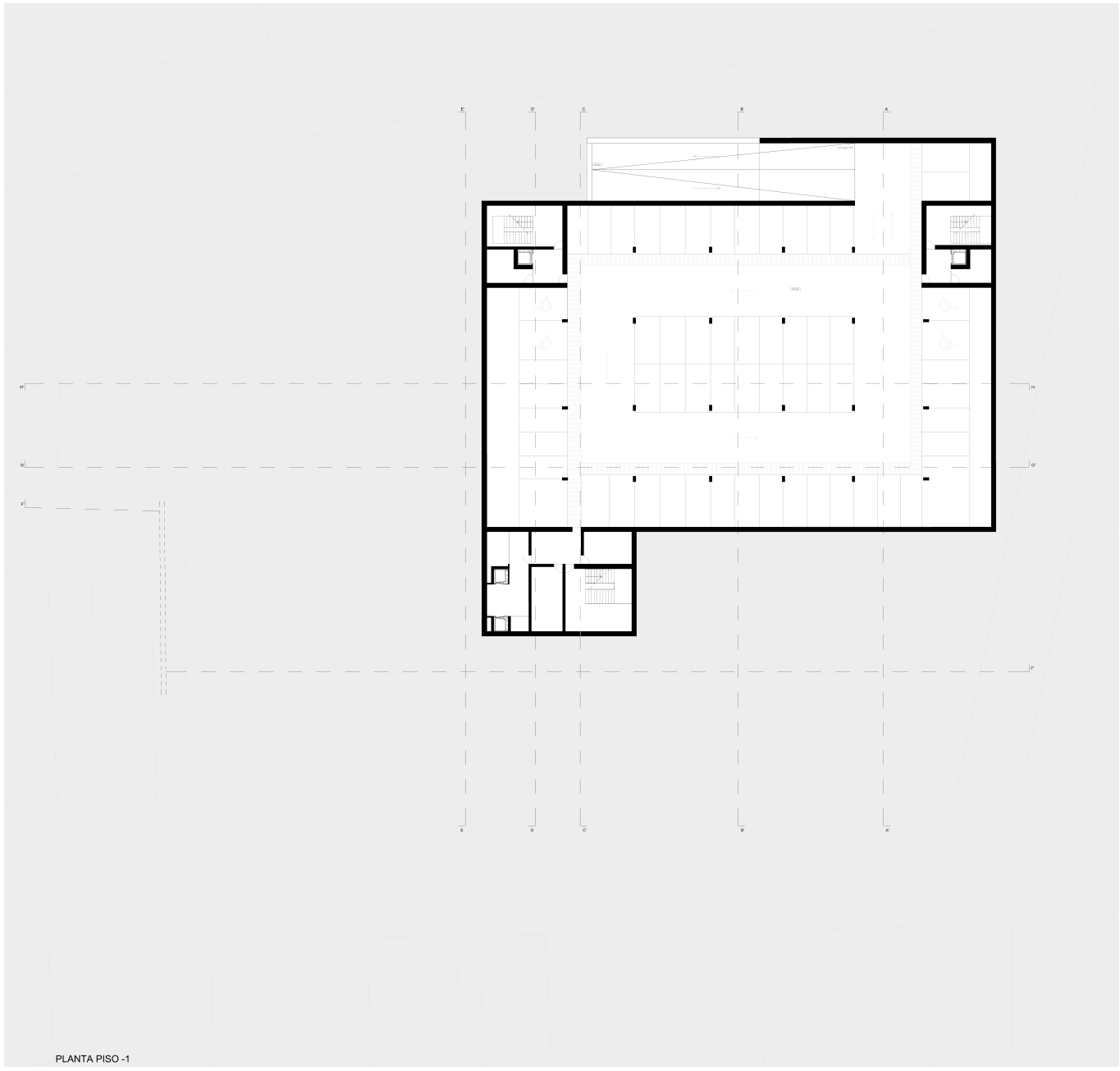
UNIVERSIDADE





RÁDIO UNIVERSITÁRIA DO MINHO

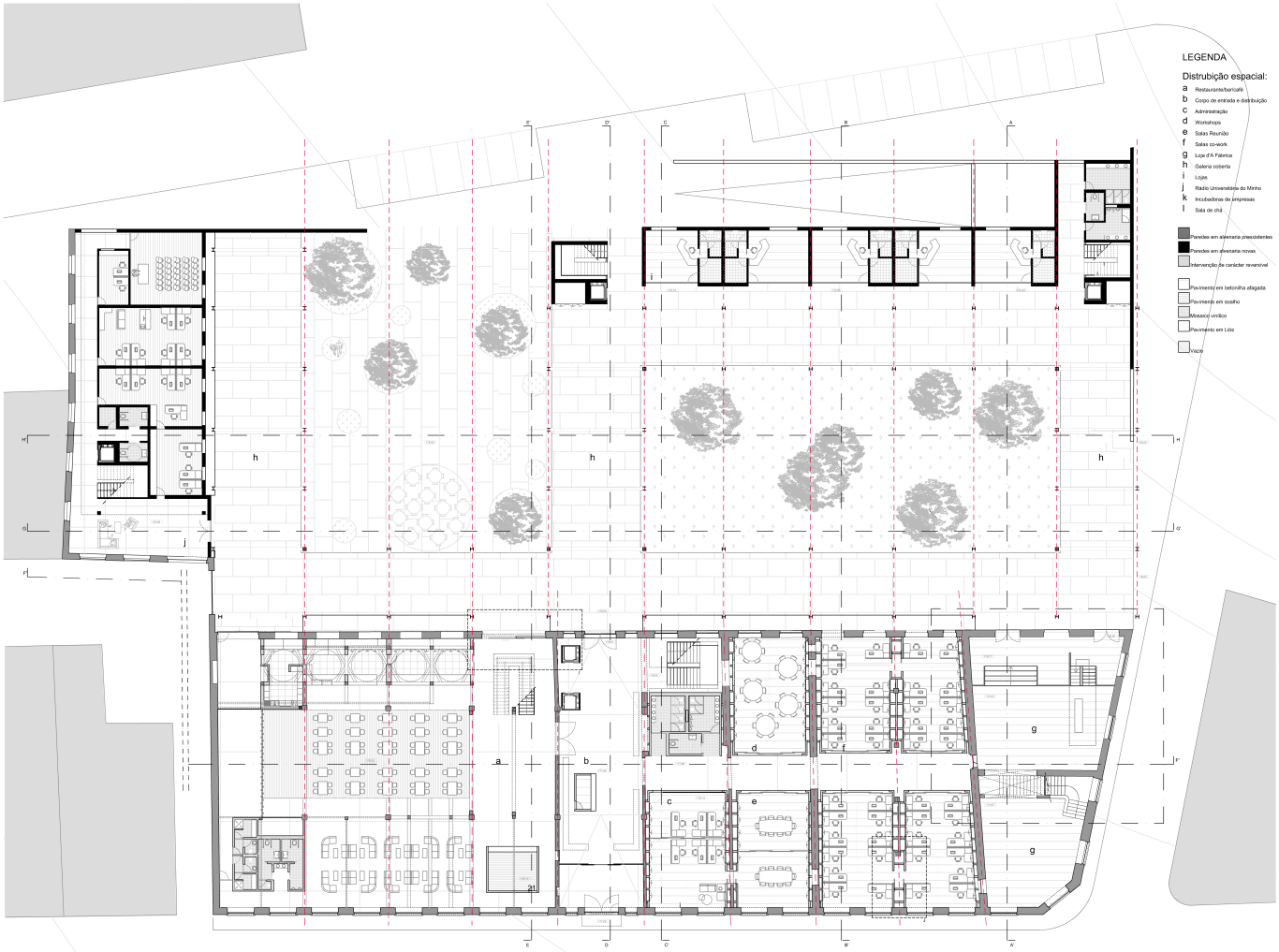
AMANHÃ O PROJECTO



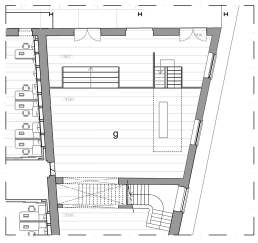
PLANTA PISO -1

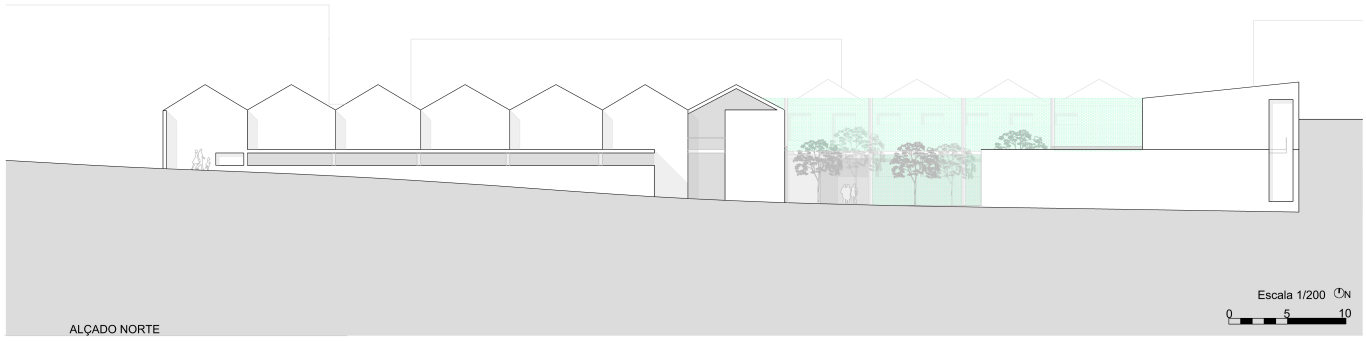


AMANHÃ O PROJECTO



PLANTA PISO 0



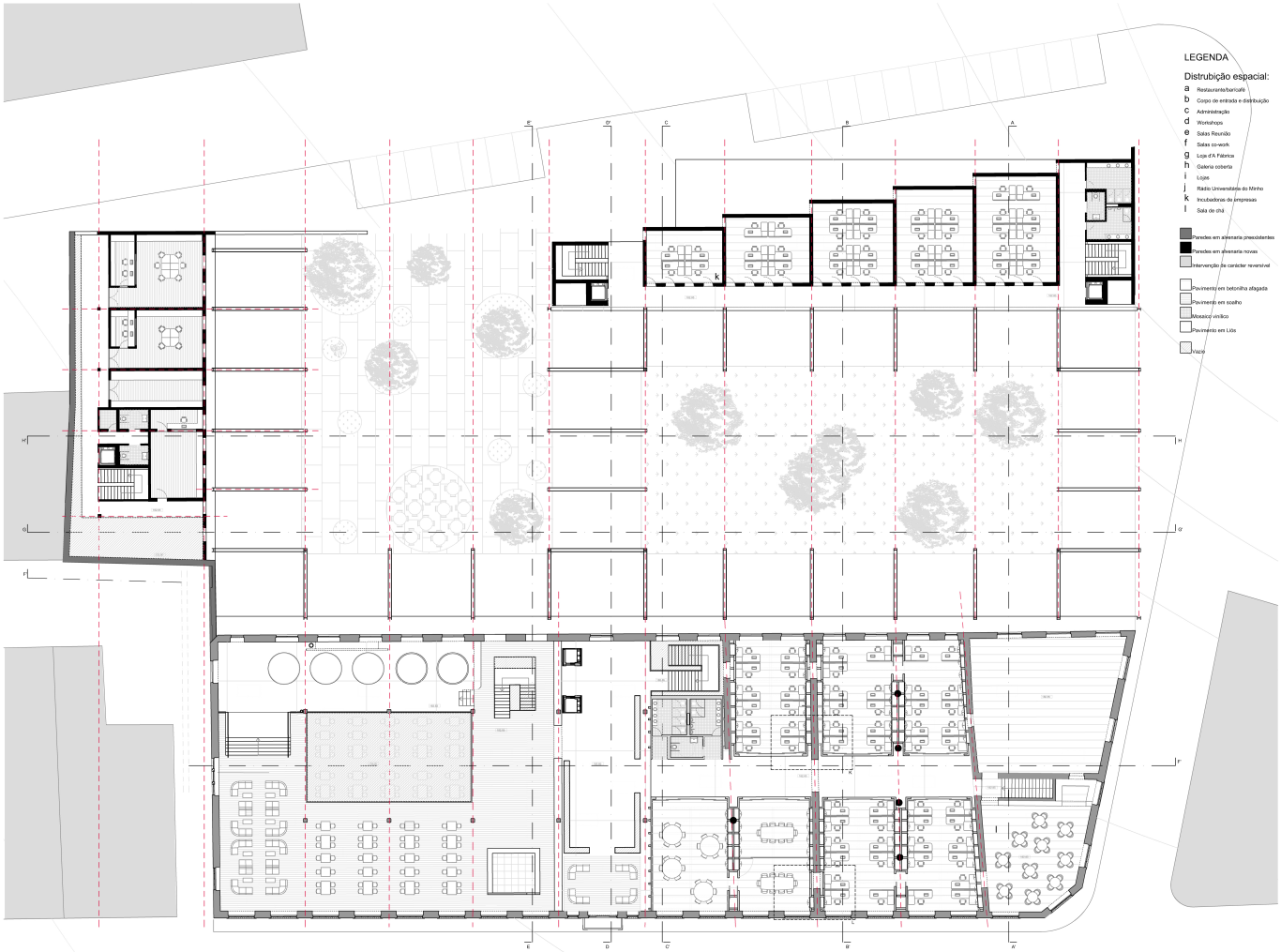


ALÇADO NORTE

Escala 1/200 N
0 5 10

ANA MARGARIDA OLIVEIRA 6787
PROJECTO FINAL DE MESTRADO
FACULDADE DE ARQUITECTURA - UL NOVEMBRO 2013

AMANHÃ O PROJECTO



PLANTA PISO 1



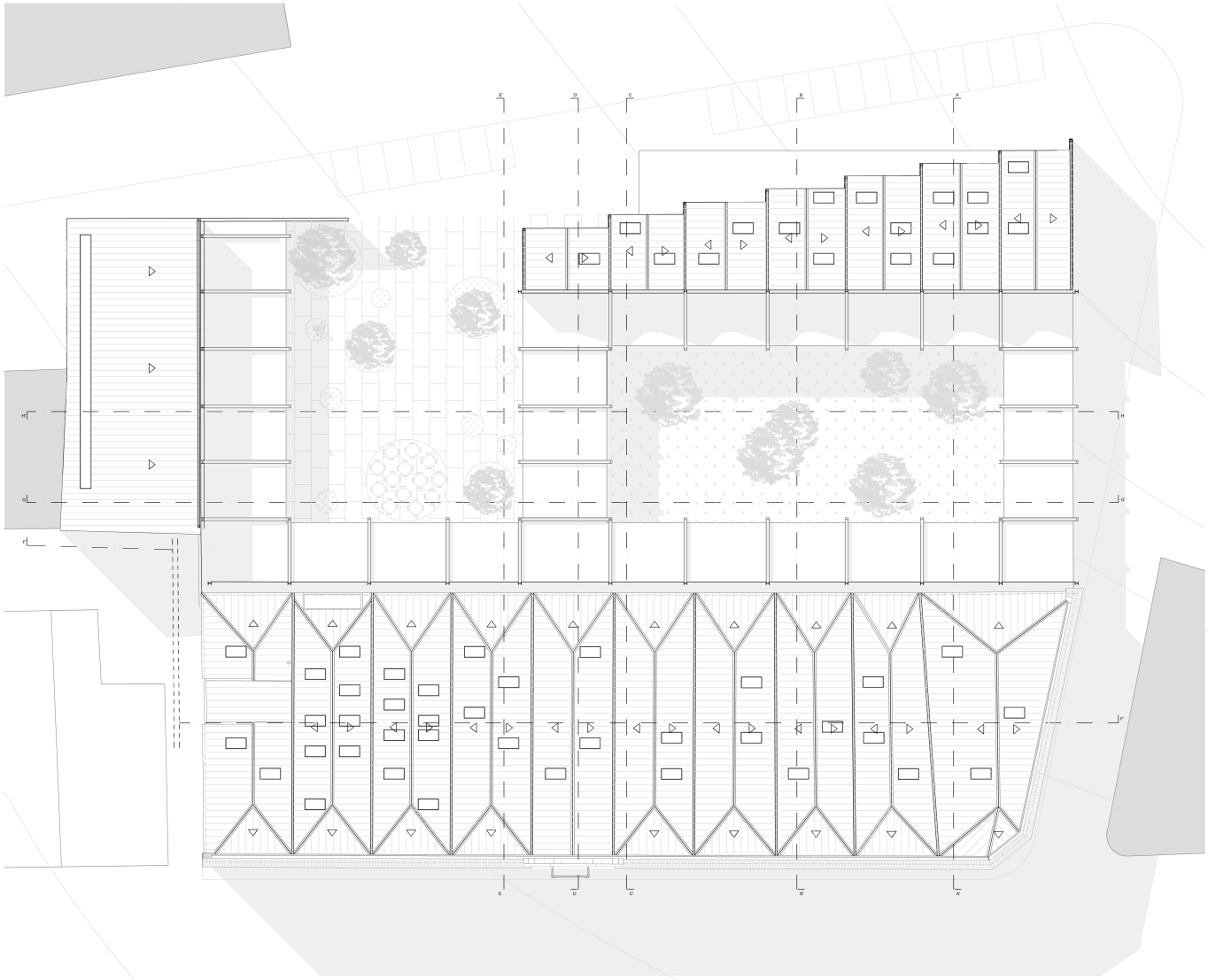
ALÇADO ESTE

Escala 1/200

0 5 10

ANA MARGARIDA OLIVEIRA 6787
PROJECTO FINAL DE MESTRADO
FACULDADE DE ARQUITECTURA - UL NOVEMBRO 2013

AMANHÃ O PROJECTO



PLANTA COBERTURA

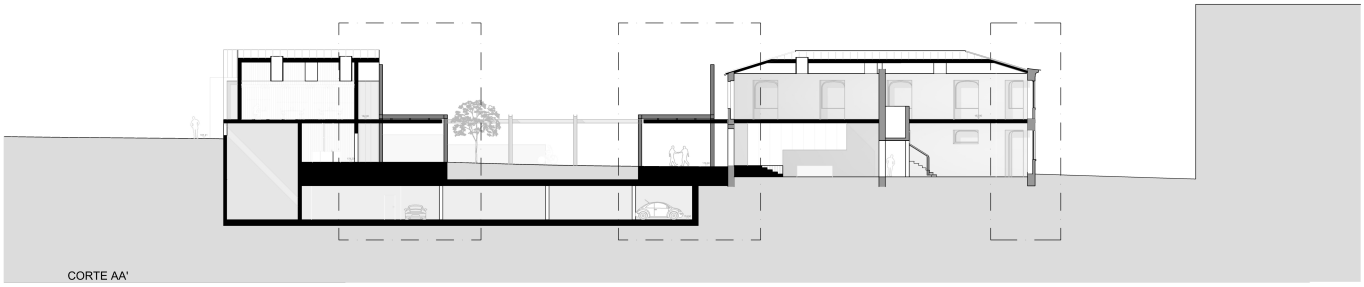


ALÇADO PRINCIPAL

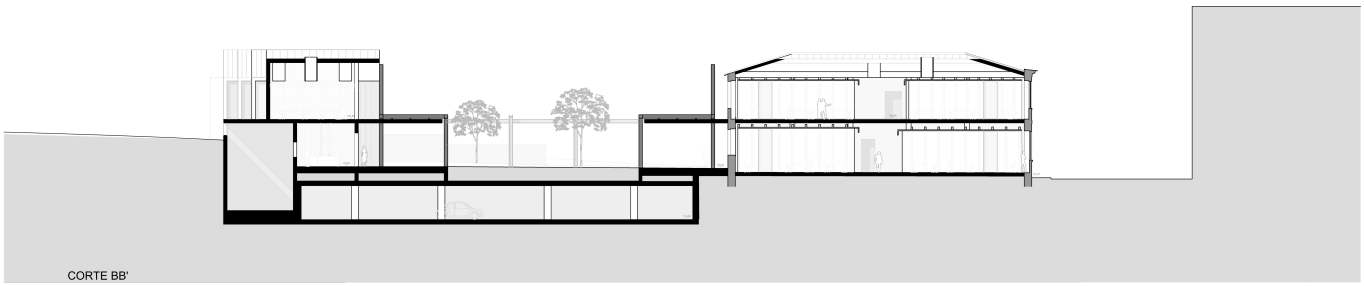
Escala 1/200 N

0 5 10

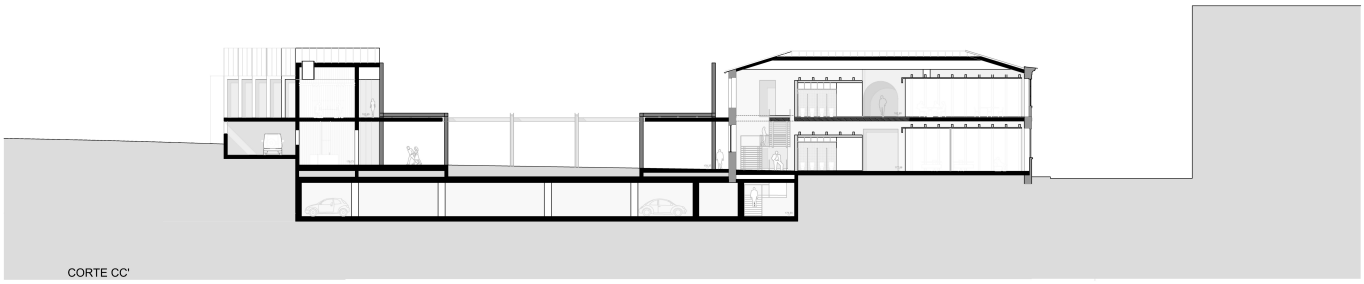
ANA MARGARIDA OLIVEIRA 6787
PROJECTO FINAL DE MESTRADO
FACULDADE DE ARQUITECTURA - UL NOVEMBRO 2013



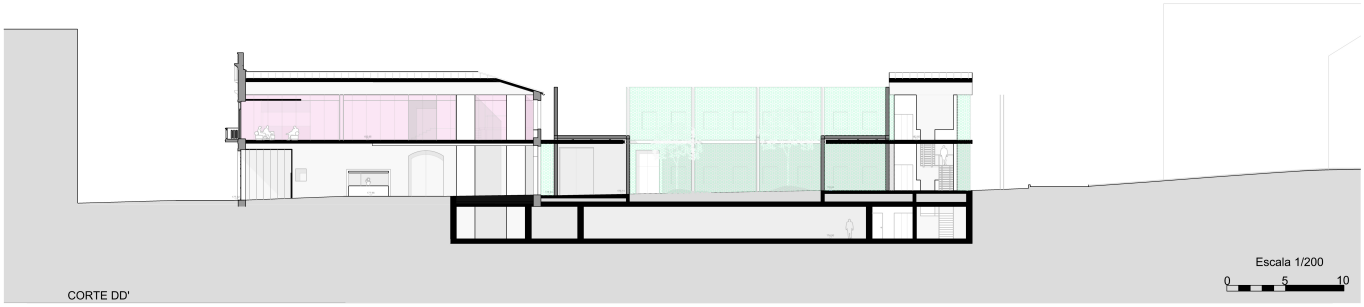
CORTE AA'



CORTE BB'

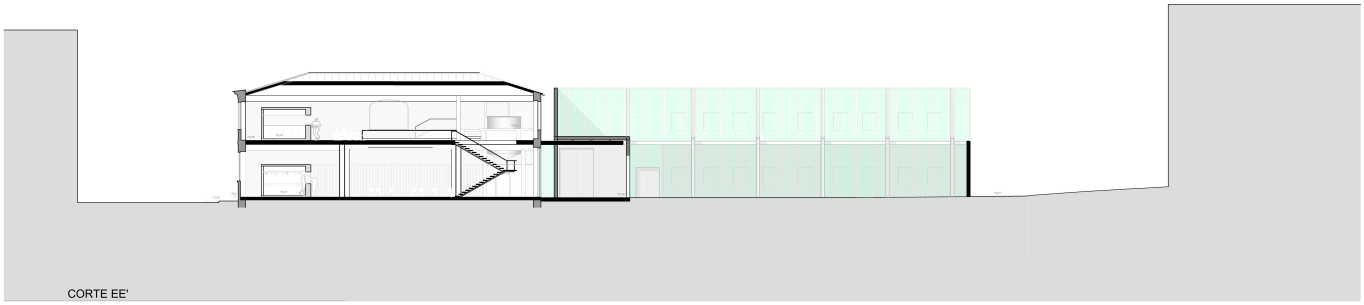


CORTE CC'

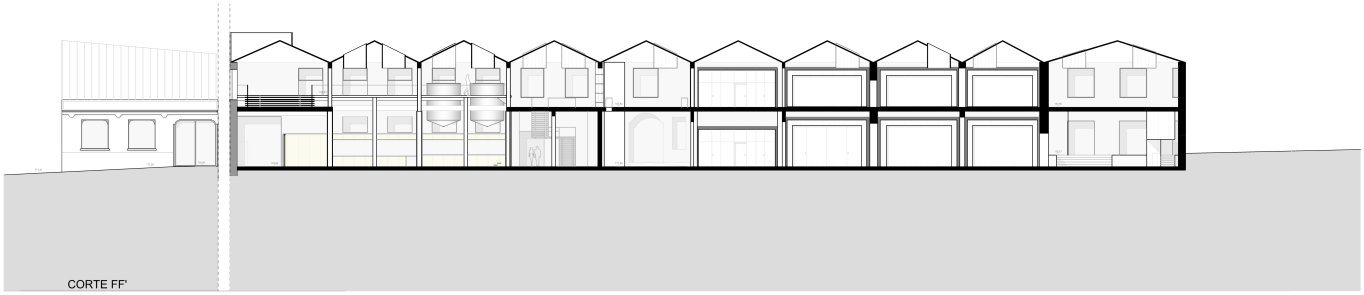


CORTE DD'

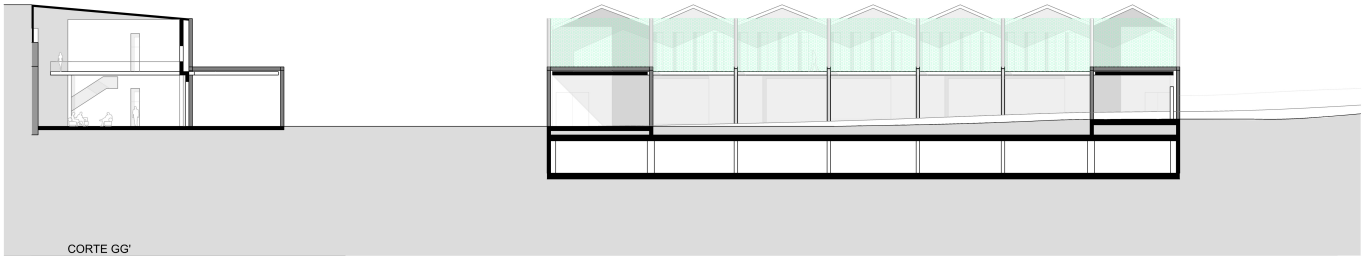
AMANHÃ O PROJECTO



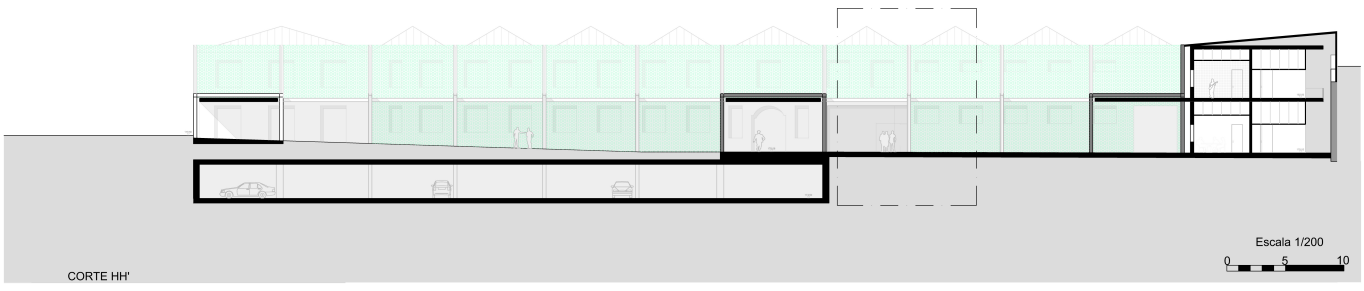
CORTE EE'



CORTE FF'



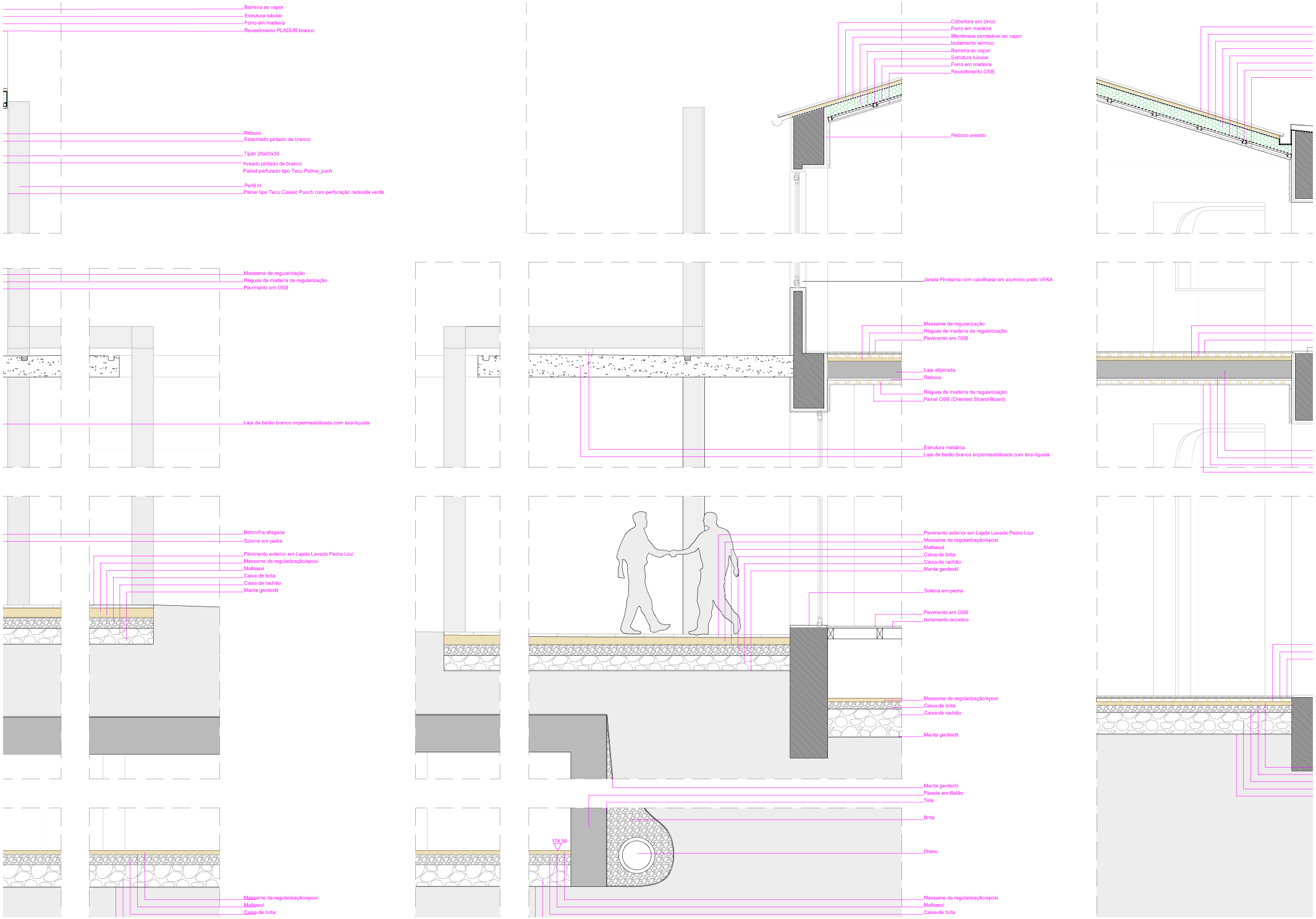
CORTE GG'

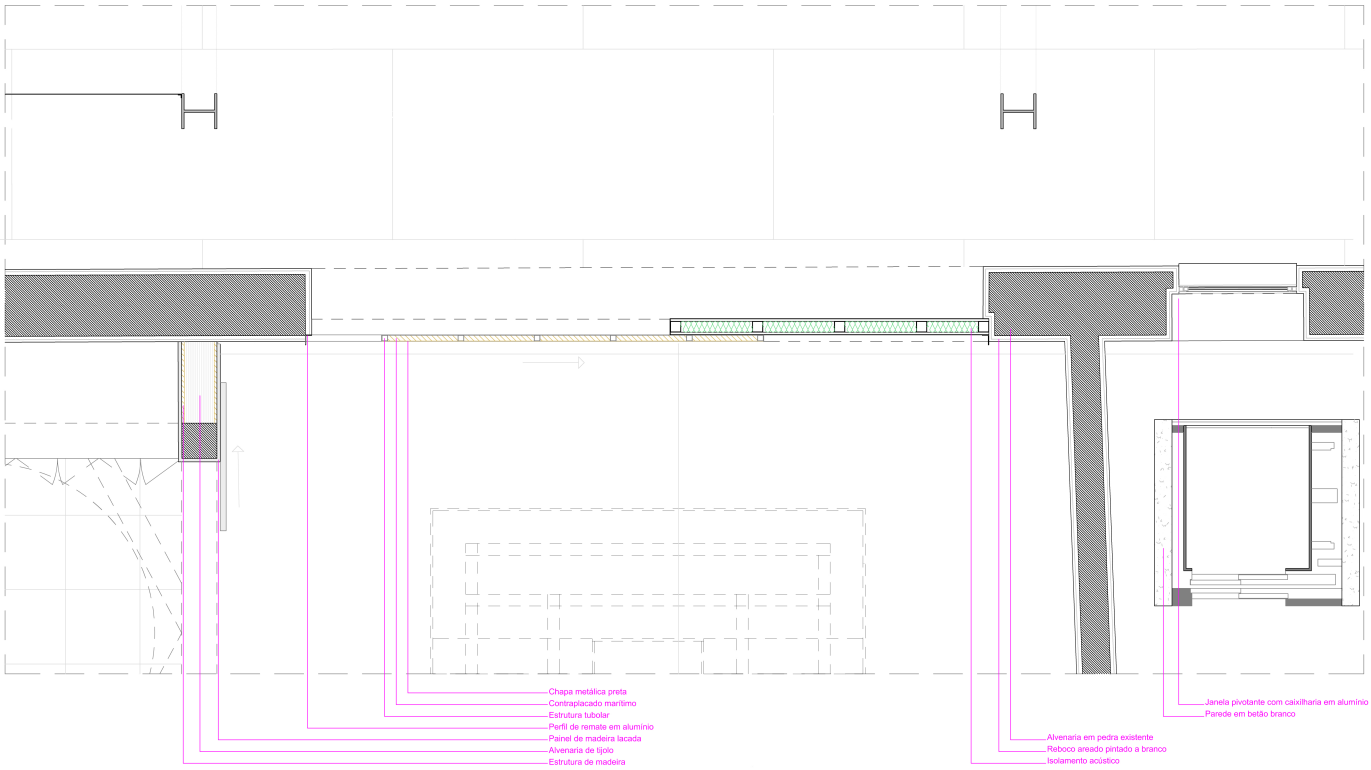


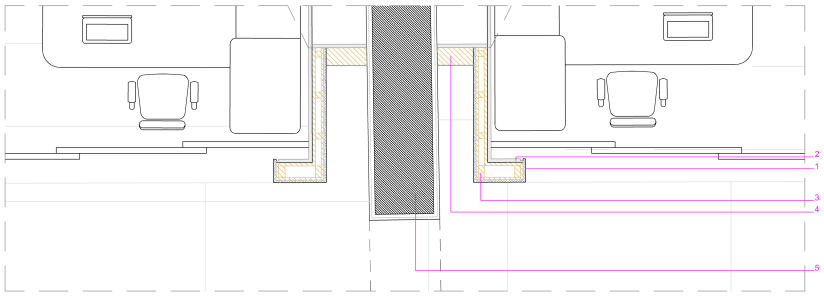
Escala 1/200

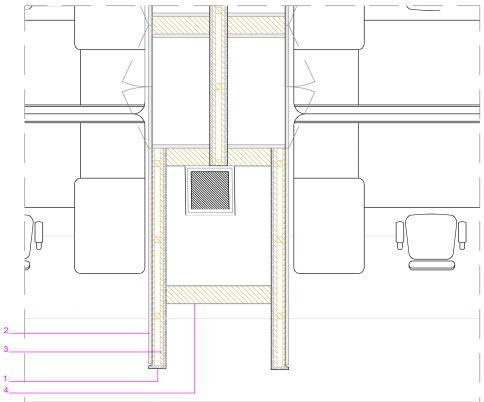
0 5 10

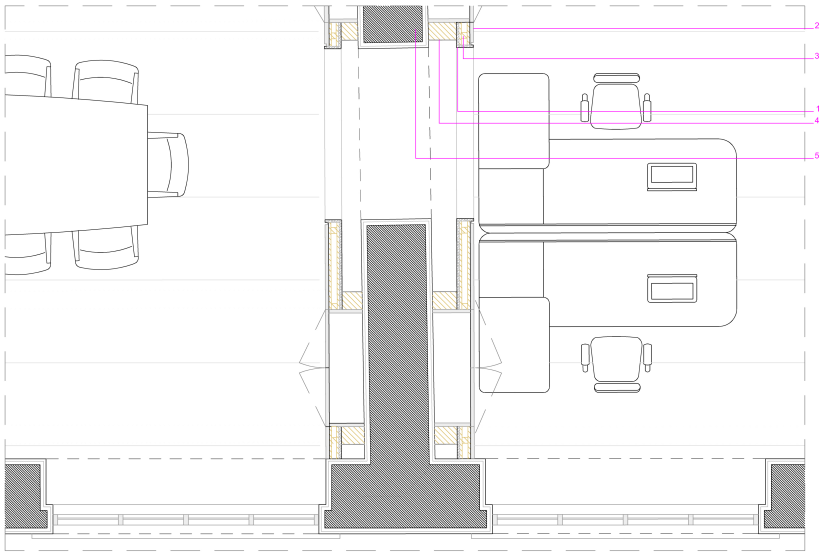
CORTE HH'

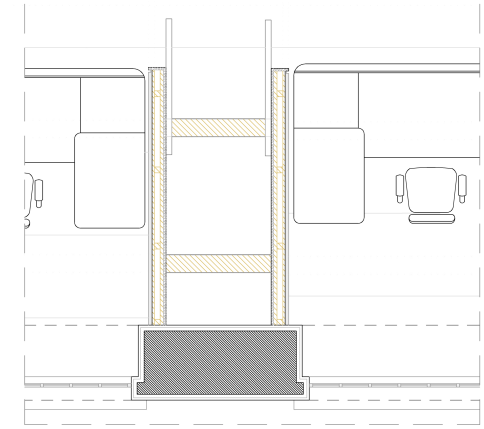

Barreira ao vapor
Estrutura tubolar
Forro em madeira
Revestimento PLADUR branco
Reboco
Estanhado pintado de branco
Tijolo 20x20x30
Areado pintado de branco
Painel perfurado tipo Tecu Patina_puch
Perfil H
Painel tipo Tecu Classic Punch com perfuração redonda verde
Cobertura em zinco
Forro em madeira
Membrana permeável ao vapor
Isolamento térmico
Barreira ao vapor
Estrutura tubolar
Forro em madeira
Revestimento OSB
Reboco areado
Massame de regularização
Réguas de madeira de regularização
Pavimento em OSB
Laje de betão branco impermeabilizada com tela líquida
Janela Pivotante com caixilharia em alumínio preto VEKA
Massame de regularização
Réguas de madeira de regularização
Pavimento em OSB
Laje alijeirada
Reboco
Réguas de madeira de regularização
Painel OSB (Oriented Strand Board)
Estrutura metálica
Laje de betão branco impermeabilizada com tela líquida
Betonilha afagada
Soleira em pedra
Pavimento exterior em Lajeta Lavada Pedra Lioz
Massame de regularização/epoxi
Malhasol
Caixa de brita
Caixa de rachão
Manta geotextil
Massame de regularização/epoxi
Malhasol
Caixa de brita
Pavimento exterior em Lajeta Lavada Pedra Lioz
Massame de regularização/epoxi
Malhasol
Caixa de brita
Caixa de rachão
Manta geotextil
Soleira em pedra
Pavimento em OSB
Isolamento acústico
Massame de regularização/epoxi
Caixa de brita
Caixa de rachão
Manta geotextil
Manta geotextil
Parede em Betão
Tela
Brita
174,50
Dreno
Massame de regularização/epoxi
Malhasol
Caixa de brita





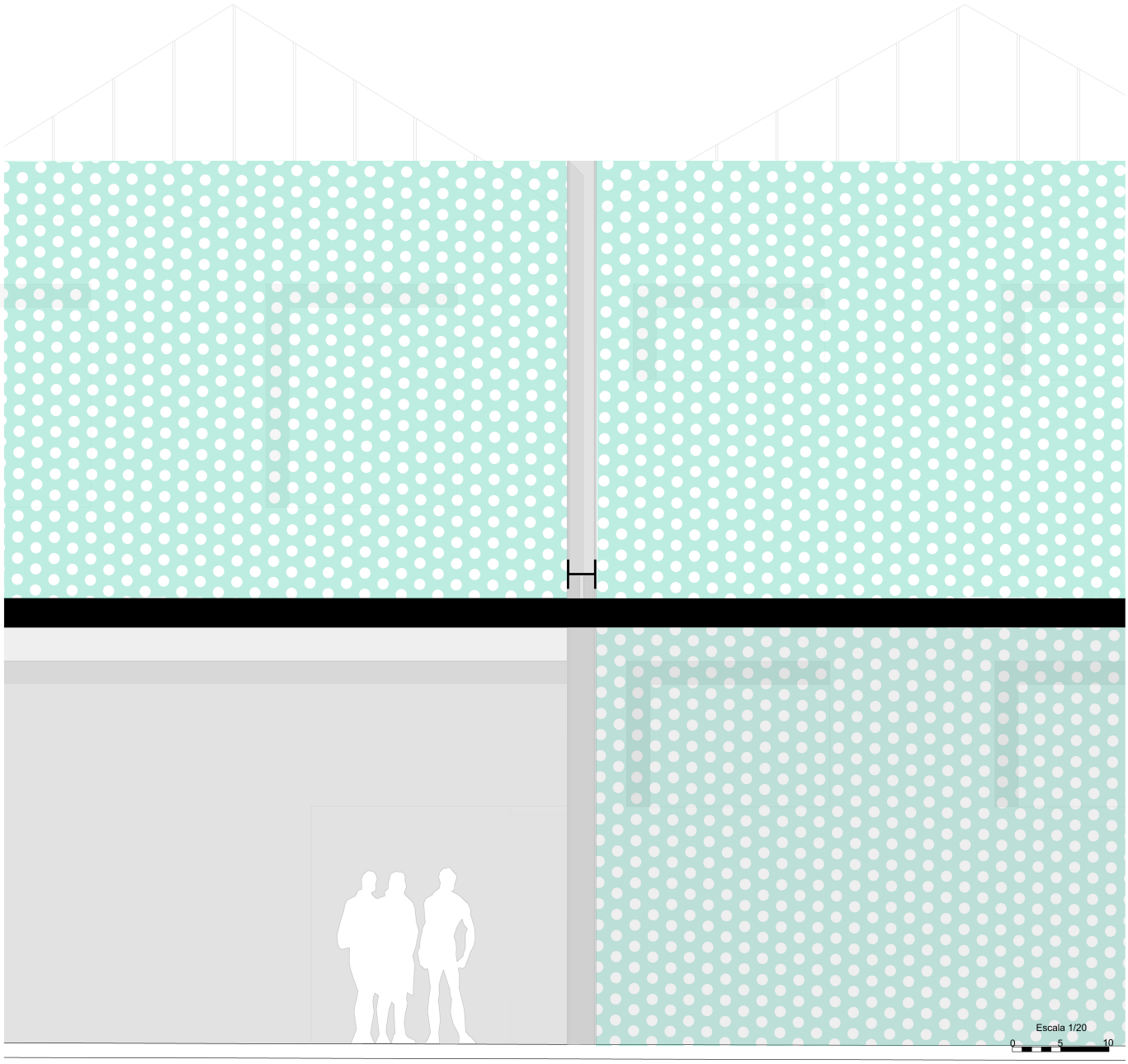




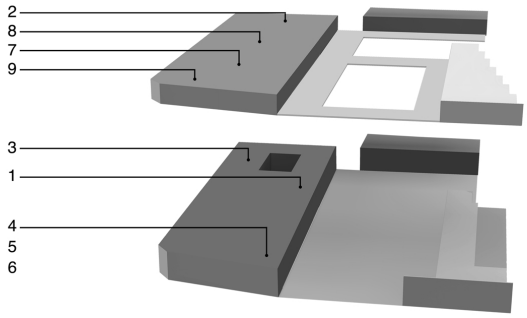


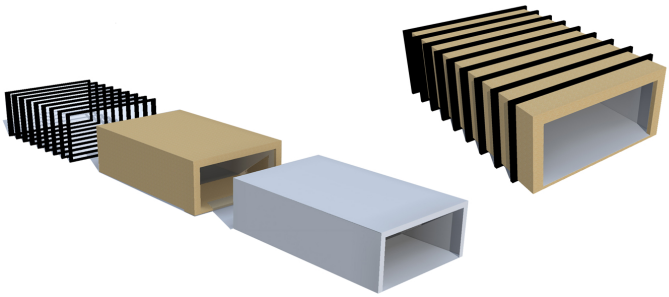
1 Painel OSB (Oriented Strand Board)
2 Painel de madeira lacado a branco
3 Estrutura de madeira
4 Estrutura de madeira lacada com chapa metálica preta
5 Parede preexistente com reboco branco

Escala 1/20
0 5 10


Escala 1/20
0
5
10

AMANHÃ O PROJECTO











A FÁBRICA

Cultura Inteligente

Ideias para um concurso

ANA MARGARIDA FERNANDES DE OLIVEIRA
914211366 _ margarida.fo@gmail.com

FILIPA ALEXANDRA DOS SANTOS REIS
924144621 _ santosreis.filipa@gmail.com

ONDE 01

ONTEM 02

HOJE 03

AMANHÃ 04
CULTURA INTELIGENTE 04
ASSOCIAÇÃO D'A FÁBRICA 05

CIRCULAÇÃO 06
PROGRAMA GERAL 07
NÚCLEOS 08

CULTURA 09
MUSEU 09
BIBLIOTECA/VIDEOTECA 10
CAFÉ D'A FÁBRICA 11
LOJA D'A FÁBRICA 12

COWORKING 13
ARTES 13
CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS 14
ESCRITÓRIOS 15

UNIVERSIDADE 16

Esta proposta foi desenvolvida no âmbito do Concurso de Ideas, iniciativa da Câmara Municipal de Braga, na sequência da aquisição em curso das instalações da antiga Fábrica Confiança, tendo em vista uma recuperação que enriqueça o seu Programa Funcional.


N

ONTEM



Antigas instalações da Fábrica Confiança em Braga
Nome: Confiança, Saboaria e Perfumaria
Período de funcionamento: entre 1894 e 2005
Fundadores: Silva Almeida e Santos Pereira

1910. São lançadas as primeiras marcas próprias com designs e fórmulas originais adaptadas.

1919. Extensão dos produtos comercializados: sabonetes perfumados, finos e transparentes, pó de arroz, águas de colónia, sabonetes medicinais e extractos extrafinos e óleos provenientes das então colónias Portuguesas.

1928. Fabricavam-se cerca de 150 marcas diferentes de produtos.

2005. A empresa é adquirida por uma capital de risco Portuguesa, devido à sua situação financeira debilitada. Torna-se a única empresa do sector que vê reconhecidos os seus métodos de produção e produtos.

1920. Atingia já todo o território nacional, incluindo ilhas. A investigação e desenvolvimento culminaram no registo de patentes e processos de fabrico e formulações químicas.

1980. Começa o desenvolvimento de novos cosméticos, adaptando e criando fórmulas, que respondiam aos novos estilos de vida que os clientes da época (formas líquidas de gel de banho e champôs perfumados.

1910 - 1914. Forte período de expansão da Confiança, devido ao final da primeira Grande Guerra. Aperfeiçoamento técnico dos aspectos produtivos. Conquista de novos mercados. Ampliação das instalações fabris: tipografia e cartonagem.

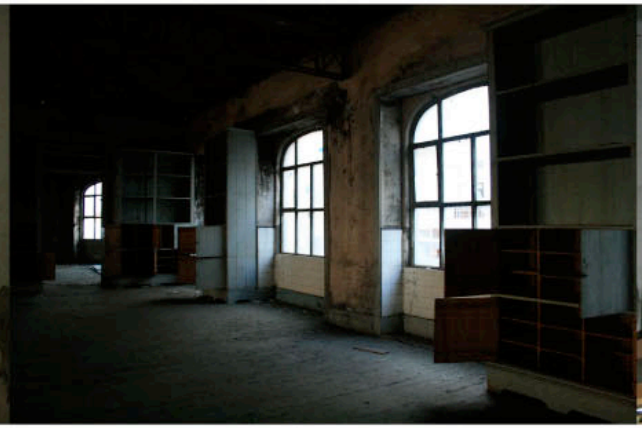
As influências artísticas da Art Nouveau e da Art Déco que se fizeram sentir nos anos 20, estão ainda bem patentes nos produtos da Confiança, tanto nas suas características intrínsecas, como na embalagem. É uma arte de gerações, que só assim conserva a sua essência.

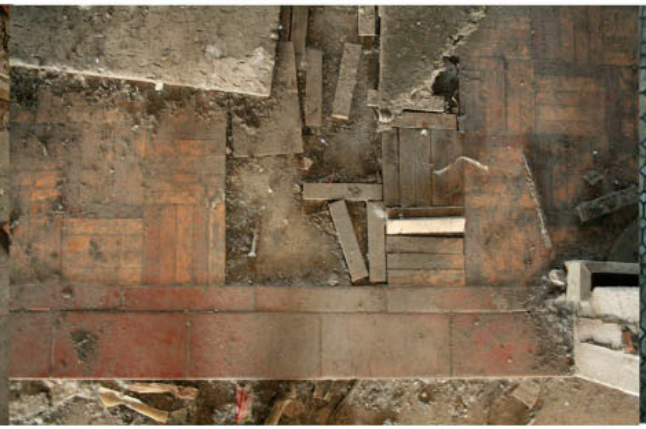
HOJE

fotografias tiradas em visita ao local








Smartbox







LX FACTORY

referências conceptuais e programáticas

AMANHÃ

Cultura Inteligente

'smart culture'

Com este conceito, pretendemos explorar diversas áreas do conhecimento, onde a experiência é o mote escolhido. Através dela o utilizador poderá disfrutar de diversos espaços e do que todos estes têm para oferecer, complementando-se.

Tal como uma 'SmartBox', também conduzida segundo a experiência promovendo "o turismo de cada nação pelo que em cada país existe uma equipa local dedicada a criar e desenvolver experiências inesquecíveis." Da mesma forma que ela relaciona a experiência de vários universos ("gastronomia, aventura, escapadas, entretenimento"), com a Cultura Inteligente (Smart Culture), queremos contribuir para o desenvolvimento de experiências profissionais.

Uma partilha de conhecimentos que pretende potenciar a participação activa, a intervenção, o pensamento, a criação, produção e apresentação de ideias e produtos.

Esta partilha deve ser o resultado do contributo de todos, para todos. A Cultura Inteligente apresenta-se assim de uma forma dinâmica e interactiva, com o intuito de aproximar curiosos e profissionais, num espaço com uma identidade própria.

Disponibilizar experiências, desenvolver aptidões e fomentar excelência são os pilares do nosso conceito.

Num mundo globalizado, com um público mais e mais preciso, pretendemos diferenciar a nossa oferta através de experiências, do despertar de emoções, da criação de laços com o público e o espaço, bem como com as actividades apresentadas.

A dinâmica e interactividade, associada à multiplicidade e versatilidade deste mercado de experiências, vão transformar o espaço da fábrica num local gerador de sinergias.

Palavras Chave: experiência, intervenção, pensamento, participação activa, criação, produção, apresentação, partilha, dinamismo, interactividade, sinergias, cultura, aptidões, emoções

A Associação d'A Fábrica



Inaugurações simultâneas Miguel Bombarda



Dia livre LX Factory



Organograma

Esta associação apresenta-se como a entidade gestora e reguladora de todo o espaço. Deve garantir o seu equilíbrio orçamental e sustentabilidade.
Apesar de não ter fins lucrativos, tem de autofinanciar-se.

Esta entidade é um organismo oficial detentor de vários cargos e terá a função crucial de estabelecer a ponte entre os profissionais residentes do espaço e todas as pessoas que o desejam visitar e experimentar: o público.

Entre o dever da sua viabilidade financeira e a relação com o público, encontram-se os inúmeros projectos que deverão integrar as diversas comunidades residentes n'A Fábrica.

Tal como num condomínio habitacional, em que todas as unidades residentes contribuem, de alguma forma, para a manutenção do espaço; aqui, todas as comunidades (os diferentes núcleos integrantes do espaço) trabalharão e contribuirão para o bem comum, e consequentemente, para o bem d'A Fábrica.

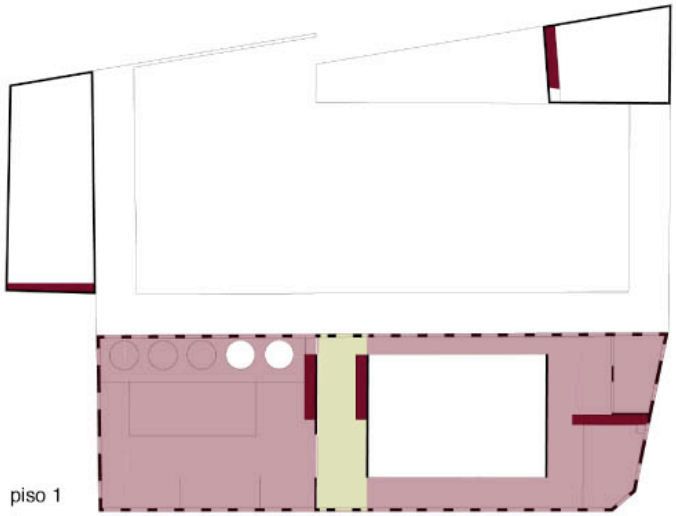
As diferentes comunidades ver-se-ão na obrigação contratual de, com regularidade e de forma organizada, se disponibilizarem a proporcionar experiências profissionais de vários níveis.

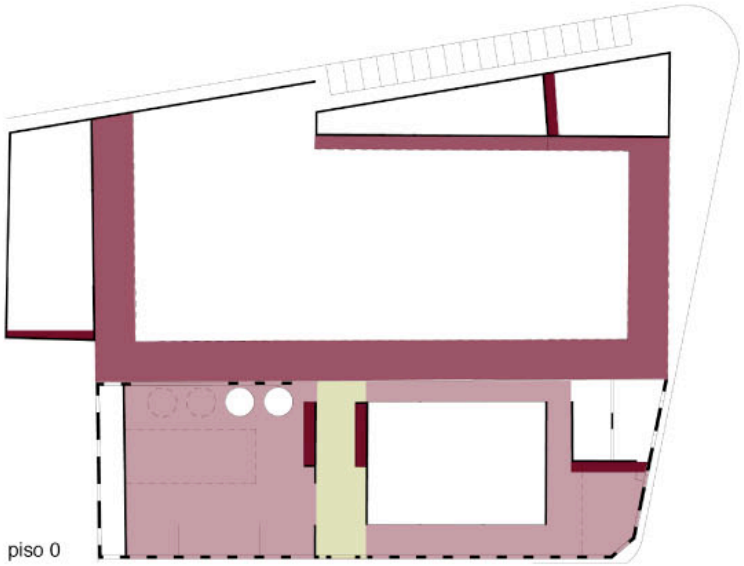
Poderá ainda funcionar como ponte com outros espaços e empresas situadas em outros locais, permitindo o alargamento das experiências profissionais.
Ou seja, pode existir uma empresa localizada noutro ponto da cidade mas que queira fazer parte desta iniciativa de troca de experiências. A Associação d'A Fábrica será a responsável por essa conecção.

Exemplo prático:
Existe um fotógrafo que se instalou num dos espaços do edifício. Este espaço tem um valor de aluguer inferior a outro semelhante numa outra zona da cidade ou estabelecimento. No entanto, este profissional assume um contrato de colaboração com A Fábrica, em que se disponibiliza a desenvolver a sua profissão, permitindo que esta seja experimentada pelo público.
Isto acontecerá se, por exemplo, for definido um dia semanal dedicado a toda a comunidade. Ele abre as portas do seu estabelecimento ao público, dando-lhe a oportunidade de contacto com a sua profissão de forma curiosa e participativa. Por exemplo, através de workshops de fotografia.
No caso de uma pessoa ter uma dúvida relacionada com o fotografia, ele deverá disponibilizar-se desde que este seja agendado.

Palavras Chave: gestão, equilíbrio, sustentabilidade, auto-financiamento, condomínio, comunidade, público/privado, experiência, workshop

CIRCULAÇÃO





Pegando em algumas das ideias chave da ideia proposta, desenvolvemos um esquema de circulação para o edifício.
De acordo com a dinâmica e interactividade que introduzimos no programa, queremos agora que estes conceitos se revelem numa organização espacial.

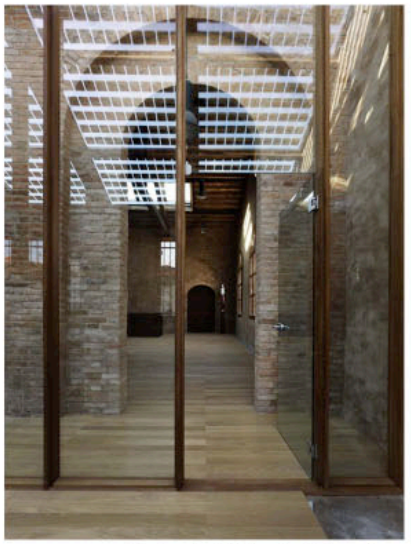
Assim, este esquema remete-nos para a existência de um circuito, permitindo que este espaço seja não só um elemento distribuidor mas que seja também agregador das partes.
Existe um elemento central, de entrada em que esse sim, funciona como elemento distribuidor mas logo se confunde com a circulação.

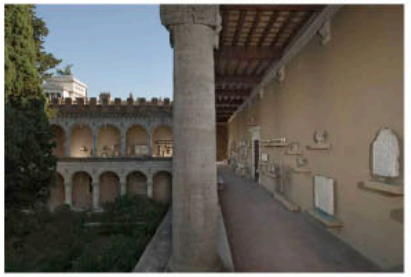
Além deste caracter de circuito, promovemos também neste espaço, devido à largura desses corredores de circulação, espaço de encontro e de estar.

Aroveitamos também uma galeria exterior já existente e propomos a sua continuação. Com isto, além de esta ser o elemento agregador entre dois novos corpos propostos, também limita todo o espaço d'A Fábrica, sem que seja necessário "fechá-la com portões".

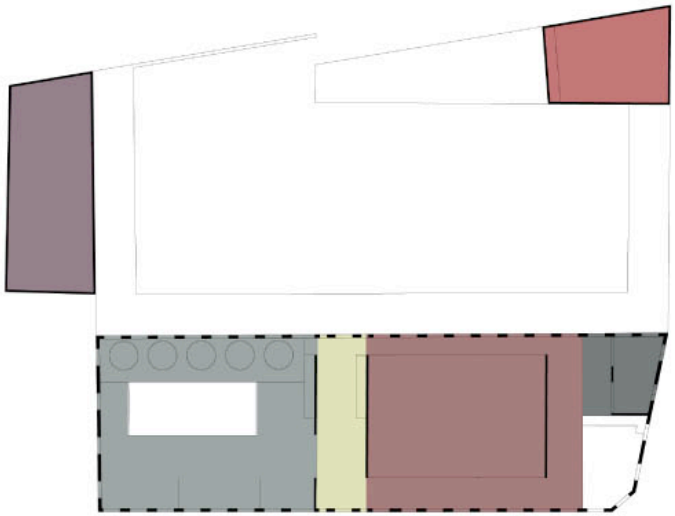
Nunca esquecendo que este elemento de circulação será também um espaço de exposição, tanto do espólio da Confiança, como também de outras exposições temporárias que possam acontecer!

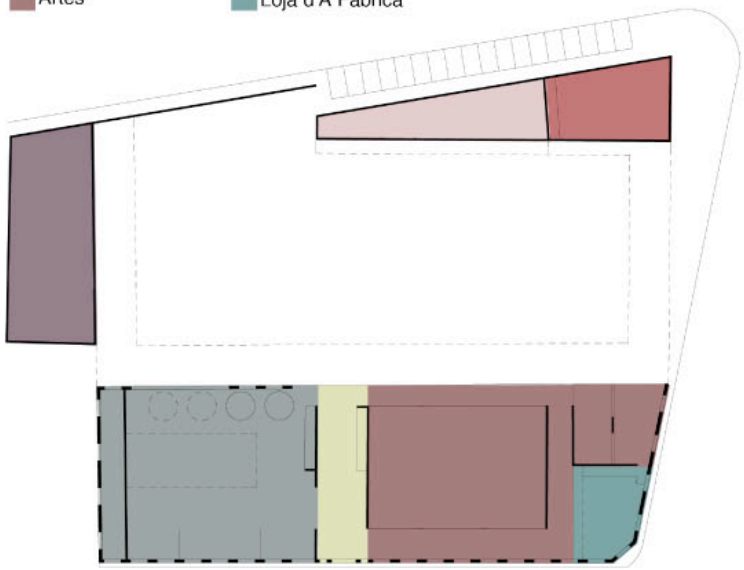

museu arqueológico dell'abbazia di Novalesa

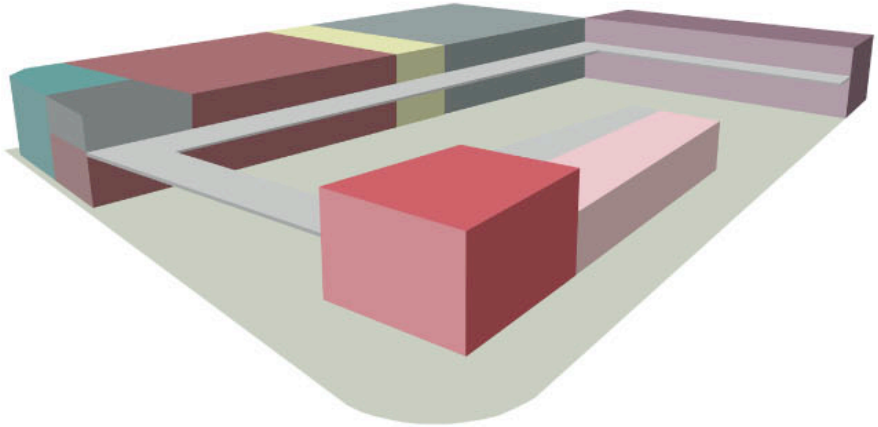

museu arqueológico dell'abbazia di Novalesa
HBB - harbour brain building

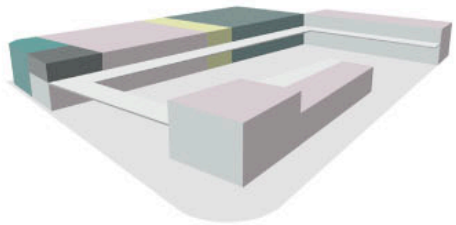

lapidário do museu do Palazzo Venezia

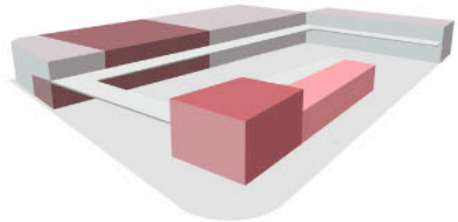
PROGRAMA GERAL

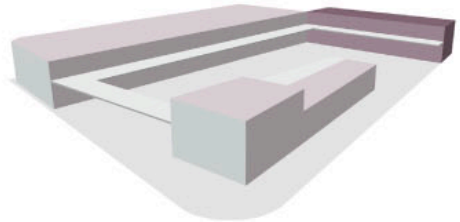












De acordo com o conceito e ideias referidos anteriormente, propomos então o programa.

Este vai orientar-se segundo o desenvolvimento de três grandes núcleos temáticos, que acabam por se relacionar, contribuindo para o enriquecimento individual e social da cidade, originando um espaço diferente e único: A Fábrica.

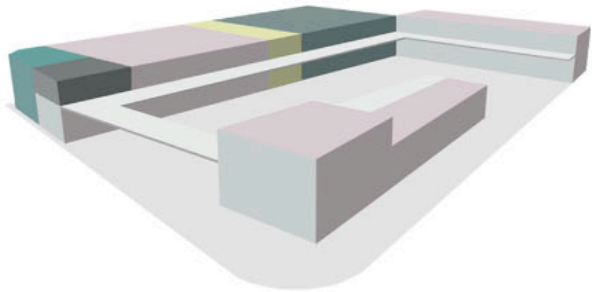
Os núcleos são:

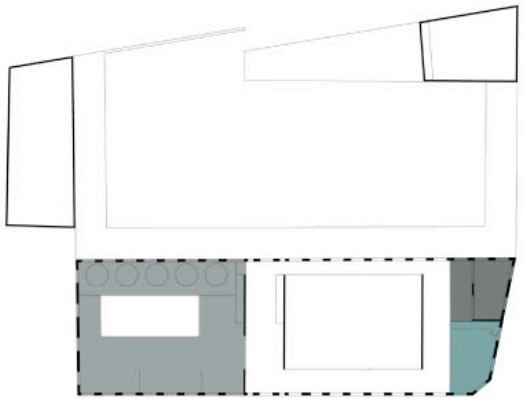
Cultura	Café d'A Fábrica Museu Loja
CoWorking	Artes Escritórios Ciências Tecnologias
Universidade	Espaços para a Universidade Infantário

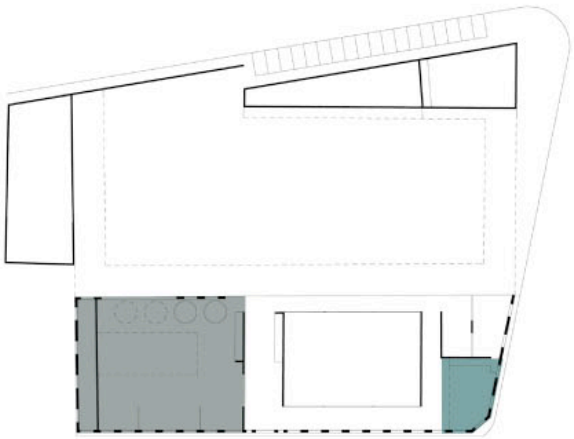
Estes são os três temas que desejamos desenvolver no antigo espaço da Saboaria e Perfumaria Confiança.

Todos se cruzam em ideias de dinâmica, experiência, interactividade... E juntos farão d'A Fábrica um local gerador de sinergias.

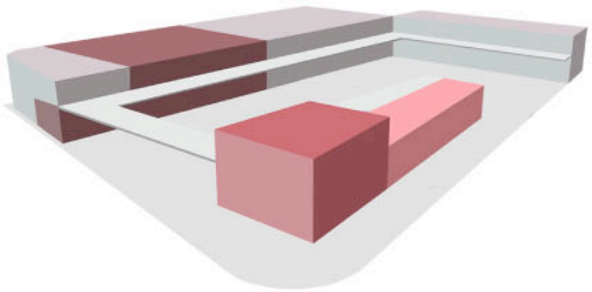
CULTURA

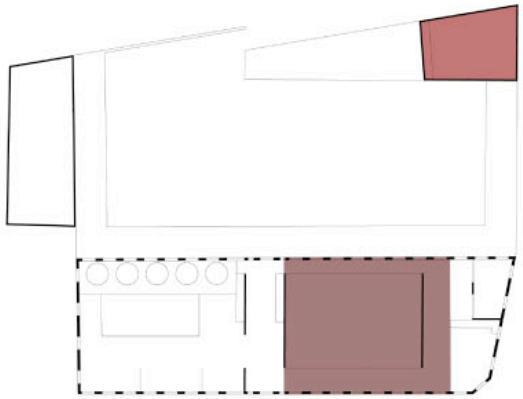


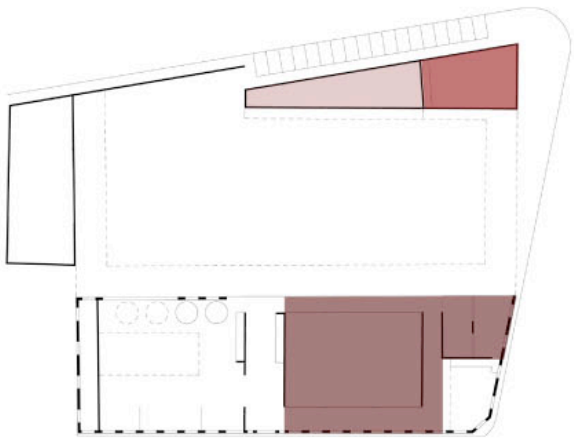




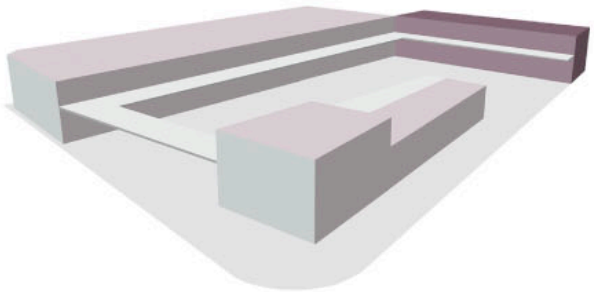
CO_WORKING

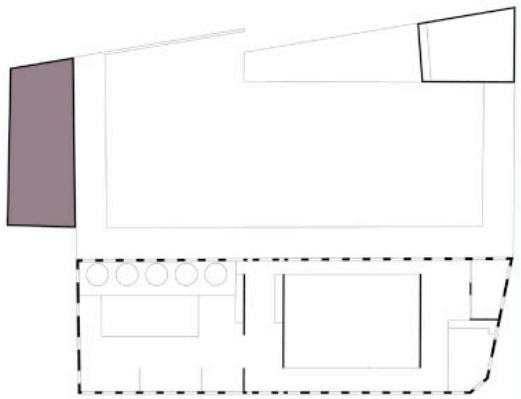


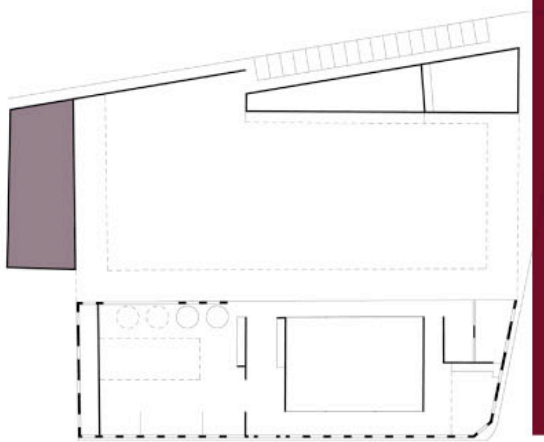




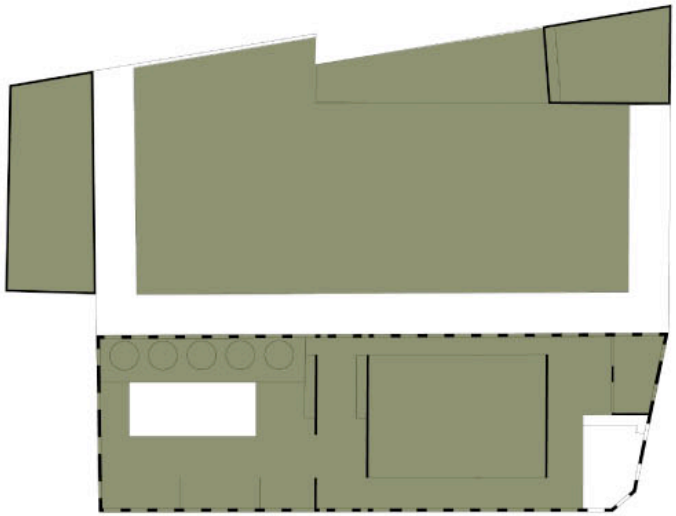
UNIVERSIDADE



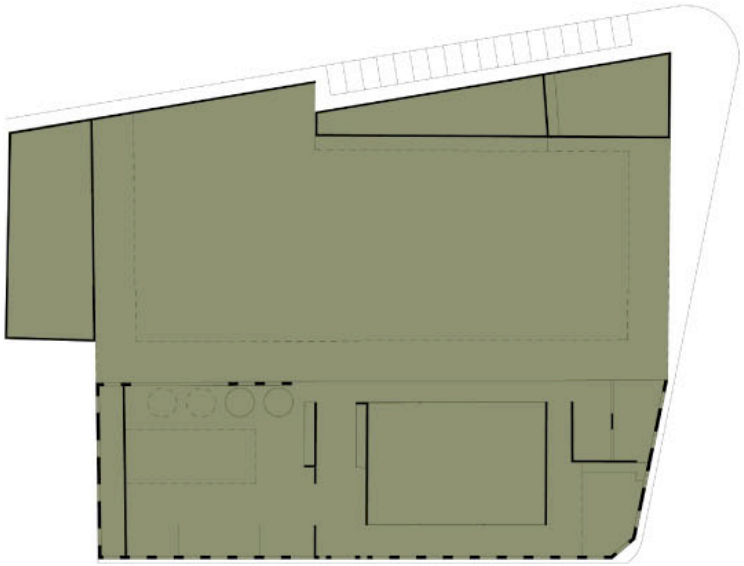




ESPAÇO MUSEOLÓGICO



potenciais espaços para exposição do espólio/ exposições temporárias



Tendo em conta o valor imaterial que as instalações representam, e todas as memórias que estas acarretam, este é, sem dúvida, um dos espaços essenciais a ter em conta na reabilitação deste edifício.

Pretendemos que este espaço faça a ponte entre o passado e o futuro, e que, apesar de uma evolução constante e da alteração das funções do edifício, esteja sempre presente a memória de uma época industrial
Bracarense e da afirmação de uma marca, a Saboaria e Perfumaria Confiança.

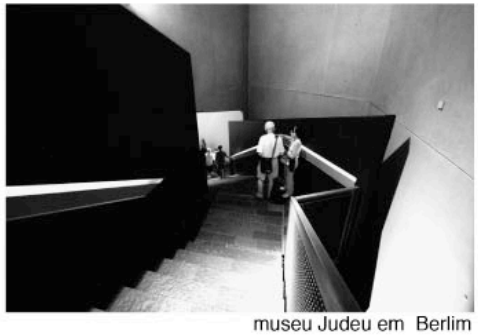
De acordo com o dinamismo e interactividade que desejamos promover no edifício, ao invés do característico espaço museológico a que fomos habituados,
propomos que o espólio seja integrado em todos os espaços do edifício e funcione como um elo de ligação entre os mesmos.

Desta forma, não existiria um espaço destinado unicamente à exposição e comunicação da colecção do museu, mas sim um percurso que nos leva a conhecer todo o edifício e onde as peças expostas
existem não só como presenças espaciais mas também como localizadores e caracterizadores dos diversos espaços.

Palavras chave: reabilitação, passado, futuro, evolução, memória, dinamismo, interactividade, espólio, percurso



museu Guggenheim em Nova Iorque

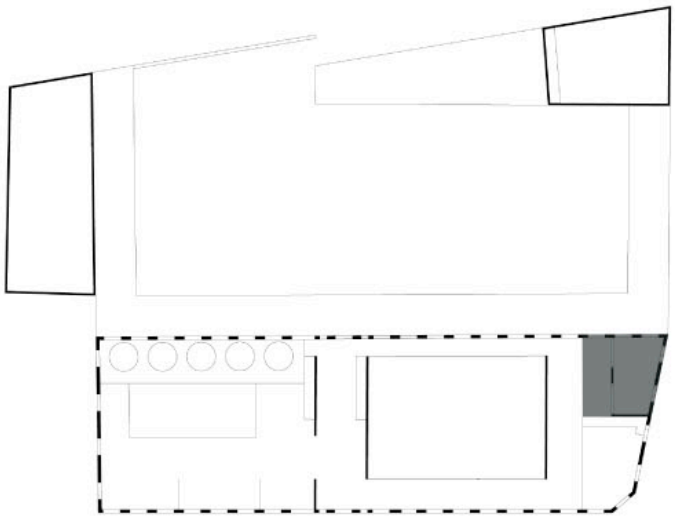


museu Judeu em Berlim

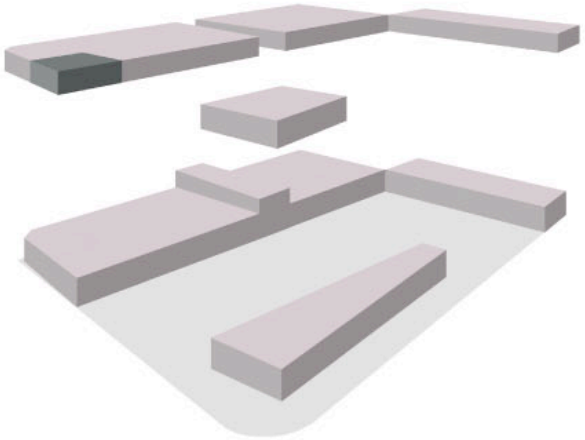


pavilhão dinamarquês em Shangai, expo 2010

BIBLIOTECA I VIDEOTECA



Biblioteca/Videoteca



O núcleo cultural complementa-se com um espaço de leitura e videoteca.

Para além de este ser, mais uma vez, um espaço que revela potencial como museu; este será um espaço mais calmo e tranquilo, dedicado àqueles que procuram um espaço de estudo ou de retiro para a leitura de um livro.

No que diz respeito à colecção de livros, estes devem ser sugeridos pelos profissionais residentes d'A Fábrica. Assim, existirão livros na área das artes, ciências, tecnologias e de todos os outros espaços integrantes.

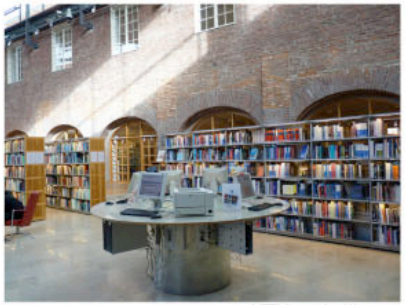
Pretendemos assim que esta biblioteca seja um local que um estudante escolha para o seu estudo, mas também uma extensão de todas as experiências que podem ser retiradas da vivência d'A Fábrica.

Retomando o exemplo do estúdio de fotografia, nesta biblioteca, o visitante poderá pesquisar e aprofundar-se ainda mais sobre o tema.

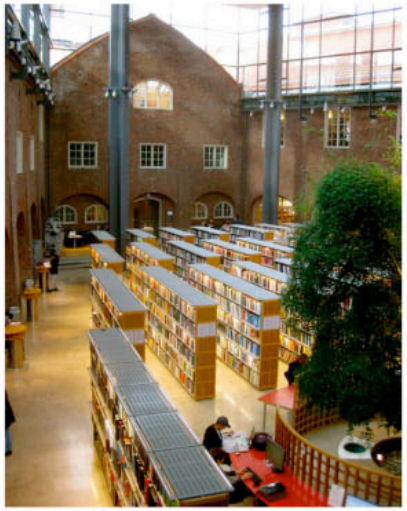
Falando agora da videoteca, esta terá um caracter de sala para visualização de documentários, apresentações, reuniões, workshops...



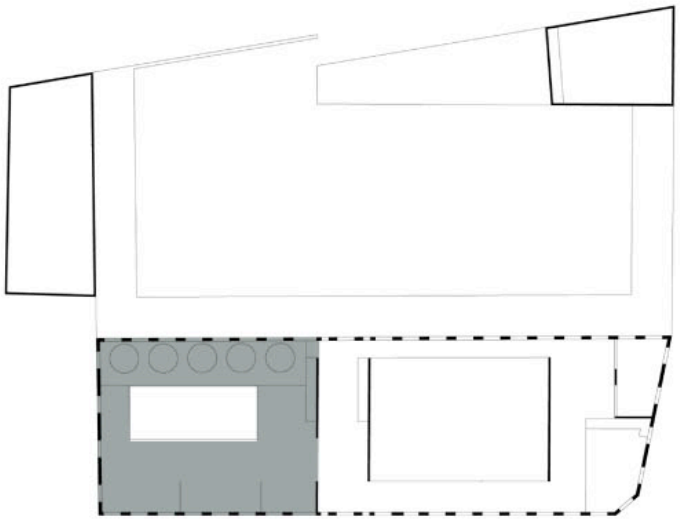
Nuova Biblioteca e Archivio Storico della Presidenza del Consiglio dei Ministri



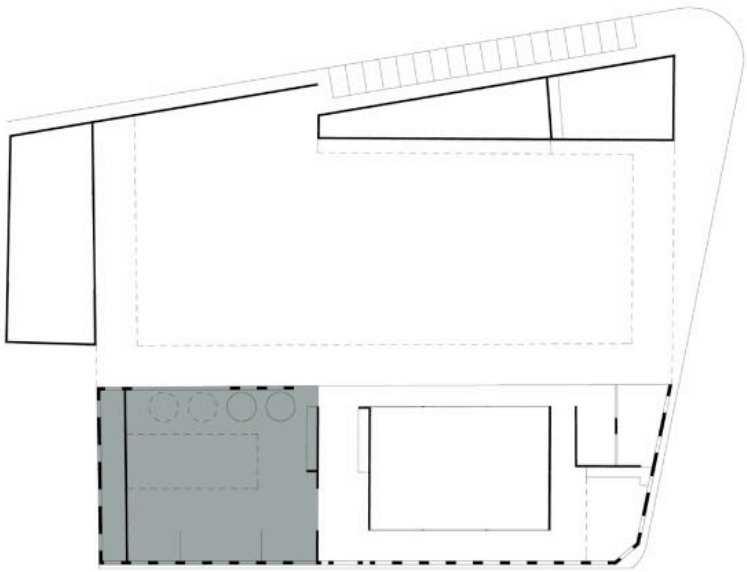
KTH main library

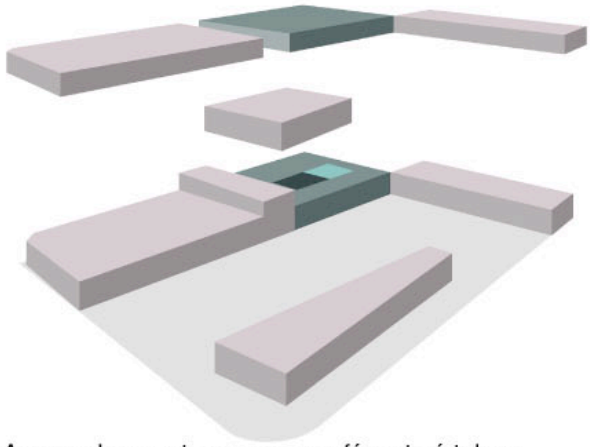


KTH main library



o café d'A Fábrica



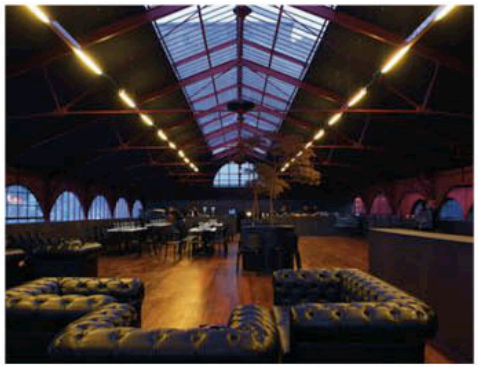


Apesar de remeter para um café, este é talvez dos espaços mais versáteis de todo o estabelecimento d'A Fábrica.

Apresenta-se como o local onde tanto os profissionais residentes como o público visitante, podem ir beber um café ou ter uma refeição durante o horário diurno, tornando-se mais para a noite num conceito de bar.

Este espaço será parte do museu da antiga fábrica, onde se conservarão alguns elementos que remetem à época industrial do edifício, como poderá também contribuir para as exposições temporárias.

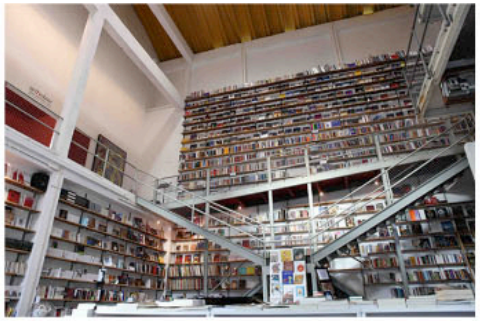
Aqui poderão também realizar-se concertos, apresentações, pequenos espetáculos, desfis, festas, conferências, e outros eventos sociais.



Hard Club, Porto

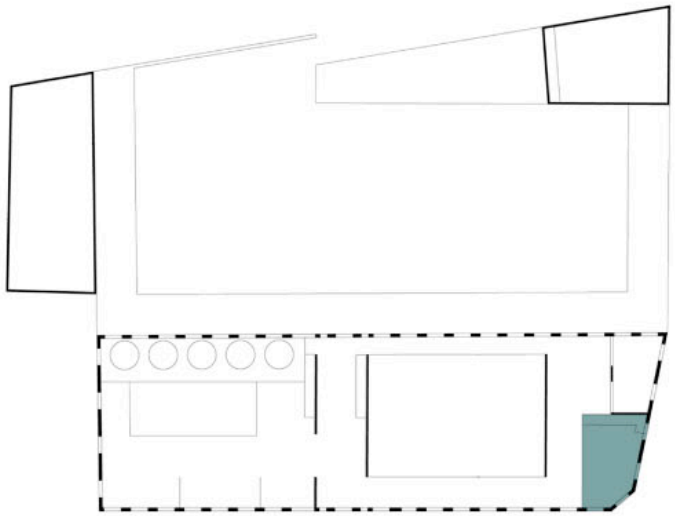


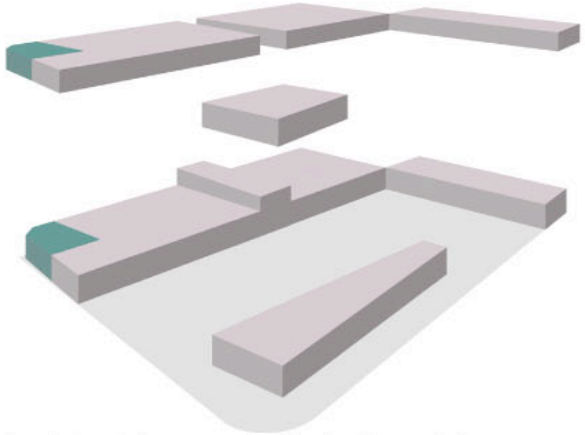
Santiago Alquimista, Lisboa



Ler Devagar, Lisboa

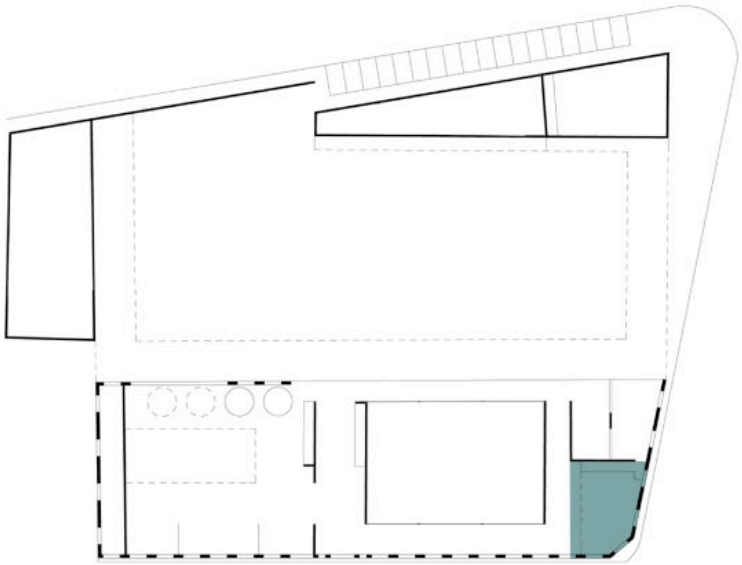
A LOJA D'A FÁBRICA

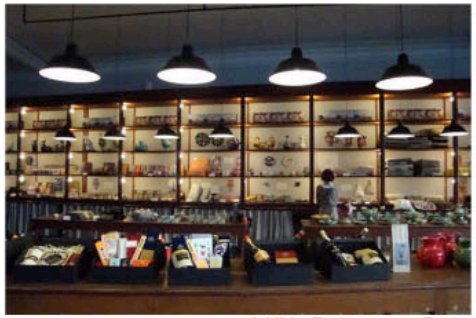




Associado a todo o programa cultural, existe uma loja.
Esta, para além de funcionar como mais uma parte do museu, também será o posto de venda de produtos da Saboaria e Perfumaria Confiança, remetendo à história do edifício e da marca que lá nasceu.

Esta loja poderá também ser um espaço para que os profissionais residentes na fábrica possam colocar à venda os seus produtos. Por exemplo, um artista plástico, poderá tomar partido da loja para vender os seus quadros ou esculturas.





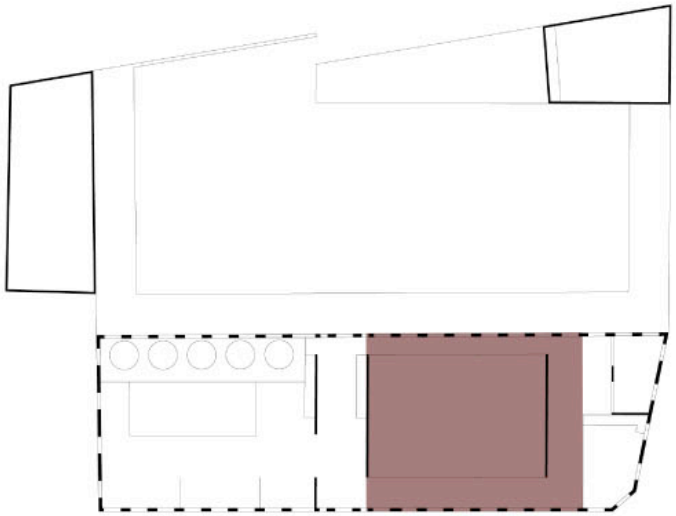
A Vida Portuguesa, Porto

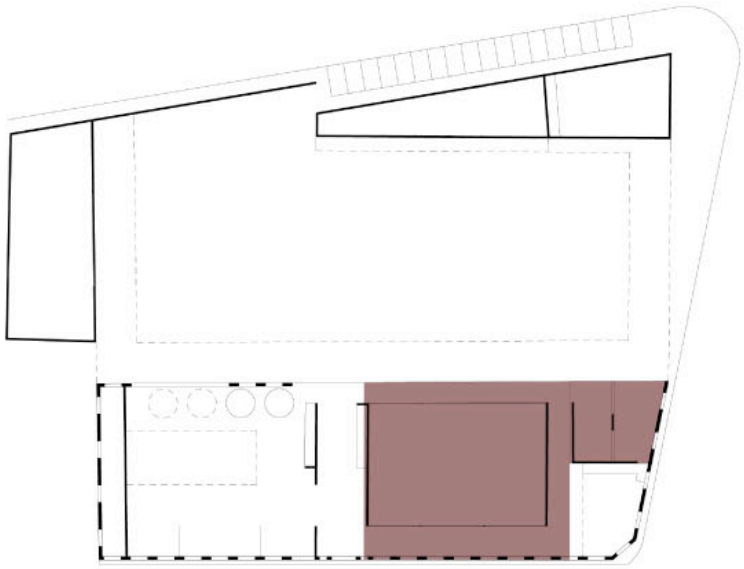


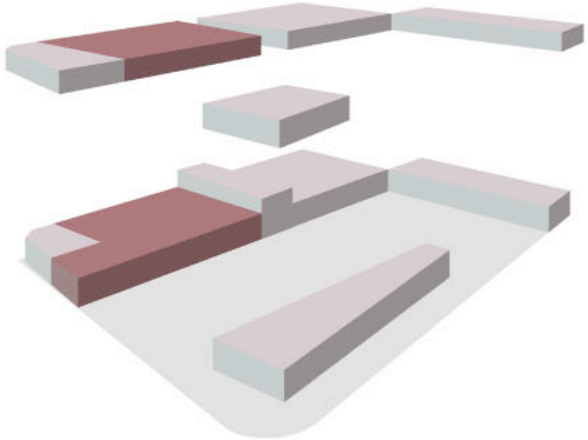
A Vida Portuguesa, Porto



mercado do Bolhão, Porto







Dentro do núcleo do co-working direccionamos uma grande área dedicada às artes, pois este é um tema abrangente mas muito voltado para estruturas dinâmicas, interactivas, experimentais e que permitem uma grande relação com o público.
Terá uma relação próxima com os espaços culturais, contribuindo para uma dinamização de todo o espaço.
Reunimos algumas sugestões de programa dentro deste núcleo, nunca excluindo a possibilidade de outras áreas artisticas que não estejam aqui mencionadas.
Englobamos então neste núcleo áreas para:
arquitectos, designers, artistas plásticos, fotógrafos, músicos, jornalistas, cabeleireiro/profissões de estética, professores de línguas, cozinheiros, artistas performativos...Associado a estas profissões, sugerimos espaços como:
Editora musical, rádio (a RUM - Radio Universitária do Minho, por exemplo), tipografia, prototipagem, cartonagem, carpintaria

Em relação a professores de linguas, revelamos algum interesse em que sejam promovidos n'A Fábrica workshops de línguas.
Ao mencionar artistas performativos, queremos direccionar para a relação da existência de, por exemplo, uma escola de teatro.
Relativamente aos cozinheiros, espera-se que, ao criar um espaço de cozinha e refeições, este possa tabém funcionar como uma escola de cozinha.
Pretendemos, com isto, que todas as funções/profissões existentes neste espaço sejam valorizadas e m aximizadas.



Jishou University Research andEducation Building and Huang Yong Yu Museum

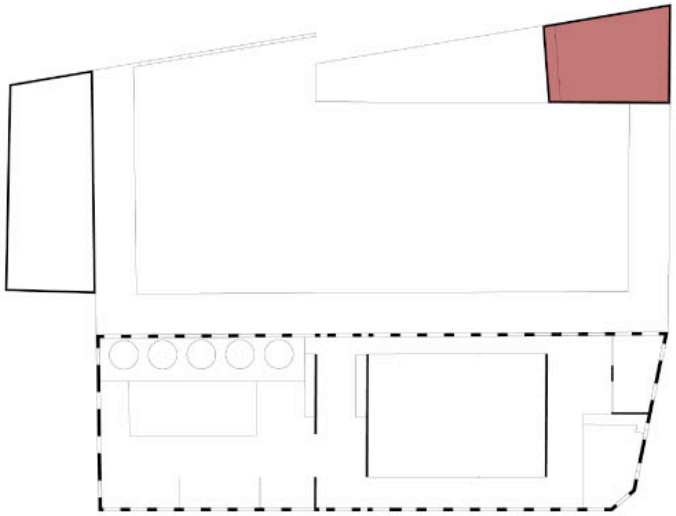


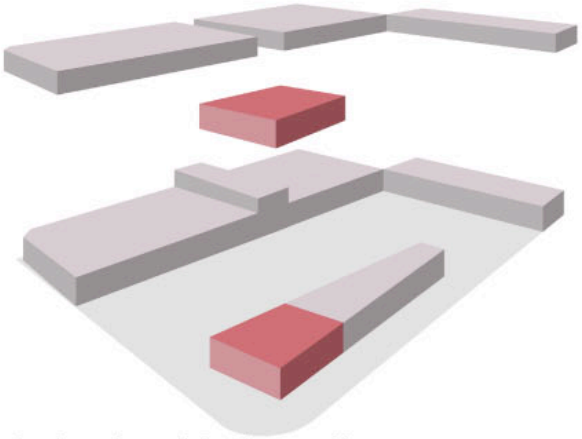
Milstein Hall



Basque Culinary Center

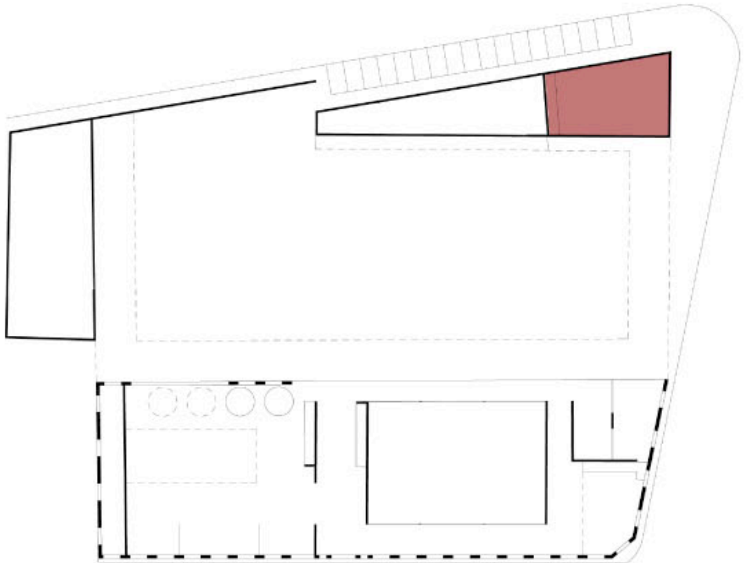
CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS





Continuando no núcleo de co-working, passamos agora para outro tipo de espaço. Este já dedicado às ciências e tecnologias.
Propomos entao:
uma área de computadores

Dedicado às ciências propomos um pequeno espaço de laboratório, podendo albergar todas as profissões que se relacionem com o tema da ciência.





Laboratório central EPAL

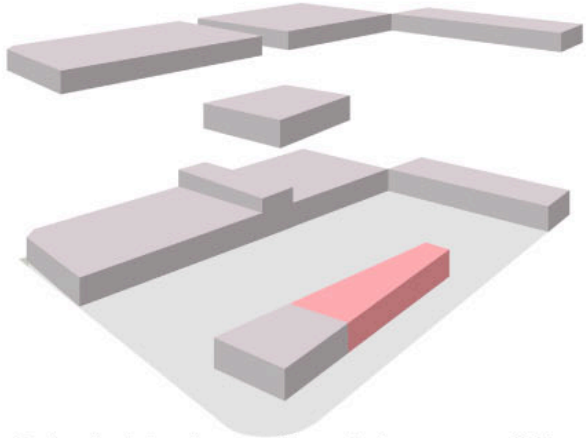


Sainsbury Laboratory

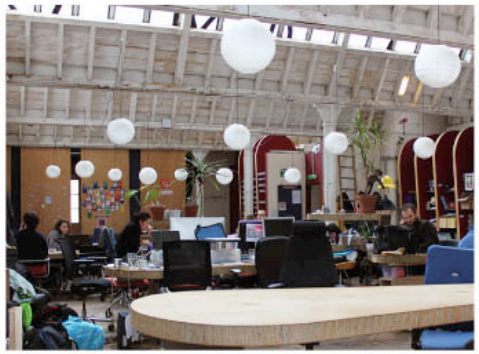


E-learning café da Universidade do Porto

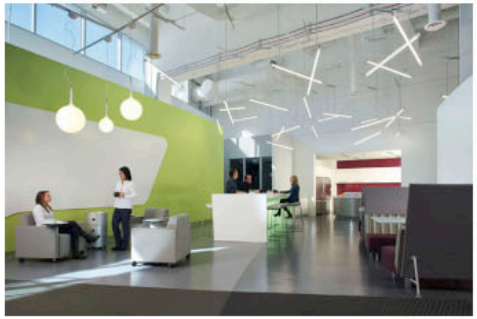
ESCRITÓRIOS



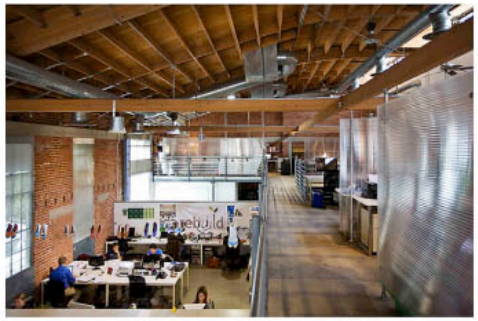
Dentro do núcleo do co-working, este é o espaço mais livre na questão da temática.
Fornecemos aqui uma área mais dedicada a escritórios. Esperamos então que outros profissionais, de áreas diferentes das faladas anteriormente, tenham a vontade de fazer parte deste conceito de partilha de experiências. Que tenham também o desejo de partilhar a sua arte, a sua profissão.
Aguardamos a vontade, por exemplo de:
economistas
advogados
contabilistas
engenheiros
consultores



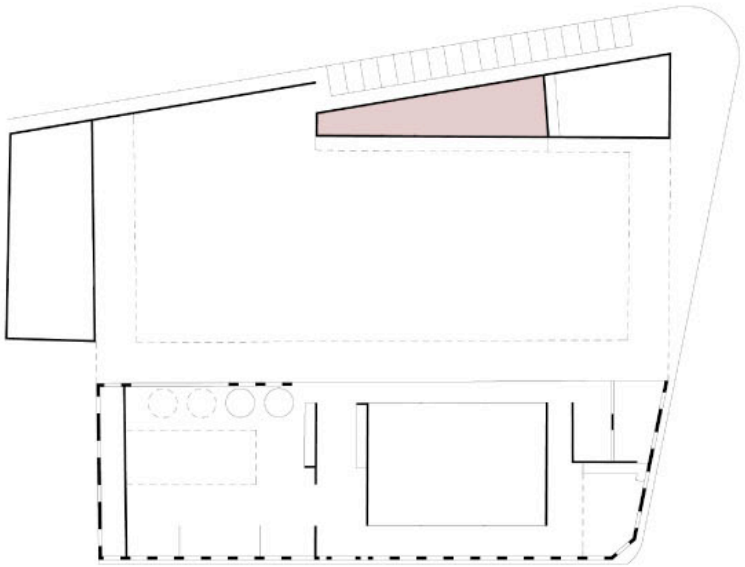
TheHub London

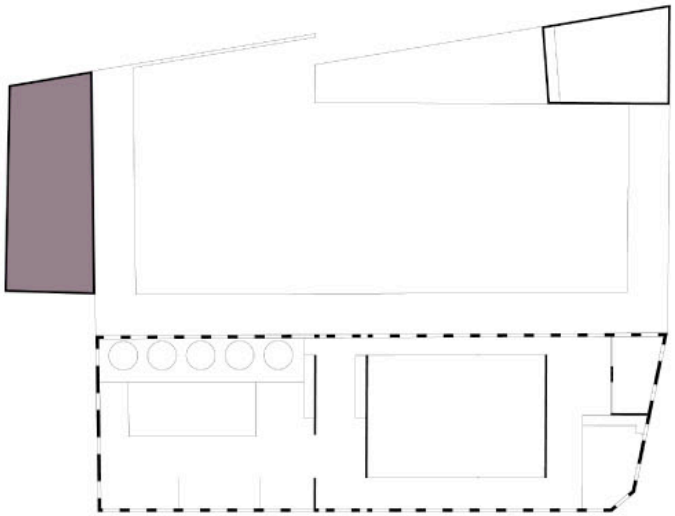


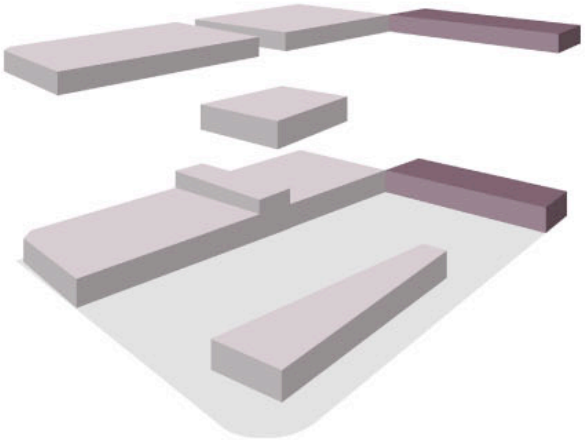
compTIA



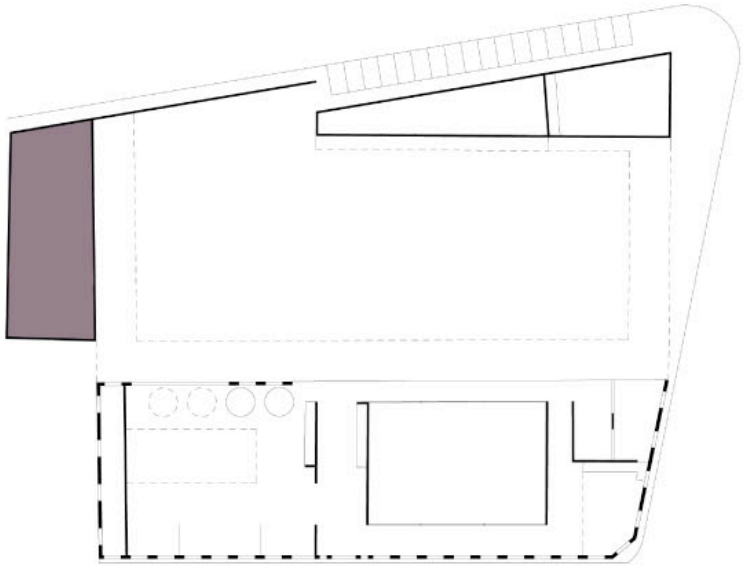
Hivehaus







Porque os jovens são os profissionais do futuro e devido à localização próxima do campus de Gualtar da Universidade do Minho, pensamos ser de todo interesse de ambas as partes, que exista, aqui n'A Fábrica, uma área destinada a um programa relacionado com a entidade de ensino.
Temos em mente:
uma área para a AAUM
um espaço para as Tunas
um espaço para a RUM (Rádio Universitária do Minho), apesar de esta já ter sido referida no núcleo das artes. É de qualquer forma uma entidade da Universidade e dos estudantes.
Propomos ainda a existência de um infantário para todos os filhos de professores, funcionários e alunos. Desta forma, teremos mais uma geração, desta vez mais nova, a contribuir na dinâmica de todo o espaço.





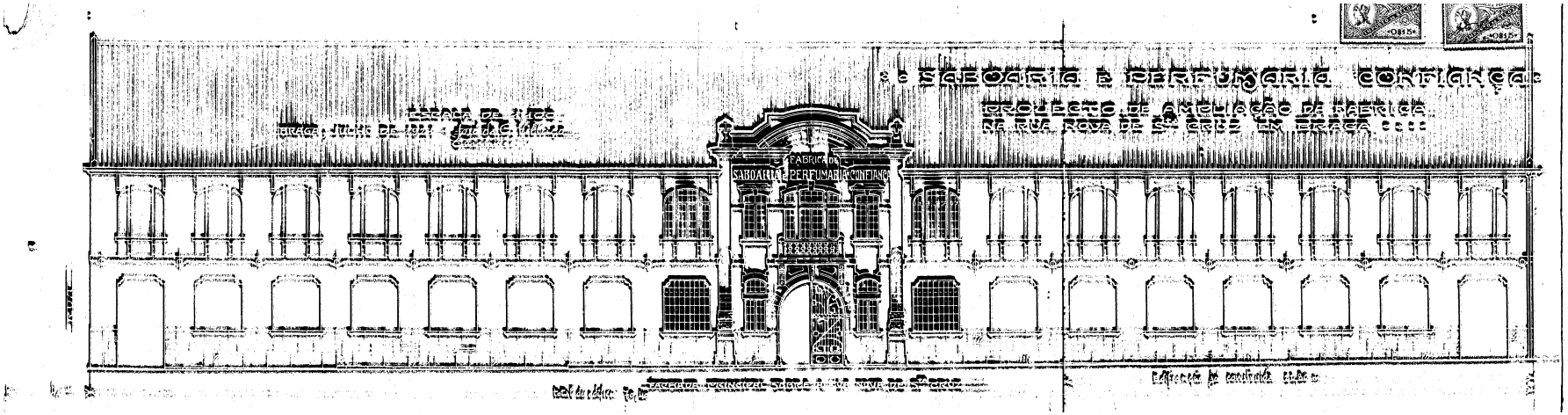
E-learning café da Universidade do Porto



infantário 8units, ELAP arquitectos



Groupe scolaire St- Exupéry à SARCELLES (95)

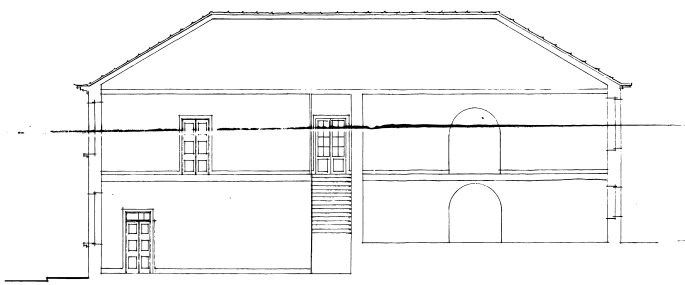


PROJECTO DE AMPLIAÇAO DO EDIFICIO DA SABOARIA E PERFUMARIA CONFIANÇA

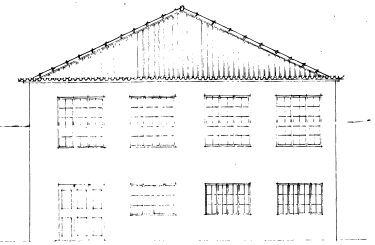


ALÇADO PRINCIPAL

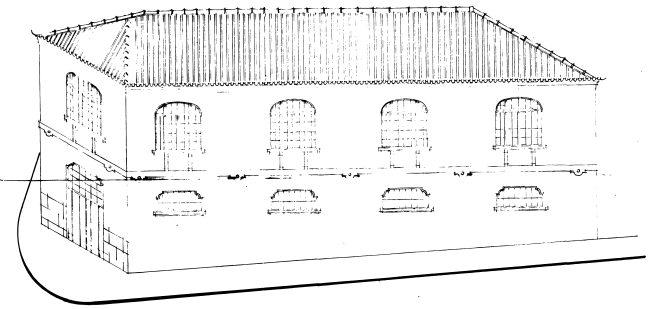
ESCALA 1:100



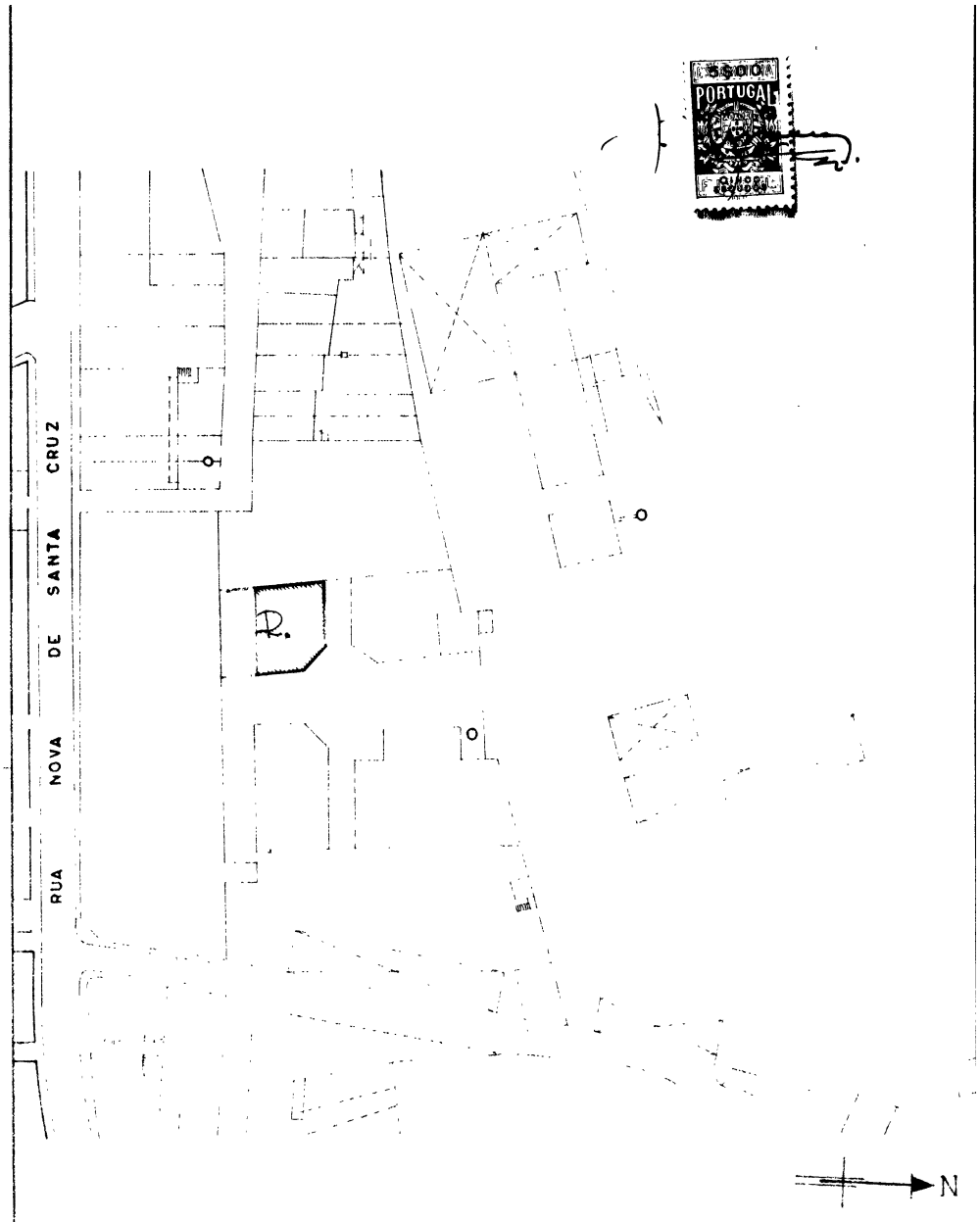
CORTE POR A-B



ALÇADO POSTERIOR



ALÇADO LATERAL DIREITO



Requerente

SABOARIA E PERFUMARIA CONFIANÇA
RUA NOVA DE SANTA CRUZ BRAGA

PLANTA TOPOGRÁFICA

O Arquitecto

Desenho nº

PORTO

Junho 65

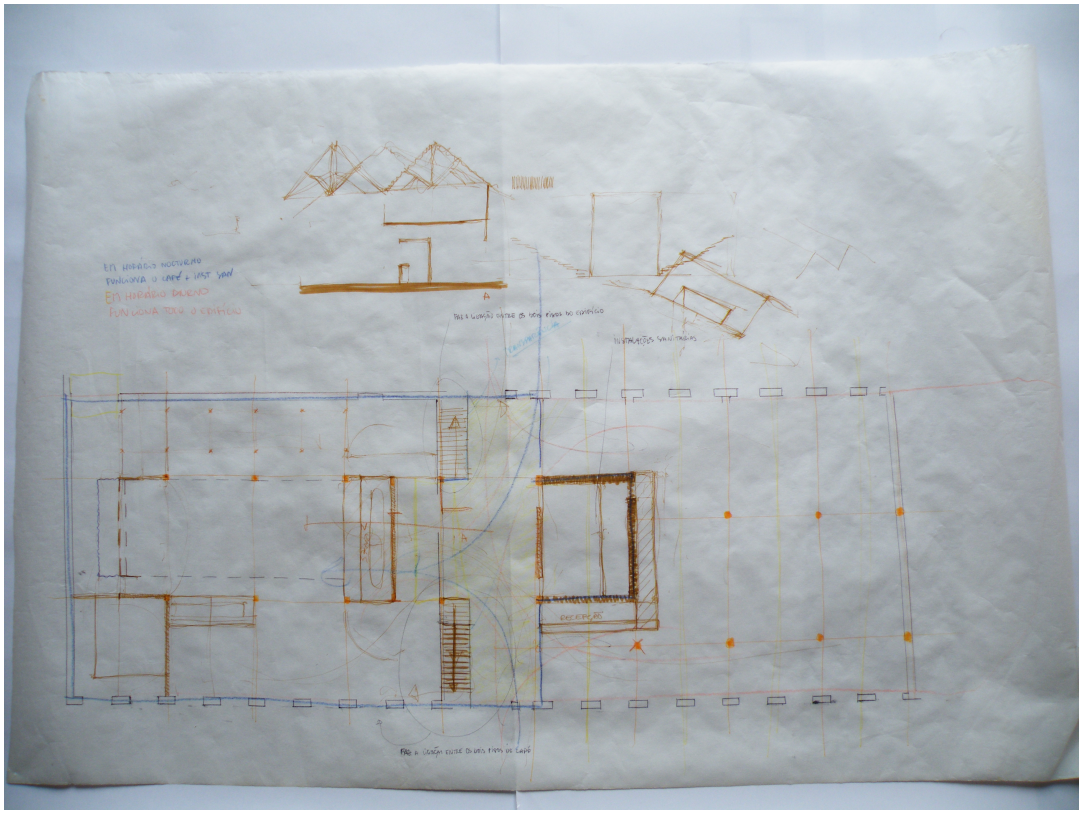
E S C A L A S

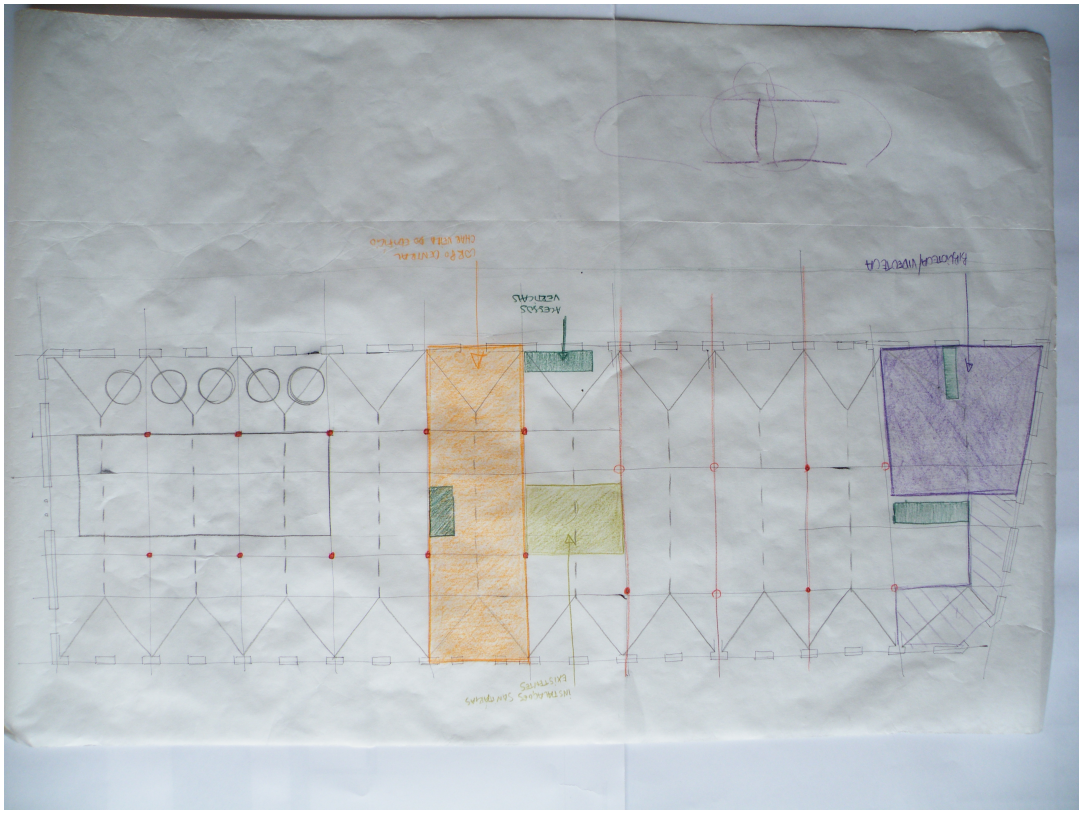
P 1:1000

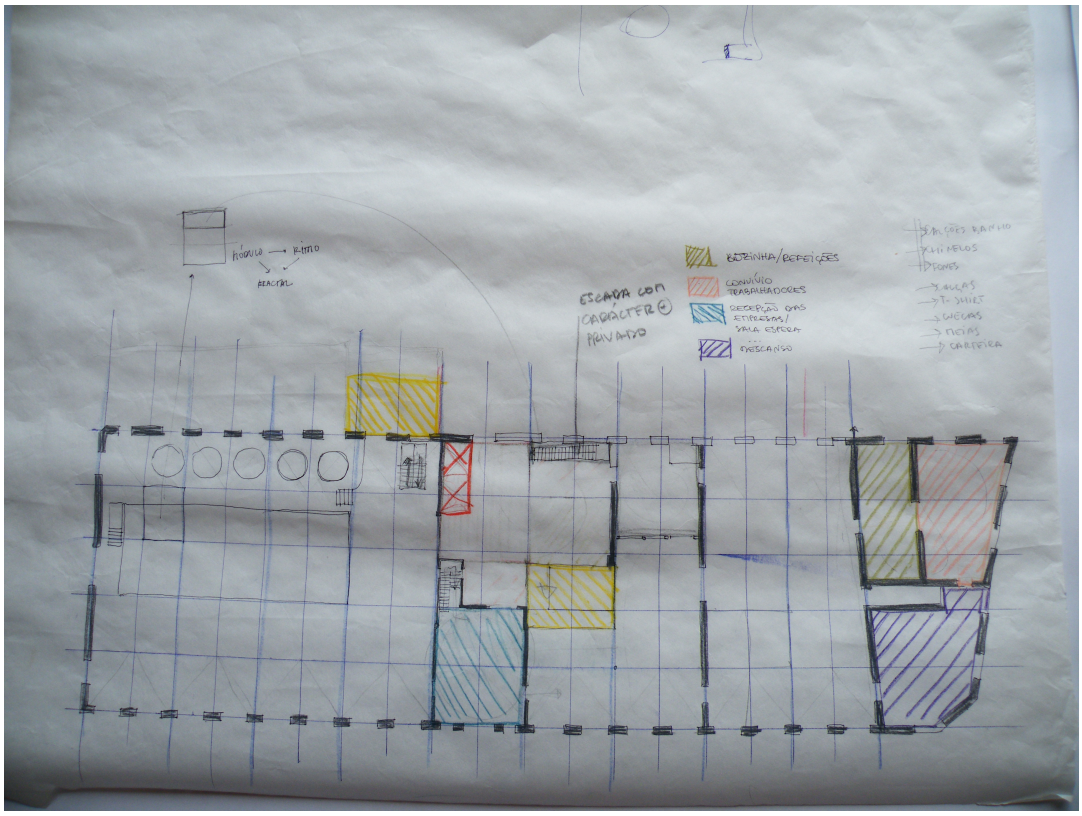
A

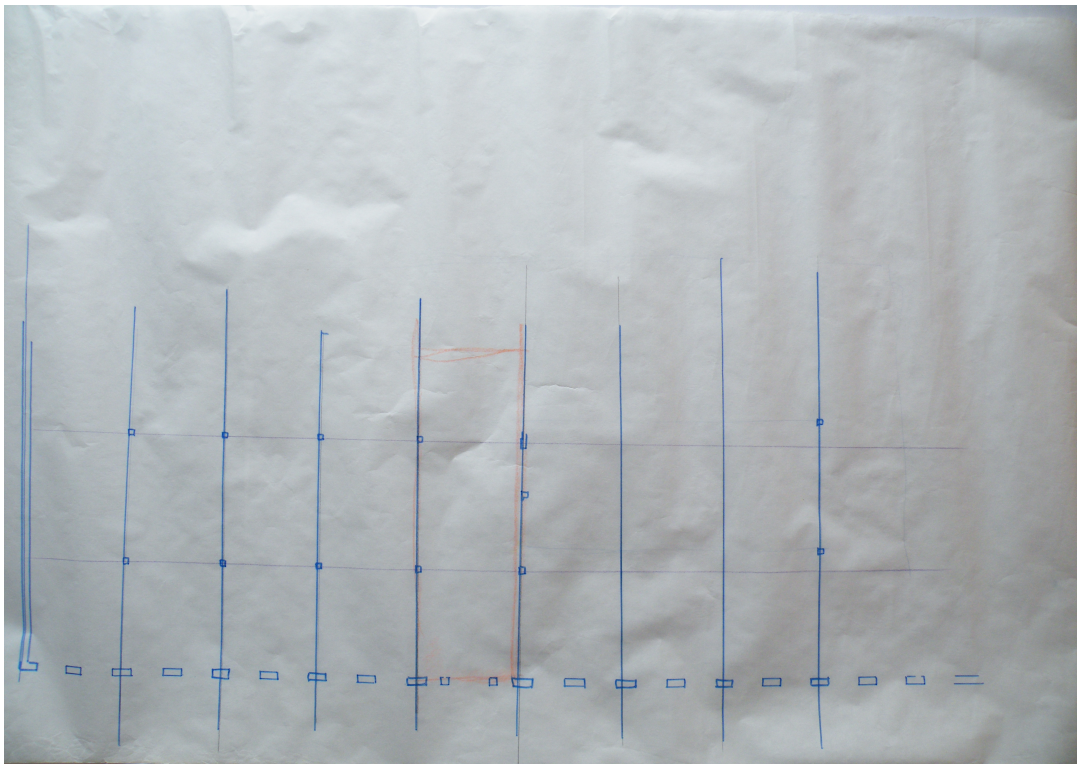
C

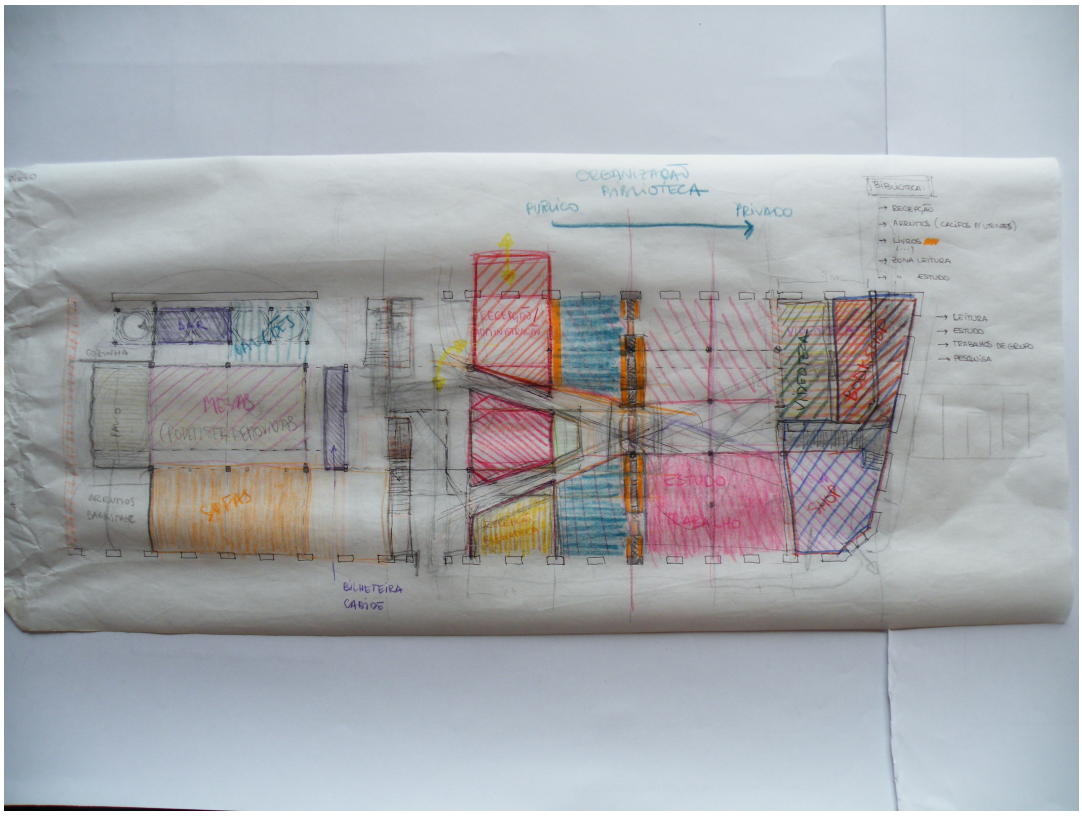
Processo de trabalho

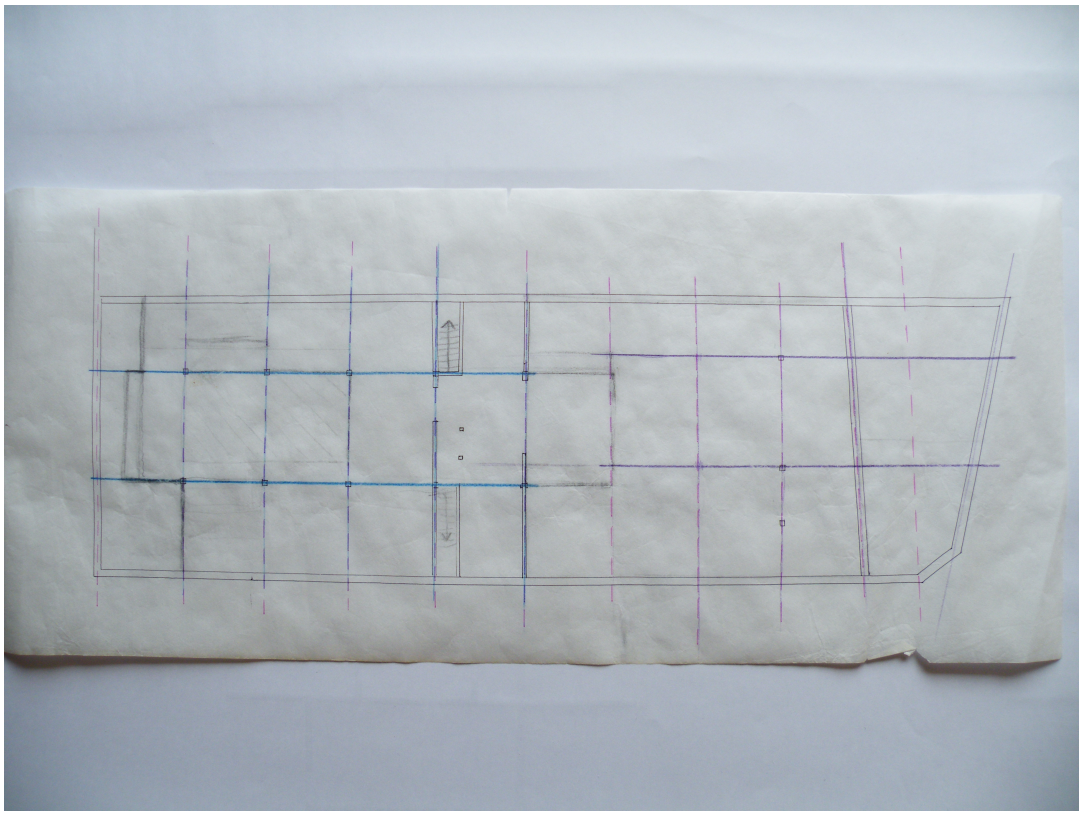


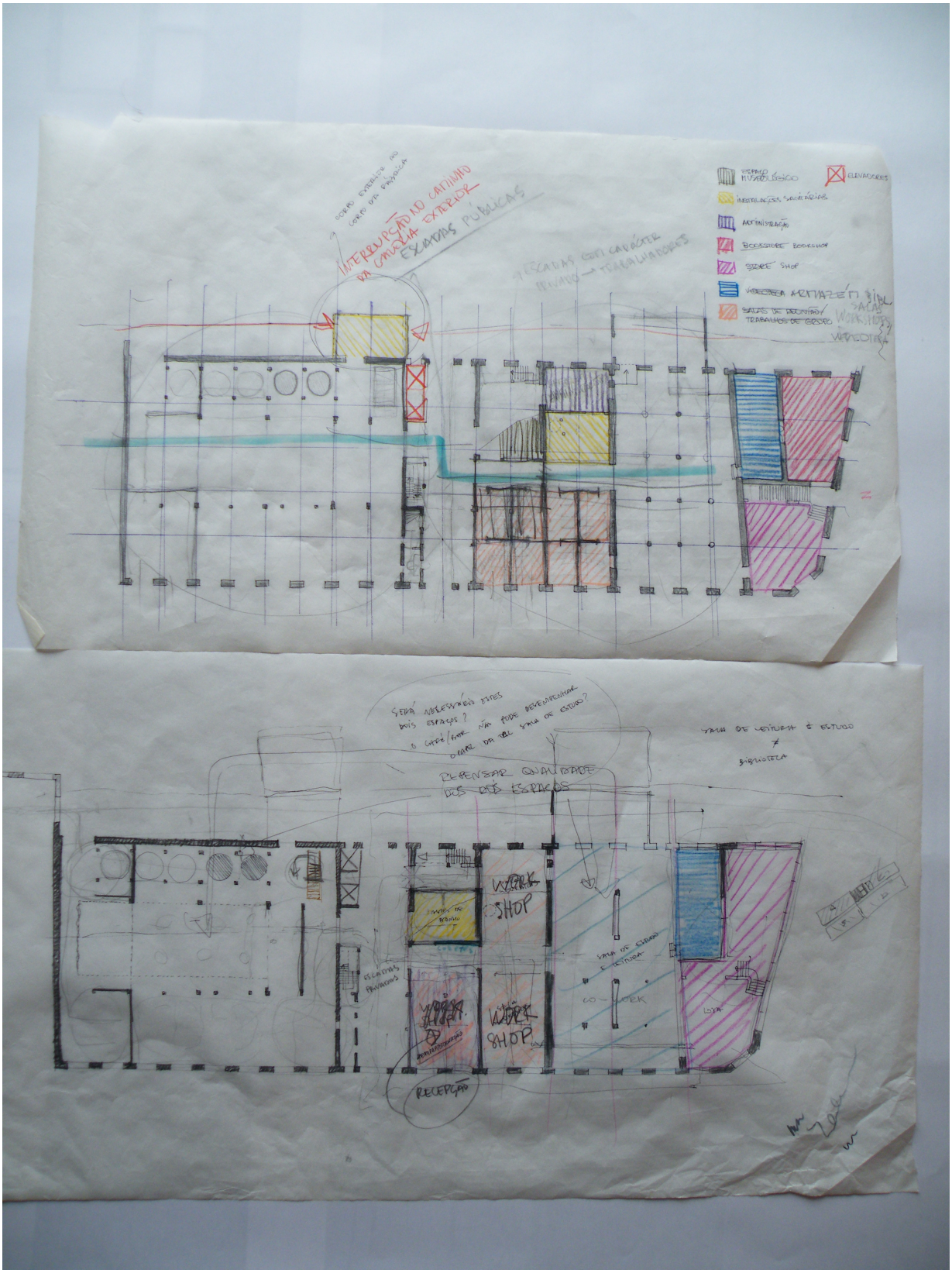



MODULO
RITMO
ESCADA COM CARÁCTER PRIVADO
COZINHA/REFEIÇÕES
CONVÍVIO TRABALHADORES
RECEPÇÃO DAS ENTREGAS/ VIGILÂNCIA
DESCANSO

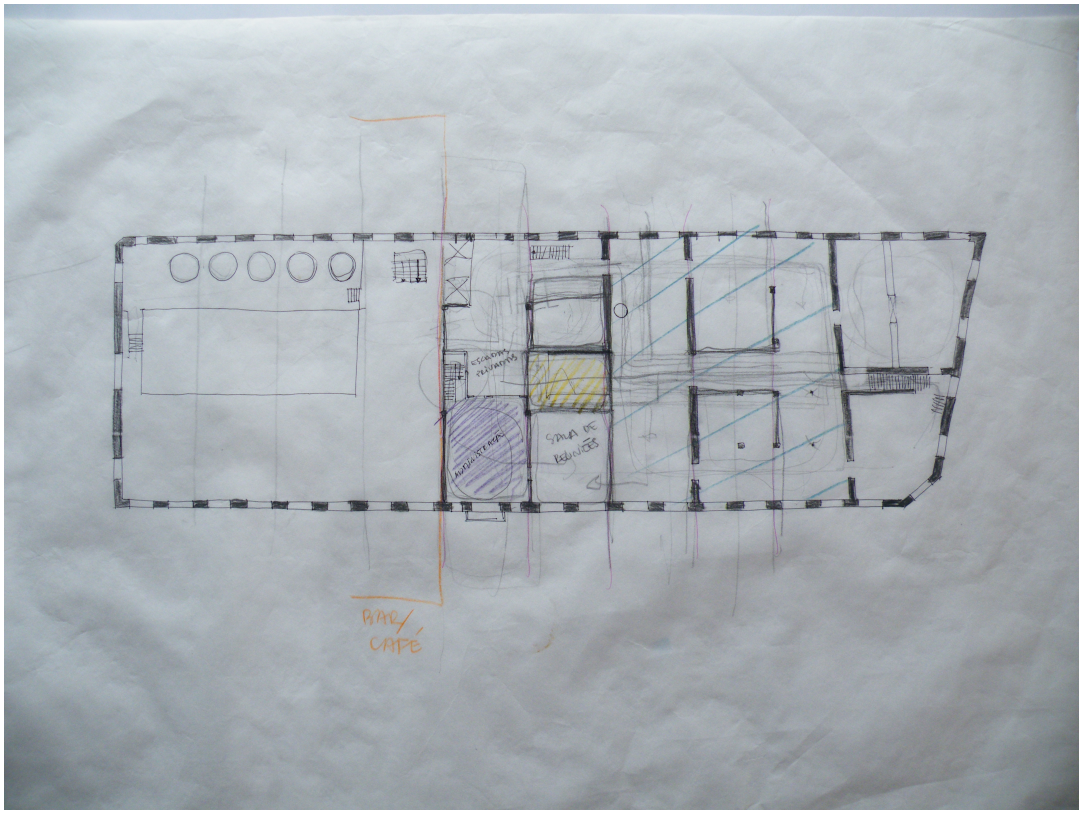


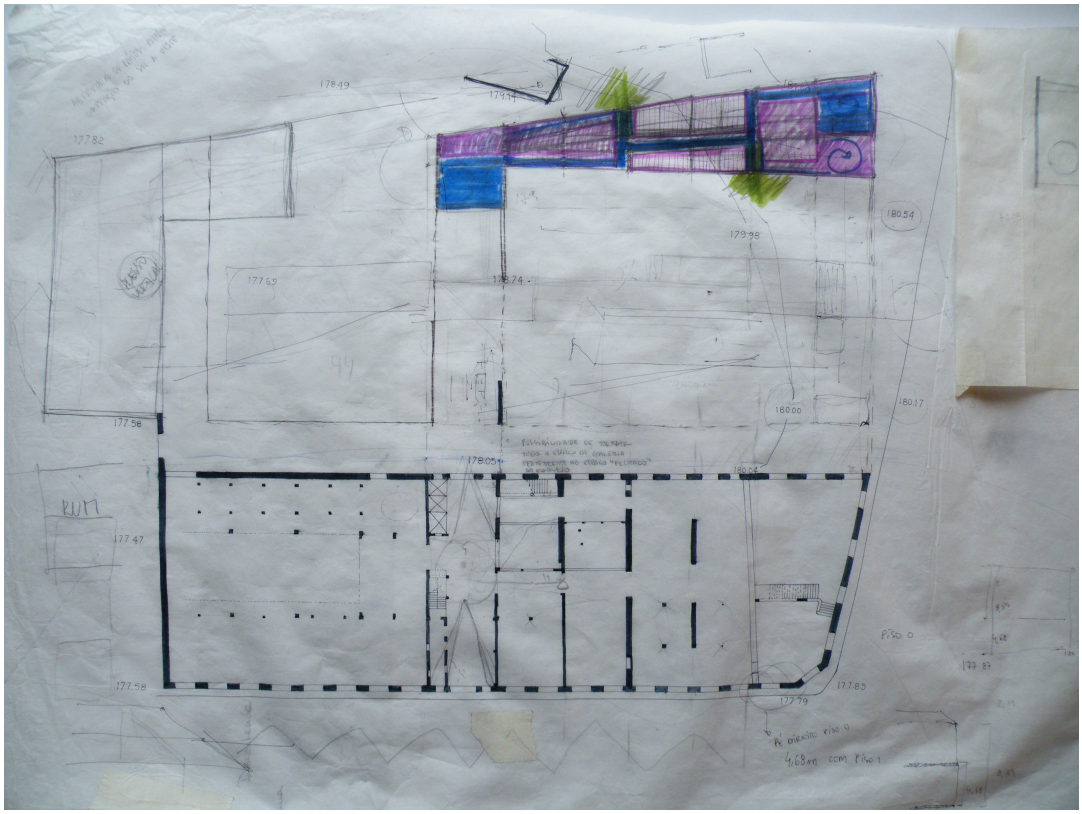

ORGANIZAÇÃO BIBLIOTECA
PÚBLICO
PRIVADO
BIBLIOTECA:
→ RECEPÇÃO
→ ARRUMOS (CACIFOS P/ UTENTES)
→ LIVROS
(...)
→ ZONA LEITURA
→ " ESTUDO
→ LEITURA
→ ESTUDO
→ TRABALHOS DE GRUPO
→ PESQUISA
BAR
COZINHA
MESAS
(PODENTER REMOVIDAS)
SOFÁS
ARRUMOS
BALASTAGE
RECEPÇÃO/
DOMINGUEIRA
ESTUDO
TRABALHO
VIDEOTECA
SHOP
BILHETEIRA
CABIDE

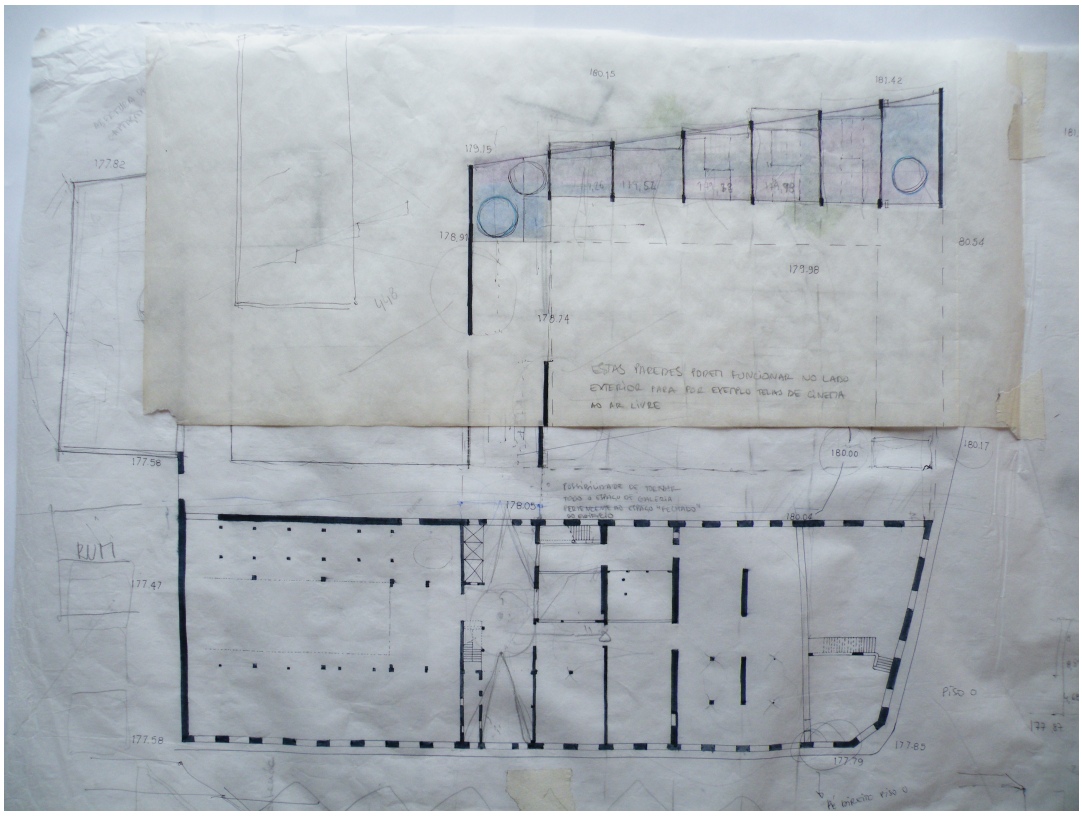


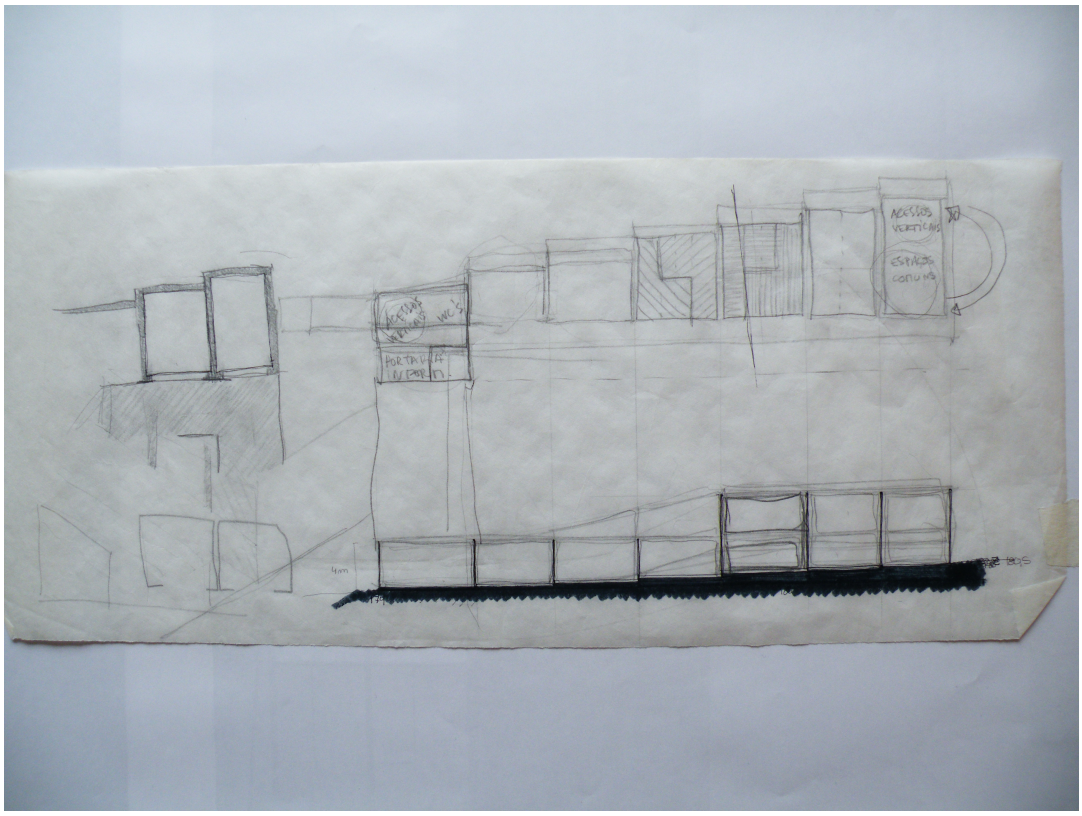


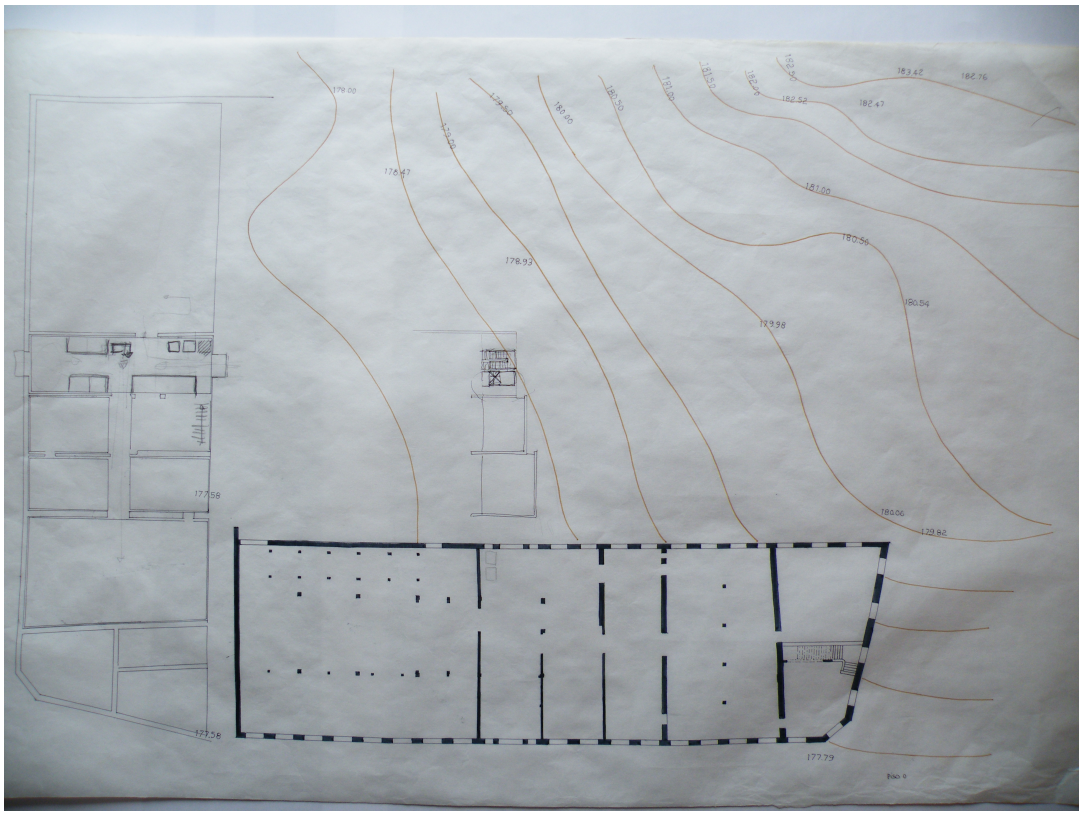
CORPO EXTERIOR AO CORPO DA PASSAGEM
INTERRUPÇÃO NO CAMINHO DA CAMELIA EXTERIOR
ESCADAS PÚBLICAS
ESCADAS COM CARÁCTER PRIVADO → TRABALHADORES
ESPAÇO MUSEOLÓGICO
ELEVADORES
INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
ADMINISTRAÇÃO
BOOKSTORE BOOKSHOP
STORE SHOP
ARMAZÉM BIBL.
SALAS WORKSHOPS
SALAS DE REUNIÃO/ TRABALHOS DE GRUPO
SERÁ NECESSÁRIO ESTES DOIS ESPAÇOS?
O CAFÉ/BAR NÃO PODE DESEMPENHAR O PAPEL DA SALA DE ESTUDO?
SALA DE LEITURA E ESTUDO ≠ BIBLIOTECA
REPENSAR QUALIDADE DOS DOIS ESPAÇOS
WORK SHOP
ESCADAS PRIVADAS
SALA DE ESTUDO E LEITURA
CO-WORK
LOJA
RECEPÇÃO

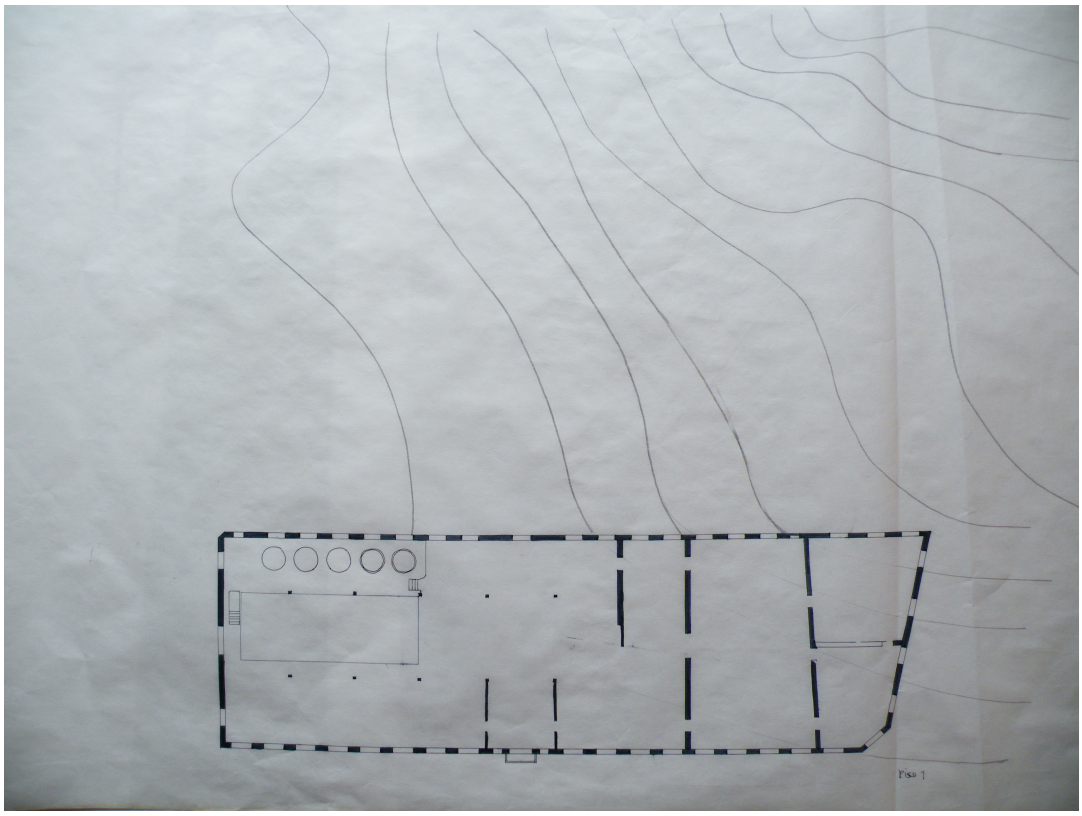

ESCADAS PRIVADAS
SALA DE REUNIÕES
BAR/
CAFÉ

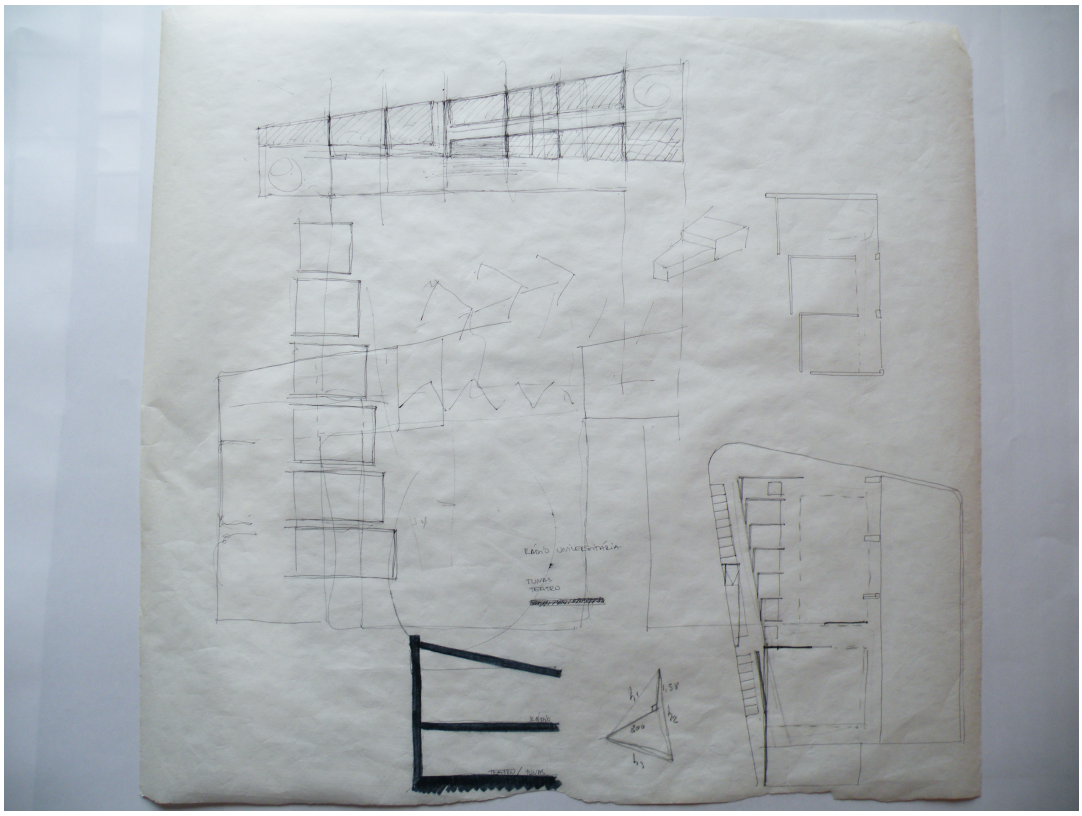

178.49
177.82
177.69
178.74
179.98
180.54
180.00
180.17
177.58
178.05
177.47
177.58
177.79
177.85
RUM
PISO 0
4,68m com Piso 1

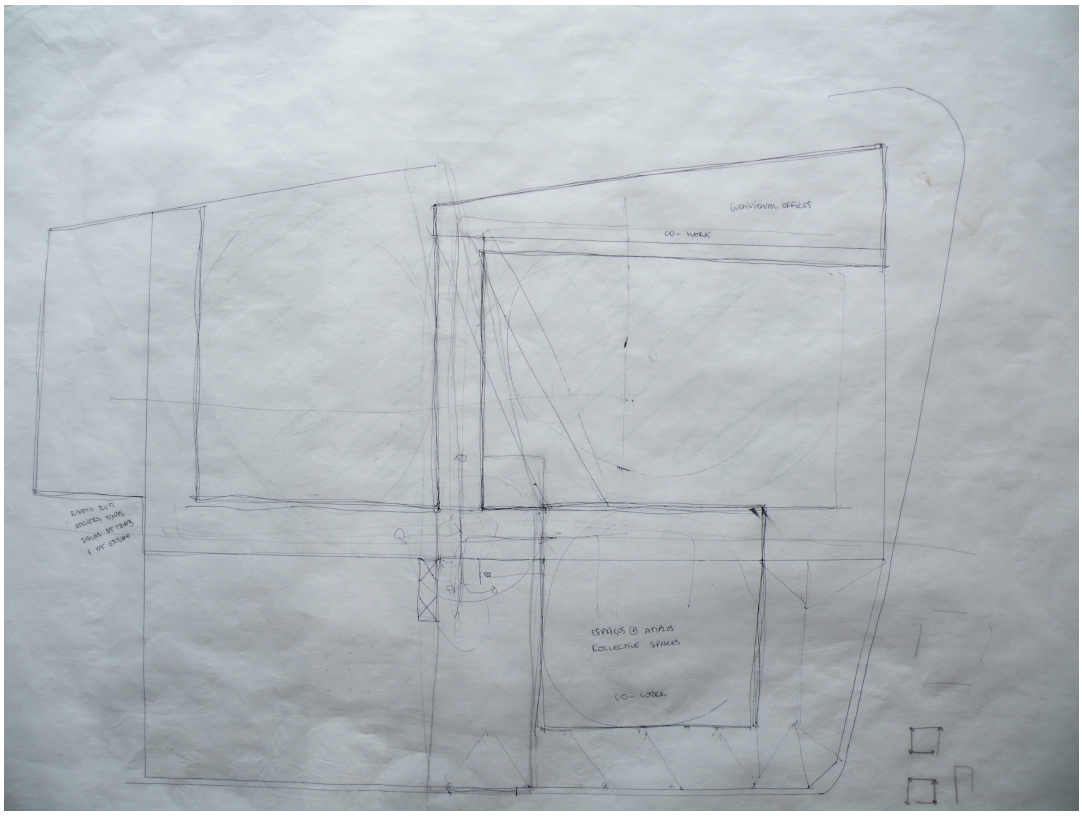

160.15
181.42
179.15
177.82
178.91
179.98
178.74
80.54
ESTAS PAREDES PODEM FUNCIONAR NO LADO EXTERIOR PARA POR EXEMPLO TELAS DE CINEMA AO AR LIVRE
180.00
180.17
178.05
177.58
177.47
177.58
177.79
177.85
PISO 0

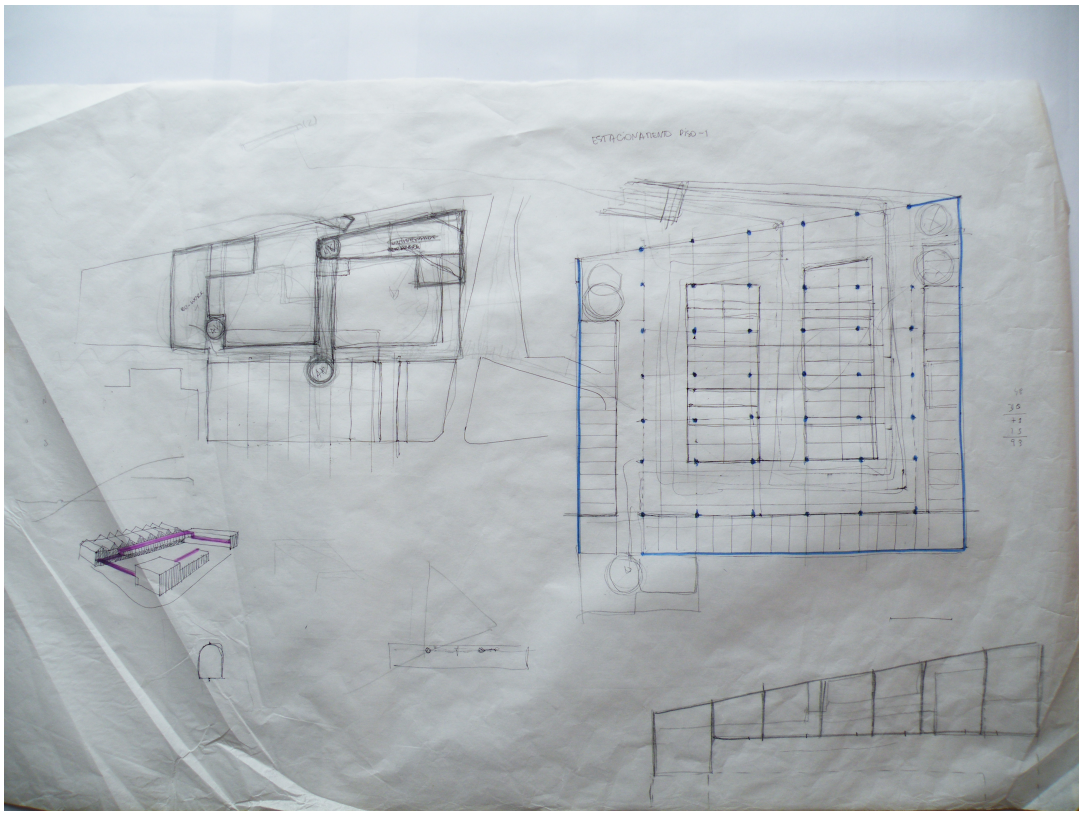

ACESSOS VERTICAIS
ESPAÇO CONTINUO
PORTA VIDRO

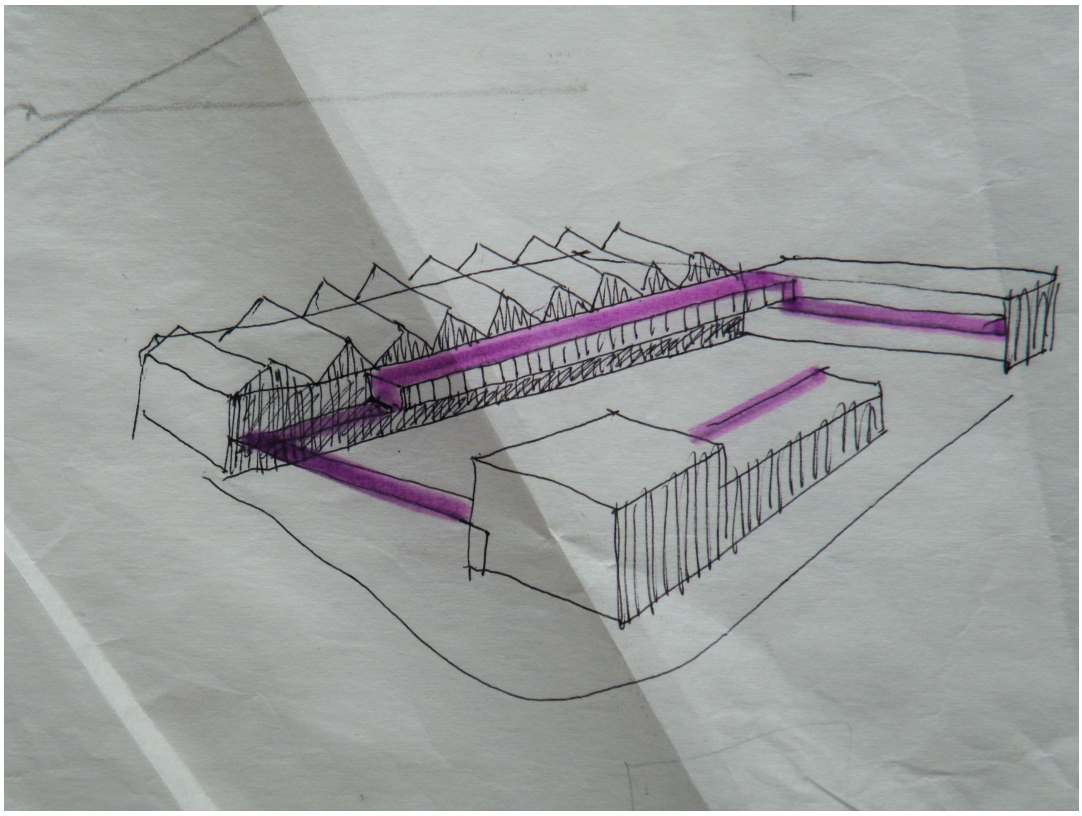

178.00
176.47
178.93
181.00
180.56
180.54
179.98
180.00
179.82
177.58
177.58
177.79
183.42
182.76
182.58
182.47

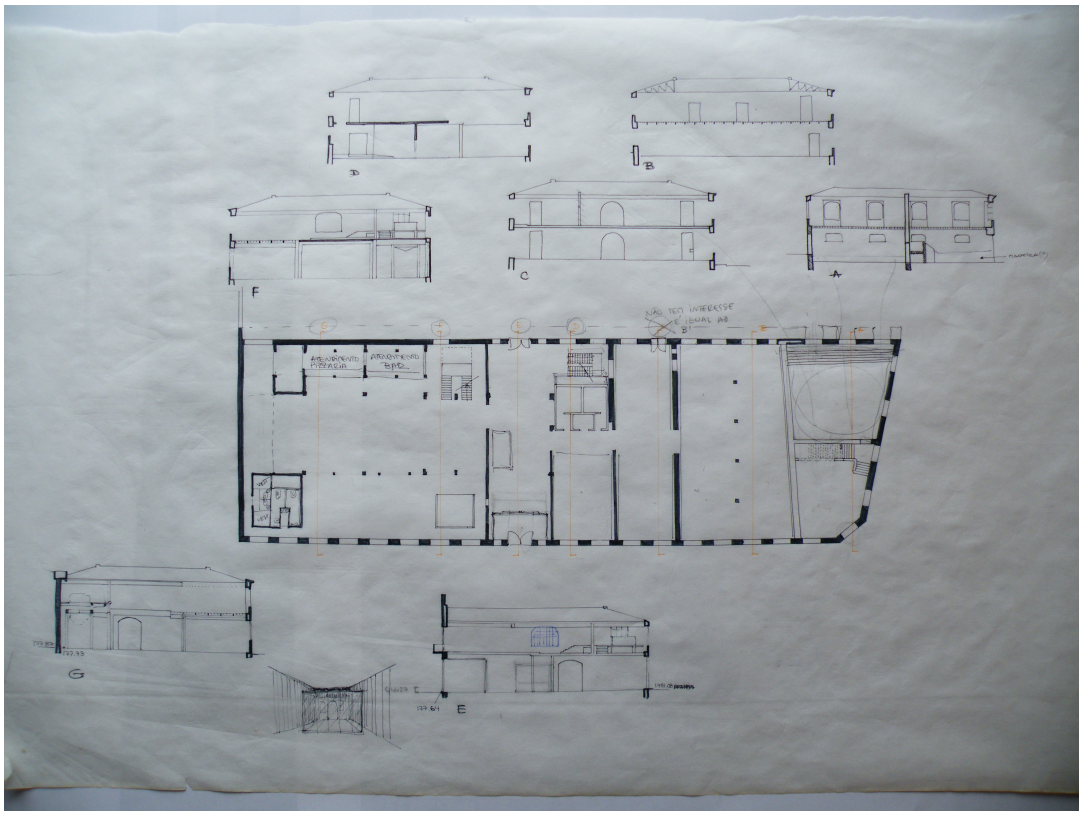

Plan 1

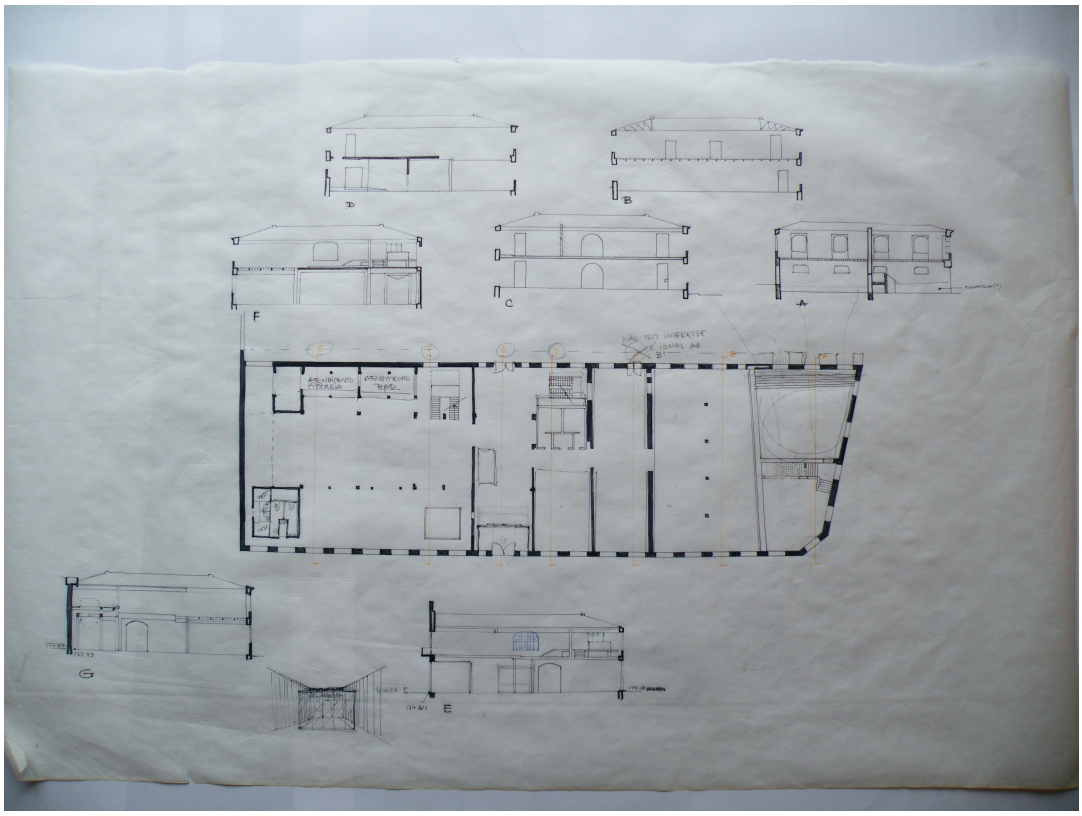


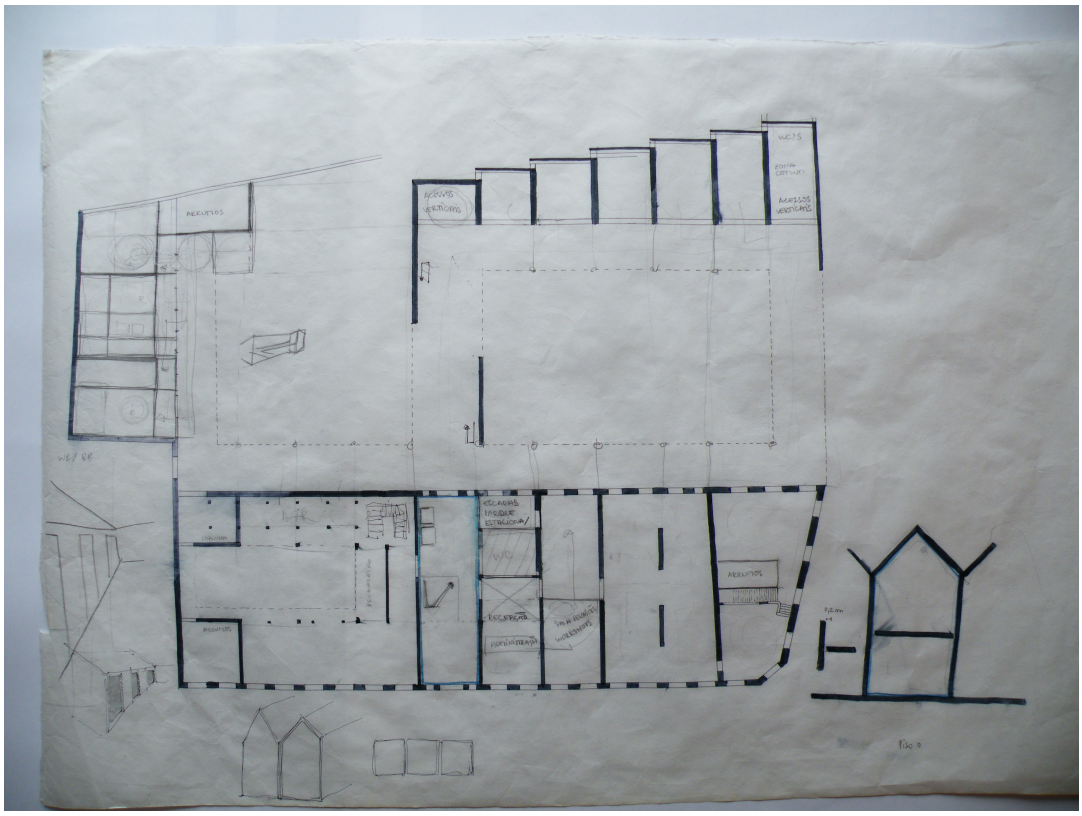

INDIVIDUAL OFFICES
CO- WORK
ESPAÇOS & ATELIES
COLLECTIVE SPACES
CO- LIVING

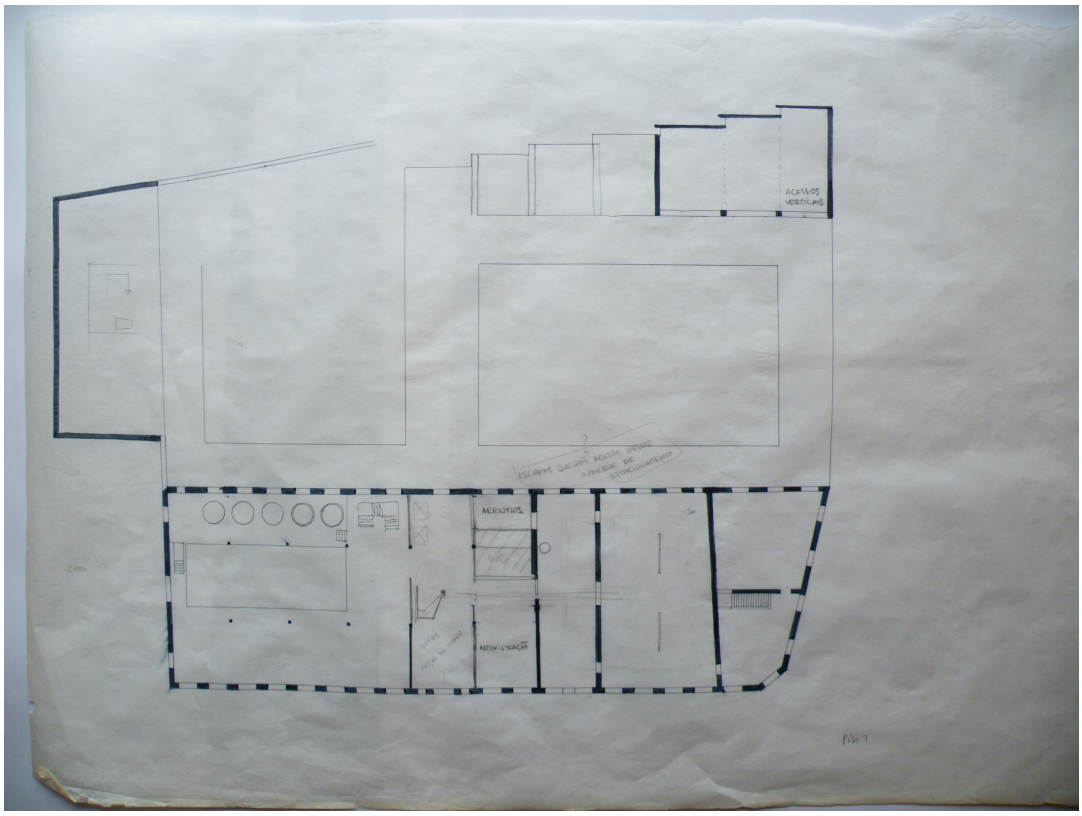

ESTACIONAMENTO PISO -1

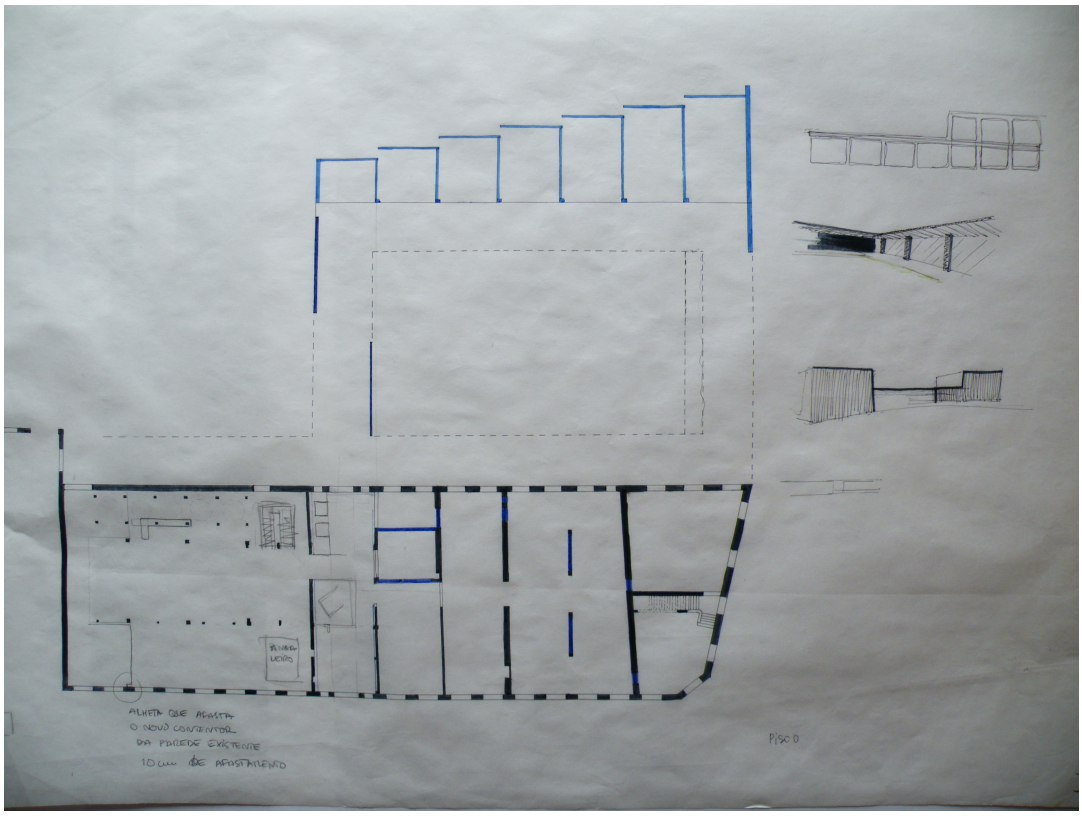


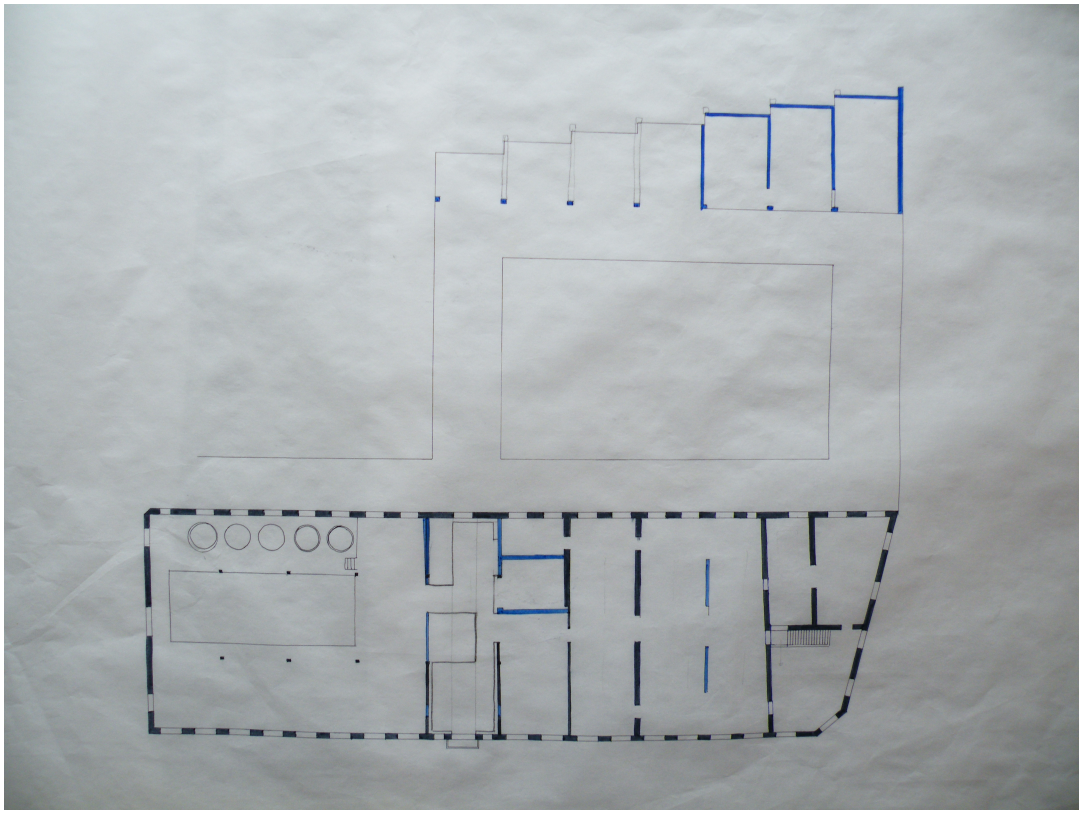

D
B
F
C
A
G
E

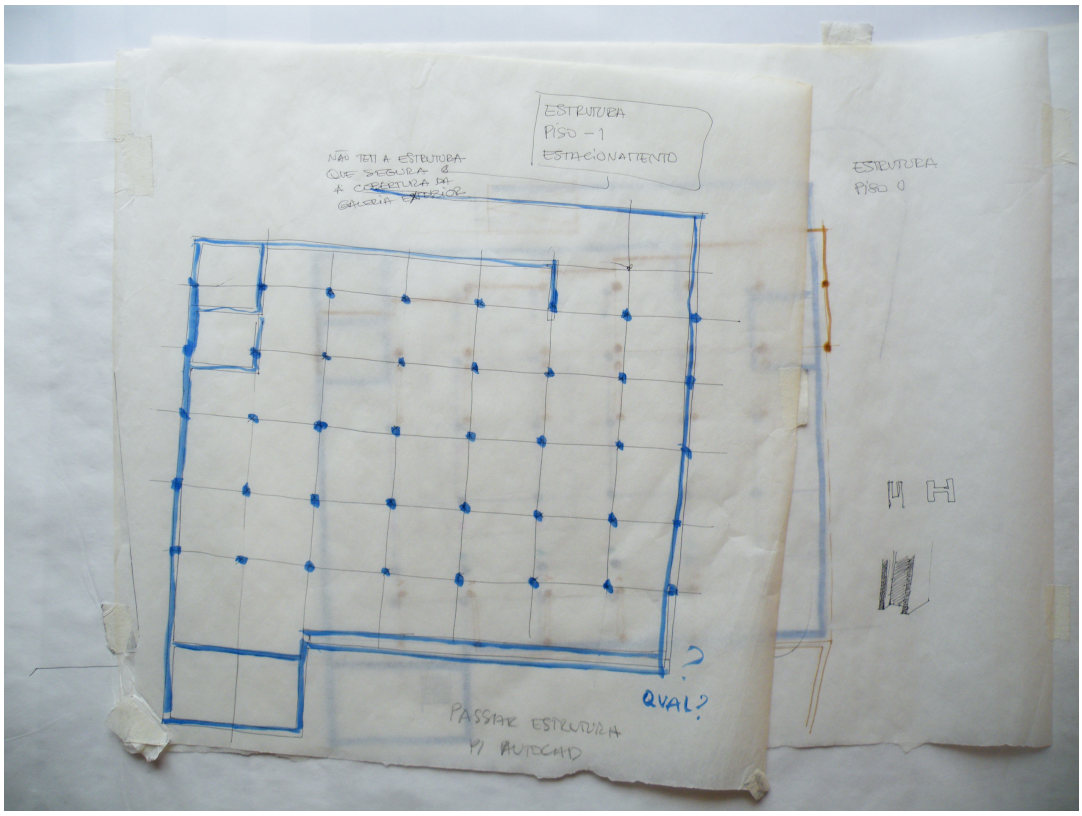

D
B
F
C
A
G
E

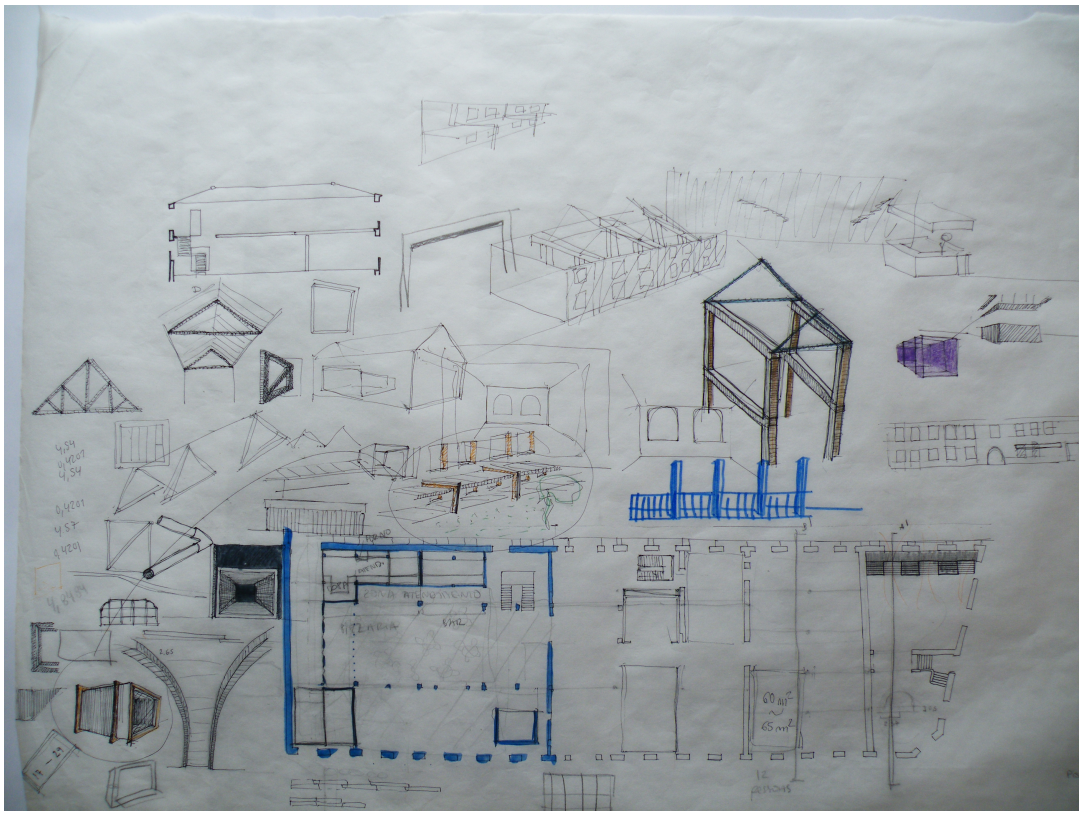

ARRUMOS
ACESSOS VERTICAIS
WC'S
ZONA COMUM
ACESSOS VERTICAIS
ESCADAS PARQUE ESTACIONAM
WC
RECEPÇÃO
ADMINISTRAÇÃO
SALA DE REUNIÕES WORKSHOPS
ARRUMOS
ARRUMOS
Piso 0

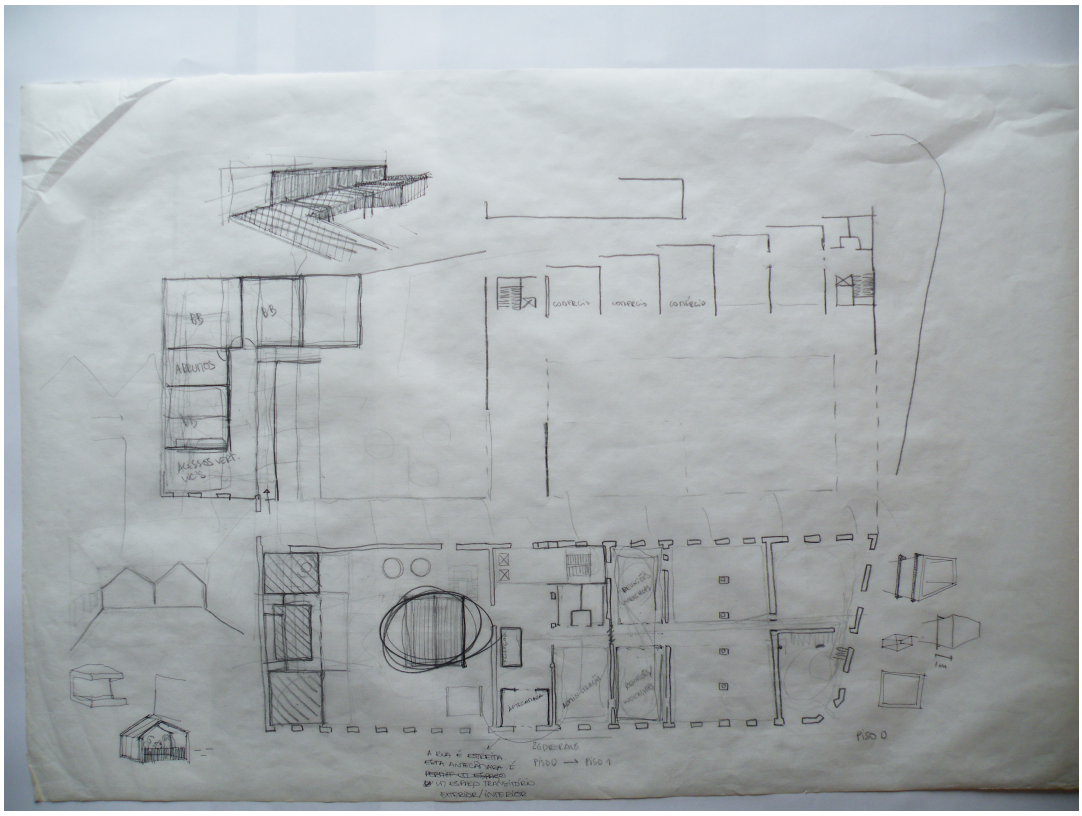

ACESSOS VERTICAIS
ESCADAS QUE DÃO ACESSO DESDE O PARQUE DE ESTACIONAMENTO
ARRUMOS
WC
ADMINISTRAÇÃO
Piso 1

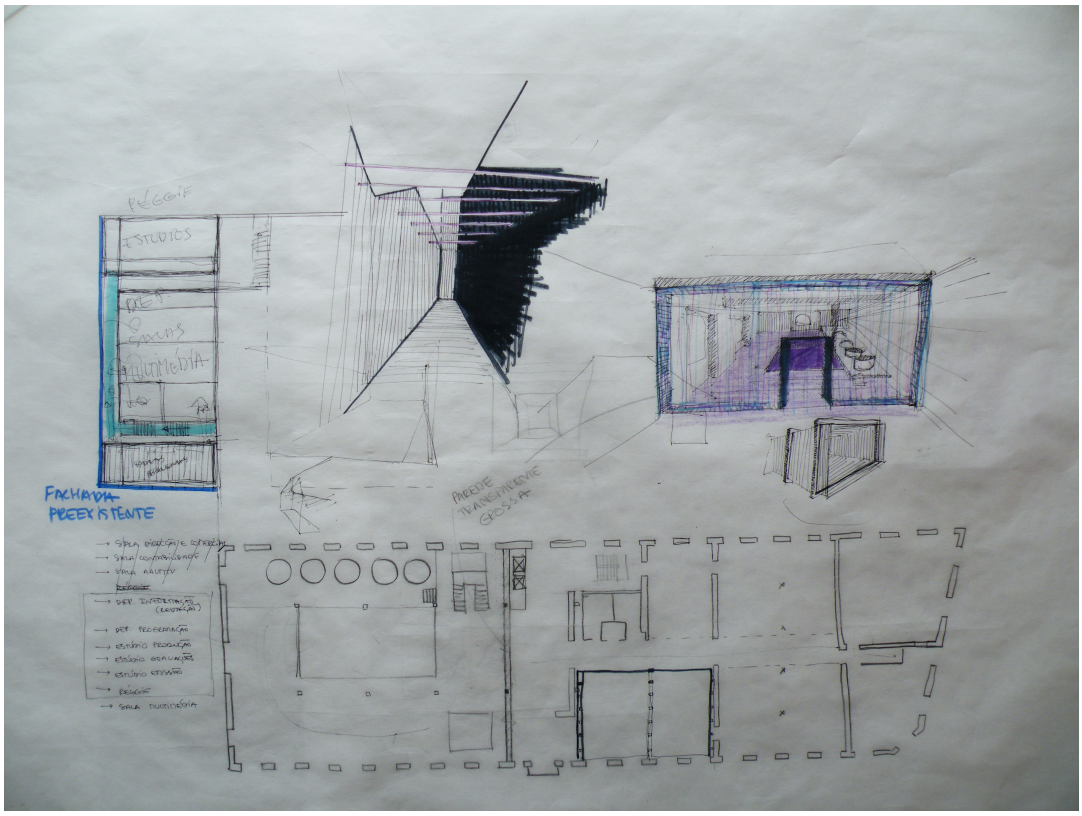

ALHETA QUE AFASTA
O NOVO CONTENTOR
DA PAREDE EXISTENTE
10 cm DE AFASTAMENTO
PISO 0

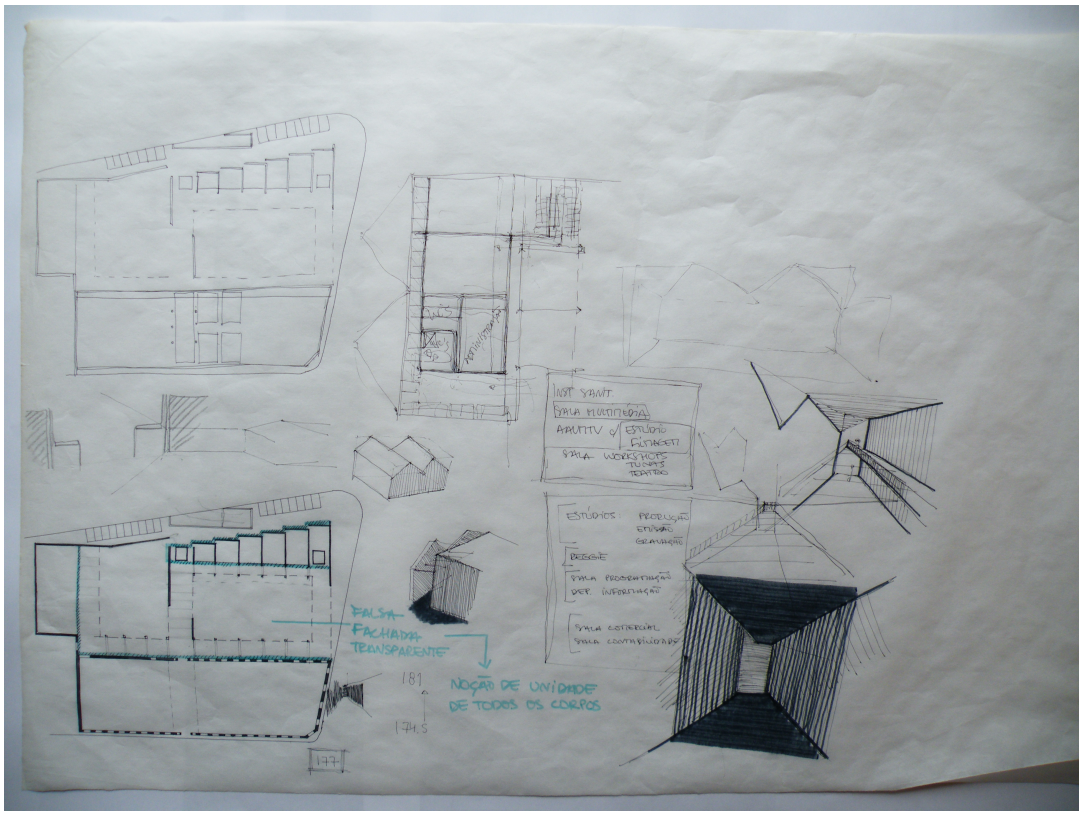


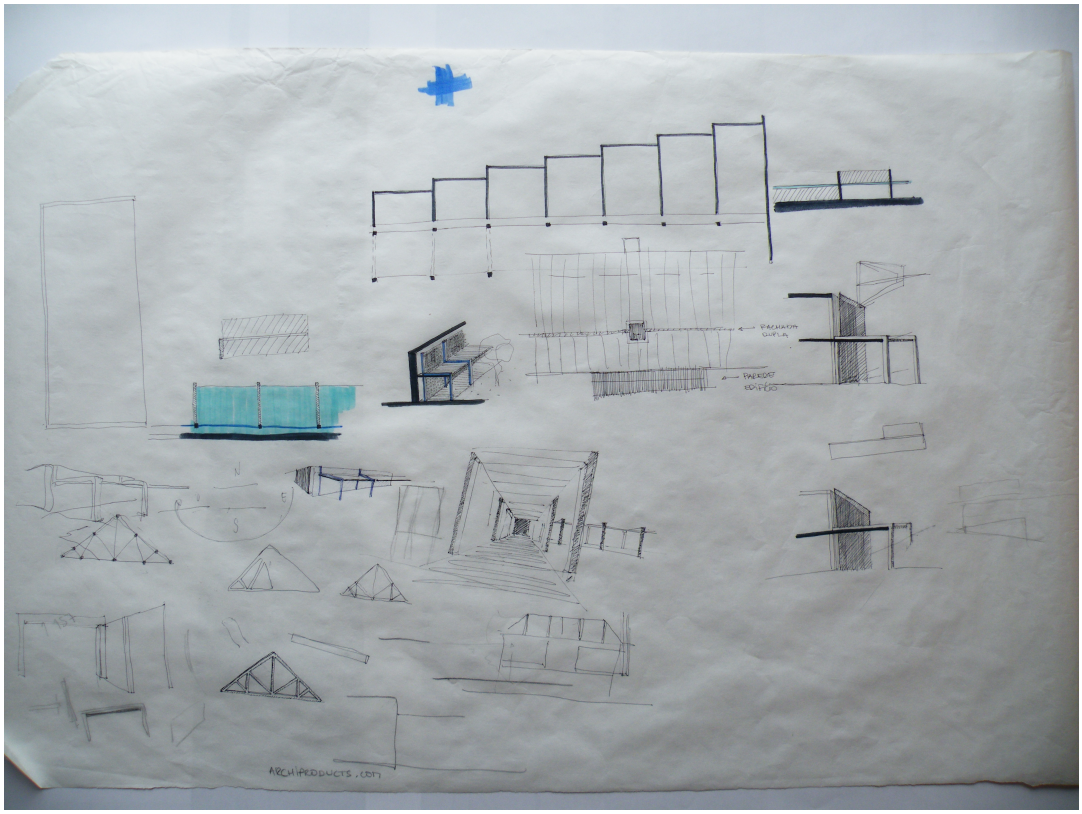

ESTRUTURA
PISO -1
ESTACIONAMENTO
NÃO TEM A ESTRUTURA
QUE SEGURA A
A COBERTURA DA
ESTRUTURA
PISO 0
?
QUAL?
PASSAR ESTRUTURA
P/ AUTOCAD



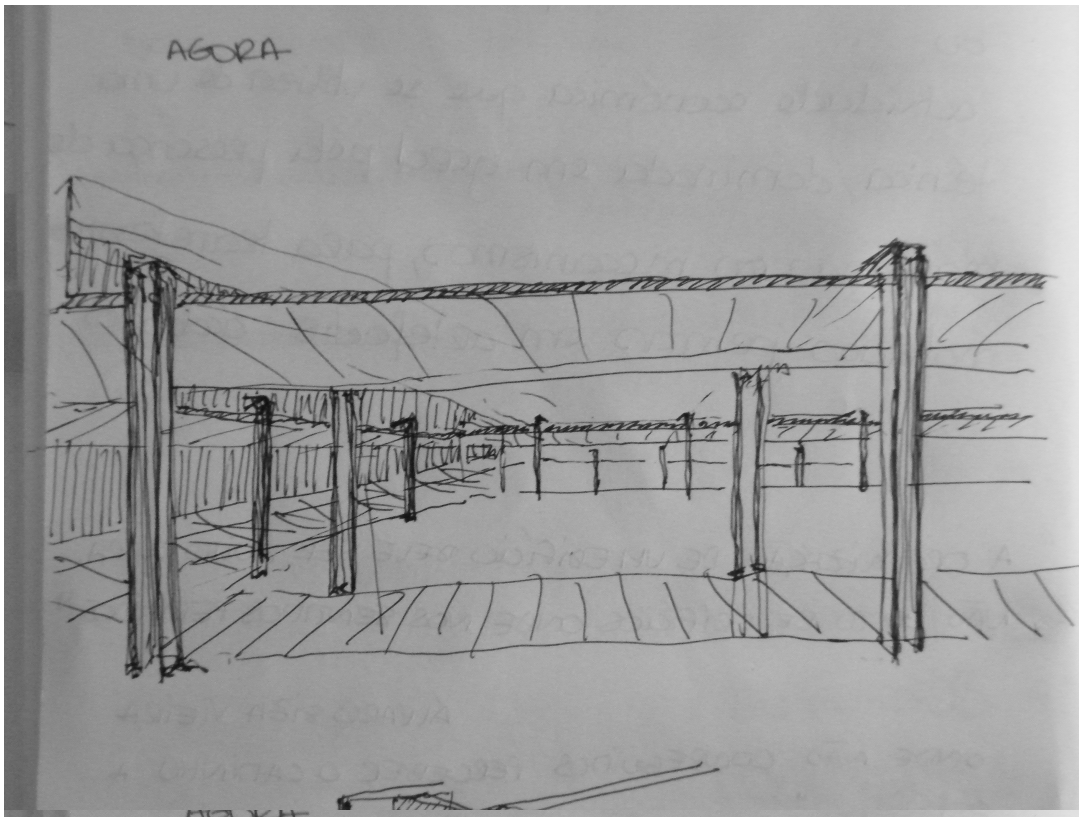

BB
BB
ARRUMOS
BB
ACESSOS VERT. VC'S
COMÉRCIO
COMÉRCIO
COMÉRCIO
ANTECAMARA
ANTECAMARA
PISO 0
PISO 0 → PISO 1

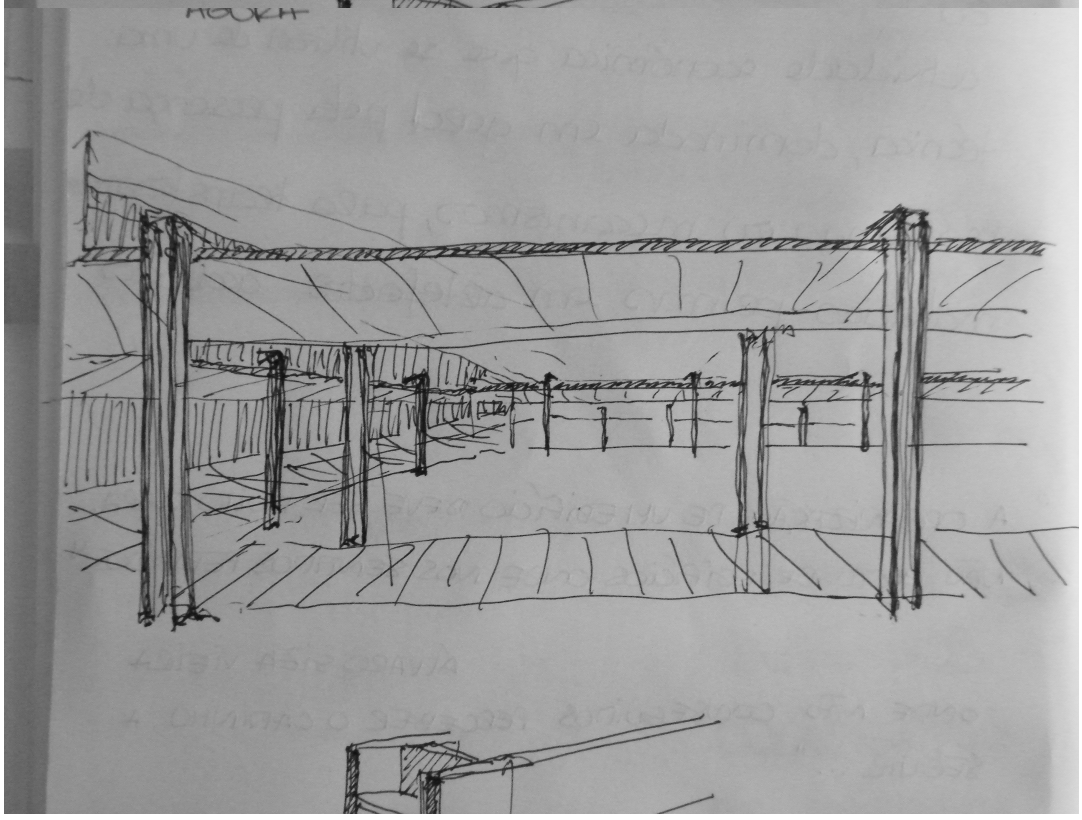

PÉGGIE
ESTÚDIOS
DEP.
SALAS
MULTIMÉDIA
FACHADA PREEXISTENTE
PAREDE TRANSPARENTE GROSSA
→ SALA DIREÇÃO E COMERCIAL
→ SALA CONTABILIDADE
→ SALA ADULTO
→ DEP. INFORMAÇÃO (REDAÇÃO)
→ DEP. PROGRAMAÇÃO
→ ESTÚDIO PRODUÇÃO
→ ESTÚDIO GRAVAÇÕES
→ ESTÚDIO EMISSÃO
→ PÉGGIE
→ SALA MULTIMÉDIA

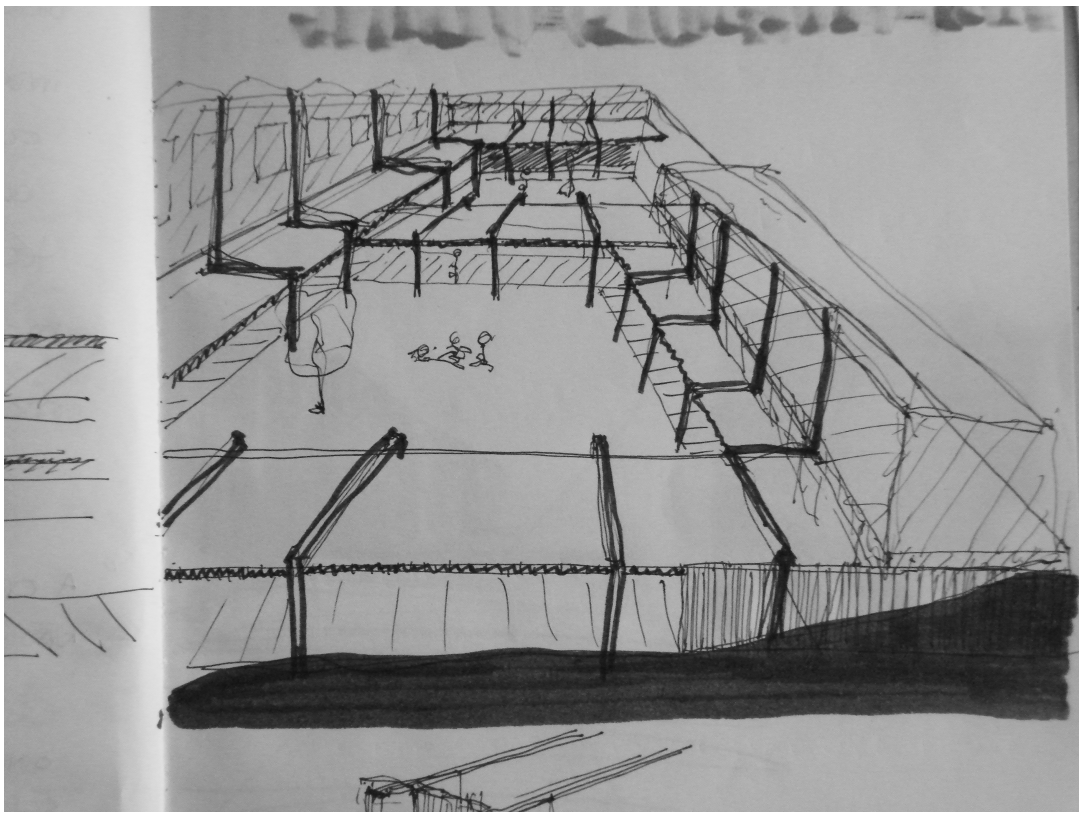

FALSA FACHADA TRANSPARENTE
NOÇÃO DE UNIDADE DE TODOS OS CORPOS

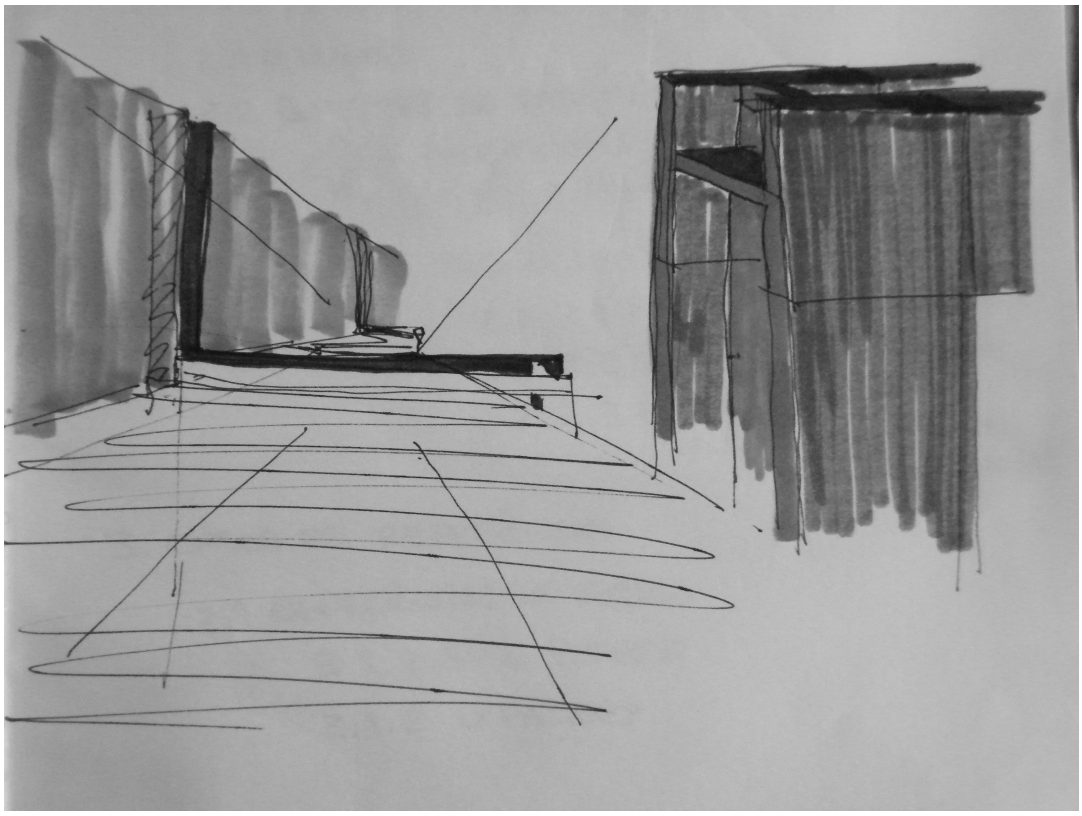

ARCHIPRODUCTS.COM

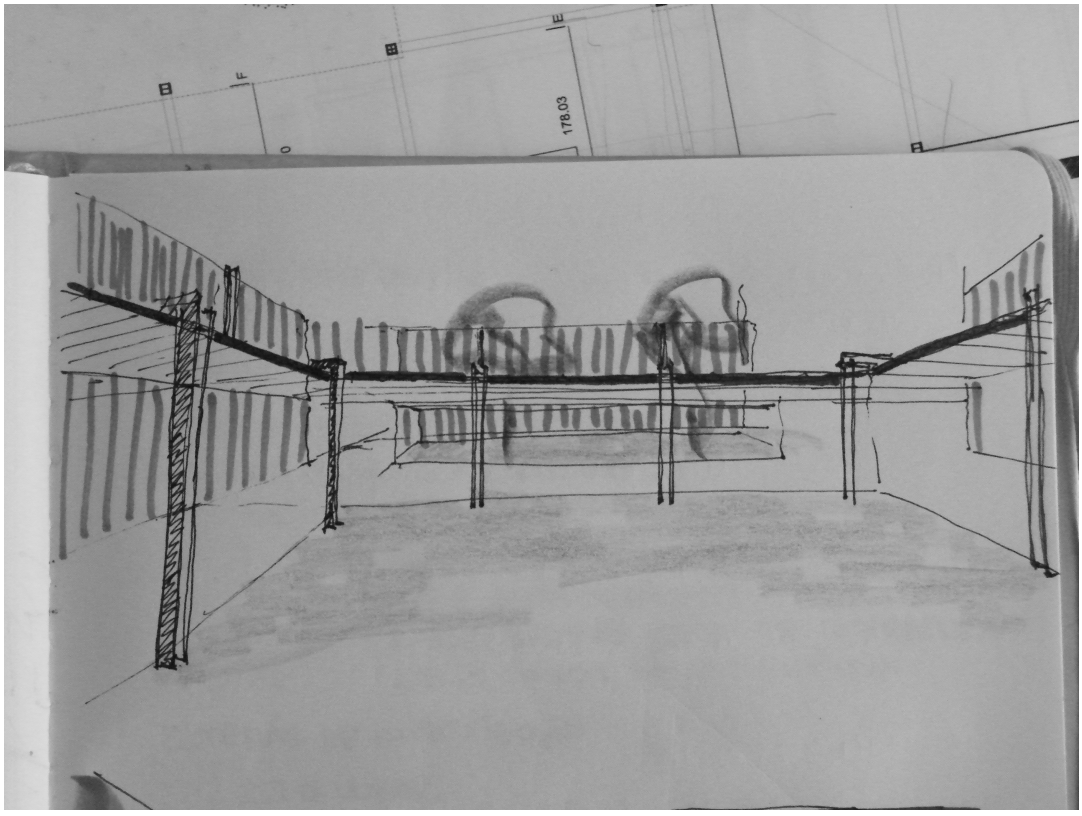
Diário Gráfico

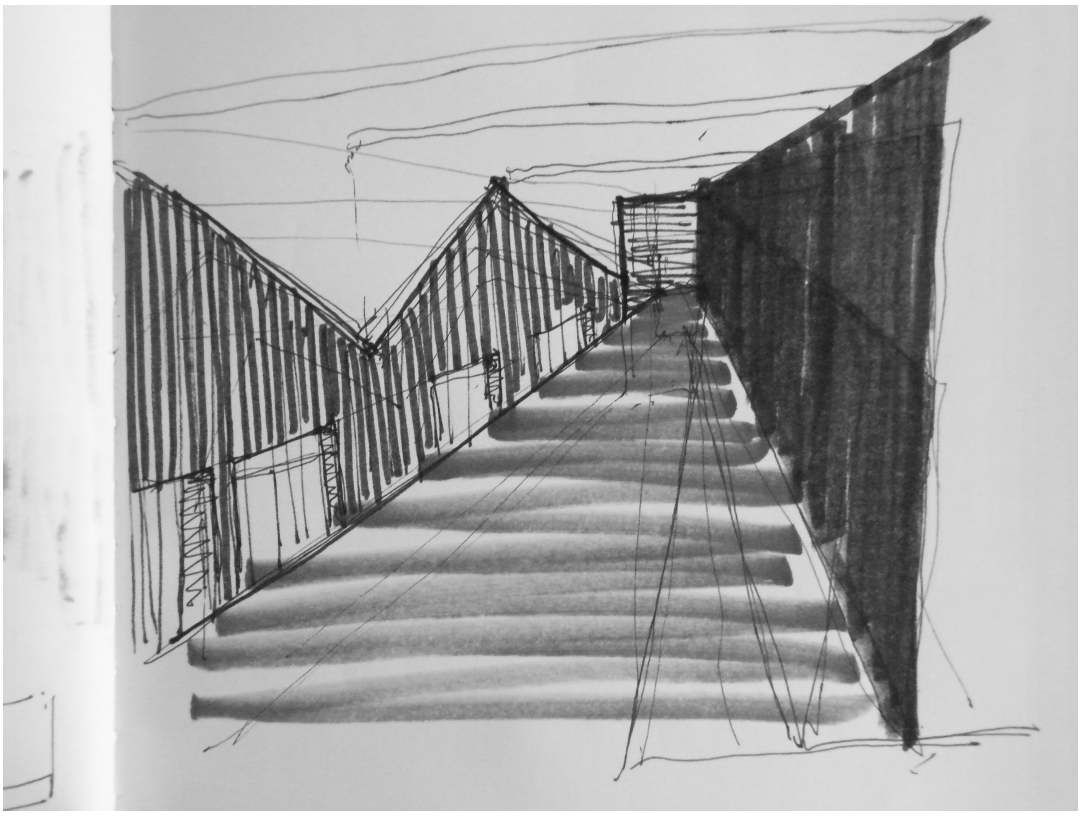


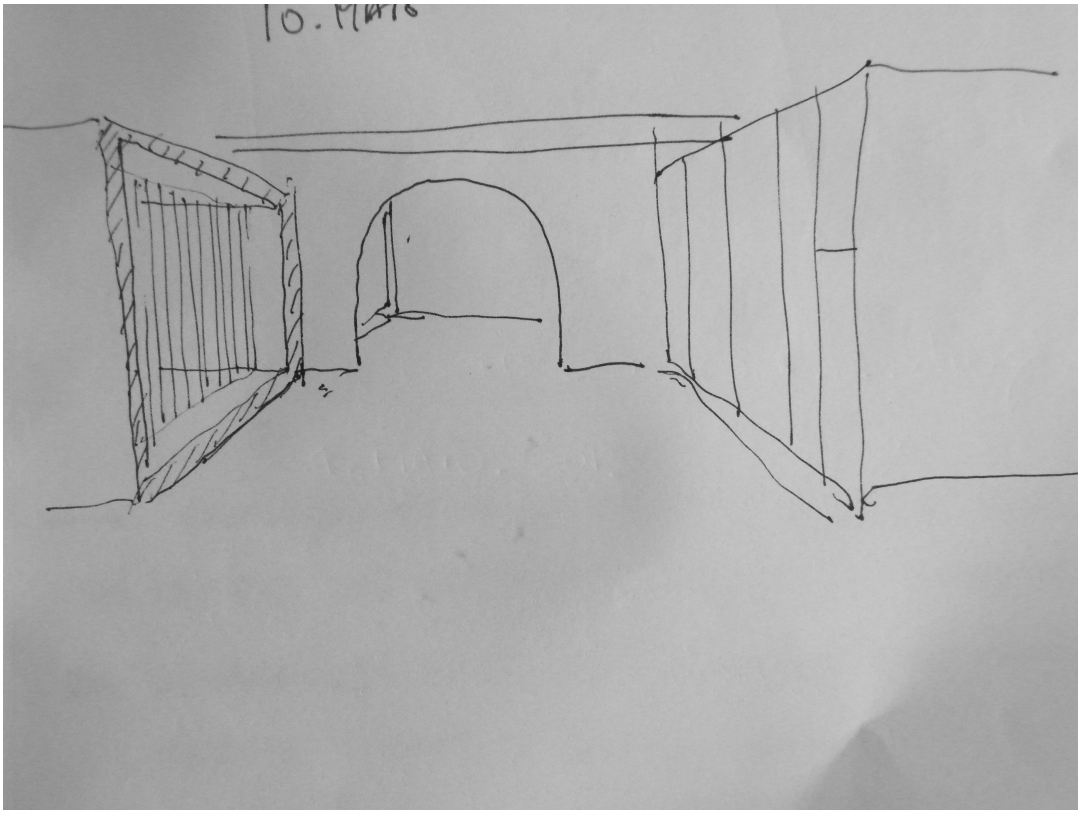







178.03

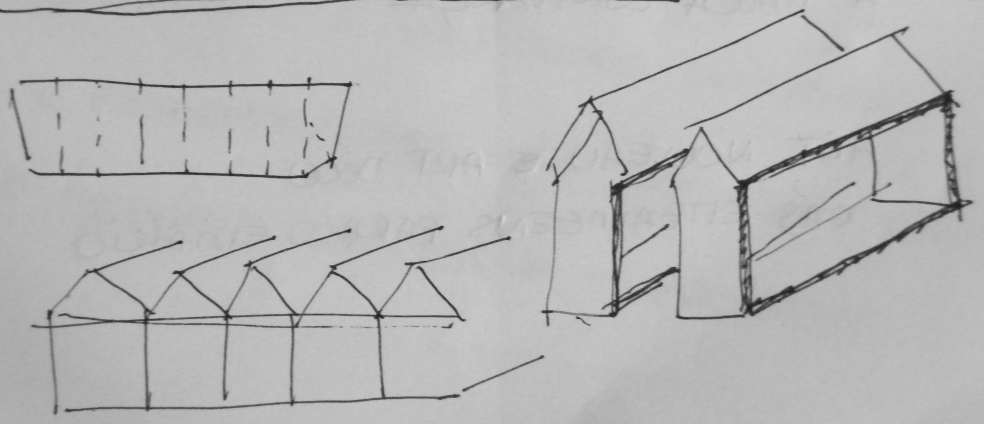


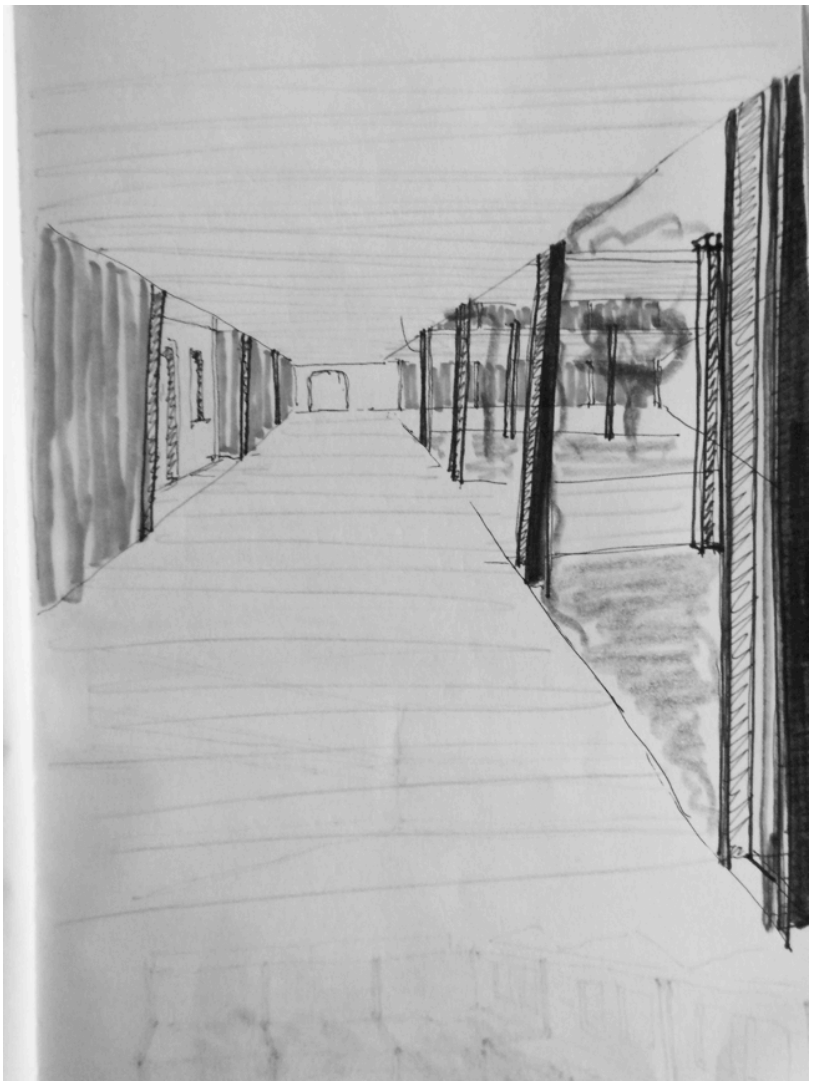

10. MAIS

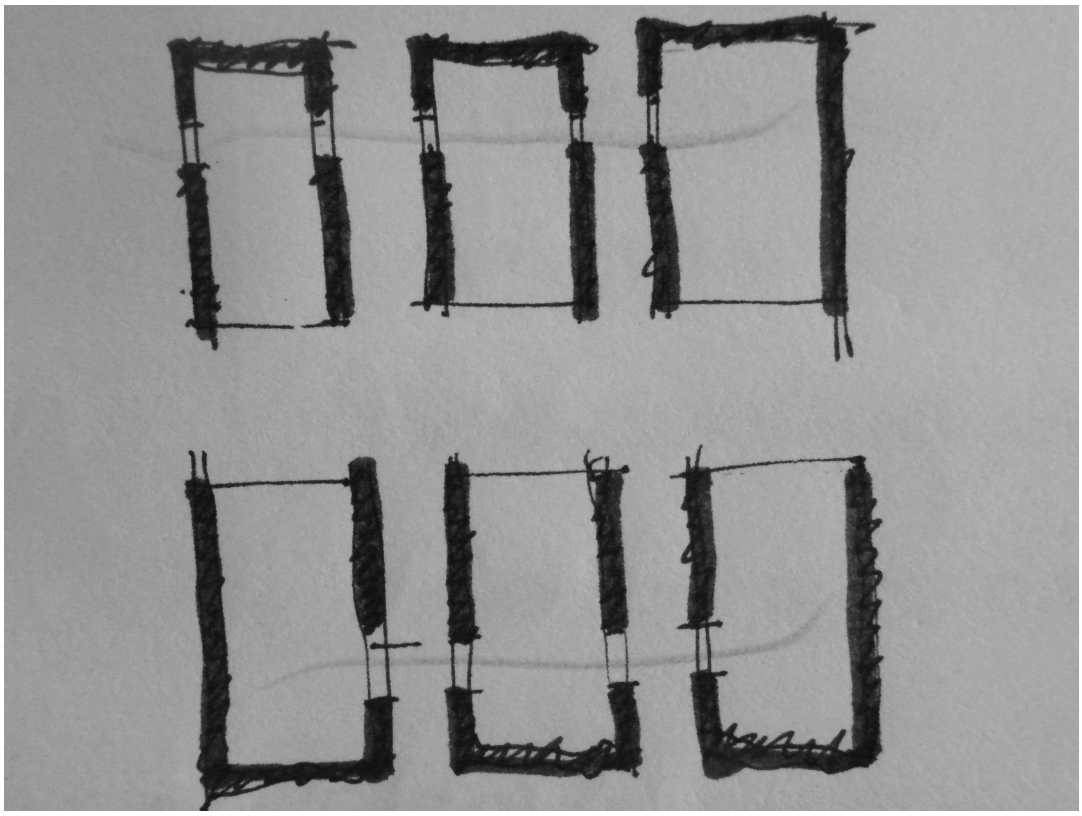
FABRICA

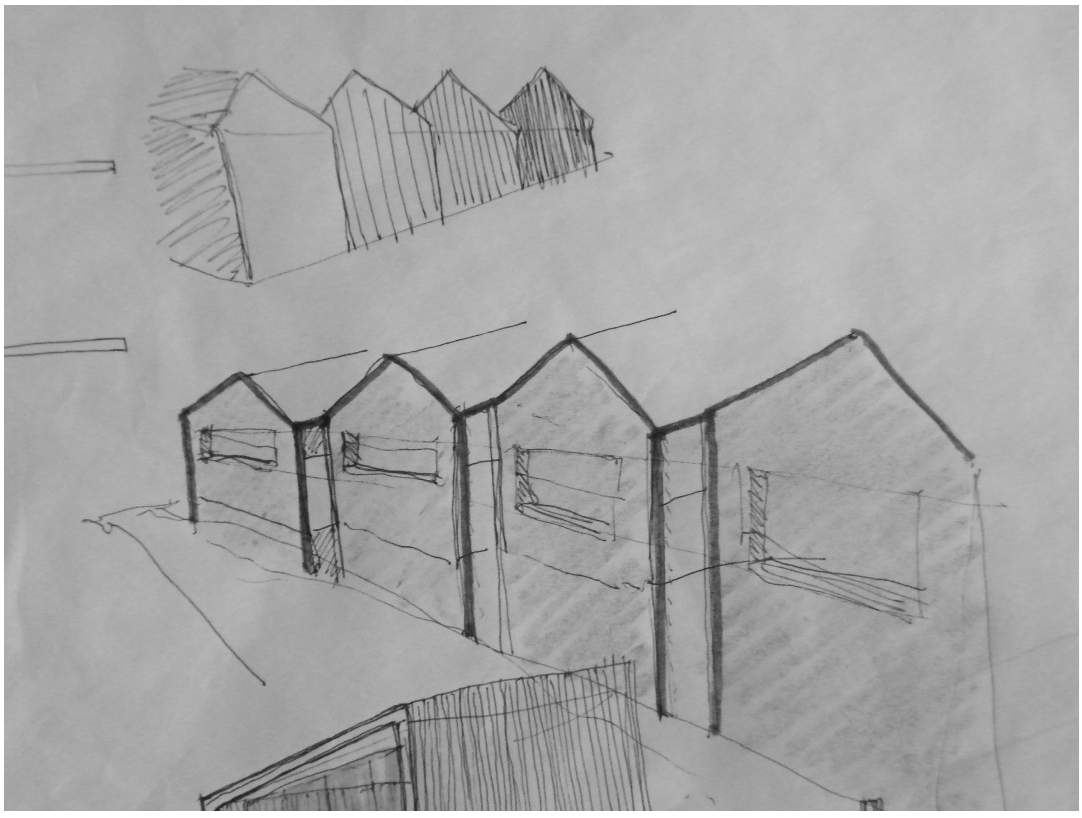
DESMATERIALIZAÇÃO DA FORMA

?



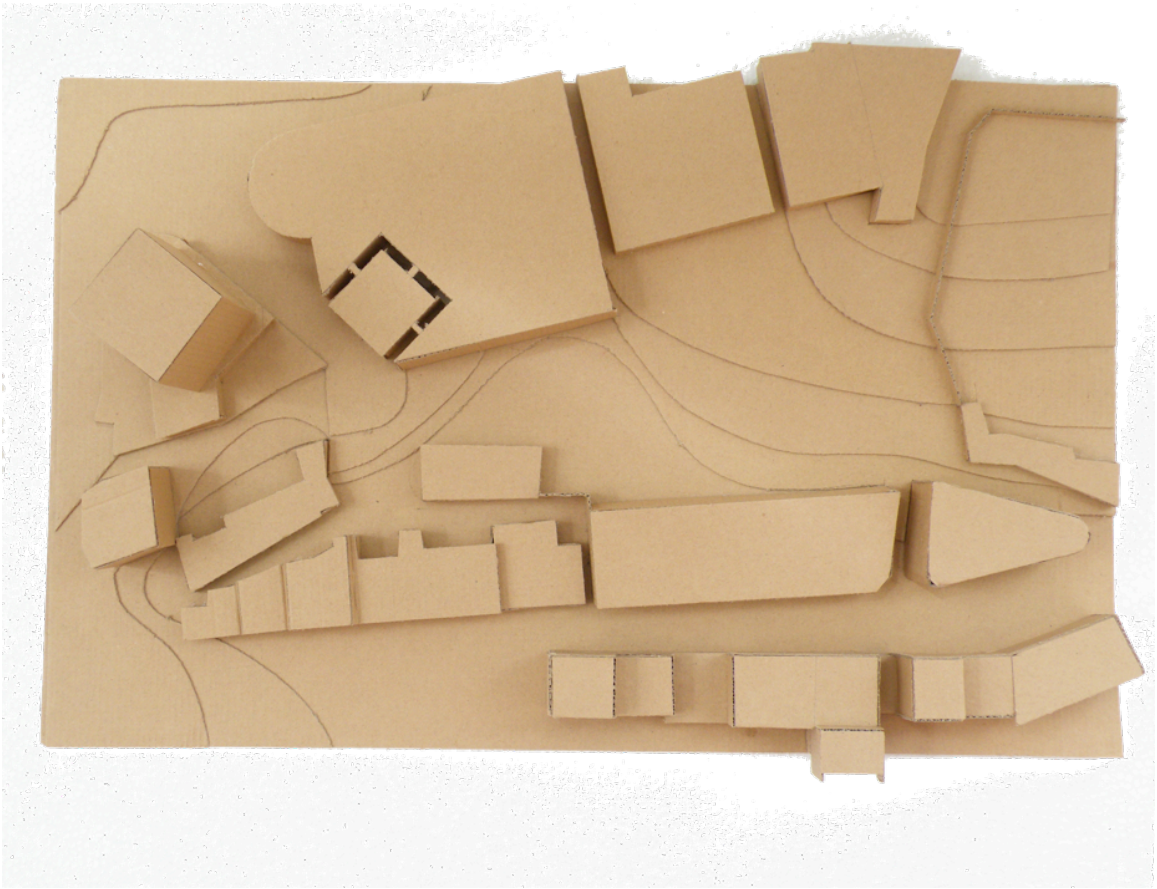


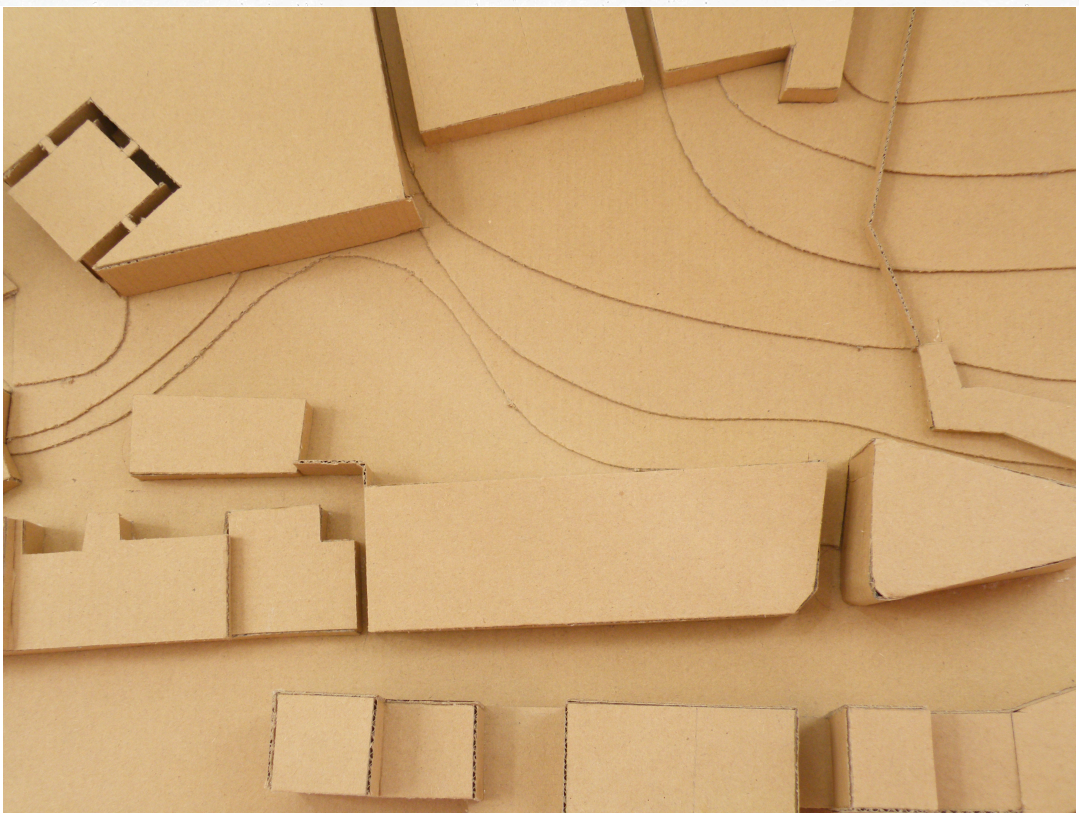




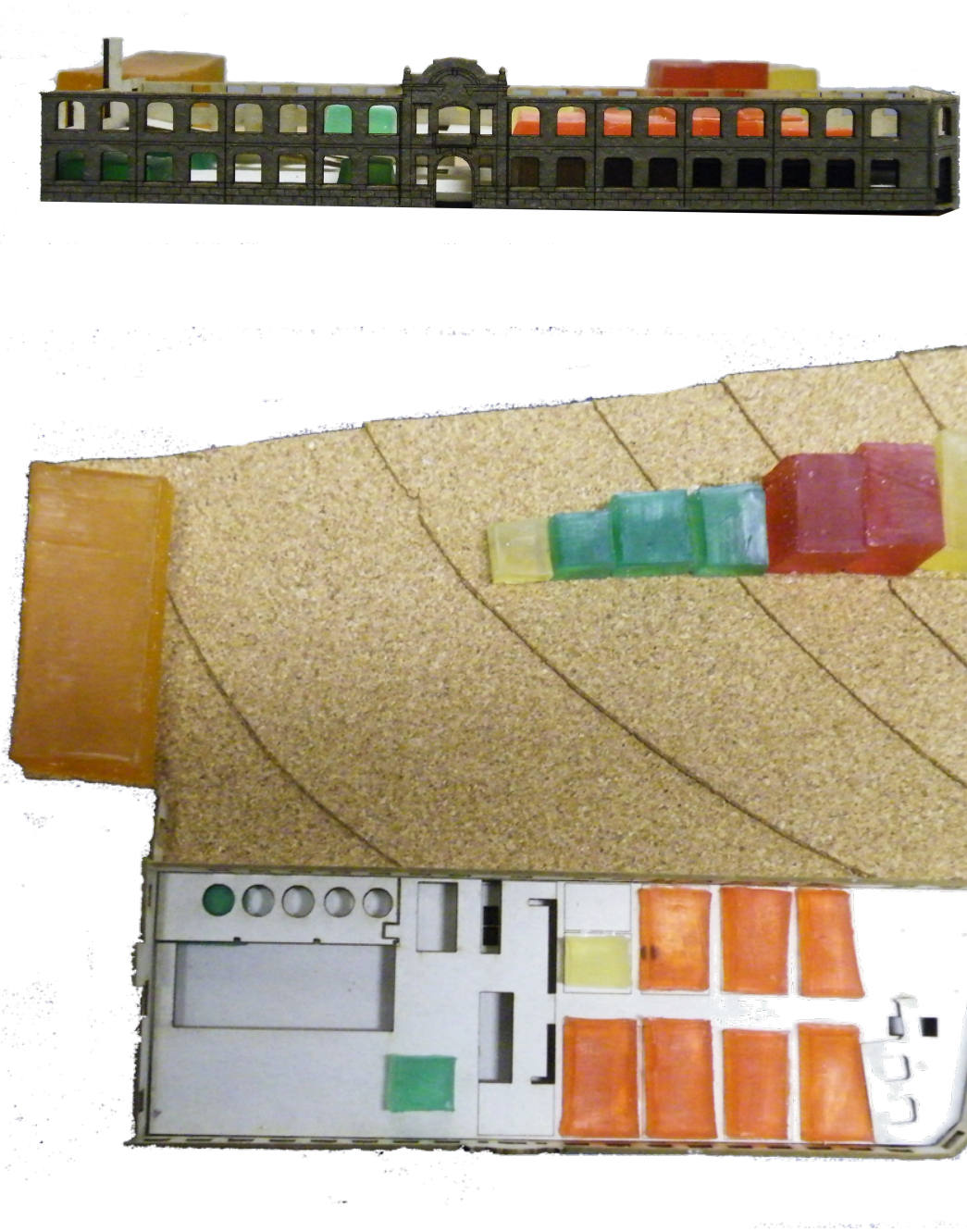
Maquetas de Estudo

1/500 preexistente com envolvente

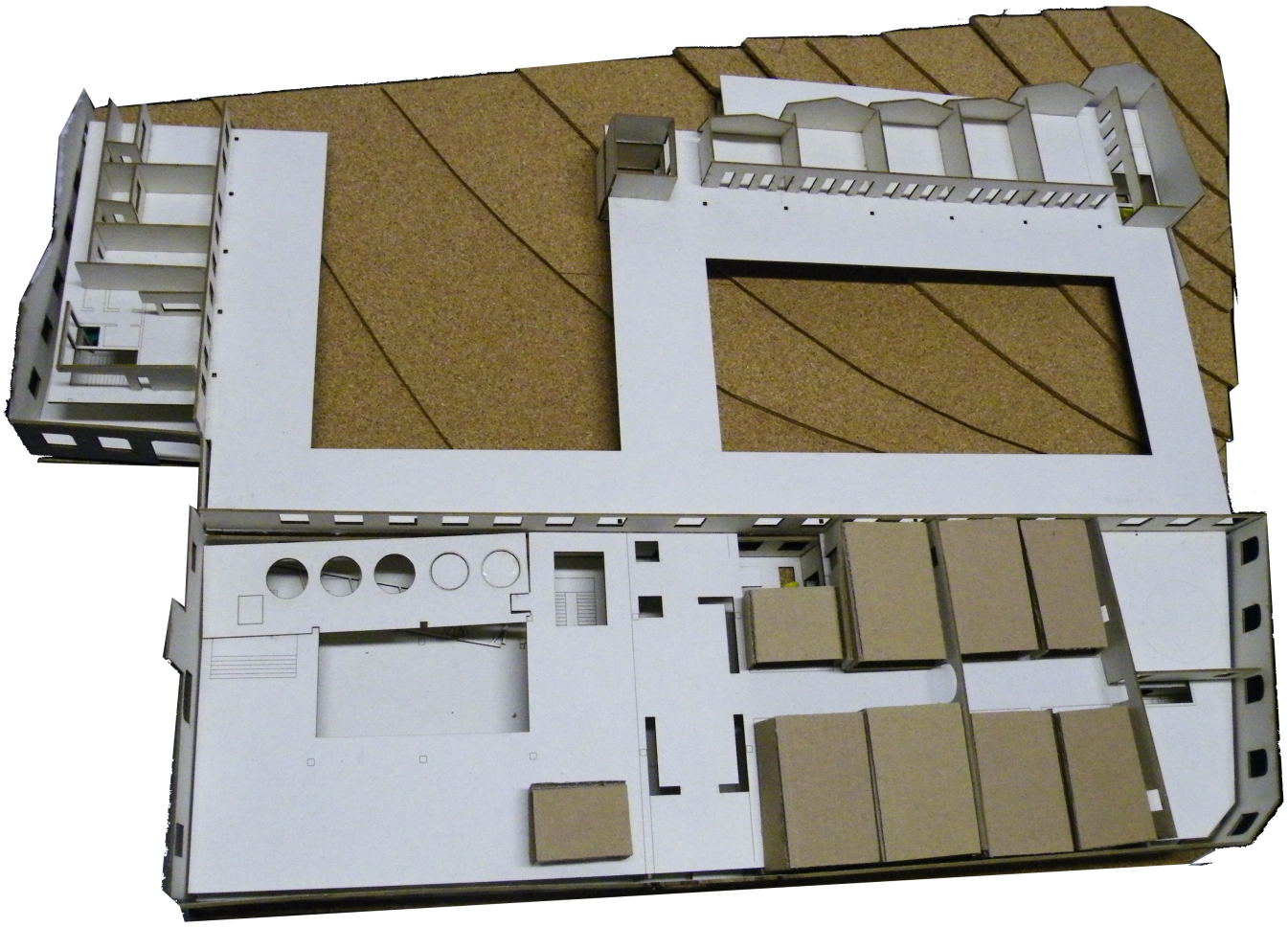




1/500 – Estudo da relação do programa com a forma

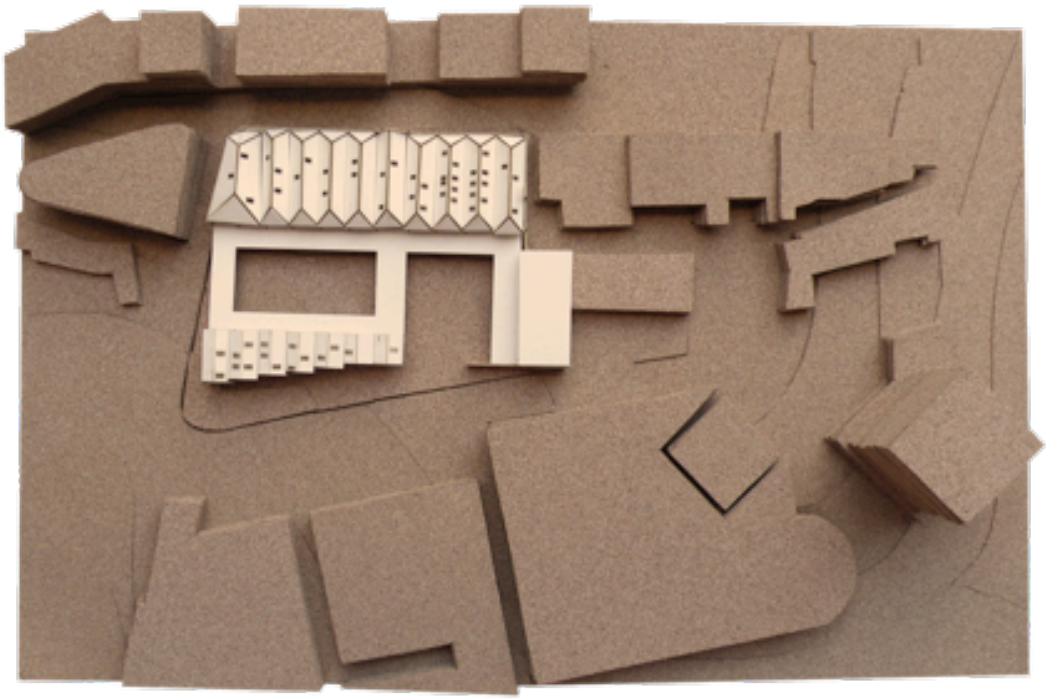


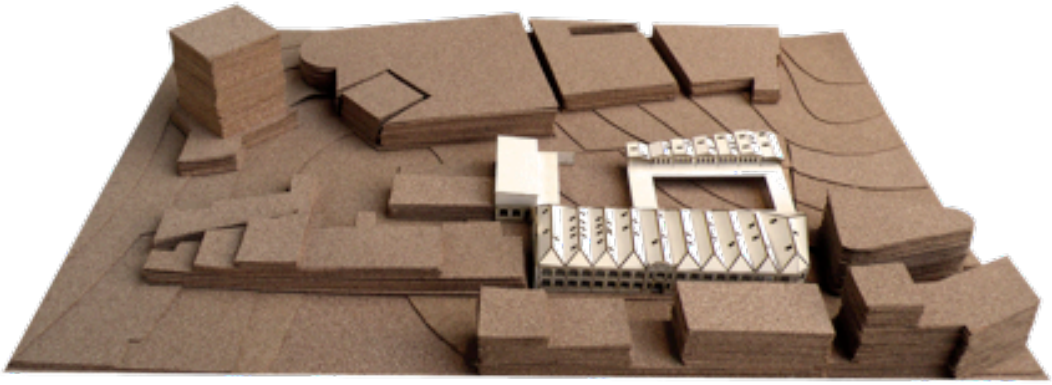
1/200 Desenvolvimento tridimensional da proposta de projecto



Maquetas de Estudo

1/500 preexistente com envolvente







1/200 Proposta sobre o preexistente

